

BRASILIANA

3.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOU A DIRECCÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

*

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Paoliá Calogeras: O Marquez de Barbacena (2.ª edição).
- 3 — Alcides Gentil: As idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação (3.ª edição augmentada).
— Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822). — Tradução e prefacio de Alfonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ruy Barbosa (segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil (3.ª edição).
- 9 — Nina Rodrigues: Os africanos no Brasil (Revisão e prefacio de Honório Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro (2.ª edição illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: O Conde D'Eu (volume illustrado).
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe (volume illustrado).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira (2.ª edição).
- 15 — Paoliá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas (3.º volume da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visc. de Taunay: Pedro II.
- 19 — Alfonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII).
- 20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Paoliá Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Mario Marroquim: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya (3.ª edição).
- 29 — Jesuê de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Povo Brasil Central (ed. illustrada).
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio (edição illustrada com 10 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Anyone Costa: Introducção á Archeologia Brasileira (edição illustrada).
- 35 — A. J. Sampaio: Phytogeographia do Brasil (edição illustrada).
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano (2.ª edição).
- 37 — J. E. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil (edição illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas ineditas, Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe). — Edição illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia (3.ª edição augmentada e illustrada).

- 40 — Pedro Calmon: *Espírito da Sociedade Colonial* (edição ilustrada com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: *A inteligência do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calogeras: *Formação Histórica do Brasil* (2.^a edição com 3 mapas (óra do texto)).
- 43 — A. Sabeia Lima: *Alberto Torres e suas obras*.
- 44 — Estevão Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mapas) — 1.^o volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: *Expansão Geographica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça: *A influencia africana no portuguez do Brasil* (edição ilustrada).
- 47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: *Bandeiras e sertanistas bahianos*.
- 49 — Gustavo Barroso: *Historia Militar do Brasil* (edição ilustrada com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: *Projecção Continental do Brasil* — Prefacio de Pandiá Calogeras (2.^a edição ampliada).
- 51 — Octavio de Freitas: *Doenças africanas no Brasil*.
- 53 — General Couto de Magalhães: *O Selvagem* — 3.^a edição completa com parte original Tupy-guarany.
- 55 — A. J. de Sampaio: *Biogeographia dynamica*.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho: *Calogeras*.
- 55 — Hildebrando Aceioly — *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* (tradução, prefacio e notas de Gastão Penha).
- 57 — Plausino Rodrigues Valle: *Elementos do Folk-lore musical Brasileiro*.
- 55 Augusto de Saint-Hilaire: *Viaagem á Provincia de Santa Catharina* (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: *Os primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Enilio Rivasseau: *A vida dos Indios Guaycurúx* — Edição ilustrada.
- 61 — Conde D'Eu: *Viaagem Militar no Rio Grande do Sul* (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: *No Planície Amazonica* — 4.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: *Sobrados e Mocambos* — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Deroas Filho: *Silva Jardim*.
- 66 — Primitivo Moacyr: *A Instrucção a o Imperio* (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853, 1.^o volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: *Problemas do Governo* — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viaagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 1.^o tomo — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: *Através da Historia Naval Brasileira*.
- 70 — Alfonso Arinos de Mello Franco: *Concelto da Civiltização Brasileira*.
- 71 — F. C. Hoehne: *Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI* — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viaagem ao Interior do Brasil "Espírito Santo"* — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira: *Machado de Assis* — (Estudo Critico-Bibliographico) Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras: *Estudos Historicos o Politicos* — (Res Nost...) 2.^a edição.
- 75 — Alfonso A. de Freitas: *Vocabulario Nhêngatú* (Vernaculizado pelo portuguez falado em São Paulo) Lingua Tupy-guarany. Com tres illustrações fóra do texto.
- 76 — Gustavo Barroso: *Historia Secreta do Brasil* — 1.^a parte: "Do descobrimento á abdicacão de Pedro I." — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: *Zoo-Geographia do Brasil*. (Ed. illustrada).
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viaagens ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz* — 2.^o Tomo — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.



VIAGEM ÀS NASCENTES DO
RIO S. FRANCISCO E PELA
PROVINCIA DE GOYAZ

18

981
B523

v. 68

Serie 5.^a — BRASILIANA — Vol. 68
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE

VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO S. FRANCISCO E PELA PROVINCIA DE GOYAZ

TOMO PRIMEIRO

TRADUÇÃO E NOTAS DE
CLADO RIBEIRO DE LESSA

981
B823
1.58



1 9 3 7
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

N^o list.: 199520
Cód. barras: 209133-40

Título do original francez (edição de 1847):

VOYAGES DANS L'INTERIEUR DU BRÉSIL
Troisième partie.

VOYAGE AUX SOURCES DU RIO S. FRANCISCO
ET DANS LA PROVINCE DE GOYAZ

Obras do mesmo autor publicadas nesta Serie:

- SEGUNDA VIAGEM AO RIO DE JANEIRO, A
MINAS GERAES E A SÃO PAULO (1822).
Trad. e Pref. de Affonso E. de TaunayVol. 5
- VIAGEM A' PROVINCIA DE SANTA CATHA-
RINA (1820). Trad. e Pref. de Carlos da Costa
PereiraVol. 58
- SEGUNDA VIAGEM AO INTERIOR DO BRA-
SIL "ESPIRITO SANTO". Trad. de Carlos Ma-
deiraVol. 72
- VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO S. FRAN-
CISCO E PELA PROVINCIA DE GOYAZ —
Trad. e Notas de Clado Ribeiro de Lessa.
TOMO PRIMEIROVol. 68
TOMO SEGUNDOVol. 78

57-133

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. Paulo

INDICE

<i>Capitulo I</i> — Viagem do Rio de Janeiro a Ubá, via Porto da Estrella e o grande caminho de Minas Geraes	9
<i>Capitulo II</i> — O caminho de Rio Preto — A cidade de Valencia e os coroados	28
<i>Capitulo III</i> — Entrada da provincia de Minas Geraes pelo Rio Preto — A villa deste nome — A Serra Negra	50
<i>Capitulo IV</i> — Os campos — Quadro geral do districto de Rio Grande	61
<i>Capitulo V</i> — Viagem pelo districto do Rio Grande .	83
<i>Capitulo VI</i> — Estada em S. João D'el rei	94
<i>Capitulo VII</i> — Quadro geral da região elevada e deserta comprehendida entre S. João D'el rei e a Serra da Canastra	114
<i>Capitulo VIII</i> — Começo da viagem de S. João D'el rei ás fontes do S. Francisco — As povoações de Conceição e de Oliveira — A villa de Tamanduá .	124
<i>Capitulo IX</i> — Proseguimento da viagem de S. João D'el rei ás nascentes do S. Francisco — As villas de Formiga e de Piunhy	146
<i>Capitulo X</i> — A Serra da Canastra e a Cascata chamada Cachoeira da Casca d'Anta, fonte do Rio S. Francisco	168

<i>Capitulo XI</i> — Vista d'olhos geral sobre a comarca de Paracatú	189
<i>Capitulo XII</i> — Araxá e suas aguas mineraes	214
<i>Capitulo XIII</i> — Viagem de Araxá a Paracatú	230
<i>Capitulo XIV</i> — Paracatú	257
<i>Capitulo XV</i> — Viagem de Paracatú á fronteira de Goyaz	269
<i>Capitulo VI</i> — <i>Quadro geral da provincia de Goyaz</i>	279
§ I — Historia	279
§ II — Extensão; limites; superficie	287
§ III — Vegetação	289
§ IV — Clima; salubridade	292
§ V — População	294
§ VI — Administração geral	302
§ VII — Finanças	304
§ VIII — Resultado dos dizimos	308
§ IX — Clero; instrucção publica	312
§ X — Forças militares	315
§ XI — Extração do ouro	317
§ XII — Cultivo das terras	321
§ XIII — Valores representativos	330
§ XIV — Vias de communição	332
§ XV — Costumes	335

CAPITULO I

VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A UBÁ, VIA PORTO DA ESTRELLA E O GRANDE CAMINHO DE MINAS GERAES

O autor embarca na bahia do Rio de Janeiro. — O rio de Inhomirim. — A villa de Porto da Estrella. — Fomçenores sobre a estrada de Minas. — A igreja de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim. — A habitação de Mandioca. — A Serra da Estrella. — Jamarati. — Padre Corrêa. — Secca. — Reflexões sobre a agricultura brasileira. — Reflexões sobre a escravidão. — O autor revê a habitação de Ubá. — Retrato de um almocreve.

Disse, no relato de minha viagem sobre o littoral do Brasil, que após me ter embarcado em Villa da Victoria, cheguei ao Rio de Janeiro ao cabo de quatro dias. Occupei-me immediatamente em fazer novos preparativos para ir visitar as provincias de Goyaz, São Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Antes de percorrer a costa, solicítara ao ministerio portuguez um passaporte que me permittisse estender minhas viagens até Matto Grosso; a entrada, porém, desta provincia me foi interdicta, sem duvida por um resto dessa desconfiança que levara, durante tanto tempo, o governo de Portugal a afastar os estrangeiros da sua rica colonia. Em todo o caso, embora me fosse interdictado ultrapassar as fronteiras de Goyaz, deixavam ainda ás minhas pesquisas campo assás vasto.

Os preparativos de viagem tomaram-me tempo consideravel (1). E' preciso ter residido no Rio de Janeiro por essa época para se fazer uma ideia da lentidão com que lá trabalham os artifices; a menor bagatella tornava-se um negocio interminavel. Venci, afinal, todos os obstaculos, e, a 26 de Janeiro de 1819, embarquei-me na bahia do Rio de Janeiro, com destino a *Porto da Estrella*, pequena povoação onde vem terminar a estrada de Minas Geraes, provincia da qual devia percorrer a parte occidental antes de chegar a Goyaz.

Já se viu, pelas minhas duas primeiras relações (2), que no lugar chamado Encruzilhada, este caminho, vindo da capital de Minas (Ouro Preto), divide-se em dois ramaes, um que se chama o caminho da terra, que conduz directamente ao Rio de Janeiro, e outro, que não se estende além de Porto da Estrella, onde é necessario embarcar para chegar á capital do Brasil. Não conhecia ainda esta ultima ramificação; foi a que me propuz seguir para entrar na provincia de Minas.

Após uma rapida navegação cheguei á embocadura do Rio de *Inhomirim* ou da *Estrella*, um dos pequenos rios, tão numerosos, que se lançam na bahia do Rio de Janeiro (3). Sabe-se que uma cadeia de montanhas se

(1) Empacotei com o maior cuidado as numerosas collecções que reunira até então e deixei-as em mãos do sr. Maller, consul geral da França, que, durante a minha estada no Brasil, me encheu de provas de amizade e me prestou todos os serviços que dependeram d'elle. Reciba aqui as expressões do meu reconhecimento.

(2) *Viagem pela provincia de Rio de Janeiro*, etc. vol. I; pag. 60. — *Viagem ao Districto Diamantifero*, vol. I, pag. 281.

(3) Este rio, onde pululam innumeraveis mosquitos e outros dipteros malfeteiros, tem sua nascente na Serra do Mar, e apresenta, na embocadura, 50 a 60 passos de largura; no seu curso, que é pouco extenso, recebe as aguas do *Rio da Cruz* ou de *Santa Cruz*, do *Cayuaba* e do *Saracuruna*; enfim, um canal estabelece communicação entre elle e o *Rio do Pilar* (ESCHW., *Journ.*, II, 66.

estende, parallelamente ao mar, em uma grande extensão do Brasil, e deixa, entre ella e o littoral, um espaço mais ou menos consideravel; aqui o intervallo não attinge sequer a 5 leguas portuguezas. Comecei a percorrel-o subindo o Rio da Estrella, que serpenteia, no meio de mangues (4), em um terreno pantanoso. De distancia em distancia, o rio costeia pequenas collinas sobre as quaes se

— CAZAL, *Corog.*, II, 14. — PIZARRO, *Mem. Hist.*, III, 265). O nome de *Rio da Estrella* é o unico, ao que me parece, pelo qual se o designa hoje em dia no paiz; devo, todavia, dizer, que o de *Rio de Inhomirim* foi admittido por Cazal e seu traductor, Henderson; por Eschwege, Raddi, Pohl Freycinet, Spix e Martius. Quanto a Pizarro, diz que a palavra *Inhomirim* é uma corrupção de *Anum-mirim*, e elle adopta este ultimo nome, que, segundo elle, queria dizer, na lingua dos Indios, *campo pequeno* (*). Eschwege já fez notar que Mawe havia, sem razão, chamado *Moremim* ao rio de que se trata: seria assim inutil accumular mais esse erro.

(4) Com os colonos de São Domingos e mesmo diversos naturalistas, Antonio Lourenço de Jussieu e Achilles Richard, emprego aqui o nome de *Mangues* como um termo generico applicavel a diversos vegetaes lenhosos das plagas da America equinocial. São elles: *Rhizophora Mangle*, *Avicennia*, *Conocarpus*, que os srs. Spix e Martius indicam como crescendo á embocadura do rio da Estrella (*Reise in Brasilien*, I, 153). — Parece, pelo que diz Pizarro (*Memorias historicas*, VII, 19), que a destruição dos mangues (o *Rhizophora Mangle*, e provavelmente outras especies de Mangues), cuja cortex é muito util para o cortume, deu lugar, outr'ora, a vivas discussões entre as autoridades civis e ecclesiasticas do Brasil. Muito provavelmente, com o fim de conserval-os, os jesuitas e o bispo do Rio de Janeiro oppunham-se a que se destruíssem essas arvores; mas um decreto (carta regia) de 4 de Dezembro de 1678 permittiu que se as cortasse, sem consideração ás censuras do bispo e dos padres da Companhia de Jesus. Mais tarde, entretanto, a administração civil modificou um pouco essas ideias destruidoras, pois um alvará de 9 de Julho de 1769 prohibiu que se cortassem os mangues, a menos que já não tivessem sido despojados da casca em proveito dos cortumes.

(*) É mais provavel que o nome indigena do rio derive de *Anum-mirim* ou *Anum-pequeno*, do nome do passaro tão vulgar no interior, e abundante principalmente nas fazendas de criação de gado. (N. do T.).

percebe ordinariamente uma modesta habitação rodeada de bananeiras. Ao longe vê-se elevar uma porção da cadeia marítima, cujo aspecto varia á medida que se sobe o curso do rio. O ceu, perfeitamente sereno, era do azul mais brilhante; a verdura dos mangues e dos outros arbustos que bordejam o riozinho tinha esse frescor que não se pode deixar de admirar em todos os arredores do Rio de Janeiro, e a vivacidade dessas côres brilhantes formava um agradável contraste com os matizes confusos dos montes.

Partira ao meio-dia do Rio de Janeiro; cheguei ás seis horas ao Porto da Estrella, onde já o rio tem muito pequena largura. Esta pequena povoação pertence á parochia de Inhomirim e não possui mais do que uma capella construída sobre uma elevação e dedicada a Nossa Senhora (5). Desde que comecei a viajar no Brasil, lugar nenhum me apresentou tanto movimento como Porto da Estrella. Ha difficuldade em nos encontrarmos uns aos outros no meio das bestas que partem ou chegam, dos fardos, dos almocreves, das mercadorias de todo o genero que se accumulam nessa povoação. Lojas bem sortidas fornecem aos numerosos viajantes aquillo de que carecem (6). Aliás, não existe, em volta de Porto da Estrella, nenhuma habitação digna de nota (1819); mas cultivava-se um pouco de café nos arredores. A primeira casa que se apresenta é o rancho destinado a abrigar as caravanas; é uma construcção bastante longa, dividida em especies de cellulas por paredes de barro, e na frente da qual o tecto prolongado forma uma vasta galeria cujos pilares são de tijolos (1819). Cada caravana se abriga numa das cellulas do rancho, ali atrama a sua bagagem e faz a

(5) PIZARRO, *Mem. hist.*, III, 261.

(6) Segundo o sr. Pohl (*Reise*, I, 176), cada casa teria uma *venda* annexa; os srs. Spix e Martius, mais exactos, limitam-se a dizer, fallando de Porto da Estrella, que ali se encontram algumas *vendas* (*Reise*, I, 156).

cozinha: nenhuma especie de conforto, nem mesmo uma mesa, ou um banco, e, quando da minha passagem, via-se o céu através das divisões mal conservadas (7).

Encontrei em Porto da Estrella os meus muares, que para ali mandara conduzir por terra. Os servidores que me deviam acompanhar eram o almocreve, que já seguira até o Rio Doce; o índio Firmiano, que já dei a conhecer nas *relações* precedentes; o meu criado Prêgent, cuja saúde se alterava de dia para dia, e um outro jovem, também francez, Antonio Laruotte, que devia auxiliar Prêgent no seu trabalho.

E' difficil ver uma estrada mais frequentada do que a de Porto da Estrella a Minas, e, si ella o era menos quando por ali passei em Dezembro de 1816 (8), deve-se o facto a que no tempo do Natal, que é, para os Brasileiros, a época da reunião das familias, poucos conductores de tropas se poem em viagem. Essa estrada, aberta, ha cerca de seculo e meio, pelo *guarda-mór* Garcia Rodrigues Paes (9), adquiriu importancia, sobretudo desde que se cultivava o algodão em Minas Novas (10), e que se começou a exportar o café do sul da provincia de Minas; o que, por occasião da minha estada no Brasil, não datava sinão de poucos annos. No dia em que fiz alto no *rancho* de

(7) O sr. J. F. von Weech, que passou alguns annos depois de mim por Porto da Estrella, confirma o que relato acerca do movimento que ali reina, e ajunta que continuamente se constroem novas casas (*Reise*, II, 138). Asseguraram-me mesmo que esta povoação recebeu do governo actual o nome de *villa*, e é effectivamente o que lhe dá, no seu livro, o conde de Suzanet (*Souu*, 259). Não tenho necessidade de dizer que Porto da Estrella não usa o nome de *aldeia*, que lhe attribue o sr. Walsh; é sómente ás povoações de aborígenes que os brasileiros applicam esse nome.

(8) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, vol. I

(9) PIZANHO, *Mém. hist.*, IV, 102 e VIII, segunda parte, 2.

(10) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, vol. II.

Boa Vista da Pampulha, de que em breve falarei, cento e trinta animaes de carga ahi estacionavam, e esse rancho não é dos mais importantes da região: por ahi se pode fazer uma ideia da quantidade prodigiosa de animaes de carga que deve transitar por toda a estrada.

Até Encruzilhada, lugar em que deixei a estrada larga, se succedem, a pequenos intervallos, as fazendas, os ranchos, as vendas, as tendas de ferradores. A quantidade desses estabelecimentos não surprehenderá: os cultivadores devem naturalmente approximar-se de uma estrada muito frequentada, perto da qual podem encontrar facilmente escoamento para o producto das suas terras; os homens que têm as vendas têm occasião de se desfazer do toucinho, da cachaça, da farinha, e, em geral, dos comestiveis que fazem o objecto do seu commercio; enfim, os ferradores podem ter frequentes occasiões de exercer o seu mister. O milho é o genero que se vende mais, porque constitue a alimentação dos burros e as caravanas não o trazem consigo (11).

Por muito frequentada que seja essa estrada, não espere o viajante inglez, francez ou allemão encontrar ahi os recursos que lhe offerecem, em suas patrias, os mais modestos albergues. Um estabelecimento no genero das nossas grandes hospedarias não teria aqui, provavelmente, o menor éxito; os homens que percorrem este paiz estão habituados á frugalidade e a continuas privações. As provisões, que lhes são indispensaveis, carregam-nas nos seus

(11) Encontrar-se-á na minha *Viagem a Minas Geraes*, etc. (vol. I, 208, 64, 65, 66), a explicação minuciosa dos terminos *fazendas*, *ranchos*, *vendas*, *cachaça*, *tropa* ou *caravana*. Limitar-me-ei a repetir aqui que *fazenda* é uma habitação rural de certa importancia, que os *ranchos* são alpendres destinados a servir de abrigo aos viajantes, que *cachaça* é a aguardente do paiz, que se chamam *vendas* ás tabernas onde se vende não somente aguardente de assucar, como tambem comestiveis; enfim, que as caravanas de burros (*traças*) são divididas em *lotes* de sete animaes, conduzidos cada um por um *tocador*.

burros, e si os proprietarios das *vendas* as abastecessem menos mesquinamente, talvez passassem pelo dissabor de ver uma parte das mercadorias deteriorar-se em suas lojas.

Sómente em *Mandioca*, distante tres leguas portuguezas de Porto da Estrella, começa a cadeia maritima. Até lá a região é toda ella baixa.

O caminho que se segue sahindo de Porto da Estrella, tortuoso, mas bastante largo, é marginado de ambos os lados por grandes massiços vegetaes, (capoeiras), que, á direita deixam, de tempos em tempos, entrever as montanhas, e no meio dos quaes cresce um numero infinito dessas bellas *Mellastomaceas* que chamam *flor de quaresma* (12).

Apezar da poeira que, quando da minha viagem, se levantava continuamente debaixo dos pés dos animaes e dos viajantes, a vegetação conservava ainda um frescor extremo.

A cerca de legua e meia de Porto da Estrella o caminho termina em uma praça muito grande coberta de um esplendido gramado. E' lá que, á esquerda, ao pé de um outeiro coberto de arvoredo, foi construida a Igreja de *Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim* (13). A' direita estão algumas casas, e, do mesmo lado, tem-se diante dos

(12) Sob esse nome se comprehende, como já tive occasião de dizer noutro lugar, diversas especies, que se assemelham pela altura do caule e tamanho das flores.

(13) Os srs. Spix e Martius indicam esta igreja como uma simples capella (*Reise*, I, 158), mas Casal, Eschwege e Pizarro dizem expressamente que ella é parochial, e o ultimo acrescenta que em 1696 é que foi elevada á parochia. Durante muito tempo o territorio della dependente se estendeu pelo lado do norte, sobre a estrada de Miras, até a *fazenda* de Governo, que está afastada do rio Parahyba de 2 leguas approximadamente (*Eschw.*), e onde começa a parochia chamada da *Parahyba Velha*. Embora grande numero de capellas se elevassem sobre este territorio, acabou-se por reconhecer que era vasto demais para uma unica parochia, e, em 1815, se destacou tudo o que ficava para além da serra

olhos a serra do mar. Uma paisagem tão simples offerece algo de risonho e majestoso; e, na occasião da minha viagem, ornava-se ainda com o azul brilhante do céu, a vegetação tão fresca dos gramados e arvoredos, e a calma profunda que reinava na natureza.

No dia em que deixei Porto da Estrella, fiz uma parada na *fazenda* de Mandioca, situada hem na base da serra. Esta fazenda, que pertencia então ao consul da Russia, Sr. Langsdorf (14), viajante instruido e infatigavel, não pôde deixar de ser celebre na historia natural do Brasil; pois que a maioria dos sabios que vieram visitar esta parte da America, na época do primeiro casamento de D. Pedro I, passaram alguns dias em Mandioca e ahi recolheram muitos objectos interessantes (15). E' impossivel, com effeito, encontrar uma localidade onde

maritima para constituir uma porção da nova parochia de *São José do Sumidouro*. Antes dessa divisão, a parochia de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim comprehendia mais de 480 fogos e mais de 3.800 adultos (*Mem. hist.*, III, 255 e seguintes). Seria curioso conhecer de modo preciso os augmentos que esse districto, tão proximo da capital e do mar, teve durante os ultimos annos, e de comparal-os com as mudanças que tiveram lugar no interior, as distancias da costa espaçadas igualmente, na medida do possivel, e sob influencias diversas e bem determinadas.

(14) O sr. Langsdorf acompanhou o almirante Krusenstern na sua viagem ao redor do mundo: viu-se, pela minha *primeira relação*, que fomos juntos até Itapurú, na provincia das Minas, e depois, elle percorreu ainda, sob a protecção do imperador da Russia, uma parte do interior do Brasil.

(15) Encontram-se pormenores sobre Mandioca nos escriptos de Pohl e de Spix. Raddi deu o nome de *Mandiocana* a um *Oxalis* que descrevi, com minucia, na *Flora Brasiliæ meridionalis*, I, p. 118. — Mandioca foi comprada pelo governo actual, que ahi estabeleceu uma fabrica de polvora (*GARDN., Travels*, 524). (*)

(*) Ainda existe hoje: chama-se *Fabrica de Polvora da Estrella*, e tem para sua serventia uma estação, a da *Estrella*, na *Leopoldina Railway*. (N. do T.).

o naturalista possa fazer mais bellas messes. Apenas dados alguns passos em direcção ao norte, encontram-se as montanhas, que apresentam ora rochedos, ora terras excellentes; está-se rodeado de florestas, umas ainda virgens, outras em capoeirões, e por todos os lados correm regatos que contribuem a tornar a vegetação tão variada quanto vigorosa.

Já disse alhures (16) que uma cadeia de montanhas se estende ao longo do mar em uma parte do Brasil (Serra do Mar), e que está coberta de mattas virgens; accrescentei que outra cadeia mais elevada (Serra do Espinhaço), avançando mais ou menos do nordeste da provincia de São Paulo, estende-se quasi parallelamente á primeira e não deixa mais do que uma distancia de 30 a 60 leguas entre ella e a Cordilheira maritima; disse mais ainda que a cadeia interior separa toda a provincia das Minas em duas partes bastante desiguaes; que ella divide as aguas do Rio Doce das do S. Francisco, e que se vae perder no norte do Brasil; emfim, que o espaço comprehendido entre as duas séries de montanhas é cortado por outras, e a região que se estende entre ambas as cordilheiras é geralmente coberta de florestas, tal como a cadeia maritima (17). E' esta rede de montanhas cheia de mattas que eu teria inicialmente de atravessar. Devia, dirigindo-me para o septentrião, galgar a Serra do Mar

(16) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, p. 68.

(17) Vêr-se-á pelo seguimento que ha uma excepção para a parte mais meridional do espaço comprehendido entre as duas cadeias, e que, desde a povoação denominada *Porto da Cachoeira* até á cidade de S. Paulo a região é geralmente plana ou ondulada, cortada de pequenos bosques, brejos, e pastagens naturaes inteiramente descobertas.

e desce-a em seguida, afim de entrar na bacia do Parahyba; tinha que atravessar esse rio, deixar a direcção do norte para seguir a do oeste, transpor a cadeia interior, sahir então da *região das florestas*, encontrar, ao occidente da ultima cadeia, a *região dos campos* ou campos-geraes, e penetrar profundamente por elles para dirigir-me á provincia de Goyaz, após ter percorrido a parte mais desertada de Minas Geraes.

Começa-se apenas a subir a Serra do Mar e já se vê o paiz mudar de aspecto. A natureza nada perde de sua majestade, mas adquire um aspecto rude e selvagem, em virtude da elevação dos montes, das suas anfractuosidades, dos rochedos nús que ahí se mostram no meio das florestas, enfim do verdor carregado da folhagem das arvores; pareceria ossianica se não fosse o brilho radioso do azul celeste.

A parte da Serra do Mar, na raiz da qual está situada Mandioca, chama-se *Serra da Estrella*, nome sem duvida tomado de uma montanha portugueza situada na provincia da Beira (18). Numa extensão de legua e meia, desde a raiz da Serra da Estrella até o seu cume, e sobre uma parte do proprio cume, o caminho apresenta uma verdadeira raridade para o paiz (1819): a estrada foi calçada e, o que é mais, não o foi mal. Todavia, embora suas sinuosidades tenham sido aproveitadas com bastante arte, não deixa de ser difficil para os homens e os animaes. Quando se chega a uma certa altura, descobre-se grande parte da planicie extensa que se atravessou vindo de Porto da Estrella, e que, coberta de grama, serpenteia, entre as collinas arborificadas, como uma fita ondulada verde-pallido. Chegado ao ponto culminante, encontrei-me a 3.607 pés inglezes (1.099m,55) acima do nivel

(18) Vide ESCHWEGE, *Journ. 2011 Bras.*, II, 71.

do mar (19), entre as aguas que se lançam na bahia do Rio de Janeiro e as que augmentam o Parahyba. Comecei então a descer para dirigir-me ao valle em que corre esse rio, e, após ter caminhado cerca de 8 leguas, desde Mandioca, parei no rancho da fazenda de Tamarati (20), que achei atulhado de tropas e mercadorias.

Esta fazenda, situada a uma altura ainda consideravel, porém, numa depressão, é rodeada por montanhas de cabeços arredondados e cobertos de arvoredos. Uma delias se termina por um costão cortado a pique onde a rocha nua e ennegrecida apresenta apenas, aqui e alli, algumas plantas gordas; abaixo do rochedo, sobre uma rampa assás íngreme, vê-se um bosque, e é na base desse talude que foram construidos a fazenda e o rancho; a pequena distancia, á beira da estrada, um outro rancho serve de supplemento ao primeiro; em um valle estreito corre um regato cujo murmúrio se ouve do rancho (21), e que, sem duvida, reúne suas aguas ás do Piabanha (22), um dos afluentes do Parahyba; sobre uma encosta vê-se

(19) Medida tomada a von Eschwege.

(20) Pizarro escreveu *Itamarati* (*Mem.*, vol. III, 264), e Luccock (*Notes*, 375) *Itamaraté*. Talvez que esse ultimo nome indique a verdadeira etymologia de *Tamarati*, que derivaria das palavras guaranis *ita*, pedra, e *aracté*, forte (*ANT. RUIZ DE MONROYA, Tes. leng. guar.*), ou de outros termos analogos tomados por emprestimo a qualquer dialecto vizinho do guarani. Si essa etymologia não é errônea, como é provavel, é claro que não se deve, como o general Raimundo José da Cunha Mattos, escrever *Tamaraty*.

(21) Segundo o que escreveram Pizarro e Raimundo José da Cunha Mattos (*Mem. hist.*, III 264. — *Itin.*, I, 9), é evidente que esse regato é o Rio *Tamarati* ou *Itamarati*, que, pelo que diz o primeiro desses escriptores, vem do levante, para se lançar, após o curso de uma legua, no Piabanha.

(22) O nome de Piabanha é o de um peixe de agua doce; Mawe escreveu erradamente *Piabunha*, Luccock *Piabuna*, e Walsh *Piabunda*.

uma vasta plantação de milho. A altura das montanhas, os bosques sombrios que as cobrem, esse largo rochedo ennegrecido que domina a *fazenda*, o valle estreito que se desenha sob ella, dão a toda a paisagem o mais severo aspecto.

Para diante de Tamarati o caminho segue, a meia encoasta, as sinuosidades do valle de que acabo de fallar, e onde corre o Piabanha. Toda a região apresenta essa feição selvagem que têm em geral as regiões de montes e mattas. Em breve passa-se perto a uma bella *fazenda* intitulada da *Samambaia* (23). Um pouco além o valle, até lá bastante apertado, alargu-se, e vêem-se as margens do rio plantadas de marmelleiros sylvestres alinhados rigorosamente, e que, por occasião da minha passagem, estavam carregados de fructos maduros; está-se nas terras de uma *fazenda* chamada Padre Corrêa (24), do nome do ecclesiastico, seu proprietario. Após os marmelleiros vêm numerosos pecegueiros sobre os quaes vi igualmente fructos maduros (29 de Janeiro). Quanto á *fazenda* propriamente, foi construida em um grande espaço que as montanhas deixam entre si, e que é perfeitamente igual e no mesmo nivel que a estrada (25). O aspecto desse valle

(23) *Samambaia*, ou, melhor ainda, *Çamambaia*, é o nome da grande *Filicinea* que, em tantos lugares, cresce nos terrenos outrora cultivados.

(24) Não é nem *Padre Correo*, como escreveram Mawe, Luccock e Suzanet, nem *Padre Corrê*, como escreve Henderson. Um dos viajantes que acabo de citar, diz (*Suz., Souv.*, 266) que Padre Corrêa é hoje uma villa; illudiu-se, sem duvida, pela quantidade de construcções que viu; pois o Sr. Gardner, que merece toda a confiança e passou pelo mesmo lugar em 1840, não lhe dá ainda senão o nome de *fazenda* (*Travels*, 522).

(25) Da Cunha Mattos (*Itin.*, I, 10), diz que existe no terreiro da *fazenda* de Padre Corrêa uma arvore tão frondosa que poderia cobrir com a sua sombra um batalhão inteiro. Essa arvore poderia quasi rivalizar com a que abrigou o pequeno exercito de Cortez.

tão bem cultivado, no meio das montanhas asperas e selvagens que o bordejam, tem qualquer coisa que surprehende e encanta; por ahí pode-se ver o que o homem faria, nesse paiz, com maior industria e mais esforços. O padre *Corrêa*, que sabia valorizar a habitação de que acabo de dar succinta descripção, gosava, no Rio de Janeiro, de grande reputação por seus conhecimentos de agricultura, e parece que ella era perfeitamente merecida. Aproveitou-se da temperatura moderada da Serra para cultivar grande numero de plantas de origem caucasica ou européa, e asseguraram-me que ganhava bastante dinheiro só com os cravos que mandava vender á villa. Na estação que atravessavamos, elle enviava — disseram-me — todas as semanas, para Porto da Estrella, uma tropa de burros carregada de pecegos, e dizia-se que se vendiam no valor de 10.000 cruzados. Este facto prova, diga-se de passagem, quanto a temperatura da Serra differe da do Rio de Janeiro, pois que os pecegueiros não fructificam nos jardins dessa cidade. A's seis horas da manhã, na planicie, o thermometro de Réaumur indicara-me 23° 1/2 apenas, e, ao meio dia, cahia em Tamarati na serra, a 22° 1/2 apenas.

Após ter passado a fazenda do Padre *Corrêa*, costeei uma immensa plantação de milho. Mais longe, na margem do rio, alguns negros estavam preparando a terra para o plantio dos feijões a serem colhidos em Junho. Os que se plantam assim, de modo a se poder fazer a colheita no inverno dos tropicos, tomam o nome de *feijões da secca*.

Durante bastante tempo o caminho segue a margem direita do Piabanha; passa-se este rio sobre uma ponte pittoresca, e costeia-se a sua margem esquerda até o rancho assás insignificante que chamam *Sumidouro*. Foi lá que eu parei no dia em que deixei Tamarati.

A habitação mais importante das que vi entre Sumidouro e Boa Vista da Pampulha, onde parei no dia seguinte, é *Secretario*. Desse lugar até Boa Vista, no espaço de uma legua, contei ainda quatro *fazendas*, mas pouco importantes. Antes da de *Fagundes* (26), o caminho começa a subir; de lá vê-se um riacho que corre em sentido contrario ao Piabanha, que eu costeara, como disse, na vespera, e, na *fazenda de Fagundes*, a subida torna-se bastante rude. As terras desse districto são boas e rendem, em milho, 150 a 200 por l; mas a secca extrema que então se experimentava prejudicou bastante esse plantio. No verão de 1816 a 1817 as chuvas foram pouco abundantes; foram-no excessivamente no de 1817 a 1818; a estiagem se fez de novo sentir de 1818 a 1819, e quando, em 1819 a 1820, atravessei a provincia de São Paulo, fui extremamente prejudicado pela abundancia das chuvas. Seria bom observar se essa curiosa alternancia se renova frequentemente; o que posso dizer, porém, é que ella foi observada nos verões immediatamente anteriores ao de 1816 a 1817; pois que, quando estive em Itabira de Matto dentro (27), soube, pelo meu hospedador, o capitão Pires, que esse verão era o terceiro em que se tinham a queixar da secca, e não é de crer que ella se limitasse á zona de Itabira.

Volto ao meu itinerario. O curso do Piabanha bastaria para demonstrar que, durante muito tempo, a estrada segue um plano que se inclina para o norte; todavia não desce sempre, pois que existe no sitio de Fagundes, como já o disse, uma rapida subida, e então se encontra um

(26) Fagundes é nome de homem. Não se deve, como Eschwege, escrever *Fegundes*, nem *Fagundas* como o doutor Pohl, ou *Fagunda*, como o sr. Walsh.

(27) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, 269 e seg.

regato que corre em sentido contrario ao do Rio Piabanha. A habitação de Boa Vista da Pampulha é mais elevada que Sumidouro, que, entretanto, é mais proximo tres leguas da cadeia maritima, e, por conseguinte, mais afastado do valle do Parahyba; em seguida, porém, dessa habitação até o rio, desce-se de modo sensivel (28).

A unica fazenda um pouco consideravel que se encontra entre Boa Vista da Pampulha, são Governo, onde pousei, e a de *Cebola* (29), cujo terreiro, muito vasto e rodeado por numerosas construcções, é atravessado pela estrada.

Indo de Boa Vista para Governo, distrahi-me interrogando alguns negros de Benguela que encontrei no meu caminho. Disseram-me que no seu paiz se cultiva a terra como no Brasil, que lá se cortam as mattas e se as incendia, sendo esse o trabalho dos homens, e em seguida, as mulheres e crianças plantam e fazem a colheita. A semelhança das praticas seguidas em Benguela com as adoptadas pelos Brasileiros, não deve, todavia, fazer suppor que em agricultura, os negros, barbaros e escravos, tenham sido, necessariamente, os mestres dos Portuguezes mais civilizados. Quando estes chegaram á America, encontraram o methodo actual de cultivar em uso entre os Indios, e provavelmente a estes e não áquelles é que se devem as honras da invenção (30). Mesmo, porém, que os Portugue-

(28) Eis a lista das altitudes tomadas por Eschwege, desde o Alto da Serra até á margem do Parahyba:

Alto da Serra	3,607	pés inglez.	ou	1.099m,55
Corrego Secco	2,405	"	"	732m,80
Sumidouro	1,805	"	"	549m,98
Boa Vista da Pampulha	1,975	"	"	601m,78
Margens do Parahyba	610	"	"	185m,86

(29) Erradamente Mawe escreveu *Zabolla*, Luccock *Cebolas*, Walsh *Saboola*.

(30) Vide minha *Viagem pelo Districto Diamantifero*, etc., II, 271.

zes não houvessem tido sob os olhos modelo para esse methodo, a imperiosa necessidade os teria feito logo adoptal-o. E em que poderiam pensar, realmente, quando quizessem plantar numa matta virgem, sinão em cortar os troncos e queimal-os? Seria injusto, portanto, censural-os por terem começado dessa maneira; mas, o que podemos, com razão, reprovar nos seus descendentes, é de continuarem a incendiar as florestas, quando tantas terras desimpedidas e facéis de cultivar estão á sua disposição; é de privarem, sem necessidade, os vindouros das riquezas tão numerosas que encerram as florestas; é de correrem o risco de desgarnecer suas montanhas de terra vegetal e tornar os mananciaes menos abundantes; e, enfim, de retardarem os progressos da propria civilização, disseminando-se cada dia mais nos vastos desertos, afim de encontrarem arvores para incendiar.

Os negros de Benguela, de que acima fallei, disseram-me que tinham sido raptados, ainda crianças, por uma horda vizinha da sua, quando estavam occupados no campo com sua mãe. Si o trafico fosse francamente abolido, semelhantes raptos entre os africanos não mais teriam lugar, ou, pelo menos, seriam mais raros e o motivo principal de guerra cessaria entre essés povos.

No estado actual das coisas, porém, é preciso, no Brasil, passar pelo dissabor de ser servido por escravos, ou resignar-se, como alhures já disse, a ficar á mercê dos homens livres que se empregam; eu proprio o aprendi por experiencias repetidas. Na altura de Governo, o meu almoceve declarou-me que estava decidido a voltar para casa, e com bastante trabalho pude obter que não me abandonasse num lugar em que era desconhecido, e que me conduzisse até Ubá (31), onde tinha a esperanza de poder

(31) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 28. — Erradamente Luccock escreveu *Uva*, em vez de *Ubá*. Encontram-se tambem *Uva* em uma *Descrição de Rio de Janeiro*,

substituí-o. Por outro lado, apenas cheguei a Porto da Estrella, que o pobre Prégent quiz reembarcar-se de volta para o Rio de Janeiro, afim de ahí procurar uma bagatella insignificante, e fez uma scena que se prolongou por varios dias. Encontrava-me assim entre dois homens, dos quaes um pretendia que eu continuasse e outro que eu voltasse sobre os meus passos. Não entrarei nas minucias dessas contendas; limito-me a dizer que, continuando a viagem com os individuos que me escoltavam, mostrei nessa occasião mais perseverança, talvez, do que em qualquer outra da minha vida.

Em Encruzilhada (32) deixei, para dirigir-me a Ubá, a grande estrada de Minas Geraes (33); tomei pelo *caminho da terra* (34), approximando-me assim, um pouco, do meu ponto de partida, e no lugar chamado Socopira (35),

que foi impressa nos *Nouvelles annales des voyages*, vol. IV, onde os geographos andarão acertados em não irem procurar informações.

(32) Deve ser este lugar que Pohl e Eschwege chamam *Lucas*; o ultimo diz mesmo que Lucas tem outro nome que lhe escapou. *Encruzilhada* é, de certo, um nome generico que designa qualquer entroncamento.

(33) Da Cunha Mattos estabeleceu como se segue o itinerario do Rio de Janeiro a Governo:

Do Rio de Janeiro a Porto da Estrella	5	leguas
Do Porto da Estrella a Mandioca	2	"
De Mandioca a Padre Corrêa	5	"
De Padre Corrêa a Rancho do Almeida	3 1/2	"
De Rancho do Almeida a Boa Vista da Pampullia	2 1/2	"
De Boa Vista da Pampullia a Governo	2 1/2	"

20 1/2 leguas

E' necessario lembrar que as leguas portuguezas são de 18 por grau.

(34) O *caminho da terra* é o que se toma quando se vai de Minas ao Rio de Janeiro e se quer evitar de embarcar. (Vide a *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 8, e a no *Districto Diamantifero*, etc., I, 281).

(35) Escrevi alhures *Sucupira* (*Viagem ao Districto Diamantifero*, etc., I, 282); mas julgo a orthographia que aqui utilizo

toimei a estrada transversal que me devia conduzir ao meu destino. Percorri os lugares que já visitara no anno anterior e cheguei, enfim, a Ubá.

Foi a ultima vez que reví essa habitação, onde passara tão felizes momentos e pudera gozar a ventura de observar uma natureza tão brilhante quanto variada, sem experimentar as privações com as quaes me foi necessario, mais tarde, pagar tão caro os gozos da viagem. O sr. João Rodrigues Pereira de Almeida (36) não estava em Ubá quando ahí passei; mas, antes da partida, elle me dera para varias cidades, cartas de recommendação e credito que me foram da maior utilidade. Sem o seu auxilio e amizade, repito-o aqui, cheio de reconhecimento, não teria terminado a viagem.

O administrador da sua magnifica habitação fez tentativas para arranjar-me um tropeiro; appareceu um que estava bem recommendado, e fechei negocio com elle á razão de 7.200 réis (45 francos) por mez. José Mariano, assim se chamava elle, tinha côr extremamente carregada; mas como, ao lado disso, seus cabellos, duros e negros, não eram, em absoluto, crespos, e seu nariz era aquilino, não duvido de que uma mistura de sangue caucasico, negro e americano corresse em suas veias. Esse homem possuia, no mais alto grau, as boas e más qualidades que caracterizam os mestiços; possuia grande intelligencia, e habilidade pouco commum; mas era, ao mesmo tempo, imprevidente, prodigo e vaidoso.

Frequentemente o viamos alegre e jovial; tomava então attitudes infantis, e mostrava-se attencioso com os

mais conforme á pronuncia. Parece que chamam tambem *sicupira* a arvore ou as arvores das quaes o lugar de que aqui se trata tomou o nome; pois assim escreveram homens que fazem autoridade (Vide F. Denis, Brésil, 60. — Gardn., Trav., 407).

(36) Posteriormente á minha viagem, o imperador D. Pedro I lhe conferiu o titulo de barão de Ubá.

seus superiores; divertia-se em conversar, e contava com espirito as historias de todos os tropeiros do Brasil, attribuindo-as a si proprio; não se afastara, provavelmente, além de São Paulo e S. João d'El Rei, mas, a acreditar-o, conhecia todo o imperio brasileiro; viajara nos Campos Parexis (37), que são tão pouco conhecidos, e ahí tivera mil aventuras maravilhosas; seu pae, dizia, era um branco muito rico, seus irmãos eram brancos, elle me acompanhava por simples prazer, ou melhor, porque o infante D. Pedro lho rogara com insistencia. Teria sido muito feliz, em todo caso, si apenas tivesse a censurar-lhe a excessiva vaidade; mas, após alguns dias de bom humor, sua physionomia mudava repentinamente de expressão; tornava-se sombrio; não sorria mais, não dizia mais nada, ou, si deixava escapar algumas palavras, eram impregnadas de descontentamento e azedume; devia, então, soffrer bastante. Sua melancolia durava ordinariamente uma semana ou duas; em seguida retomava a jovialidade e perdia-a de novo algum tempo depois. Ver-se-á adiante quantos aborrecimentos me causaram os caprichos desse homem, e como me faziam pagar caro os serviços bem importantes por elle prestados.

(37) Campos dos Parexis, em Matto-Grosso.

CAPITULO II

O CAMINHO DE RIO PRETO — A CIDADE DE VALENÇA E OS COROADOS

Historia da estrada de *Rio Preto*. Os tocadores de bois e de porcos. — *O ferrador*. — O porto da *Parahyba*. Como os bois atravessam este rio. Descrição de suas margens. Peagem. — Caminho detestavel. — As mattas virgens. — Algumas *fazendas*. — Os indios *Coroados*. — A cidade de *Valença*; sua historia; estado actual. Reflexões sobre a metamorphose das villas em cidades. — *O rancho das Cobras*. — uma paisagem ao Iuar. — *O Rio Bonito*.

O caminho que ia percorrer para dirigir-me de Ubá (1) a S. João d'El Rei, e de lá a Goyaz, visitando a parte occidental da provincia das Minas, tem o nome de *caminho do Rio Preto*, porque effectivamente atravessa este rio (2). Quando se deseja seguil-o, partindo do Rio de

(1) O itinerario approximado de Ubá á povoação do Rio Preto (Arraial do Rio Preto):

De Ubá ao Porto da Parahyba	3/4	de legua
Do Porto de Parahyba a Forquilha (rancho) ..	2	leguas
Da Forquilha á Fazenda de Joaquim Marcos... 4		"
Da Fazenda de Joaquim Marcos á As Cobras (rancho)	3	"
D'As Cobras ao Arraial do Rio Preto (povoação)	3	"
	<hr/>	
	12 3/4	de leguas

(2) Posteriormente, no mez de Fevereiro de 1822, passei por outro caminho, que começa além de Aguassú, muito perto de

Janeiro, toma-se primeiramente o *caminho da terra*, que leva a Pau Grande. Lá existe uma bifurcação: um dos ramos nada mais é do que continuação do *caminho da terra* e termina, como disse, em Encruzilhada, na grande estrada de Villa Rica; o outro é o começo do caminho do Rio Preto e passa perto da habitação de Ubá. Já desde muito este ultimo caminho era indicado por uma picada frequentada unicamente pelos peões; reconheceu-se que seria menos extenso, para os habitantes de S. João d'El Rei, do que a estrada real de Villa Rica, e, quando da minha viagem, já ha cerca de seis annos, estava francamente aberta ao publico. Todavia, como a unica vantagem de ganhar alguns dias não decidiria os conductores de caravanas a seguir uma rota que ainda não lhes offerencia nenhuma commodidade, concedeu-se uma diminuição sobre a peagem dos homens e dos animaes que atravessam o Parahyba no *registro* (3) do caminho do Rio Preto. Assim os bois, que pagam uma pataca (2 francos) no *registro* do Parahybuna, no caminho directo de Villa Rica, não pagam aqui mais do que meia pataca; os burros carregados, que pagam 460 réis no Parahybuna, pagam aqui 80 e os homens não têm tambem que pagar mais de 80 réis (1819).

Era necessario que se encontrassem nessa estrada taes vantagens para que não ficasse deserta, pois que é

Bemfica ou Pé da Serra (vide minha *Primeira Relação*, I, 8), e que se entronca na estrada do Rio Preto, logo acima de Valença, localidade da qual fallarei dentro em pouco. Foi a *junta do commercio* de Rio de Janeiro que mudou abrir este caminho, e, por tal motivo, chamam-no *caminho do commercio*, ou melhor ainda, dão-lhe o nome de *caminho novo*, *estrada nova*. Ainda se trabalhava nessa via em 1819, quando tomei pelo *caminho do Rio Preto*: só depois dessa época é que foi franqueado ao publico, e é possível que tenham então fechado o *caminho do Rio Preto*, para não multiplicar os lugares de peagem.

(3) Dá-se este nome aos lugares onde se pagam os direitos devidos ao Estado e onde se pedem os passaportes. (Vide *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 60).

infinitamente mais difficil do que a estrada directa de Villa Rica; não está, como esta ultima, ladeada por grande numero de habitações, de vendas, de ranchos; os recursos ahí ainda são menores, e o milho, indispensavel aos animaes de carga, falta quasi completamente em todo o tracto. O caminho do Rio Preto mostrou-me o que deveria ser a estrada grande de Villa Rica, pouco após a descoberta da provincia de Minas Geraes. Atravessando a rêde de montanhas que se estende da cadeia maritima á cadeia interior (Serra do Espinhaço), deve necessariamente apresentar grandes desigualdades, e como a *região das florestas* comprehende todo o espaço encaixado entre as duas cordilheiras, não se sae dessa região, como acontece na estrada de Villa Rica, e não se penetra na *região dos campos* (4), sinão depois de se passar a *Serra da Mantiqueira*, parte meridional da mais occidental das duas cadeias.

No caminho do Rio Preto encontrei muito poucas tropas carregadas de mercadorias; mas, em compensação, grande numero de porcos e bois. É por este caminho que se fazem transitar quasi todos os rebanhos de bovinos enviados da parte occidental da provincia de Minas, onde se cria muito gado, para o Rio de Janeiro. Para esses animaes não se carece das commodidades que exigem as caravanas de burros, e conduzindo-os por tal estrada, tem-se a dupla vantagem de pagar menores direitos e abreviar a viagem. Como não se poderia, provavelmente, embarcar bois e porcos sem despesas consideraveis, fazem-os tomar o caminho de terra em Pau Grande, e passar, antes de

(4) A *região das mattas* se estende mais ou menos do litoral até á cadeia interior (Serra do Espinhaço); a *região dos campos* principia ao occidente da mesma cadeia. Podem-se ver pormenores sobre essas regiões e seus limites no meu *Quadro da vegetação da provincia de Minas Geraes*, impresso nos *Annaes das Sciencias Naturaes*, vol. XXIV, p. 64 e seguintes.

chegar ao Rio de Janeiro, pela Serra da Viuva, Aguassu' e Irajá (5).

Os bois são enviados á capital pelos mercadores do sudoeste da provincia das Minas, que os compram nas *jazendas*. Esses mercadores confiam integralmente a direcção de um rebanho de bois e a venda desse gado a homens que se chamam *capatazes* e que, disseram-me, são muito bem pagos. O *capataz* tem sob as suas ordens os boiadeiros, e cada um desses é encarregado de conduzir vinte cabeças; não se obrigam esses animaes a caminhar mais de 3 leguas por dia, mas, até o seu destino, não se os deixa repousar; enquanto que é habito fazer-se caminhar todo o dia, e deixar pastar no dia seguinte, o gado que se conduz do sertão oriental de Minas á cidade da Bahia.

Os homens que levam os bois e porcos da *comarca* (6) do Rio das Mortes ao Rio de Janeiro se reconhecem facilmente pelas attitudes e vestuario. Ha entre elles tantos brancos como mulatos. Como foram desde cedo acostumados a caminhadas longas e ao regimen mais frugal, são geralmente magros, delgados e bastante altos. O rosto é estreito e alongado; de todos os mineiros são elles, talvez, os que têm menos expressão na physionomia. Caminham com uma longa vara na mão, os pés e as pernas nus, e têm o habito de dar grandes passadas. A cabeça é coberta por um chapéu de pala estreita, de fôrma bastante alta e arredondada (1819); usam uma camisa de algodão, cujas fraldas fluctuam sobre calças do mesmo

(5) Como já o disse atraz, segui em 1822 um caminho (*caminho do commercio*) que dava, é verdade, em Aguassu, mas que, em lugar de atravessar a Serra da Viuva, passava por outra parte da cadeia, á qual se deu o nome de *Serra da Estrada Nova*, tomado do proprio caminho. Em 1822 era por este ultimo que passava uma grande parte dos bois e suínos que a *comarca* do Rio das Mortes envia ao Rio de Janeiro.

(6) As *comarcas*, como já se viu nas minhas relações anteriores, são divisões de 1.^o ordem em diversas provincias.

tecido; uma jaqueta de tecido grosseiro de lã completa o vestuário.

Volto ás minucias do meu itinerario. Entre Ubá e o Parahyba, que não dista mais do que tres quartos de legua, tive ainda o prazer de ouvir o *ferrador* (*) ou *araponga* (*casmarynchos nudicollis*) (7). O canto desse passaro não é agradável por si mesmo; mas ha um encanto indescriptivel no contraste da calma profunda das florestas virgens com os sons que, após vibrarem com força surprehendente, enfraquecem prolongando-se e recomeçam por intervallos.

Em breve cheguei ás margens do Parahyba, ao lugar chamado *Porto*, onde se atravessa o rio. Este poderá ter aqui largura um pouco menor que a do Loiret a alguma distancia da ponte de Olivet; desliza entre morros pouco elevados, cobertos de bosques frondosos, em alguns lugares substituidos por plantações de milho. Suas aguas correm com rapidez, e rochas acinzentadas se elevam aqui e alli sobre a superficie das aguas. Não se vê, em ambas as margens, outros lugares descobertos além daquelles onde se embarca para atravessar o rio (1819). Na margem direita ha uma *venda* modesta com um pequeno *ranch*o; na margem esquerda, a casa de peagem, cujo tecto estende-se, em cobertura formando uma varanda (8).

Na occasião em que cheguei, as duas margens do Parahyba estavam cobertas de bois; alguns já se achavam na margem direita, e estava-se tentando fazer passar os

(*) N. do T. — Também chamam-n'o *passaro ferreiro*.

(7) Já houve, creio, quem escrevesse *urufonga*; mas a palavra *araponga* está consagrada pelo dictionario portuguez de Moraes; aliás, sua etymologia é bastante clara, como se pode ver na minha *segunda relação*, vol. II, 64. Failei ainda da *araponga* ou *ferrador* na mesma *relação*, vol. I, 107, e na *primeira*, vol. I, 17. O *ferrador* é hoje em dia sobejamente conhecido para que seja necessario affirmar que não é uma rã, como pensou o sr. Walsh.

(8) Já forneci, na minha *primeira relação*, esclarecimentos minuciosos sobre a palavra *varanda*.

outros. Negros armados de grandes agulhões, e soltando gritos terríveis, forçavam os bois a entrar no rio; mas, apenas se sentiam n'agua, procuravam voltar para a margem, apesar das pancadas que os conductores faziam chover sobre elles, apesar das causas empregadas em barrar-lhes a passagem. Em vez de avançar para a margem opposta, esses animaes volteavam na agua, precipitando-se uns sobre os outros, e não foi sinão ao cabo de infinito trabalho que se conseguiu fazer passar todos. Os bois que vêm de muito longe, e que já encontraram algum rio, atravessam este sem difficuldades; mas custa sempre muito forçar esses animaes a transpor a agua pela primeira vez, e nessa occasião muitos se afogam.

Não ha balsa ahí; servem-se de pirogas conduzidas por dois negros. Durante certo tempo a peagem esteve arrendada; em seguida, porém, passou o fisco a exploral-a directamente, e, por occasião da minha viagem, rendia annualmente de 12 a 20.000 cruzados. A guarnição do *registro* compunha-se exclusivamente de um cabo e tres soldados da *milicia*.

Não era a primeira vez que me achava no Porto da Parahyba; já visitára esse local, quando, em 1816 habitava a *fazenda* de Ubá. Um parente do Sr. João Rodrigues Pereira de Almeida, que, certa vez, desejou entregar-se aos prazeres da caça, convidou-me a acompanhal-o. Começamos por transpor o rio, e apenas penetrámos na floresta os cães levantaram um veado; este lançou-se á agua e atravessou-a. Tornámos a passar para o outro lado do rio numa canoa; lá sentei-me sobre um rochedo e me puz a contemplar os lugares que me rodeavam. No porto a paisagem é animada pela presença do homem; aqui a natureza nada perdia da sua physionomia primitiva. Uma volta que faz o rio escondia-me o resto do seu curso. e a parte que eu podia observar apparecia-me como um lago rodeado de florestas virgens. As aguas banhavam as raizes das gran-

des arvores, emquanto diversas especies de passaros aquaticos plainavam sobre ellas.

Rochedos ennegrecidos, que se elevavam do seu leito, augmentavam a velocidade da corrente, e a rapidez do rio contrastava com a immobildade das arvores, cuja folhagem não era agitada pela mais ligeira briza.

Nessa epoca feliz podia dedicar-me inteiramente á contemplação das bellezas da natureza. Quando tornei a ver o Porto do Parahyba, a situação não era a mesma: os embarços da viagem, e sobretudo os aborrecimentos que me faziam soffrer os que acompanhavam, perturbavam sem cessar meus mais doces prazeres.

Só parti do Porto do Parahyba muito tarde. Como não ha, nesse local, verdadeiros pastos, os muares são obrigados a contentar-se com as poucas hervas que crescem junto á casa do *registro*; por isso tres dos meus, descontentes com esse regime, passaram o rio e voltaram para Ubá; foi necessario ir buscá-los lá e isso tomou um tempo consideravel.

Finalmente puz-me em marcha. Logo depois de deixar o Parahyba dirigi-me, por uma subida ingreme, para o morro que se eleva atrás do *registro*, e, durante muito tempo, continuei a subir. O caminho que segui nesse dia foi um dos mais tremendos que vi durante minhas viagens; ficaria, sem duvida, impraticavel, com uma chuva de alguns dias. Seus dois lados não foram despojados das arvores, como a estrada de Villa Rica; têm pequena largura, e os bosques massiços que atravessa dão-lhe, a qualquer hora do dia, uma sombra espessa, que necessariamente deve entreter uma humidade prejudicial. Quasi por toda a parte os bois formavam, por sua marcha regular, eminencias e depressões que se succediam alternativamente, e estas ultimas continham uma lama espessa em que se afundavam bastante os animaes de carga. E não é tudo: troncos de arvores derrubadas, grossas raizes que rastejavam pela

terra faziam sem cessar tropeçar os burros, ou impediam-lhes a marcha.

Si, porém, não podia dar um passo nas sombrias florestas que percorria, sem encontrar novas difficuldades, por outro lado offereciam-me ellas, a cada passo, objectos de admiração. As arvores que as constituíam tinham tanta seiva, estavam tão guarnecidas de folhas, que em varios lugares não crescia ao redor sinão pequeno numero de arbusticulos, o que, nesse paiz, é bastante raro. Estava, por essa época, bastante acostumado ás florestas virgens, e, entretanto, não podia atravessal-as sem contemplal-as com extase. Quanta riqueza de vegetação! Quanta pompa! Quantas bellezas nos contrastes! Como a folhagem, composta de Mimosaceas, faz resaltar a simplicidade das Palmeiras! Como os ramos de uma Myrtacea, coberta de pequenas folhas parecem delicados e flexiveis perto de um *Cecropia*, que estende alguns galhos rijos em forma de candelabros! Em que delicioso recolhimento se cáe no meio da calma profunda dessas florestas, que não é perturbada sinão pelo canto retumbante do *ferrador* ou o ruido de alguma torrente!

Entre as arvores que crescem nas mattas vizinhas do Parahyba, vi com nova admiração o que chamam *Cipó matador* (9). Attinge apenas a grossura de uma coxa e é quasi uniforme em toda a sua extensão; eleva-se, todavia, a 50 ou 60 pés, mas não se o vê nunca isolado; adhire a alguma arvore mais grossa do que elle, e abraça-a estreitamente com o auxilio de raizes aereas que partem do seu caule e que, simples na origem, se dividem, subdividem e terminam por uma cabelleira fortemente collada ás arvores vizinhas. Este cipó estranho é coroado por um pequeno numero de ramos afastados; mas esses se ramificam em uma multidão de ramusculos delicados e condensados, que

(9) Vide minha *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro*, etc., I, 14.

sustêm folhas inteiras oblongo-lanceoladas e assús pequenas, tanto quanto pude julgar á distancia em que tive possibilidade de observal-as (10).

Após ter caminhado 2 leguas nas sombrias mattas do Parahyba, parei no lugar chamado *Forquilha*. Lá se encontra uma casinha diante da qual está o *ranch*o dos viajantes, coberto de folhas de Palmeira e sustentado por troncos d'árvores. Essas humildes construcções, rodeados por palissadas, são construidos sobre uma pequena plataforma sob a qual corre um regato, e que, por todos os lados é dominado por montes cobertos de espessas florestas. Todavia, através do arvored, observei varias grandes plantações de milho que dependiam da habitação. As terras me pareceram boas, e o proprietario, ou quem o representava, disse-me que effectivamente a mandioca, o arroz, os feijões, a canna de assucar davam bem, mas que o milho não rendia ahí mais do que 80 por 1.

No Porto do Parahyba, a seis horas da manhã, o thermometro de Réaumur estivera a 20 graus, e no dia seguinte á mesma hora, em Forquilha (7 de Fevereiro), não subiu a mais de 17 $\frac{1}{2}$ graus. Esta differença de temperatura provinha, sem duvida, da de altitude, pois, desde o Parahyba, subi sempre. Deixando Forquilha sobe-se ainda, por espaço de 1 legua, até uma *fazenda* denominada *José Francisco*, do nome de seu proprietario.

Entre Forquilha e *Joaquim Marcos*, habitação de que em breve fallarei, os hordos do caminho, na maior parte

(10) Um turista que percorria, em 1842, a America Portuguesa, disse (Suz., *Souv.*, 278) que "atravessar as mattas virgens era para os brasileiros um motivo de terror". Não tenho conhecimento de nenhum outro escriptor que fallasse desse modo, e, no curso de minhas longas viagens, ninguém me deu disso o menor signal. Si os colonos o sentem, andarão mal avisados, e devem soffrer bastante, pois muitos delles foram fixar suas nuodas no meio das mattas virgens.

de sua extensão, tinham sido despojados das grandes arvores; em outros lugares, onde outróra se cultivou a terra; não havia sinão capoeirões. Era, para a conservação do caminho, uma grande vantagem, sem duvida; mas a falta de sombra tornava o calor tão forte, que tendo, uma hora após a queda do dia, tirado o meu thermómetro da mala, acheio marcando 28 graus, tanto fôra aquecido pelos raios solares.

A *fazenda* de José Francisco, da qual já disse algumas palavras, possui um engenho de assucar; mas não se utiliza ahí o caldo sinão para o fabrico de aguardente, o que têm lugar entre todos os proprietarios de poucos recursos, porque essa fabricação exige menos braços e trabalho do que a do assucar.

Tendo passado a *fazenda* de José Francisco, fui poucar na de *Joaquim Marcos*, situada a 4 leguas de Forquilha; perguntei ahí si havia milho á venda: negaram-me a principio; mas apenas mostrei-me recommendado de João Rodrigues, puzeram á minha disposição tudo o que eu desejava. Não é surprehendente, aliás, que tenham começado por uma recusa; os proprietarios temiam de se desfazer do milho porque a falta d'agua prejudicára muito a colheita; eu proprio vi, do lado de Cavenea, entre Encruzilhada e Ubá, grandes plantações de milho completamente dessecadas.

Nas terras da zona em que está situado Joaquim Marcos, o milho rende 150 por 1. Produzem tambem mandioca, feijão, canna de assucar e café; mas o meu hospedeiro disse-me que a geada prejudicava frequentemente estes ultimos, o que basta para provar o quanto essa região é mais alta que o Rio de Janeiro.

Quanto á minha colheita de plantas, estava longe de poder rejubilar-me. Jamais encontrára tão poucas especies em floração como durante essa viagem; mas estavamos em Fevereiro, e disseram-me em Forquilha, que o mez

de Agosto é aquelle em que se vê florescer o maior numero de arvores (11).

Átravessei a seguir as matas onde o bom José Rodrigues da Cruz, tio de João Rodrigues Pereira de Almeida empregára ainda há pouco o seu zelo para a felicidade dos Coroados (12); e provavelmente mesmo o caminho do Rio Preto não seja mais do que um alargamento da picada que mandou abrir esse homem generoso, para levar auxílios aos seus caros indios (13). Ha apenas cincoenta annos, que elles possuíam essa região, onde nenhum branco teria, certamente, a ousadia de se mostrar; e na época da minha viagem, era no meio dos filhos de portuguezes, feitos senhores do paiz, que erravam os escassos restos da sua nação. Já entre Forquilha e Joaquim Marcos tinha encontrado, ao pé de uma arvore, duas indias, muito mal vestidas, junto ás quaes estava um grande fardo de casca verde donde tencionavam extrahir estopa. Antes de deixar a fazenda de Joaquim Marcos ví passarem um homem e uma mulher da mesma raça. Ella estava vestida com uma saia e camisa de tecido grosseiro de algodão, como usam,

(11) Como já tive occasião de mostrar noutro lugar, não se encontram, cia geral, nas matas virgens, tantas flores como se imagina na Europa. "Nas florestas primitivas das regiões equinociaes, disse eu, ha arvores que florescem muito raramente, porque a vegetação, sem cessar estimulada pela humidade e o calor, experimenta, sob esses felizes climas, raros repousos, e vae sempre continuando com igual vigor; enquanto que a floração não é, realmente, sinão a ultima producção de uma vida que se exgota e vae acabar. (*Morphologia vegetal*, 35).

(12) É bom acrescentar ao nome desses Coroados o de um rio que corre na sua região, o *Rio Bonito*, e chamal-os, como o fiz na minha *primeira relação*, os *Coroados do Rio Bonito*. Por este meio, impedir-se-á confundil-os com os Coroados de Matto Grosso, com os de S. Paulo e, ainda, com os Coroados do Rio Chipotó, de que se occupou o bom Marlière, e sobre os quaes os sábios Spix e Martius publicaram interessantes pormenores.

(13) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 42.

em geral, nesse paiz, as mulheres pobres do campo; o indio não trazia mais do que uma camisa e tinha na mão o seu arco e um feixe de flechas. Este ultimo fallava soffrivelmente o portuguez, e por elle soube que viêra ainda criança do Rio da Pomba, que sua nação tinha o nome de *Esmurim* (14), e que vivia, desde muitos annos, nas florestas dos arredores, no meio dos Coroados.

O nome de *Aldeia*, então dado (1819) a um logarejo que encontrei a meia legua da fazenda de Joaquim Marcos, parecia indicar que ahi se encontrariam numerosos indios (15), pois que é o nome que os actuaes possuidores do Brasil applicam (16) ás povoações dos indigenas; mas, já na occasião em que fiz a viagem, só descendentes de portuguezes habitavam a aldeia.

Antes de 1800 tal logarejo não existia. Os Coroados, a esse tempo senhores da região comprehendida entre o Parahyba e o Rio Preto, faziam incursões frequentes no territorio das parochias vizinhas; mas, por ordem de *Luiz de Vasconcellos e Souza*, vice-rei do Rio de Janeiro, foram, enfim, repellidos, em 1789, pelo capitão Ignácio de Souza Werneck. O vice-rei teve a lembrança de se aproveitar desta oportunidade para civilizar esses indios, e encarregou da commissão Werneck e José Rodrigues da Cruz, que era delles conhecido por innumerous beneficios já feitos, e ao qual acima me referi. Tudo concorreu para

(14) Segundo Spix, Martius e Eschwege, as margens do Rio da Pomba, um dos afluentes do Parahyba, são habitadas pela pequena nação dos *Coropós*. Pode-se com probabilidade suspeitar de que os *Esmurim* eram uma subdivisão dessa tribo; pois que Eschwege diz que grande numero de Coropós deixaram o seu paiz para passar á provincia do Rio de Janeiro.

(15) Vêr-se-á, daqui a pouco, que a villa de Valença não é mais do que Aldeia.

(16) Em Portugal designa-se qualquer povoação pelo nome de *aldeia* (vide minha *primeira relação*, vol. I, 43).

se obter o resultado desejado, que era, diz com sinceridade Pizarro, “de fazer entrar tantos infieis para o seio da Igreja e de submeter ao Estado um povo numeroso, *apoderando-se das terras que occupava sem a menor vantagem para a agricultura*”. Um padre foi encarregado de instruir os pobres Coroados (17), e se fundou para elles uma aldeia bastante grande á qual se deu o nome de *Aldeia de Nossa Senhora da Gloria de Valença*, em honra do então vice-rei Fernando José de Portugal, que era da familia dos Valença. Mas em pouco alguns colonos portuguezes vieram misturar-se aos indios, e hoje, como já o disse, a aldeia só é habitada por estes ultimos (18). Em 1813, José Caetano da Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, visitou a aldeia de Valença; resolveu fazel-a cabeça de uma parochia á qual deu por limites o Parahyba, o Rio Preto, a parochia de S. Anna do Pirahy, e a de *Conceição*

(17) O nome de Coroados é o unico que se encontra nas *Memorias historicas* de Pizarro (vol. V, 288), e é tambem o unico usado no paiz pelos Luso-Brasileiros. Não nos devemos esquecer, porém, de que tal nome é uma verdadeira alcunha sahida da lingua portugueza e, por consequente, as tribus ás quaes foi applicado, tinham naturalmente outras designações. Soube, pelos indios que viviam a algumas leguas da aldeia, que a sua nação se compunha de duas tribus reunidas: os *Tampruns* e os *Sararicões* (vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, 41); mas Casal, e Walsh depois d'elle, escreveram que a população de Valença se compunha de quatro hordas: os *Puris*, os *Ararys*, os *Pittas* e os *Chumettos*. — O modo por que escrevo a palavra *Sararicões* servirá a rectificar dois erros de impressão bastante graves que se introduziram na *primeira relação*, na pagina acima indicada.

(18) E' claro que induziram em erro os srs. Spix e Martius quando lhes affirmaram que o estabelecimento de uma colonia suissa nos arredores do Rio de Janeiro fizera desertar os indios da Aldeia de Valença: essa colonia, com effeito, não existia ainda em começos de 1819, época da minha viagem, e já, como aqui o digo, não havia mais, em Valença, do que descendentes de portuguezes.

da *Parahyba Velha*; e, no mez de Agosto de 1817 o rei confirmou definitivamente as deliberações tomadas pelo bispo (19).

Por occasião da minha viagem, em 1819, a Aldeia, que está situada em uma pequena planície rodeada de montanhas com mattas, compunha-se unicamente de uma vintena de casas, das quaes a maioria não estava ainda completamente construida, e as mais velhas não datavam de mais de doze annos (20). Estas casas, afastadas umas das outras, tinham aspecto assáz miseravel, e mais da metade era de mesquinhas vendas, onde apenas se encontravam algumas garrafas de aguardente de canna. A esse tempo a Aldeia não tinha ainda propriamente igreja, e o vigario era obrigado a celebrar a missa em uma humilde capella. Tres annos mais tarde, em 1822, passei pelo mesmo lugar. Nesse meio tempo as terras dos arredores se povoaram um pouco mais; contavam-se na villa sessenta casas e se estavam occupando em erguer uma pequena igreja de pedra (21). Taes progressos não eram ainda consideraveis; a Aldeia, todavia, tornara-se, sob o nome pom-

(19) As particularidades historicas que dou sobre Valença são, por assim dizer, tomadas todas a Pizarro (vide *Memorias historicas*, V, 289).

(20) Pizarro disse que em 1814 havia na aldeia 119 fogos e 688 adultos, sem contar os indios, e acrescenta que, na época em que escreveu seu livro, que tem a data de 1820, o numero dos habitantes se elevava a 1000. E' provavel que, por uma dessas confusões, infelizmente tão communs nas *Memorias historicas*, obra, com tudo, tão notavel e util, o autor tenha applicado só á Aldeia de Valença o que lhe disseram de toda a parochia.

(21) O sr. Walsh, que passou por Valença pelos começos de 1829, diz que nessa época a igreja estava acabada, mas que a cidade não se compunha ainda de mais de sessenta casas, e, por consequente, si fez alguns progressos de 1819 a 1822, ficou em seguida estacionaria, o que se deve attribuir, sem duvida, ás desvantagens da sua situação (vide adiante, pag. 43).

poso de *Villa de Valença*, cabeça de um *termo* (22), que se estende, como o território parochial, desde o Parahyba até o Rio Preto.

Não ficarão aborrecidos, penso, de ouvir o que escreveu, sobre as metamorphoses das povoações em villas, um homem que viveu por muito tempo no meio dos brasileiros, e que foi empregado do seu governo. “Foi moda, nesses ultimos tempos, diz o Sr. de Eschwege, erigir em villas os logarejos mais insignificantes. “Mas raramente “ tem sido o interesse publico o movel dessas mudanças; “ se aproveitam a pequeno numero de individuos, a grande maioria tem sempre que soffrer com isso... Quando “ uma povoação se torna villa, passa a ter justiça propria, e a cada nova organização judiciaria prende-se “ uma grande quantidade de pessoas que vivem á custa “ dos cidadãos. A paz desses ultimos é em breve perturbada pela chegada de um exercito de funcionarios “ subalternos, que não poderiam subsistir si não encontrassem meios nas demandas que têm a habilidade de “ fazer nascer... Os homens mais tranquillos e felizes “ que ha no Brazil são os que fixaram o mais longe possível das sôdes de justiça. Si ha alguma disputa entre “ elles? Ou resolve-se amigavelmente... ou faz-se justiça “ com as proprias mãos; assassina-se. E’ barbaria, não ha duvida; mas... não se remediará o mal pela maneira por que se distribue a justiça; pois que da parcialidade que constitue o caracter dos juizes resulta, “ quasi sempre, que é o mais fraco, o mais pobre que “ tem a culpa; os processos arruinam as familias, e um “ projecto de vingança, uma vez assentado, não é certamente, o medo da justiça que lhe embarga a execução... “ Um ancião de oitenta annos, que amava Deus e seus

(22) Um *termo* é a orbita de um juizado de primeira instancia; a cabeça do *termo* tem o nome de *villa*. (Vide minha *primeira relação*, I, 364).

“ semelhantes, dizia-me que frequentes vezes mudara de
“ domicilio, e que escolhia sempre os lugares onde ainda
“ não penetrara nenhuma autoridade judiciaria, civil ou
“ ecclesiastica, não por que tivesse commettido algum
“ crime, mas por que tinha medo de que o declarassem
“ culpado.” (*Brasilien die Neue Welt.*, II, 49). Não
digo que tudo, nessa exposição, não seja verdadeiro; mas
é visível que, quando a população de um paiz augmenta
consideravelmente, não se pode abandonal-a completamen-
te a si propria, por assim dizer, sem leis e sem governo,
e que deixal-a cahir desse modo em estado selvagem, seria
peor ainda do que fazel-a correr o risco de ser dirigida
por magistrados corruptos, os quaes, apezar de tudo, não
podem, a cada momento, afastar-se dessas regras e da
disciplina conservadora da civilização.

No que concerne a Valença em particular, não posso
dizer si a metamorphose do logarejo em villa poderia ser
justificada pela distancia da cabeça de termo da qual
antigamente dependia, pela difficuldade de communica-
ções, ou outra qualquer circumstancia; mas, o que é certo,
é que não se poderia dar para motivo dessa mudança
nem a importancia da população que se fixou á margem
da estrada, nem a da propria povoação, á qual seria ver-
dadeiramente ridiculo dar o nome de villa. Aliás, si se
julgava necessario haver uma nessa zona, parçe-me que
Valença não deveria ser a escolhida, pois o local é afas-
tado dos rios e um dos mais tristes que vi na provincia
do Rio de Janeiro. Nas margens do Parahyba, em algum
lugar onde o declive não fosse muito ingreme, é que se
deveria fundar a nova villa; uma igreja e a isenção de
parte dos direitos attrahiriam logo habitantes.

Depois de ter feito conhecida a historia de Valença e
o estado actual dessa mesquinha villa, deveria falar a res-
peito dos seus antigos habitantes, os Coroados, si já não
houvesse, noutro lugar, dado extensos pormenores a res-

peito desses indios. Faço saber, todavia, que Firmiano, que gostava de chamar de tios aos chinezes que se viam então no Rio de Janeiro, não quiz reconhecer por seus parentes os Coroados do Rio Bonito. Ha, certamente, bastante differença entre esses ultimos e os Botucudos para que se lhes attribua origem commum, a menos que não a façamos remontar a uma época sobre a qual não poderíamos formular mais do que vãs conjecturas; si, pois, os Botucudos provêm, como se disse, dos antigos Tapuyas (23), não é verosimil que os Coroados do Rio Bonito tambem descendam delles. Mas, si nada podemos affirmar com segurança acerca das suas origens, sabemos pelo menos o que foram nas ultimas gerações. Parece certo que tiveram por progenitores a esses Goitacazes que, expulsoes pelos portuguezes, por volta de 1630, dos campos vizinhos á foz do Parahyba (Campos dos Goitacazes), se dispersaram pelas florestas de Minas e do Rio de Janeiro. Os Goitacazes não podiam conservar, em florestas quasi impenetraveis, os habitos contrahidos no meio de campos inteiramente descobertos; renunciaram á longa cabelleira, e o modo por que a cortaram lhes fez dar, por seus vencedores, o nome de Coroados (24). Actualmente não será, talvez, inutil á historia dos indigenas, verificar si todas as hordas que, nos nossos dias, têm o mesmo nome, descendem igualmente dos antigos Goitacazes. A comparação do vocabulario, que publiquei noutro lugar, da lingua dos Coroados do Rio Bonito com o do idioma dos Coroados

(23) Os indios civilizados do litoral e os portuguezes que vivem no seu meio usam hoje em dia do nome de *Tapuyas*, e fizeram dessa palavra uma alcunha injuriosa, que applicam aos indigenas ainda selvagens. O meu Botucudo era para elles um *Tapuya*.

(24) Vide minha *Viagem ao Districto Diamantifero e sobre o litoral do Brasil*, II, 3 e seguintes.

do Rio Chipotó, communicado a Eschwege por seu director, nosso digno compatriota Guido Thomas Marlière (25), prova que si existe entre esses idiomas differenças sensíveis, têm ainda, não obstante, bastantes pontos de contacto para que se possa admittir, sem hesitar, uma origem commum. As differenças se explicam, aliás, pela facilidade com que se alteram as linguas de que não ha litteratura escripta; os Aymorés, separados dos Tapuyas, perderam a antiga lingua e criaram outra (26); nossos dialectos apresentam, na mesma provincia, modificações mais ou menos notaveis; vemos, enfim, crianças que têm o habito de brincar juntas, forjar frequentemente palavras que não são entendidas sinão por ellas. Não nos devemos, assim, surprehender de que tantas linguas diversas estejam espalhadas pela superficie do Brasil, onde uma multidão de hordas viviam mais ou menos isoladas umas das outras, e não nos espantaremos, tampouco, que as tribus de Goitacazes, separadas desde dois seculos, não fallem mais exactamente a mesma lingua. E' claro que a alteração só se faz sentir gradativamente, e uma vez que existe ainda nos dialectos dos Coroados do Rio Chipotó e nos dos indios do Rio Bonito signaes bem evidentes de origem commum, dever-se-ia encontrar-os tambem no idioma dos Coroados da provincia de São Paulo, si descendessem tambem dos Goitacazes, cuja dispersão se fez a um só tempo: ora, não succede assim. A comparação do vocabulario de Marlière e do meu, com o que fiz do idioma dos Coroados dos *Campos de Guarapuava*, na provincia de S. Paulo, não me offereceu um só termo commum, e as duas palavras

(25) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 46.
— ESCHWEGE, *Brasilien, etc.*, I, 322.

(26) Vide a citação que faz o sr. Ferdinand Denis de um antigo manuscrito, na sua excellente obra intitulada *Brasil*, p. 210.

menos differentes são *nhim* e *inhiné*, que significam nariz, e pertencem, a primeira aos indios do Rio Bonito, a ultima aos de São Paulo. Aliás, os traços desses ultimos são bastante agradaveis, si posso julgar por duas mulheres que vi, em 1820, em Curitiba, e, ao contrario, como disse na minha primeira relação, não ha, talvez, indigenas mais feios do que os habitantes do Rio Bonito. As duas hordas não têm de commum mais do que o nome, que não é o seu proprio, mas que lhes foi applicado pelos portuguezes, e, quiçá, nem mesmo indica uma maneira identica de cortar os cabellos, pois os Coroados de São Paulo fazem uma espécie de tonsura no alto da cabeça, e parece que os do Rio Bonito reduziam outr'ora a sua cabelleira a uma calotte arredondada como os Botocudos (27). Si os primeiros não descendem dos antigos Goitacazes, com mais forte razão não podem ser seus descendentes os Coroados ou *Cavaris* de Matto-Grosso, que vivem numa região muito mais afastada que São Paulo e Curitiba dos campos outr'ora habitados por esses mesmos Goitacazes (28), e são, talvez, uma simples tribo dos Bororós (29).

(27) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, II, 140.

(28) Um sabio, que explorou durante oito annos a America hespanhola, mas que não percorreu o Brasil, diz (ALF. D'ONS., *l'oyage*, I, 28), que o nome de Goitacazes deriva dos nomes guaranis *guata* e *coa* (*viagantes das mattas*). Sem rejeitar inteiramente esse etymo, observei que, chamar *viagantes das mattas* a homens que habitavam uma das regiões mais descobertas do Brasil seria uma singular antiphrase. Notei ainda que os Goitacazes, que não fallavam, em absoluto, a lingua geral, usavam originariamente o nome de *Uetacás* ou *Goaytacazes*, e que, por consequente, o de *Goaytacazes* deve ser um nome alterado pelos portuguezes (LERY, *Hist.*, 3.^a edição, 45. — SOUTH., *Hist.*, II, 665. — FERDINAND DENTS, *Brésil*, 368).

(29) CAZ., *Corog.*, I, 302. — PIZ., *Mem.*, IX, 105.

Torno á narrativa da minha viagem, da qual essa digressão, talvez, me tenha afastado demasiado.

Entre Valença e *As Cobras*, era unicamente por intervallos que os grandes bosques se apresentavam aos lados da estrada. Por quasi toda a extensão tinham sido cortados e substituidos por capoeirões; por isso, o calor se fazia sentir de modo cruel. Pode-se julgar do que se deve sentir no sol, ás duas horas da tarde, pela indicação de 26º graus e meio que dava, ás quatro horas da tarde, o thermometro de Réaumur exposto á sombra.

Nesse dia não vi nenhuma fazenda, mas unicamente algumas cabanas. Era facil de ver que se começava apenas a cultivar essa zona, e que só a estrada attrahira os habitantes.

Fiz parada no rancho d'*As Cobras* (30), situado a 2 leguas e meia de Valença. A's nove horas da noite estava no rancho; a luz lançava claridade bastante para que se pudesse ler sem necessidade de outra luz, e o frescor pareceu-me tanto mais delicioso quanto, durante todo o dia, supportara um calor excessivo; nenhuma brisa se fazia sentir, e do rancho, cujo tecto era sustentado por simples vigas, podia contemplar á vontade a paisagem que se offerencia a minha vista. Estavamos num valle desenhado por collinas e separado do lago unicamente pela estrada; uma casinha rodeada de bananeiras vê-se quasi junto á agua; ao fundo do lago eleva-se uma segunda collina, cujo flanco estava, nessa época, coberto de um milharal e cujo topo é coroado por um feixe de arvoredos e algumas choupanas esparsas; emfim, nas duas extremidades, o valle fechado por espessas florestas. Enquanto contemplava a paisagem, o coaxar de uma mul-

(30) Designa-se tambem esse lugar pelo nome de *Aldeia das Cobras*, que poderia fazer crer que outr'ora houve no local uma aldeia de indigenas.

tidão de rãs, misturado ao canto aspero e variado de diversas especies de cigarras, formava um ruido confuso que não era sem encanto.

Para ir de As Cobras ao Rio Preto, atravessa-se sempre uma região montanhosa e coberta de mattas virgens, e quando, de um cumo elevado se pode descortinar grande extensão de terras, não se vê mais do que florestas e montes (31).

Após a primeira legua, encontra-se num grotão o rio chamado *Rio Bonito*, que por occasião da minha viagem não tinha mais do que 2 pés de profundidade, mas cuja passagem é perigosissima após grandes chuvas. Perto desse rio, que provavelmente é um affluente do Rio Preto, acham-se algumas miseraveis choupanas (32).

Além do Rio Bonito parei um momento numa venda e não encontrei ali, siquer, uma colher de assucar mascavo (33). Não era essa a unica venda assim miseravel, nessa estrada.

(31) Era-o ainda assim em 1822.

(32) Fallando do Rio Bonito o sr. Walsh exprime-se assim: " Os ratos desta região são da especie mais selvagem; vivendo nas mattas, adquirem a ferocidade dos outros animaes da floresta e são geralmente considerados como terriveis. Vinte negros pertencentes a um senhor da redondeza foram quasi que devorados por elles: os pobres coitados deitaram-se tão fatigados, e dormiam tão profundamente que uma legião de ratos seguia quasi devorar-lhes os artelhos antes que tivessem podido soltar um grito; taes accidentes são muito communs..... Uma pobre vacca foi a primeira coisa que se apresentou aos nossos olhos quando nos levantamos..... Todas as suas pernas tinham sido dilaceradas pelos ratos, e os morcegos tinham feito no seu pescoço furos profundos por onde o sangue escorria ainda; estava lá como um exemplo da ferocidade dos horri- veis animaes que tiveramos por companheiros durante a noite" (*Notices of Brazil*, II, 54). Devo dizer que, nem no Rio Bonito, nem em outra parte, vi nenhum desses ratos formidaveis, e nem mesmo ouvi jamais fallar delles.

(33) No Brasil não se fabrica assucar em pães. (1822).

Um pouco antes de chegar ao Rio Preto descobre-se, do alto de um morro, uma vista assás bella. As montanhas se afastam bruscamente e deixam entre ellas uma garganta larga e profunda onde se encontram algumas choupanas; o talude do morro é coberto de arvoredo no meio do qual se vêem plantações de milho; tem-se sob os olhos um arrabalde do Arraial do *Rio Preto*, que forma o limite da provincia de Minas Geraes.

CAPITULO III

ENTRADA DA PROVINCIA DE MINAS GERAES PELO RIO PRETO — A VILLA DESTE NOME — A SERRA NEGRA

O *Rio Preto*. — Aduana situada na entrada da provincia de Minas Geraes. — Visita a doentes. — A villa de *Rio Preto*; sua historia; pormenores sobre o seu estado actual. — Continuação do mesmo caminho. — O rancho de *S. Gabriel* — Herborização na *Serra Negra*. — Caminho deserto. — *Thomé de Oliveira*, choupana. — A *Serra da Mantiqueira*. — *Alto da Serra*, choupana.

Era para a povoação de *Rio Preto* que me dirigia. Logo antes de se chegar lá, encontra-se o rio que lhe deu o nome, e é um affluente do Parahyba (1). A ponte que o atravessa é de madeira e tem 150 passos de comprimento. Até então viajara na provincia do Rio de Janeiro: na margem esquerda do Rio Preto, achava-me na de Minas Geraes. Não pude sem commoção contemplar novamente essa terra hospitaleira, onde já passara quinze mezes, e onde recebera tantas provas de attenção e bondade.

A alguns passos da extremidade da ponte ha um alpendre aberto de todos os lados e sustentado por columnas de madeira: é ahi o *registro* (aduanas), onde se faz

(1) CAZ., *Corog. Bras.*, I, 367.

descarregar os muares que vêm da provincia de Minas e os que para lá se dirigem. Examinam-se os volumes que saem desta provincia, para verificar si não contêm nem ouro nem diamantes; fazem-se pagar os direitos sobre os que vêm do Rio de Janeiro e examinam-nos tambem, afim de verificar si não se fazem entrar em Minas falsos bilhetes de *permuta* (2), e si não se rouba o correio do que lhe é devido, levando cartas. Os direitos pagam-se aqui, como em Mathias Barboza e Malhada (3), sobre o peso das mercadorias, sem levar absolutamente em consideração o seu valor intrinseco ou o grau de necessidade (4).

Os prepostos do *registro* são dois funcionarios civis, um administrador que recebe os dinheiros, um escrevente que faz os lançamentos e, a mais, seis soldados do regimento de cavallaria de Minas, commandados por um fur-

(2) Os bilhetes de *permuta* eram os que se davam nas casas de cambio (*casas de permuta*), em troca de pequenas quantidades de ouro em pó. (Vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 341).

(3) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 90. e II, 387.

(4) Sabe-se que todos os economistas condemnaram as alfândegas internas, e que o sr. Horace Say aconselhava instantemente a sua abolição ás autoridades brasileiras, no seu excellento livro intitulado: *Historia das relações commerciaes entre a França e o Brasil*, Paris, 1840. A administração comprehendeu enfim os verdadeiros interesses do paiz; o *registro* de Mathias Barbosa, sobre a grande estrada de Minas ao Rio não existe mais (Suz., *Souv.*, 268), e não é de presumir que tenham conservado os outros. A suppressão das aduanas internas tem tanto maior importancia para o Brasil, quanto constituíam uma barreira entre as diversas provincias, e o governo não deve poupar esforços para unil-as umas ás outras, afim de animar os habitantes do mesmo espirito, apagar até os menores vestígios das rivalidades mesquinhas e dissolventes, que eram em grande parte resultado do antigo systema colonial, e remover os entraves postas ás communicações mais indispensaveis.

riel e por um cabo (5). Como em Mathias Barboza, é directamente por conta do fisco que os direitos se percebem. Os dois funcionarios civis, apenas, são permanentes; de tempos em tempos substituem-se os soldados e seu chefe.

Não tive que passar pelo incommodo da inspecção; fui isentado pelos passaportes que tinha do Ministro de Estado.

Alojei-me, para passar a noite, sob o telheiro que servia, como disse, de *registro*, e puz-me a analysar plantas, apesar do barulho horroroso que se fazia em volta de mim. Meu trabalho fez suppôr que eu era um medico, e, apesar dos meus protestos de ignorancia, o sub-official que commandava o posto quiz absolutamente que eu examinasse dois dos seus soldados que estavam doentes... Para não parecer falta de compaixão, deixei-me conduzir á presença desses dois homens; fiz receitas seguramente bem innocentes, e desejo que o ccu tenha abençoado minha bôa vontade.

Terminadas as minhas visitas, o commandante levou-me a uma collina donde se descobre a povoação de Rio Preto. O rio, ao qual deve seu nome, desliza por um amplo valle limitado por uma alta montanha; corre com rapidez, e, quando não extravasa do leito, pode medir uns sessenta passos. A ponte de madeira que o atravessa é de effeito muito pittoresco. Na extremidade que termina na povoação ha uma cruz, e, segundo o costume, um tronco com um quadro que representa as almas do Purgatorio. Construíram a povoação sobre a margem esquerda do Rio Preto, numa especie de pequena planicie que se acha entre o rio e as montanhas. Compõe-se quasi que exclusivamente de uma rua assás larga, parallela ao rio,

(5) No Brasil, como em Portugal, os nomes de *furriel*, *sargento*, *cabo d'esquadra* ou simplesmente *cabo*, se usam tanto na cavallaria como na infantaria.

e constituída por cerca de cincoenta casas. Estas são baixas, estreitas, afastadas umas das outras, e têm todas um pequeno jardim onde bananeiras e laranjeiras se accumulam sem ordem. Entre as casas de Rio Preto contam-se varias *ventas* e algumas lojas. O logarejo possui uma igreja, que é uma succursal; em 1819 fazia parte da parochia de Barbacena, cidade da qual está afastada mais de 20 leguas, e, nesse tempo, nenhum sacerdote officiava na igreja; mas quando, em 1822, passei pelo mesmo lugar havia lá um capellão (6); não era mais succursal da igreja de Barbacena, tinham-na reunido a outra parochia, da qual a villa mais proxima de *Ibitipoca* é a cabeça. No que respeita ao secular, o Rio Preto depende (1822) do *terno* (7) de Barbacena e da *comarca* de S. João d'El Rei ou Rio das Mortes, como tambem toda a região que percorri até o Rio Grande.

Os primordios do logarejo de Rio Preto não datam sinão de poucos annos e sua historia é a da maior parte das villas de Minas Geraes. Seus primeiros povoadores foram attrahidos pelo ouro que se extrahia antigamente, em abundancia, do leito do rio, e vêem-se ainda hoje, sobre as margens, alguns montes de casealho, residuos das lavagens; mas o ouro se exgotou, os braços faltaram, e os habitantes de Rio Preto terminaram por renunciar definitivamente ao trabalho das lavagens. Actualmente não vivem sinão do producto das suas terras, e a passagem das caravanas lhes assegura um consumo facil, tanto mais que é grande a distancia que separa essa povoação das anteriores, vindo-se do Rio de Janeiro. Todavia, as terras dos arredores

(6) Sobre a hierarchia ecclesiastica na provincia de Minas, pode-se consultar minha *Viagem pelo provincia de Rio de Janeiro*, etc., I, 167.

(7) Os *termos* são divisões das *comarcas*, como estas o são das provincias.

de Rio Preto são arenosas e pouco férteis, e si a canna ahí produz saboroso assucar, não é sinão em pequena quantidade.

Entre Rio Preto e *S. Gabriel* (8) a zona, muito montanhosa e cheia de mattas, é muito menos cultivada do que aquella em que vinha viajando ha alguns dias. Encontram-se, apenas, algumas miseraveis choupanas (1822); quasi por toda a parte as grandes arvores da floresta se accumulam até ás margens da estrada e fazem sombra; o caminho é mau, o terreno arenoso, as descidas muito íngremes. Como subira muito desde o Parahyba, não sentia mais um calor tão forte, e encontrara, nas mattas virgens, algumas plantas que ainda não vira desde o começo desta ultima viagem. Bastante antes de se chegar a *S. Gabriel* a paisagem torna-se mais austera; descobre-se então a *Serra Negra*, uma das montanhas mais elevadas entre os contrafortes que se estendem, como já disse, entre a *Serra do Mar* e a do *Espinhaço*.

O rancho de *S. Gabriel*, onde fiz alto, está situado numa depressão, quasi ao sopé da *Serra Negra*, e junto a um regato que tem o mesmo nome que elle. Por todos os lados é rodeado por bosques sombrios e altos montes, dentre os quaes o mais elevado é a *Serra*; admiravel solidão, que apresenta um caracter de austera majestade, sem, entretanto, ser impregnada de tristeza.

O rancho depende do uma casinha ao lado da qual ha uma venda muito desprovida. Do mesmo modo que a casinha, está coberta com longos pedaços de palmeira. Corta-se pela metade o caule dessas arvores, retira-se-lhes a parte

(8) Itinerario approximado da povoação do Rio Preto (Arraial do Rio Preto) até a saída das florestas:

Do Arraial do Rio Preto a <i>S. Gabriel</i> , rancho..	2 1/2	leguas
De <i>S. Gabriel</i> a Thomé de Oliveira, choupana ..	2 1/2	"
De Thomé de Oliveira ao Alto da <i>Serra</i> , rancho .	3	"
	8	leguas

interior, e faz-se assim uma especie de calhas, que se arrumam sobre os tectos como telhas ocas, quer dizer, de modo que uma das goteiras apresente o lado convexo e a vizinha o concavo. Observei, em 1822, que havia em Valença muitas casas cobertas desta maneira.

Não queria passar tão perto da Serra Negra (9) sem ir lá herborizar, e comecei a excursão no dia seguinte áquelle em que chegara a S. Gabriel. Logo depois de atravessar o rio desse nome, cheguei a um terreno composto de um quartzito branco, grosseiramente triturado, misturado a pequena porção de terra vegetal. Este terreno é semelhante ao que se observa nas partes mais elevadas da montanha; são igualmente arbustos que o cobrem, e dentre elles, vi já alguns que deveria tornar a encontrar muito mais acima, como uma Ericacea e a Melastomacea n.º 53 (10). Caminhara apenas alguns instantes e já o solo se mostrava muito menos arido e as grandes mattas se exhibiam novamente. Isto tende a provar que a natureza do terreno contribue no Brasil, pelo menos tanto quanto as altitudes, a produzir differenças na vegetação (11); assim é que, do lado de Villa da Victoria, em terrenos que estão quasi ao nivel do mar e têm uma mistura de areia branca e terra prcta, encontrei alguma coisa da flora das montanhas elevadas da provincia das Minas, montanhas onde observara terreno ana-

(9) Não se deve confundir esta montanha com outras do mesmo nome que se encontram ainda no Brasil; não está no numero das *Serra Negra* mencionadas na *Corographia Brasilica*, de Casal.

(10) Esses numeros se referem ás notas descriptivas que se encontrarão no fim de cada volume.

(11) Não se daria isto, sem duvida, si os montes do Brasil tivessem maior altura.

logo (12). Devo dizer, aliás, que as grandes florestas, das quaes acabei de fallar, crescendo em um sólo muito arenoso, embora melhor, estão longe de possuir o vigor das mattas que vegetam em boas terras.

Continuando a subir, encontra-se um terreno onde o saibro, muito abundante e composto de grãos muito grandes, está misturado com um pouco de terra acinzentada, e, no meio de todas as differenças de solo que se notam no resto da montanha, é sempre a areia que domina. Quando a terra se torna muito saibrosa, a vegetação modifica-se novamente, e, exceptuando-se pequenos intervallos, não se vê mais do que arbusticulos comprinidos uns contra os outros, de caule recto, com a altura approximada do 5 a 8 pés. Entre estes arbustos ha uns que são mais communs do que outros; por exemplo, a *Ericacea* e a *Melastomacea*, que já indiquei como crescendo no sopé da montanha, uma *Cassia* (n.º 6), uma *Composita* (n.º 60); mas, em geral, não se encontram na Serra Negra plantas que lhe caracterizem verdadeiramente a vegetação; mesmo assim, tive o prazer de recolher grande numero de especies differentes. A pouca distancia do cume, em um trecho onde a terra é pessima, mas que não é muito grande, os arbustos desaparecem por sua vez e não se vê mais do que um arbusticulo, o *Lavoisiera centiformis*, var. *insignis* (*Lavoisiera insignis*, DC) (n.º 79), *Melastomacea* de fructos sesséis e folhas dispostas em quatro ordens. Nos lugares onde a vegetação é mais vigorosa, admirei uma *Apcynacca* (n.º 67), que, adherido ás arvores, adorna os troncos e galhos com suas bellas flores afuniladas, côr de rosa e maiores do que as do *Nerium Oleander*. Mais para o alto da montanha vêem-se muitas arvores de

(12) Vide a minha *Introdução á historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*, pag. XXV.

caules pequenos, tortuosos, enfezados, dos quaes pendem diversas especies de Lichens. Fiz uma tão bella colheita de plantas, que o papel me faltou um pouco, antes de chegar ao cume; era já muito tarde e resolvi voltar. Consegui, todavia, subir o bastante para poder descortinar uma grande extensão; não via, porém, mais do que montes cobertos de matas, dos quaes os mais altos apresentavam, a certa altura, uma zona de côr menos obscura, formada por arbustos que crescem ácima das matas virgens.

A estrada passa pela Serra Negra; pode-se, entretanto, fazer uma volta para evitar essa terrivel subida, e não concebo que haja almocreves bastante ousados para preferil-a. Com effeito, nada é tão horroroso como esse caminho; não é, frequentemente, mais do que uma picada estreita que passa por rochedos escorregadios, quasi a pique, onde se caminha á margem de um profundo precipicio (13).

Todo o mundo assegura que ha ordinariamente jaguares na Serra, mas não vi nenhum. Encontrei dois homens, um com uma pistola e outro com uma grande faca; era, certamente, para se defenderem dos animaes selvagens que se tinham armado assim, pois que me tiraram o chapéu e me desejaram boa tarde com muita gentileza.

Recolhera no morro perto de sessenta especies de plantas; desejando estudal-as, passei um dia em S. Gabriel.

No dia seguinte, puz-me novamente a caminho e tomei a estrada que dispensa de subir a Serra Negra. Tres annos havia que estava aberta ao publico, e diziam que era devida a um rico marchante de gado, de nome Antonio

(13) Quando passei por S. Gabriel, em 1822, subi a montanha com as bestas carregadas. Tinham melhorado um pouco o caminho; mas, em certos trechos, era ainda extremamente difficil.

Francisco de Azevedo. O intendente de policia, accrescentavam, promettera a este homem que, se elle tornasse a estrada transitavel aos carros de bois, o gado que enviasse no Rio de Janeiro, durante todo o resto de sua vida, seria isento de direitos (14). Antonio Francisco, disseram-me, trabalhara nessa estrada durante dois annos, e já havia dispendido 18.000 cruzados. Não se comprehende bem o que o intendente de policia tinha que ver com essa questão; mas, nessa época, todos os poderes se confundiam: já contei, em outras das minhas relações, que se tirara das verbas destinadas á policia o dinheiro necessario ao estabelecimento de uma nova colonia, a de Vianna (15). Seja como fôr tudo isso, o facto é que não se pôde ou soube evitar, no novo caminho, uma série de subidas muito ingremes e fatigantes.

Lá, para qualquer lado que se dirigissem os meus olhares, não via sinão montes elevados, com flancos cobertos de grandes florestas e os cumes de arbustos. Por toda a parte o terreno é arenoso; as arvores apenas mostram fraco vigor e colorido sombrio e acinzentado; a profundidade dos valles augmenta ainda a rudeza dessas vastas solidões. Disseram-me que os animaes selvagens, os jaguares, os tapyres, os pecaris (*porcos do matto*) são ahí muito communs; não encontrei, todavia, um só desses animaes. Esta região gosa, na verdade, de grandes vantagens; mas tem, de commum com muitas outras partes de Minas, a de possuir aguas de um frescor e pureza de que não se approximam as que se bebem na Europa.

Cada valle serve de leito a um regato em que o viajante se dessedenta com uma volupia que só se conhece nos paizes muito quentes. E' nas margens de dois desses

(14) Vê-se pela maneira por que refiro esses diversos pormenores, que não ousou garantil-os inteiramente.

(15) *Viagem ao Districto Diamantifero*, etc., II, 363.

regatos que se encontram as duas unicas choupanas existentes entre S. Gabriel e o lugar em que parei. Nesse lugar existia tambem uma miseravel cabana que foi construida enquanto se trabalhava na estrada; já estava meio cahida, e a primeira ventania, com certeza, terá acabado de abatel-a.

A noite foi muito fria; a triste casinha em que eu a passei era aberta por todos os lados, e embora tivesse sobre o meu leito um capote grosso e uma coberta de algodão, com difficuldade me pude aquecer. Mudanças notaveis não tardaram, todavia, a se operar na temperatura. A's seis horas e meia, o thermometro apenas marcava 12 graus Réaumur; meia hora depois já estava a 14, e em pouco o calor tornou-se insupportavel em toda a parte em que não havia sombra. As grandes arvores tinham sido cortadas de ambos os lados do caminho, e o sol dardejava sobre nossas cabeças seus raios de fogo.

O conjunto do caminho mostrou-nos montanhas ainda mais altas do que as da vespera, valles mais largos e profundos, subidas ainda mais penosas. A estrada era de tal modo difficil, que gastamos seis horas para fazer 3 leguas.

A primeira montanha que encontrei, depois de deixar *Thomé de Oliveira*, lugar em que fiz alto, tem o nome de *Monte Verde*, e, pelo fim do dia, passei a famosa Serra da Mantiqueira, parte meridional dessa longa cadeia (Serra do Espinhaço, *Eschw.*) (16), que se encontra quando, após transpôr a serra maritima, dirigimo-nos para o occidente da provincia das Minas. A Serra da Mantiqueira divide as aguas do Parahyba e do Rio Doce das do Rio Grande, que

(16) Casal reconheceu que a Serra da Mantiqueira atravessa realmente toda a provincia das Minas; pois se exprime assim: " A Serra da Mantiqueira, que é a mais celebrada da Provincia, tem principio na parte septentrional da de S. Paulo, donde vem correndo quasi ao Nordeste, não sem muitas tortuosida-

acaba por se tornar o Rio de la Plata (17). Já a tinha atravessado quando fui a Villa Rica pela estrada ordinaria. Do cume desta Serra descortinei immensa extensão de montanhas cobertas de bosques, e em particular, a Serra Negra.

Nesse dia vi á margem do caminho tres choupanas e uma habitação um pouco maior. As terras são melhores, em geral, do que as da região que atravessei na vespera; na encosta dos morros o milho rende até 200 por l. Fiz alto, muito fatigado, sob um miseravel *rancho*, dependente de uma cabana ainda mais miseravel, onde moravam mulatos pobres. Este lugar tem o nome de *Alto da Serra*. A's oito e meia da noite o thermometro descera já a 15 graus Réaumur, e a noite foi ainda mais fria que a precedente.

" des, até a vizinhança da Villa de Barbacena, onde inclina para o Septentrião até a extremidade da Provincia, variando de rumo, de altura e de nome (*Corographia Brazilica*, I, 360)." Como essa cadeia não é realmente conhecida sob o nome de *Serra da Mantiqueira* sinão em uma parte de sua extensão, d'Eschwege julgou razoavelmente dever propôr um nome que abarcasse todo o conjunto. O nome de *Serra de Espinhaço* pode parecer estranho, mas acho que devemos conservá-lo, porque foi o primeiro usado, e preferil-o ao de *cadeia central*, proposto pelo excellent geographo Balbi, na sua *Geographia Universal*.

(17) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I.

CAPITULO IV

OS CAMPOS — QUADRO GERAL DO DISTRICTO DE RIO GRANDE

Começo dos campos. Causa da differença existente entre a vegetação que os caracteriza e a das mattas virgens. Sua monotonia; não são, todavia, sempre uniformes. Ideia geral sobre os que se estendem desde as florestas virgens até S. João d'El Rei. — O Rio Grande; seu curso gigantesco; utilidade que poderá ter para o Brasil. — Os habitantes do districto de *Rio Grande*; a principio mineradores, depois agricultores. — Pormenores sobre a criação de gado cornigero; os proveitos que se tiram desses animaes; maneira de fabricar os queijos. — Os carneiros; sua lã; o rudimentar tratamento que lhe dão; necessidade de algumas melhorias. — Productos das fazendas da zona do *Rio Grande*. — Costumes dos lavradores. Suas mulheres. Bosquejo das suas habitações.

Deixando a 14 de Fevereiro o pobre *rancho*, onde passára a noite, caminhei, ainda, durante alguns instantes, em um valle profundo, rodeado por mattas virgens. Ia, não obstante, subindo pouco a pouco. Repentinamente a região mudou como um scenario de theatro, e descortinei uma extensão immensa de collinas arredondadas, cobertas unicamente por hervas pardacentas, e entre as quaes se viam aqui e ali moitas de vegetação de um verde carregado. Penetrava na *região dos campos*. Não ignorava que lá chegasse nesse dia; mas, o que observára dois annos antes,

no caminho de Villa Rica, não me preparára para uma mudança tão brusca. Esta produziu sobre mim viva impressão de surpresa e admiração: esses *campos* a perder de vista dão uma imagem bastante perfeita da amplitude dos mares, quando se dirige o olhar de um ponto um pouco elevado, e essa semelhança resalta ainda mais ao se sahir das mattas primitivas, onde frequentemente se toca quasi com a mão nos objectos que limitam o horizonte.

Deixando o arvoredo virgem, pude fazer uma comparação exacta entre a disposição dos terrenos onde elle vegeta e a do solo que occupam os *campos*; confirmei-me nas ideias que já nutria sobre as causas de tão pronunciada differenciação na flora (1). As florestas cobrem regiões criçadas de montanhas rudes e escarpadas, que se garantem umas ás outras contra a força dos ventos, e ao mesmo tempo, os corregos, que entre os montes regam valles estreitos e profundos, entretêm na atmosphera frescura e humidade continuas. Pelo contrario, na zona de *campos*, os cômoros são arredondados e se elevam em rampa suave; os valles que os separam são largos e pouco profundos, e, enfim, os regatos pouco numerosos; a secça é tambem muito grande nessas regiões, e os ventos imperam ali em liberdade; duas causas que não permitem á vegetação tornar-se mais vigorosa. Si, porém, o flanco de um morro apresenta uma concavidade que seja abrigada, si algum regato rega um vallão, pôde-se estar certo de ahí encontrar-se uma moita ou orla de mattas virgens, que, limpas, produzirão milho e outras plantas uteis ao homem.

A Serra da Mantiqueira, que acabava de atravessar e que constitue uma porção da Serra do Espinhaço (*Eschw.*),

(1) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 23.

é, como se sabe, o limite entre as florestas e os *campos* (2). Durante varios mezes teria de estender a vista sobre uma região descoberta, e o bosque, conhecido pelo nome de *Matto Grosso*, que atravesssei na Provincia de Goyaz, antes de chegar á capital, está bem longe de possuir a magestade das florestas virgens de Rio de Janeiro e Minas Geraes. E' necessario dizel-o, porém, a repetição dos mesmos objectos em pouco tempo exgotou-me a admiração, e, no meio desses desertos em que a industria humana nada modificou da monotonia primitiva, o viajante succumbirá sob o peso do tédio, se não estiver sustentado por grandes interesses, ou si, entregue á historia natural, não escapar, pelo estudo variado das minucias, á uniformidade do conjunto.

Que não se pense, porém, que existe entre todos os *campos* uma semelhança perfeita; minhas duas primeiras narrativas provaram sufficientemente o contrario (3). Como

(2) Esta divisa não é, todavia, muito nitida. Já disse em outro lugar (*Quadro da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes*, impresso nos *Anuaes das Sciencias Naturaes*, Setembro de 1831) que, ao sul da provincia das Minas, as florestas ultrapassam a vertente occidental da Serra do Espinhaço. Ha mais: mais para o sul, em direcção á provincia de São Paulo, encontrei uma região inteiramente arborizada no espaço de cerca de 9 leguas, além da Serra da Mantiqueira, desde Baependy até o lugar chamado *Corrego Fundo*. Mas ao sul ainda, na provincia mesma de S. Paulo, vindo de Goyaz, atravesssei mattas que começaram a 1 legua do *Rio Tibayá*, sobre um terreno que não me pareceu mais montanhoso que o que percorrera nos dias anteriores, e estas florestas se prolongam por um espaço de cerca de 14 leguas até as proprias montanhas de Jundiaby, e são, por conseguinte, situadas tambem para além dessas montanhas; ora, estas pertencem com toda a segurança a essa parte da Serra do Espinhaço, que se dirige para a provincia de São Paulo, do sudoeste para o nordeste.

(3) Um viajante que atravessou a região das mattas virgens seguindo a grande estrada do Rio de Janeiro a Ouro Preto, e que em seguida passou pelos *campos*, definiu esta palavra da

a região das matos se divide em sub-regiões, do mesmo modo succede com a dos campos, na qual se distinguem bem dois aspectos diversos: um não apresenta mais do que hervas, e arbusticulos, (*taboleiros descobertos*), enquanto o outro offerece, no meio dos pastos, arvores tortuosas e enfezadas (*taboleiros cobertos*). As duas sub-regiões em que se dividem os campos não têm limites tão precisos como as das tres sub-regiões cujo conjunto forma a zona das florestas, a saber: os matos virgens, as catingas e os carrascus (4). Pode-se, todavia, estabelecer que as partes mais elevadas da região dos campos são geralmente cobertas por pastagens herbáceas, e que, nas partes mais

maneira seguinte: "O nome de *campos* designa uma série de collinas quasi completamente despojadas de vegetação; só nos valles se encontram algumas arvores e um pouco de verdor.... não se vê por toda a parte sinão chapadas aridas (Suz., *Souv.*, 277-278)". Depois, quando o mesmo autor quer descrever o districto Diamantifero, dá est'outra definição: "Os campos são planicies aridas, apenas cobertas por um musgo baixo (Obr. cit., 332)". Observadores muito competentes: Martius, Pohl, Gardner, occuparam-se com especial cuidado da vegetação de Minas Geraes, e não chegou ao meu conhecimento que nenhum d'elles tenha representado os campos como *collinas quasi completamente destituidas de vegetação*. O sabio Martius disse, como eu, que os campos differiam muito entre si, e eu poderia citar alguns dos quaes elle traçou um painel encantador. Os que se atravessam, saindo das matas virgens e dirigindo-se, pela grande estrada, da capital do Brasil a Ouro Preto, não poderiam ser melhor comparados do que aos pastos de varias das nossas altas montanhas da Europa. Quanto ao Districto dos Diamantes é incontestavel que em grande numero de lugares, é elle inteiramente rebelde á cultura; mas é talvez nesse districto que se encontra a mais bella Flora phanerogamica de todo o Brasil meridional, e nem o sr. Gardner nem eu jamais vimos, quer nos arredores de Diamantina (Tijuco), quer em outras partes da provincia das Minas, planicies apenas cobertas por musgo rasteiro.

(4) Vide o meu *Quadro da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes*, nos *annaes das Sciencias Naturaes*, Setembro de 1831, e minha *primeira relação*, vol. II.

baixas, os pastos se apresentam semeados de arbustos. Por isso não encontrei sinão *campos* constituídos porervas e arbusticulos em uma immensa porção da mais alta, talvez, das *comarcas* da provincia das Minas, a de S. João d'El Rei; e são ainda *campos* da mesma natureza os que continuei a ver por toda a parte, atravessando quasi pela base da Serra do Espinhaço, a zona bastante elevada que, a oeste desta mesma Serra, se estende de Caelé (5) ou Villa Nova da Rainha, até os limites do districto de São João d'El Rei. Pelo contrario, como veremos posteriormente, encontrei muitos pastos semeados de arvores mesquinhas, no territorio da *comarca* de Paracatú, e em 1817 observára constantemente o mesmo genero de vegetação nas 150 leguas portuguezas que percorri pelo amago do Sertão, approximadamente entre os graus 14 e 18 de latitude sul, na parte oriental do São Francisco, a uma distancia já assás consideravel da nascente desse rio. Dahi resulta que a *sub-região*, mais meridional, dos *campos* simplesmente cobertos de herva, corresponde particularmente á das florestas propriamente ditas (*mattos virgens*), ou si se prefere, que essas *sub-regiões* estão mais especialmente situadas entre os mesmos parallellos; e que a *sub-zona*, mais septentrional, dos *campos* ornados de arbustos rachiticos, corresponde de preferencia á dos *carrascos* e *catingas* (6).

O que precede indica bem qual deve ser, no seu conjunto, a vegetação da zona situada entre as mattas e a villa de São João.

Antes de chegar a essa villa caminhei cerca de 14 leguas. Nesse espaço estendem-se *campos* a perder de

(5) Disse em outro lugar porque dava preferencia a essa orthographia.

(6) *Quadro da vegetação na provincia de Minas Geraes*, por Augusto de S. H., impresso nos *Annaes das Sciencias Naturaes*, Setembro de 1831.

vista. Os morros são geralmente arredondados, os valles pouco profundos. Nos socavões vêem-se moitas de arvores; nos outros lugares crescem gramíneas, no meio das quaes se espalham outras hervas e sub-arbusticulos. As gramíneas pertencem a pequeno numero de especies; nenhuma forma notavel se observa entre as plantas que crescem entre ellas; são principalmente Corymbiferas (Juss), de flores flosculosas e hermaphroditas, involucro embriçado, androceu sessil, e receptaculo quasi sempre nú; vêm em seguida as Melastomaceas, algumas Rubiaceas de frutos separados (taes como as de ns. 95, 134), e, emfim, as *Cassia* (171 e 150).

Na parte inferior dos morros, a vegetação é um pouco differente da das elevações; vêem-se ahí arbustos pertencentes, em sua maioria, á familia das Compostas, um *Hyptis* (305), e, em incrível abundancia, esta graminea do genero *Saccharum*, que se faz notar pelas hastes rijas e elevadas, pelas folhas duras e horizontaes, conhecida vulgarmente por *Rabo de raposa* (*Anatherium bicornis?*). Os campos mostraram-me differenças, quer na disposição do terreno, quer no conjunto da vegetação; mas reserve-me para assignal-as, ao ir relatando circumstanciadamente o meu itinerario.

O famoso Rio Grande no seu curso superior rega os campos que acabei de dar a conhecer, e lhes dá o seu nome (districto do *Rio Grande*). O rio divide a comarca de S. João d'El Rei em duas partes, uma septentrional e outra meridional. Tem suas nascentes na *Serra da Juruoca*, afastada de S. João cerca de 25 leguas para o lado do Sul; corre, a principio, em direcção ao Norte, depois para o Nordeste, e, por fim, para Oeste. A cerca de 20 leguas de S. João recebe o Rio das Mortes, mais além o Sapucahy, e mais longe ainda o Rio Pardo; serve de divisa entre as provincias de São Paulo e Goyaz, e reunido ao *Paranahyba*, toma o nome de *Paraná*, para tornar-se o Paraguay, um

dos dois grandes cursos d'agua que formam o Rio de la Plata (7). Eis approximadamente como se exprimem os Srs. Spix e Martius sobre esse importante curso d'agua:

“Não é somente em direcção ao sul que, das proximidades de S. João d'El Rei, se poderia, embarcado no Rio Grande, dirigir-se ao Paraguay e a Buenos Aires; a navegação seria possível pelos afluentes septentrionaes desse rio até algumas leguas de Villa Boa. O capitão José Pinto que, em 1816, tentou descobrir communicações fluviaes entre Villa Boa e São Paulo; lançou bastante luz sobre a geographia dessas regiões para que se possa pensar nas importantes communicações de que se trata. Sabe-se, effectivamente que, embarcando-se sobre o Rio dos Bois, no lugar chamado *Annicuns*, situado a 12 leguas de Villa Boa, chega-se em pouco ao Paranahyba. Quando se avança 3 leguas nesse rio, encontra-se uma cataracta. De lá á confluencia do Paranahyba e do Rio Grande, onde ambos reunidos tomam o nome de *Paraná*, não ha mais de 20 leguas, e, si as quedas d'agua tornam difficil a navegação do Rio Grande até ás proximidades de S. João, dizem, concluindo, Spix e Martius, ao menos esta navegação não é interrompida (8)”.

Quando se pensa, por outro lado, que já se vae, pelo Rio Tocantins, de Goyaz á capital do Pará, embarcando-se a muito pequena distancia de Villa Boa, é para se admi-

(7) CAZAL, *Corog., Braz.*, I, 207, 375. — Assegura-se geralmente, pelo que diz Luccock, que o Rio Grande, quando já se tornou um rio consideravel, desaparece e passa por um caminho subterraneo, sob uma immensa planicie, que lhe deve uma rica e eterna frescura (*Notes on Braz.*, 536). Ninguém me fallou de semelhante maravilha; tampouco encontro o que quer que seja nos escriptos de Cazal, de Pizarro, de Spix e de Martius, que justifique a asserção de Luccock, e não posso deixar de considerá-la erronea.

(8) *Reise*, I, 313. Consultae, sobre essa navegação, o *Itinerario* de Mattos, II, 193.

rar das immensas vantagens que couberam aos brasileiros com a navegação interna de seu paiz. Somos levados a crer que o autor da natureza, ligando elle proprio as diversas partes desse immenso imperio, quiz indicar aos que o habitam que não se devem desunir. Eis um ponto que, situado a cerca de 21°,7,4" de latitude austral e 47°,55' de longitude, a contar do meridiano de Paris (9), é chamado a communicar, por agua, quasi sem interrupções, com dois portos: Montevideu e Pará, situados, um na foz do Rio de la Plata, o outro na do Rio Tocantins, e além disso com Matto-Grosso, o Paraguay, Entre Rios e as antigas Missões do Uruguay. O que são os nossos rios mesquinhos ao lado desses outros gigantes, que percorrem regiões tão diversas e cujas aguas, após regarem as arvores majestosas da zona torrida, fazem nascer sobre outras plagas as humildeservas dos climas temperados! Infelizmente passar-se-ão, sem duvida, muitos annos antes que os brasileiros, podendo auxiliar a natureza, tirem proveito de tão bellas vantagens, e que os colonos dos arredores de São João, em particular, tenham outros meios de communicação além dos mares, actualmente os unicos navios dos seus desertos (10).

Ouro era o que procuravam os primitivos habitantes do districto que percorri indo para S. João, que, como

(9) A posição que aqui indico, segundo a obra de Spix e Martius, e os mathematicos portuguezes citados por d'Eschwege, é a de S. João d'El Rei, cidade pela qual não passa o Rio Grande. *Ponte Nova* é o lugar até onde os primeiros desses sabios fazem remontar a navegação do Rio Grande; mas *Ponte Nova*, segundo a sua carta geral do Brasil, parece estar situada approximadamente sob o mesmo paralelo que S. João e a cerca de 9 ou 10 leguas portuguezas desta cidade. Chamo a attenção para o facto de que mesmo os sabios, designando *Ponte Nova*, não dizem que a navegação não poderia ir ainda mais longe.

(10) Esta figura oriental não é extranha aos mineiros; dois que se servem frequentemente do termo *navegar* quando se referem ás suas viagens.

já disse, é regado pelos começos do Rio Grande; aqui e alli encontram-se ainda vestígios dos seus trabalhos. Pouco a pouco, entretanto, o metal, objecto de tantas pesquisas, começou a apparecer em menor abundancia; tornou-se mais difficil extrahil-o da terra, e então se procuravam na agricultura, e principalmente na criação de gado, os recursos que não mais offerencia a extracção do ouro. Os pastos excellentes dos arredores do Rio Grande fornecem hoje em dia (1819, 1822), a maior parte do gado consumido na capital do Brasil, e alguns criadores da região possuem até cinco mil cabeças de ruminantes (11).

Bem differente do de Campos, de Goitacazes (12), o gado do districto de Rio Grande é, com justiça, gabado pela sua força e corpulencia. Entretanto, é-se obrigado a dar-lhe sal, como se faz em todas as regiões da provincia em que não ha terrenos salitrados, nem aguas mineraes; assim como se pratica ainda na provincia de São Paulo, na Colombia e na America Setentrional, desde a Nova-Escossia até o Mississipi (13): todos os mezes, approximadamente, cada rez recebe um punhado da substancia que é tanto de seu gosto. Enquanto que no Sertão oriental do S. Francisco os vaqueiros, que, em geral, vivem longe dos olhos dos patrões, são quasi sempre homens livres (14), aqui, geralmente, é a escravos que se confia a guarda dos rebanhos. Como em todas as regiões que percorri do Brasil, não se conhece, na zona do Rio Grande, o que seja um estabulo; não se abandona, todavia, o gado a si proprio, como se usa no Sertão. Os criadores que se occupam, em larga escala, da criação de

(11) Não foi somente em 1819 que atravessei a zona do Rio Grande; percorri-a tambem em 1822.

(12) Vide minha *Viagem ao Districto, etc.*, II, 127.

(13) *Viagem na alta Pennsylvania*, II, 251-3.

(14) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 320.

gado bovino, dividem os seus pastos em diversas porções, seja por fossos, seja com o auxilio de palissadas feitas de grossas estacas, que têm, pelo menos, a altura dum homem. Em uma dessas pastagens ficam as vaccas leiteiras; uma outra é destinada aos bezerros; uma terceira, ás novilhas; a ultima, enfim, é para os touros. Mantêm-se os touros e as novilhas em pastos separados, afim de que as ultimas adquiram resistencia sufficiente para produzirem crias fortes, e não sejam fecundadas fóra de tempo. Quanto ás vaccas leiteiras, têm sempre no seu pasto um touro, que chamam *touro grande*, e que se poderia comparar ao garanhão das eguas do Sertão (15); é a elle que, de qualquer forma, está confiada a guarda do rebanho; defende-o com furor contra os touros que fogem dos pastos extranhos, mas julga-se que poupa mais os que foram criados em sua companhia na mesma *fazenda*.

Até que os novilhos sejam bastante fortes para pastar a herva, são guardados, perto da *fazenda*, sob um telheiro. Quanto aos que vão ao pasto, são recolhidos todas as tardes em um *curral*, que é um pedaço de terreno pequeno e rodeado por palissadas, annexo directamente ao *retiro*, especie de vivenda dependente da propria habitação (16). No dia seguinte, pela manhã, vai-se buscar as vaccas nos seus pastos, quando se os têm fechados; as que se costuma deixar livres, approximam-se espontaneamente da casa do dono. Quando chegam, já os bezerros foram mettidos no terreiro da *fazenda*. Faz-se entrar abi successivamente uma quantidade de vaccas que corresponde ao numero de pessoas de que se dispõe para ordenhal-as. Cada bezerro reconhece sua mãe e se aproxima para mamar. Amarram-n'os á perna direita da vacca, com a ca-

(15) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 327.

(16) Deí já, na minha primeira relação, a explicação dos termos *curral* e *retiro*.

beça voltada para as tetas; ordenham-se tres dellas e deixa-se a ultima para o bezerro. A' tarde reuñem-se novamente as vaccas com os bezeros, mas então deixam-se estes mammiar á vontade; em seguida prendem-se os bezeros, como já disse, e se reconduzem as vaccas para os pastos. Quando o proprietario não encerra os novilhos em um recinto fechado, elles não esperam que se os vá buscar; dirigem-se espontaneamente á fazenda todos os dias á mesma hora. E' um prazer ver, cada tarde, esses jovens animaes correrem, saltando, para ver suas mães e tomar o alimento costumeiro.

Em geral, nas Minas, não se põe fogo aos campos sinão nos tempos da secca; mas, na zona de Rio Grande particularmente, os proprietarios de grandes fazendas têm o habito de dividir em quatro porções os pastos destinados ás vaccas leiteiras, e de tres em tres mezes, põem fogo a uma das porções, afim de arranjar-se para esses animaes herba tenra. Para este effeito, um homem, a pé ou a cavallo, percorre o pasto que se pretende queimar, arrastando após si um longo bambú inflamado, e tendo sempre cuidado em avançar no mesmo sentido que o vento. O pasto em pouco tempo fica calcinado, e, em breve, succede ás hervas dessecadas uma grama fina, do mais bello verde, que se assemelha um pouco ao trigo quando começa a brotar.

Nas proximidades de Juruoca, povoação situada mais ou menos a 22 leguas de S. João, na direcção das nascentes do Rio Grande, um proprietario me dizia que, de accôrdo com a divisão que se faz dos pastos em diversos *verdes* (17), por meio do fogo, não se pode, na área de 2 leguas, alimentar mais de 600 a 700 cabeças de gado.

(17) Basta dizer apenas que, pela palavra portugueza *verdes*, que traduzo aqui literalmente, devem comprehender-se os pastos de diversas idades que ressuscitam dos incendios successivos a que atraz me referi.

Isso explica por que eu me lastimava de caminhar tanto sem ver um unico ruminante; todavia, é ainda possível que não se tire todo o proveito que se deveria tirar da immensa extensão que têm, em geral, as fazendas.

Por occasião da minha viagem (1819), os bois, na zona de Rio Grande, compravam-se a 4000 réis (25 francos), e se revendiam a 7000, no Rio de Janeiro. Quanto ás vaccas, só se vendem quando já estão muito velhas para dar crias. Um proprietario não poderia, sem sacrificar o seu capital, vender annualmente mais da decima parte do rebanho. Si o gado rende tão pouco ao fazendeiro, não é porque aqui, como no sul do Brasil, se absorva uma parte do rebanho pela nutrição exclusiva com carne de vacca, pois que, nessa zona, as pessoas de vida mais commoda, não comem mais do que feijão, porco, arroz, leite, queijo e *cangica* (18); mas, sacrificam-se muitos bezerros pelo regimen frugal a que se os condemna para aproveitar o leite de sua mãe. Os fazendeiros (19) ricos deveriam, julgo eu, fazer annualmente o sacrificio do leite de algumas das suas melhores vaccas para obter mais bellas novilhas e, principalmente, touros mais vigorosos, e, por esse modo, impedir a degeneração da raça bovina.

Melhor leiteiras do que as de Formigas, São Eloy e provavelmente todo o Sertão oriental, as boas vaccas da região do Rio Grande dão, como as dos arredores de Villa Rica e de Sitio do Paulista, perto dos Campos de Goitacazes (20), quatro garrafas de leite por dia.

(18) Nome que se dá ao milho despojado dos seus involtorios e cosido simplesmente na agua. Designa-se o mesmo magjar sob o nome de *maçanorras* entre os Hispano-Americanos da banda Oriental.

(19) Os fazendeiros são os proprietarios de fazendas.

(20) Vide minha *Viagem no Districto dos Diamantes*, etc., I, 183; II, 99.

Os bezeros mamnam até a idade de um anno, e quando uma vacca não tem mais cria, suas tetas seccam, como acontece em toda a provincia das Minas, possivelmente em todo o Brasil e mesmo na Colombia, particularidade que parece merecer a attenção dos zoologos (21).

Nutridas em pastos excellentes, as vaccas que ainda têm os seus bezeros dão um leite quasi tão cremoso como o dos rebanhos das nossas montanhas do Auvergne. Não se recolhe o leite em jarros, mas sim em pequenos barris pintados de ferro, e se os trasvasa com cabaças cortadas longitudinalmente pela metade. Fazem-se, em geral, muitos queijos na comarca de S. João d'El Rei; mas a zona do Rio Grande é a que produz mais delles, que constituem, mesmo, um dos seus artigos de exportação. Eis a maneira por que aqui se fabricam. Logo que se extráe o leite, addiciona-se-lhe a presura, e elle se coagula instantaneamente; dá-se preferencia á de capivara quando é possível obtel-a. Existem formas de madeira de cerca de 2 pollegadas de altura, cujo meio apresenta um espaço circular inteiramente vazio, mais ou menos do tamanho de um prato. Estes moldes se collocam sobre uma mesa estreita de plano inclinado, enche-se-os de leite coalhado, que se teve o cuidado de separar em pequenos pedaços; comprime-se com a mão o coalho assim grumoso; o leiteillo escorre e vae calir em uma garrella collocada á extremidade mais baixa da mesa. A' medida que a coalhada se comprime no molde, ajunta-se mais e continua-se a comprimir até que este fique cheio de coalho bem compacto. Cobre-se de sal a parte superior do queijo, e deixa-se-o assim até á tarde; então volta-se-o e applica-se-lhe o sal do outro lado. No dia seguinte se expõe o queijo ao ar em local sombrio, tendo-se o cuidado de voltal-o de tempos a tempos, e está feito antes do prazo de 8 dias. Estes queijos, aos quats

(21) Ob. cit., I, 182.

não se dá outro nome mais do que *queijo de Minas*, são muito afamados: sua substancia é compacta; a côr assemelha-se aos dos queijos de Gruyères, mas é, eu creio, de um amarello mais carregado; seu gosto é doce e agradável. Quando se quer transportar os queijos para o Rio de Janeiro, são collocados em cestos jacás) quadrados e achatados, feitos com lascas de bambú grosseiramente trançadas; cada jacá contém cincoenta queijos, e dois delles constituem a carga de um jumento.

Criam-se no districto do Rio Grande, não só uma grande quantidade de gado bovino, como ainda muitos porcos; engordam-se estes ultimos com raizes de *inhames* (*Palladium esculentum*) e de *carás* (*Dioscorea*), e cultivam-se em grande quantidade estas duas especies de plantas (22). O proprietario do rancho do *Rio das Mortes Pequeno*, proximo a S. João d'El Rei, em cuja casa, como se verá, demorei-me muito tempo, não parecia rico, e todavia, possuia dois campos de *carás* de certa extensão. O toucinho constitue, como os queijos, um ramo de commercio muito importante para a comarca de S. João d'El Rei. E' tambem nesses cestos de bambús, chamados *jacás*, que é transportado para o Rio de Janeiro. Dois cestos de toucinho constituem a carga de um burro, e cada um delles contém 3 arrobas de toucinho (44 kilog. 1 hect.) quando o animal ainda não está habituado á carga, e 4 quando já está acostumado.

Os fazendeiros desta zona e, em geral, os da comarca do S. João possuem um rebanho de carneiros: não se faz aqui como nos arredores do Rio de Janeiro; não se deixa

(22) Devo aqui advertir o leitor francez contra um erro de nomes na qual é facil de cair e ao qual não escaparam sequer dois naturalistas allemães bem justamente celebres (Spix e Martius, *Reise*, I); é de tomar o *inhame* dos brasileiros pelos *ignames* das nossas colonias; o primeiro é o *Calladium esculentum* dos botanicos; os ultimos são especies do genero *Dioscorea*.

perder a lã; tosquiavam-se as ovelhas duas vezes por anno, no mez de Agosto, no fim do inverno e seis mezes depois, antes da época da secca. Os fazendeiros costumam mandar fazer com a lã, em sua propria casa, tecidos grosseiros, que se utilizam principalmente para vestir os negros. Empregam-na tambem para fabricar esses chapéus de abas largas, de copa baixa e arredondada, com que os mineiros costumam cobrir a cabeça, (*chapeu de Mineiro*) e que, si são muito pesados, têm em compensação a vantagem de garantir contra o calor do sol como pequenos guarda-sós; os proprietarios enviam a lã a homens que sabem fazer esses chapéus, e lhes pagam o feitio.

Pensar-se-á sem duvida que os criadores, tirando grandes vantagens dos carneiros, têm grande cuidado com esses animaes; mas não succede assim. Não se os guarda com segurança (23), e ficam expostos aos estragos dos cães domesticos e aos de alguns animaes selvagens, entre outros os denominados *cachorros do campo* (*Canis campestris*, *Neww*, ex. P. Gervais). Quando, em 1822, passei pela *fazenda do Retiro*, habitação situada a cerca de 17 leguas de S. João e a 5 da povoação de *Juruoca*, a dona da casa me disse que possuira já um rebanho bastante grande de carneiros, e que ella propria, com suas filhas, fabricava tecidos de diversas especies; mas, como ultimamente tinham feito passar deante da Fazenda um dos caminhos que vão de São João ao Rio de Janeiro, o chamado *caminho da Pa-*

(23) Luccock diz, na verdade, que viu, não longe de São João d'El Rei, varios pastores no mesmo dia, e acrescenta que lhe parecia contrario ás leis da natureza que rebanhos brancos fossem guardados por homens negros (*Notes*, 444). Seria para desejar que as leis da natureza fossem com mais frequencia, no Brasil, violadas dessa maneira, e que não o fossem jamais por outra forma. Prestimo que os pastores de que falla o sr. Luccock iam casualmente procurar as ovelhas no campo para conduzi-las á habitação.

rahyba Nova, e que os pobres carneiros estavam sem pastor, o rebanho fôra dizimado pelos cães dos tropeiros.

Por todo o exposto vê-se como seria conveniente para os colonos fazer vir da Europa cães de pastor de boa raça, e até mesmo alguns pastores experimentados, capazes de educar outros, e bastante inteligentes para comprehender que, em um paiz de clima tropical, não se pôde seguir exactamente as mesmas praticas usadas na França e na Alemanha. O governo brasileiro, a exemplo dos da Europa, deveria tambem voltar as suas vistas para a melhoria dos rebanhos e mandar vir das nossas regiões *merinós* ou mestiços para experimentar acclimatal-os nas immensas pastagens do Brasil, que variam de qualidade, e das quaes algumas, pela altitude, não estão expostas a calores muito fortes. O paiz não tem, sem duvida, população bastante densa para que se pense em ahí installar grandes manufacturas; mas, desde que os criadores já tecem elles mesmos a lã, porque não se tentar leval-os a aperfeiçoar a industria, e a libertar por esse meio algumas zonas de um oneroso tributo pago ao estrangeiro? Ha mais: uma vez que no Brasil não se é obrigado a nutrir os carneiros em mandegoura, e, portanto, a sua manutenção deve ser menos dispendiosa do que na Europa, porque não fazer esforços para collocar o paiz em condições de exportar a lã, como exporta assucar, couros, e algodão?

De tudo o que já disse atraz, é facil julgar que não ha *fazendas* na zona do Rio Grande da natureza dessas que, relegadas nos desertos de Goyaz e mesmo em algumas partes afastadas da provincia das Minas, não rendem quasi nada aos seus proprietarios. A vizinhança do Rio de Janeiro põe esta região e toda a *comarca* do Rio das Mortes em posição mais favoravel; entretanto, segundo um homem que, pela sua posição, devia saber a verdade, e que habitava a povoação de Juruoca, os *fazendeiros* não retiram mais de 10 % dos seus capitães, sem deduzir os gas-

tos e impostos. Por muito baixa que pareça, essa avaliação não é inverosímil: com effeito sabemos já que o *fazendeiro* não pode vender, annualmente, mais do decimo de seu rebanho de gado vaccum; logo ser-lhe-á indispensavel encontrar em outra fonte de renda o juro do cabedal que representam os pastos, as construcções da *fazenda*, os escravos e os animaes de carga. As colheitas não servem sinão á nutrição da familia; por conseguinte, é necessario que o juro de que se trata seja representado pelo producto da banha e do queijo. Mas, si é verdade, como todos dizem, que o do queijo é absorvido pelo custo do sal necessario ao gado, etc., deve ficar para o proprietario bem pouca coisa das suas rendas; pois é necessario substituir os animaes e escravos que perder, comprar ferraduras e pregos para os muars, e si bem que a conservação dos edificios seja pouco dispendiosa, pois que encontra em suas terras a madeira e pode fazer executar as maiores obras pelos seus negros, é necessario, todavia, pagar de tempos em tempos alguns salarios de carpinteiro e marceneiro, e comprar telhas.

Pelo que me disseram em Juruoca (1822), as boas *fazendas* do districto são avaliadas, nos inventarios, por 40 a 50.000 cruzados (100 a 150.000 francos). Si compararmos a maneira como vive em França um proprietario administrador de terras desse valor com o estalão de vida de um *fazendeiro* da região que nos occupa, julgar-se-ão as rendas deste ultimo muito inferiores; mas esse modo de julgar seria falto de exactidão (1819), pois que o brasileiro não adquire coisa alguma que não seja infinitamente mais caro do que o que compra o francez, ou então de qualidade muito inferior, o que dá no mesmo.

Bem menos educados que os *fazendeiros* (24) dos arredores de Villa Rica e do Serro do Frio, os do districto

(24) O que escrevi sobre esses *fazendeiros* differe, devo confessal-o, do retrato que delles deixou um viajante que lhes per-

de Rio Grande, e, em geral, da *comarca* de S. João d'El Rei, assemelham-se bastante aos nossos camponezes remediados ou aos lavradores da Beauce. Applicando-se mais especialmente á agricultura que os *fazendeiros* proprietarios de minas, trabalham com os seus negros, passam a vida nas plantações e no meio dos animacs; seus habitos devem, necessariamente, resentir-se alguma coisa da rusticidade das occupações. Pelo contrario, os homens que se dedicam á extracção do ouro em grande não fazem mais do que vigiar os escravos, não trabalham absolutamente, têm mais vagar para pensar e discorrer, sua educação foi mais cuidada, e podem dedicar-se melhor á dos seus filhos (1817).

Os agricultores da região do Rio Grande e, em geral, da *comarca* de S. João, têm, não obstante, sobre os mine-

correu a região em 1842. (Suz., *Souv.*, 260); coisa alguma, tamponco, se parece com esta descripção, na obra do veridico Gardner, que tambem foi, e bem recentemente, de Diamantina (Tijuco), ao Rio de Janeiro, passando pela cidade do Serro (Villa do Principe) e por Ouro Preto (Villa-Rica). Este naturalista e o sabio Martius tiveram, para tornar as suas descripções exactas, una dupla vantagem: percorreram o Brasil durante longos annos e conheciam a lingua do paiz. O turista de que acabei de fallar, realizou uma viagem gigantesca com uma rapidez verdadeiramente maravilhosa; estava a 2 de Dezembro de 1842, em Ouro Preto e dahi partiu a 7; depois, deixou Diamantina de 10 de Janeiro de 1843, após ter-se demorado ali algum tempo, e como bem o liz, não são nas villas que habitam os *fazendeiros*; entre Ouro Preto e Diamantina, passou pelas villas de Sabará e do Principe (Cidade do Serro), visitou grande numero de povoações, recolheu informes interessantes sobre tres explorações de minas pertencentes a inglezes e, por conseguinte, não teve, pareço-ma, tempo sufficiente para estudar os *fazendeiros* no correr dessa excursão; viu alguns, é possível, durante os doze dias que levou do Rio de Janeiro a Ouro Preto, mas sabe-se que não é por esses que se pode julgar dos colonos abastados das *comarcas* de Ouro Preto e do Serro Frio, nem mesmo, em geral, os das outras partes da provincia de Minas Geraes.

radores, uma grande vantagem: a de não estarem rodeados por um numero tão consideravel de escravos. Já o disse (25) alhures que, termo médio, os brancos, nesta comarca, estavam para os homens de côr de raça pura ou mestiçada como 1 para 3: na parochia de Juruoca, em particular, nos seus arredores, e, provavelmente, em toda a região do Rio Grande, os mulatos são pouco numerosos, e, para tres homens livres, não se conta senão um escravo. Nas zonas de criação, os escravos são, com effeito, muito menos necessarios do que nas em que se extrae o ouro ou se cultiva a canna de assucar. Necessita-se de poucos braços para tratar dos rebanhos, e quanto menos existem escravos, tanto menos os homens livres coram de trabalhar. Grande parte dos vaqueiros e tocadores de porcos, que vão da comarca de S. João ao Rio de Janeiro, são brancos. Um dos filhos do fazendeiro torna-se o conductor da tropa, outro se encarrega dos rebanhos, e um outro das plantações. Disto resulta ser evidente que, nesta parte da provincia das Minas, mais do que naquella em que se extrae o ouro, a escravidão irá diminuindo á medida que crescer a população.

As mulheres da zona de Rio Grande, e, em geral, da comarca de S. João, mostram-se um pouco mais do que as de outras partes da provincia das Minas; todavia, como isto não é uso geralmente admittido, e as que apparecem diante dos hospedes só o fazem calcando um preconceito, mostram muitas vezes certa audacia que tem qualquer coisa de desagradavel. Aqui, como no resto da provincia, as donas de casa e suas filhas enfiavam cautelosamente o rosto entre a parede do quarto em que eu me achava e a porta entreaberta, afim de me ver escrever ou examinar plantas, e, si eu me voltava de repente, percebia vultos que se re-

(25) Viagem pelo Districto dos Diamantes, etc., I, 238.

tiravam apressadamente. Com vezes me representaram essa comedia (26).

Do que já expuz a respeito dos moradores da zona de Rio Grande e da *comarca* da qual faz parte, é evidente que suas moradas (*fazendas*) não podem ser tão bem tratadas como as dos proprietarios das regiões auríferas da

(26) O general Raymundo José da Cunha Mattos, com o qual me felicito de estar geralmente de accordo, diz (*Itinerario*, I, 47) que, a cerca de 8 leguas de S. João d'El Rei, "foi recebido por uma senhora que lhe appareceu e lhe mostrou quasi toda a casa, desmentindo assim as asserções de alguns estrangeiros, que pretenderam que as mulheres de Minas não se mostram aos seus hospedes. Não encontrei, diz o mesmo escriptor, semelhante costume estabelecido em parte alguma, ou, pelo menos, as pessoas mais respeitaveis abandonaram-no em meu favor". E' principalmente a *comarca* de S. João d'El Rei que percorreu o sr. da Cunha Mattos, e, como se acabou de ver, as mulhieres não se retráem ahí tanto como em outras partes da provincia de Minas; aliás, não seria extraordinario que a patente official superior de que estava revestido o autor do *Itinerario* tivesse feito exceptual-o da regra commum. Já se viu, pelos relatos por mim publicados, que si algumas mulheres se mostram aos forasteiros, em geral se escondem cuidadosamente dos seus olhares. Acrescentarei ainda um factó dos pormenores que já dei sobre a materia. Passara, em duas vezes differentes, cerca de sessenta dias em casa de um *fazendeiro* extremamente distincto, que me testemunhava amizade e pelo qual tambem professava estima e apreço. Pouco antes de nos separarmos para sempre, elle me disse com embaraço: "Está surprezo, sem duvida, meu amigo, de que minhas filhas não se tenham jamais mostrado ao senhor; detesto o costume que me obriga a afastal-as, mas não poderia subtrahir-me a elle sem prejudicar-lhes o casamento...". Aliviei de um grande peso esse homem respeitavel respondendo-lhe que eu estava longe de o desapprovar, que não se devia jamais atacar bruscamente as ideias estabelecidas, que era necessario deixar o tempo agir, e que pouco a pouco elle traria uma feliz mudança. Parece que essa época ainda não chegou; pois o sr. Gardner, cuja viagem é recentissima, relata que foi recebido com a mais amavel hospitalidade em uma *fazenda* onde eu proprio fôra dignamente acolhido, mas onde não vira a senhora da casa. Tornada mais idosa, essa senhora não procurou esquivar-se aos olhos do viajante inglez, mas as suas filhas se esconderam, como ella tambem o fizera na sua mocidade.

provincia. Estas ultimas assemelham-se um pouco aos nossos castellos; as outras, ás nossas quintas. Descrever uma das *fazendas da comarca* de S. João é descrevel-as todas, pois são geralmente construidas pelo mesmo modelo. Um muro de pedra secca, mais ou menos da altura de um homem, rodea um pateo bastante vasto, no fundo do qual estão alinhadas as casas dos negros, as officinas da exploração e a casa do proprietario. Esta ultima, construida de argamassa e madeira, e coberta de telhas, só tem um pavimento. A sala (27) é a primeira peça que se encontra ao entrar, e não tem por mobiliario mais do que uma mesa, um par de bancos, e, ás vezes, uma ou duas armações de cama. Raramente se deixa de dependurar ao redor da sala varios cabides destinados a suspender sellas, arreios, chapéus, etc. Entre a *região das florestas* e S. João fiz alto na *fazenda das Vertentes do Sardin*, propriedade de Antonio Francisco de Azevedo, que, como já disse (28), mandára construir a estrada por onde passei para vir de S. Gabriel aos *campos*, e do qual me exaltavam a riqueza. Vendo sua habitação niuguem poderia pensar que fosse a de um homem que, asseguraram-me, comprava todos os annos, de 5 a 8.000 rezes para envia-las á capital. Sua casa, que elle proprio mandára construir, era pequena, baixa e de um só andar; as paredes de barro nunca foram caiadas, e toda a mobilia da sala consistia em uma grande mesa, dois bancos, e alguns tamborettes forrados de couro. Dois ou tres pequenos quartos, que davam para a sala e que entrevi, não tinham melhor mobiliario. Entretanto o meu tropeiro me fazia grandes elogios dessa casa, o que, certamente, prova que o luxo não fez grandes progressos nessa parte da provincia. Não quero esquecer-me

(27) É na sala que se fica habitualmente e se recebem os forasteiros (*Viagem pela provincia de Rio de Janeiro*, etc., I, 210).

(28) Vide p. 54.

de dizer que se entra no terceiro das *fazendas* por uma dessas portas de madeira que se chamam *porteiros* e que também se empregam para fechar os pastos; são feitas de duas barras verticaes e de algumas taboas transversaes afastadas uma das outras; dá-se um pouco de obliquidade á estaca sobre a qual giram, e, voltando á posição inicial pelo proprio peso, depois de abertas, fecham-se por si.

Termino aqui o quadro geral do *districto do Rio Grande* (29), nome pelo qual designo, repito-o, a região que regam os cursos iniciaes deste rio, e que, por consequente, está situado ao sul da cabeça da *comarca* do Rio das Mortes. Tratarei agora de algumas particularidades.

(29) Deve-se evitar de confundir essa região com a provincia do Rio Grande do Sul, como parece tel-o feito Pizarro, quando disse que esta provincia fornecia queijos a Campos dos Goitacazes, e como o fizeram também viajantes justamente celebres, attribuindo á mesma provincia o gado que vai para o Rio de Janeiro da zona de Rio Grande (SPLEX e MARTUS, *Reisz*, I, 125).

CAPITULO V

VIAGEM PELO DISTRICTO DO RIO GRANDE

Vegetação que se observa á entrada dos campos. — A *Araucaria Brasiliensis*. — Influencia do ar vivo dos campos sobre a pelle. — Passagem do Rio Grande. — A fazenda de Sítio; seus habitantes. — Os guarda-sóes de uso geral. — *Fazenda das Laranjeiras*. — *Fazenda das Vertentes do Sardim*. — *Serra dos dois Irmãos*. — Ainda o Rio Grande. — A povoação de *Madre de Deus*. — *Fazenda de Chaves*. — Accidente soffrido por Prégent. — O *Rancho do Rio das Mortes Pequeno*; recepção que ali fazem ao autor.

Logo depois de deixar para traz as cerradas florestas que percorrêra, quasi que desde o Rio de Janeiro (1), encontrei, durante alguns instantes, arbustos de 3 a 4 pés, entre os quaes era a Composta n.º 109 uma das mais abundantes. Em pouco não cresceram mais do que arbus-

(1) Itinerario approximado do Alto da Serra a S. João d'El Rei:

Do Alto da Serra a Sítio (fazenda)	4	leguas
De Sítio á Fazenda das Laranjeiras	4	"
Da Fazenda das Laranjeiras á das Vertentes do Sardim	1 1/2	"
Da Fazenda das Vertentes do Sardim á de Chaves ..	4 1/2	"
Da Fazenda de Chaves ao Rancho do Rio das Mortes Pequeno	4	"
Do Rancho do Rio das Mortes pequeno a São João d'El Rei	1 1/2	"
	19 1/2	leguas

ticulos no meio das Gramineas, e a Melastomacea chamada *Microlicia isophylla*, DC., se fazia ntoar pelos tufos arredondados que formam suas hastes delgadas e approximadas, cobertas de flôres encantadoras. Avançando mais, encontrei menor quantidade de arbusticulos, não vi sinão gramineas e algumas outras hervas; enfim, nos lugares aridos vi apenas um gramado raso e pouco condensado. Dahi se deduz que a passagem das florestas para as pastagens simplesmente herbaceas não se faz sem alguma transição; mas ha tanta differença entre as arvores gigantescas das florestas virgens e os arbustos de 3 a 4 pés que, logo no principio, tal transição não poderia ser sensivel.

No meio dos morros nús e desertos que se offereceram á minha vista quando sahi da floresta, a capella de *Bon Jardim*, construida sobre um delles, dava um pouco de variedade á paisagem.

Numa depressão do terreno atravessêi uma moita quasi unicamente constituida por exemplares da *Araucaria Brasiliensis* (pinheiros). Esta arvore magnifica, nobre representante dos nossos Pinheiros e Tuyas, cresce abundantemente na zona do Rio Grande, no limite das mattas com os campos, entre os 21º, 55' de lat. S. e os 21º 10', nua altitude approximada de 3.500 pés inglezes (1,066m, 450); encontra-se em algumas das mais altas montanhas do Rio de Janeiro; constitue, quasi que exclusivamente, as moitas dos Campos Gerais, região que se estende mais ou menos dos 24º aos 25º, 30', e que o curso do Paraná assim como a ausencia de movimentos de terreno sensiveis, desde São Paulo até Curityba, devem fazer suppôr como muito menos elevado que o districto do Rio Grande; enfim, na provincia de Rio Grande do Sul, ella desce por cerca de 29º 30', até os extremos da planicie, que apenas tem fraquissima elevação sobre o nivel do mar. A *Araucaria Brasiliensis* encontra, pois, independentemente de qualquer cultivo, condições de existencia mais ou menos analogas entre os

21º,10' e 29º,30', mas em altitudes muito diferentes (2). Poderia constituir uma especie de thermometro indicando uma temperatura média quasi igual nos diversos lugares que acabo de indicar, ou, si se preferir, offereceria uma escala em que a altitude fosse compensada pela maior distancia do Equador (3.). Esta arvore, uma das mais pittorescas que conheço, muda de porte nas diferentes idades. Na juventude, seus ramos, como que quebrados, lhe dão um aspecto bizarro, e não possui então formas definidas; mais tarde arredonda-se á maneira das nossas macieiras; adulta, alça-se perfeitamente rectilinea, a grande altura, e se termina por um conjunto de ramos, especie de plataforma immensa e perfeitamente igual, de um verde escuro. Nessa ultima época, seu tronco não tem, a não ser no apice, verticillos de ramos que, curvados á maneira de candelabro e tanto mais curtos quanto mais vizinhos são da extremidade superior da arvore, elevam todos ao mesmo plano um tufo arredondado de pequenos ramos com folhas. A madeira da *Araucaria Brasiliensis*, branca, sulcada de veios muito raros, de um rosco vinhoso, é mais pesada, mais compacta que a dos nossos pinheiros. Suas folhas são muito mais largas que as dest'outros. As escamas e sementes que constituem seus cones, do tamanho de uma cabeça de criança, separam-se na maturidade e se espelham pela terra. Estas ultimas, quasi do comprimento da metade de um dedo, lembram a castanha pelo sabor; mas são mais delicadas e não têm massa farinacea. Como nossos Pinheiros e Tuyas, a *Araucaria Bra-*

(2) Vide, para as posições e altitudes aqui indicadas, Casal, e, sobretudo, Eschwege.

(3) Mostrei na *Escallonia floribunda*, uma escala do mesmo genero, porém, muito mais extensa, visto que, começando no Rio da Prata, vai-se elevando sempre á medida que se aproxima de Equador. (Vide AUG. DE S. HL., *Flora Brasiliae meridionalis*, III, 92, ou os *Archivos de botanica*, publicados pelos cuidados do sr. B. Delessert, vol. II, 1833).

siliensis dá-se bem em terrenos saibrosos, e a abundancia dessa arvore é, para os colonos dos Campos Geraes, o indice dos lugares menos proprios para cultivo.

Si a entrada nos *campos* excitou-me a admiração, não é menos verdade que eu e os que me acompanhavam tivemos um triste ensaio desse genero de terreno logo no primeiro dia em que os percorremos. A falta de sombra, o vento secco e escaldante que soprava nos comoros, fizeram-me muito mal aos nervos e causaram maior mal ainda ao pobre Prégent, que se obstinava em não utilizar o chapéu de sol. Elle e Firmiano ficaram com os labios gretados, como já me aconteceu em 1816, a mim e meus companheiros, quando entramos nos campos, pelo lado de Barbacena, e como tambem succedera ao proprio Prégent, quando, quinze mezes mais tarde, tornou a passar pelo mesmo local (4). O sr. Luccock queixa-se tambem de ter passado por este incommodo, quando sahio das mattas, por outro caminho, para ir a S. João (5). É uma especie de tributo que a differença de atmospherá faz, sem duvida, pagar aos que entram nos campos, mas do que a minha propria experiencia faz crer que se possa isentar-se quando se atravessa a Serra do Espinhaço, em região menos elevada e onde o ar deve ser menos penetrante.

Nesse dia transpuz o Rio Grande, que serve de limite (1819) ao termo de Barbacena (6), por onde viajára desde que entrei na provincia das Minas, e foi então que me achei no termo de que a villa de S. João é a capital.

(4) Vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 113.

(5) "O vento, não sendo mais refrescado pela influencia do mar ou das florestas..., deseccou todas as particulas humidas da nossa pelle e deseccou completamente os nossos labios...." (*Notes on Brasil*, 147).

(6) Vide minha *Viagem no Districto dos Diamantes, etc.*, I, 234.

Após ter caminhado 4 leguas desde o Alto da Serra, detive-me numa *Fazenda* de assás mesquinha apparencia, a de *Sítio*, edificada num baixo, ao lado de um correço. Está rodeada de morros pouco elevados e arredondados; o fundo do valle mostra uma liseira de bosques, e se descobrem alguns *capões* (7) nas grotas no flanco dos montes.

O dono da casa, que, como todos os fazendeiros dessa região, tinha os habitos dos nossos camponezes abastados, recebeu-me muito amavelmente, e me fez descarregar as bagagens numa sala bastante suja, coberta por uma esteira e que, por toda a mobilia, só tinha dois bancos e uma mesa. A' tarde, enquanto eu escrevia e Prégent preparava passaros, todos os habitantes da casa se agruparam em torno de nós, occupados em nos observar; um grupo feminino ficára na porta, e todas estiraram o pescoço para nos observar melhor. Disse que me ia deitar, puz o meu barrete nocturno, tirei a roupa, e nem por isso se retiraram.

Como todos os habitantes da zona de Rio Grande, o meu hospedeiro criava carneiros e bois. Vestia, quando em casa, umas calças de algodão, por cima das quaes fluctuava a camisa, segundo o costume dos chefes de tropa e o commum do povo; além disso, só trazia um jaleco de tecido grosseiro e, sobre a cabeça, um chapcu de mineiro. As mulheres da casa só vestiam uma sáia e uma camisa, e na cabeça tinham um lenço amarrado.

Deixando *Sítio*, passei, durante o trajecto de 3 leguas portuguezas, diante de duas ou tres choupanas pouco importantes, deixando á esquerda a povoação de *Turvo*, que está situada em um lugar baixo. Via ao longe a *Serra da Juruoca*, que se eleva muito acima dos montes e fica a 8 leguas do lugar em que me ia deter.

(7) Como já o disse na minha *primeira relação*, os *capões* são moitas de arvores dispersas pelos campos.

Desde Sitio até pequena distancia de S. João, não encontrei ninguem absolutamente nos caminhos. Descortinei um panorama de immensa extensão, mas nada que me attraísse a vista; por toda a parte apenas vastas e monotonas solidões.

Na estação que atravessávamos (Fevereiro), os campos apresentam ordinariamente vegetação mais verdejante; mas a secca tinha sido tão forte nesse anno que o matto estava tão deseccado como o fica habitualmente durante os mezes de Junho e Julho.

Quanto ás moitas de bosque, apresentavam ainda bello verdor, e no seu meio faziam-se notar duas grandes arvores em floração de bellissimo effeito. Uma era uma *Vochysia* carregada de longas espigas de amarello vivo; a outra, que já tinha visto em todas as mattas virgens desde o Parahyba, era a *Chorisia speciosa*, Aug. de S. H., Juss., Camb., cujas folhas se compõem de 5 foliolos, e cujos galhos em corymbo se cobrem de uma multidão de flores roseas, amarellas na base, do tamanho de lyrios.

E' facil de se conceber como o sol era escaldante na região descoberta que eu então percorria; todavia, apzar das minhas reiteradas recommendações, Prégent obstinava-se em não se servir de guarda-sol, e, á medida que este subia, via o seu rosto tornar-se vermelho, seus olhos se inflammarem, seus traços se alterarem, o abatimento desenhar-se em toda a sua pessôa. Ao mesmo tempo havia motivos para se ficar admirado da sua resistencia, pois que, se eu proprio me conservasse alguns instantes sem guarda-sol, ficaria com a cabeça em fogo e os nervos abalados. Os fazendeiros, desde que possuam alguns recursos, montam sempre a cavallo com guarda-sol, e si os tropeiros fazem a pé tão grandes caminhadas, é que a isso foram habituados desde a mais tenra infancia.

A Fazenda das Laranjeiras, onde me detive no dia em que deixei Sitio, está construida em um valle e é ro-

deada de arvores. Contam-se ali muitas casas de negros; mas a residencia do senhor é miseravel (1819). Puzeram minhas bagagens em uma sala bastante espaçosa que apenas tinha como mobiliario uma mesa e dois bancos, e cujas paredes de barro jamais foram caídas. O dono da casa não estava; os negros trouxeram-me de comer; no mais, não vi apparecer ninguem; percebi apenas um vulto feminino que, segundo o costume, se adiantou cautelosamente por traz de uma porta entreaberta, e que desapareceu logo que os meus olhos encontraram os seus.

De *Laranjeiras* fui passar a noite na *Fazenda das Vertentes do Sardim*, que pertencia ao mercador de gado Antonio Francisco de Azevedo, e da qual já dei a descripção.

Como essa *fazenda* é pouco afastada de *Laranjeiras*, tive bastante tempo para ir herborizar na *Serra dos dois Irmãos*. Dá-se este a duas montanhas que eu vira de longe durante toda a jornada da vespera; estão situadas uma ao lado da outra, sua altura é approximadamente a mesma, e ambas têm a forma de uma pyramide curta, de base muito larga. Para se ir até lá, da *Fazenda das Vertentes do Sardim*, é necessario fazer uma volta, e pode-se contar cerca de legua e meia de caminho. Acompanhado de José Mariano, fui no meu burro até ao pé da *Serra*; subi em seguida só, e a pé, uma das montanhas. Em grande parte da sua altura se elevava um muro de pedra secca muito bem feito. Além desse muro, que, nessa região, pode ser considerado como uma coisa extraordinaria, caminhei, abandonando o caminho, pelo meio das pedras e rochas que cobrem a montanha. Como em todos os lugares elevados e pedregosos, encontrei ali grande numero de *Vellozia* (vulgarmente *canella de ema*). Estavamos então na época das chuvas; a agua, entretanto, escasseava ha tanto tempo, que as *Vellozia*, embora pouco exigentes, tinham as folhas quasi completamente estorricadas, e esta fatigante

excursão não me augmentou a collecção. Chegado ao topo da montanha, descortinei uma immensa extensão de terra, a Serra da Juruoca e muitas outras; além d'isso nenhuma habitação apreciavel, nenhuma povoação attrahia os meus olhares. A excursão que fizera a um dos dois montes não me compensou bastante do trabalho para que sentisse a tentação de galgar o segundo: desci com muita difficuldade pelo meio das pedras, e, cavalgando o meu animal, voltei á *Fazenda das Vertentes*.

Dessa *fazenda* dirigi-me á de *Chaves*. Para lá chegar percorri uma região que apresenta ainda morros arredondados cobertos de gramíneas e valles pouco profundos, delimitados por orlas de florestas, cuja vegetação, extremamente fresca, contrastava com a coloração amarelada dos pastos dessecados.

A cerca de duas leguas da *Fazenda das Vertentes* do *Sardim*, encontra-se o *Rio Grande* que, nesse local, tem pouca largura, e cujas aguas, devido ás lavagens de ouro, têm uma coloração vermelha suja e clara. Transpõe-se o rio por uma ponte de madeira mal conservada, como todas as da provincia (1819), e que a falta de parapeito torna muito perigosa para os animaes carregados. Tive tanto maior inquietação pelos meus, porquanto me fizeram esperar muito tempo antes de abrirem uma porta existente na sahida da ponte. A passagem desta está arrendada, como o são em geral as das pontes da provincia de Minas Geraes. Aqui se pagam 80 réis (50 centimos) por pessoa, e cada animal; mas o meu passaporte privilegiado isentou-me dessa pequena despesa.

A pouca distancia do *Rio Grande*, chega-se ao logarejo de *Madre de Deus*, construida sobre uma elevação, e que se compõe, no maximo de uma duzia de casas reunidas em torno de uma capella. Todas, sem excepção, estavam fechadas, e o meu tropeiro, José Mariano, que conhecia perfeitamente a zona, disse-me que a maior parte

não tinha habitantes a não ser 'quando algum padre vinha de S. João celebrar missa na pequena igreja (8).

Para além de Madre de Deus, a região, sem deixar de ser bastante elevada, torna-se mais plana, e, á distancia, o campo coberto então de uma grama amarellada e estorricada pelo ardor do sol assemelhava-se ás nossas plauicis da Beauce, quando depois da colheita.

Pouco antes de chegar á *fazenda* de Chaves, a vegetação mostra-se algo differente. Não são mais apenas gramineas, e pequena quantidade de bervas e arbusticulos disseminados entre ellas, que cobrem o solo: arvores pouco elevadas, tortuosas, enfezadas e de casca suberosa, crescem, espalhadas aqui e alli, no meio da grama, e lembram os *taboleiros cobertos* do Sertão (9) oriental do S. Francisco, ou, si se prefere, nossos prados da França plantados de macieiras. As arvores que acabo de citar são principalmente a Leguminosa (n.º 129), e uma *Guttifera* de grandes folhas glaucas que vira frequentemente no Sertão. Aqui não é a differença na altitude do solo, nem na sua disposição que produz a da flora; mas sim o terreno, que tinha percorrido, no resto do dia, arenoso ou cheio de pedregulho, tornou-se muito melhor e pôde produzir algumas plantas mais vigorosas.

A *fazenda* de Chaves, onde parei, é situada, segundo o costume, em um vallão á margem de um correjo. Fiquei admirado, ao chegar, da assombrosa quantidade de passaros que cobriam as arvores de que estava rodeada a habitação. Eram papagaios, rapaces, e muitas outras especies. Como os arredores são extremamente seccos,

(8) A igreja de Madre de Deus é, segundo Pizarro, uma das succursaes (*capella succursal*) da parochia de S. João d'El Rei (*Mém. hist.*, VIII, segunda parte, 127).

(9) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, vol. II.

esses animaes se reuñem 'em um lugar onde encontram agua e sombra.

Quando cheguei á *fazenda* de Chaves, o proprietario estava ausente; a dona da casa, após se fazer esperar muito tempo, appareceu finalmente, e me deu permissão de me deter em sua casa. Em alguns instantes a mesa foi posta, e me trouxeram um prato de feijão cozido com hervas, um de arroz e *cangica*: achava-me na terra hospitaleira de Minas Geraes.

Entre Chaves e o *Rancho do Rio das Mortes Pequeno*, em um espaço de 4 leguas, vi, em depressões do terreno, tres ou quatro *fazendas* de mesquinha apparencia. Para chegar ao Rancho atravessei inorros pouco elevados: algumas cristas, todavia, são aterrorizadoras por sua pouca largura e a profundidade dos valles que se descobrem por baixo dellas. Nesses montes a terra é secca, arida e pedregosa, e a herva baixa e enfezada. Reconheci nesse lugar algumas plantas que já vira na minha primeira viagem a Minas, em terrenos analogos, taes como as *Polygala* (ns. 153 e 163), e a *Rubiacea* (n.º 162).

Nesse dia Prégent portára-se melhor; mas, ao chegar ao Rancho do Rio das Mortes Pequeno, onde me detive, o seu jumento ficou espantado pelo encontro de um desses frades ermitões que vão mendigar e escandalizar os fieis; o pobre Prégent foi lançado á terra e ficou ainda mais doente do que nos dias precedentes.

José Mariano chegara ao pouso antes de mim; e, quando descí do meu burro, me veio dizer que o proprietario da casa se recusava a me ceder um quarto, e queria deixar-me no *rancho* destinado a todos os viajantes. Como esse *rancho* se abria por todos os lados e era de uma immundicie extrema, e, além, disso, como eu tencionava demorar-me alguns dias nesse local para mandar fazer malas em S. João d'El Rei, fui procurar o proprietario do *rancho*,

e roguei-o para que fosse menos severo; fallei-lhe da minha *portaria*, mas tudo inutilmente. O que tenho a temer do senhor? disse-me o bonachão. Nada absolutamente, era a unica resposta que poderia dar a esta pergunta. Ella me chamou a um conceito mais exacto da minha situação; algumas gentilezas conseguiram mais do que a ameaça da *portaria*, e acabou por me ceder um pequeno quarto onde ficamos apinhados de um modo horrivel.

CAPITULO VI

ESTADIA EM S. JOÃO D'EL REI

A região situada entre o Rancho do Rio das Mortes Pequeno e S. João d'El Rei. — O vigário de S. João. — Remédio contra a hydropisia. — Os dois rios denominados das Mortes. — A cobra urutú, os homens que pretendem preservar da picada dos reptéis perigosos; a *herva de urubú*. — Procissão das cinzas. — A igreja brasileira. — Molestia de Yves Prigent. — Os curosas. — Uma hospedaria. — Um roubo. — Reflexões sobre a escravidão; de que modo são os negros tratados no Brasil. — Morte de Yves Prigent. — Molestia de José Mariano. — Herborisação na Serra de S. João. — Doença de Firmiano. — José Mariano feito empalhador. — Tentativas inúteis para encontrar um tocador. — Partida do Rio das Mortes Pequeno.

No dia seguinte áquelle em que chegara ao Rancho do Rio das Mortes Pequeno, dirigi-me a S. João, que está afastado de lá legua e meia. A' margem direita do caminho vêem-se *campos* que não differem dos que já percorrera nos dias anteriores; mas, á certa distancia do rancho, a vista é limitada, á esquerda, por montanhas chamadas Serra de S. João, onde rochedos nus e pardacentos se mostram por toda a parte. Seguindo o valle que essas montanhas limitam, cheguei á villa de S. João d'El Rei, da qual já dei allures uma descripção minuciosa (1).

(1) Vide minha *Viagem pelo Districto dos Diamantes*, etc., I, 233.

Fui entregar as cartas de recommendação de que estava munido, e comeei pelo parcho, que conversava bastante e me pareceu conhecêr bem o Brasil. Já servira na igreja de uma aldeia de índios, e tudo o que me disse dessa raça mostra que ella não se preoccupa com a ideia do futuro, como eu proprio já o notára. O vigario de S. João estivera em Goyaz, e fez tudo o que pôde para me desviar do projecto de viajar por essa provincia. Não encontraria, disse-me, sinão *campos* de uma fatigante monotonia, onde se fica queimado pelo ardor do sol, os viveres faltam frequentemente, e corre-se o risco de cahir perigosamente doente: taes palavras me abalaram. Parecia-me impossivel que Prégent supportasse as fadigas de tal viagem e tomei a resolução de não ir até Villa Boa, si realmente colhesse tão poucas plantas como o vigario suppunha.

Este clerigo me garantiu que a *Aristolochia* chamada *Jarrinha* (*Aristolochia Macroura*, Gomes ex Mart.) era um poderoso especifico contra a hydropisia. Disse-me elle que essa molestia era uma das mais communs no interior do Brasil; mas suppunha que o abuso da aguardente de canna não era sempre a causa, e garantiu-me que já vira morrer de hydropisia muitas pessoas de grande sobriedade. Essas terão devido, sem duvida, a molestia, a uma deficiencia organica causada pelo calor do clima e má nutrição.

De volta ao *ranch* fui no dia seguinte herborisar nas margens do Rio das Mortes Pequeno; mas, devido á extraordinaria falta de chuvas, estavam quasi tão seccas como os *campos* mais aridos. Ahi encontrei, todavia, uma planta muito interessante para a geographia botanica, um salgueiro bastante desenvolvido que a gente da zona me disse ser nativo, e que, effectivamente, crescia em um local onde não se via nenhum vestigio de cultivo. Essa especie é provavelmente a *Salix Humboldtiana*. Dois rios usam o triste nome de Rio das Mortes. O que o communica ao Rancho

distingue-se pelo epitheto de *Pequeno*, porque é menos importante que o outro; lança-se no *Rio das Mortes Grande*, junto á *fazenda de Barra* (confluente) situado a quatro leguas do *ranchão*, e a meia da povoação de *Conceição*. Quanto ao *Rio das Mortes Grande*, tem a sua confluência com o *Rio Grande*, perto de *Ibituruna*. Devo dizer que, na linguagem habitual, os habitantes supprimem os epithetos distinctivos dos dois rios.

Firmiano me acompanhava na excursão que fiz ás margens do *Rio das Mortes Pequeno*. De repente vejo-o de longe recuar com terror, e me grita: Olha uma cobra muito perigosa! Approximo-me e ouço, no meio das folhas secas, um ruído quasi analogo ao da cascavel sacudindo a cauda. Em breve vi a cabeça do reptil alçar-se sobre a herva; cortamos um grande salgueiro, mas não conseguimos matar o animal sinão depois de lhe darmos grande numero de pancadas. Levei-o para casa, e, si bem que estivesse morto, sua vista fez recuar de medo todos os que a viram. Pertencia á especie que se chama no paiz *Urutú*, e é considerada muito venenosa (2).

Disseram-me que havia na provincia de Minas e na de S. Paulo pessoas que pretendem possuir segredos para preservar da mordedura das cobras mais perigosas, o que se chama *curar*. O parochio de S. João me contou que um dos escravos de seu pae segurava impunemente as serpentes venenosas. Um dia elle garroteou este homem para forçal-o a confessar qual o meio que empregava. O escravo mostrou-lhe uma planta que elle chamava herva de *urubú*; esfregou-se com ella, segurou em seguida uma cobra venenosa, e não lhe resultou accidente algum. O cura, quando esse factio succedeu, era muito jovem e estava na provincia de S. Paulo; viajou depois muito, e quando eu o

(2) Esta cobra fazia parte da immeusa collecção que a minha chegada á França dei ao Muscu de Paris.

encontrei, não se lembrava mais qual fosse a *herua de urubú*.

Tencionava, a principio, alojar-me em S. João na casa deste ecclesiastico; mas mudei de ideia, porque não havia pastagens nas proximidades da cidade e eu seria obrigado a dividir os meus acolytos e as bagagens, o que seria muito incommodo para mim. Fiquei, pois, no Rancho do Rio das Mortes Pequeno, donde podia facilmente fazer excursões até á villa.

Fiquei com curiosidade de ver a procissão que a irmandade de São Francisco faz, de tempos em tempos, na quarta-feira de Cinzas (*procissão das cinzas*), tanto em S. João como em outras villa da *comarca*. Sabia-se que ella se realizaria naquelle anno, e, desde a vespera da cerimonia, havia passado pelo *ranchos* onde estava hospedado grande numero de homens e mulheres a cavallo, que se dirigiam a S. João para assistirem á festa. No proprio dia em que ella se devia realizar encontrei ainda uma multidão de pessoas que iam para a villa. Apesar do calor ser excessivo, quasi todos estavam cobertos por capas de golas fechadas, como se usaria na França pelo Natal. Este habito, que provinha originalmente de Portugal, esteve muito tempo em vigor na provincia das Minas e talvez em muitas outras partes do Brasil; na época da minha viagem, os mineiros de certa categoria não usavam a capa sinão em casa, quando não estavam ainda vestidos; mas um operario não sahia sem ella, e a posse dessa vestimenta era objecto dos anhelos de todos os mulatos livres.

Chegando a S. João encontrei as ruas apinhadas de gente. Tinha havido uma missa cantada, e era 1 hora quando o vigario sahia da igreja. Disse-me que não tomaria parte na procissão porque aqui, assim como em outras parochias da provincia, a irmandade de S. Francisco preten-

dia subtrahir-se á autoridade pastoral (3); accrescentou que estava em guerra com ella ha dez annos, que fizera reclamações ás autoridades do Rio de Janeiro, mas que seus adversarios eram sustentados por influencias poderosas, e nem sequer se dignaram responder-lhe. O cura disse-me ainda que a procissão passaria ás quatro horas diante da sua casa, que poderiamos vel-a da sua sacada, e ao mesmo tempo avisou-me que eu seria testemunha de scenas bem ridiculas, das quaes era elle o primeiro a lamentar-se, mas contra as quaes em vão protestára.

Pelas cinco horas a procissão começou a desfilar pela rua em que morava o vigario. Era aberta por tres mulatos vestidos de dominós escuros, mais ou menos semelhantes aos que se dão, nos nossos theatros, aos genios infernaes. Um dos tres levava uma grande cruz de madeira; os dois outros, que lhe serviam de acolytos, sustentavam cada um uma grande haste terminada por uma lanterna. Logo atrás delles caminhava outra personagem coberta de uma vestimenta de panno amarellado muito justo, e sobre a qual se pintaram em preto os ossos que compoem o esqueleto. Esta figura representava a morte, e fazendo arlequinadas, ia batendo nos circumstantes com uma foice de papelão. A grande distancia estava um outro grupo, precedido de um dominó escuro que levava cinzas sobre um taboleiro, e ia e vinha como para assignalar com ellas os assistentes. Os individuos, que caminhavam em seguida a esse dominó, eram uma mulher branca, sem mascara, e muito engalanada, e ao seu lado outro dominó escuro levando um galho de arvore, carregado de maçãs, ao qual se tiuha

(3) E' a existencia desta irmandade e da de Nossa Senhora do Monte Carmello (*Ordem Terceira de N. S. do Carmo, Ordem Terceira de S. Francisco*, que fizeram dizer a Walsh (*Noticias*, II, 134) que havia dois conventos em S. João d'El Rei. E' sabido que não era permittido ás ordens religiosas estabelecerem-se na provincia de Minas Geraes.

amarrado uma figura de serpente. O homem representava Adão, e a mulher, que fazia o papel de Eva, fingia colher de vez em quando um fructo. Atrás delles marchavam dois meninos cobertos de folhas, dos quaes um, que fazia o papel de Abel, fiava com um fuso de algodão, e outro, que representava Caim, parecia querer cavar a terra com uma enxada que tinha na mão. Os dois grupos que acabo de descrever eram seguidos de treze andores levados pelos irmãos de S. Francisco, e sobre os quaes estavam figuras de madeira, de tamanho natural, pintadas e trajadas de pannos. Os treze andores iam enfileirados a grande distancia uns dos outros. Em um delles estava Jesus rezando no Horto das Oliveiras; em um outro, santa Magdalena e a bemaventurada Margarida de Cortona, ambas de cabellos fluctuantes e trajadas de escuro; no terceiro, S. Luiz, rei de França; no quarto, o bemaventurado Yvo, bispo de Chartres. A Virgem, na sua Gloria, rodeada de nuvens e cherubins, era transportada em um dos andores; outras figuras representavam S. Francisco, recebendo do Papa a approvação dos estatutos da sua ordem; noutro andor havia um grupo representando o milagre dos stigmata; e, por fim, via-se ainda S. Francisco abraçado por Jesus-Christo. Essa série de figuras era de uma bizarrria extrema; havia, entretanto, peor gosto no conjunto do que nas minucias. As roupas convinham ás personagens que as vestiam; as tintas eram frescas, e não pude deixar de achar as imagens muito bem esculpidas, pensando, sobretudo, que ellas o foram, no proprio lugar, por homens desprovidos de bons modelos. O que a procissão exhibia de mais ridiculo eram as crianças de raça branca, que seguiam cada andor e representavam anjos. A seda, os bordados, as telas e fitas tinham sido tão prodigalizados nas suas vestimentas, que apenas podiam caminhar, perdidos no meio do ridiculo. Uma especie de tiara, feita de gaze e fitas, fazia desaparecer, quasi, as suas cabecinhas; vestiam um

saiote largo, bem armado, de mais de um covado de diametro, e ao colete, já carregado de fitas e gaze pregucada, estavam presas meia duzia pelo menos de grandes azas de tarlatana. Em seguida aos andores vinha um grupo de músicos que cantavam um motete á porta do vigario. O sacerdote seguia com o santo sacramento, e a multidão fechava a marcha. A cada andor que passava, os assistentes faziam uma genuflexão; depois, conversava-se despreocupadamente com o vizinho. Já não viam a procissão das cinzas ha alguns annos, e ficaram encantados com essa cerimonia irreverente, em que ridiculas momices se assoeiavam ao que a religião catholica tem de mais respeitavel.

O parochio de S. João conhecia bem os abusos da Igreja brasileira; parecia soffrer com isso e desapprovava as diversas praxes de simonia que se tinham introduzido na região. Dizia-me, com razão, que os brasileiros são naturalmente religiosos; mas reconhecia que sua religião não ia além dos sentidos, e que os pastores parecem considerar uma brincadeira a offensa e o perdão.

Desejaria que o Brasil fosse o assumpto das conversações que entretinha com o cura e um jovem sacerdote que residia com elle; mas esses senhores me arrastavam eternamente para a nossa revolução, de que conheciam perfeitamente os factos principaes, para o imperador Napoleão, os seus generaes, para tudo, enfim, que succedera entre nós durante muitos annos. Nossa historia contemporanea foi tão extraordinaria, prende-se tão intimamente aos destinos do mundo inteiro, que, mesmo nas partes mais afastadas da provincia das Minas, encontrei pessoas que a tinham estudado, e se interessavam pelos seus pormenores.

A 26 de Fevereiro, no instante em que devia partir para voltar ao Rancho do Rio das Mortes Pequeno, sobreveio uma tempestade, e enfim, desabou a chuva. O momento era esperado com impaciencia pelos agricultores, pois a secca não deixára de se fazer sentir em toda a re-

gião desde o dia de Reis; era tal, que a maioria das flores, queimadas logo ao se abrirem, não produziam sementes. Avaliava-se a colheita de milho na decima parte do que rendia communmente; esse grão estava, portanto, por um preço elevadissimo.

Enquanto eu ia e vinha entre o rancho e S. João, onde tinha compras a fazer, e varios trabalhos a encomendar, a saude do pobre Prégent alterava-se cada vez mais. Resolvi administrar-lhe um vomitivo, que o alliviou momentaneamente; mas, em breve, começou a me dar fortes inquietações. Nessa região, como albures, a gente do povo é insupportavel para os doentes. Duas mulatas que o meu hospedeiro tinha em casa, queriam instantemente persuadir Prégent a comer e a beber caldos, e augmentavam seus soffrimentos com importunações.

Um dia que cheguei de S. João achei-o peor. Meu hospedeiro, abalado com a minha inquietude, foi buscar um proprietario da vizinhança que se mettia a tratar de doentes, e em quem todos no lugar depositavam grande confiança. A necessidade torna quasi medicos uma porção de mineiros nascidos com alguma intelligencia e que desejam ser uteis. Observam muito os doentes, e ás vezes cuidadosamente; tratam de obter livros de medicina, lemnos, refêm-nos e procuram fazer uma applicação feliz dos conhecimentos ali hauridos. Si, para formar um bom medico, são necessarios, supponho, vinte graus, dizia-me o respeitavel *ouvidor* de Sabará, sr. José Teixeira (4), não ha lavradores mineiros que não possuam, pelo menos, cinco ou seis. Dá-se nome de *curiosos* a todos os que se occupam de medicina sem ter feito estudos regulares, e, em geral, emprega-se esta palavra para designar os homens

(4) Dei a conhecer na minha *segunda relação* (vol. I, p. 166) o character respeitavel do sr. José Teixeira que, depois da minha viagem, foi feito barão de Caeté pelo imperador D. Pedro I.

que por gosto exercem um officio, ou cultivam qualquer arte, sem fazer disso profissão (5). Achei o *alferes* José Pereira da Silva, o *curioso* que me trouxe o meu hospedeiro, um homem um pouco embaraçado nas maneiras, mas brando e bom; falou-me muito sensatamente a respeito da molestia de Prégent: considerava-a uma febre maligna, e aconselhou-me a continuar administrando bebidas refrescantes e a administrar-lhe um segundo vomitivo.

Prégent passou uma noite má. A minha tambem, estava longe de ser boa, levantava-me constantemente para dar de beber ao meu doente, atormentado com a ideia de perdê-lo e entregue ás mais tristes reflexões; parecia-me que essa viagem era reprovada pela Providencia. Quantos embaraços antes de começal-a, até nas menores coisas! Que penosa aventura a do Porto da Estrella! Quantos aborrecimentos que fizera supportar o tropeiro que me deixou em Ubá. Quantos cuidados, atenções e desvelos me foram necessários ter para conservar a paz com Prégent, e esse infeliz estava perigosamente doente! Tudo o que supportara delle, desde que sua saude se resentiu, não o poderia expressar, mas, não é menos certo que me prestara importantes serviços, e que possuia as qualidades mais apreciaveis... Ergui-me desencorajado e acabrunhado pela tristeza.

Parti para S. João, e, chegado a essa villa, perguntei qual era o cirurgião mais reputado; indicaram-me o capitão Antonio Felisberto, que já tivera occasião de conhecer no anno anterior, e que então me dera algumas indicações uteis. Pelas minhas informações, este senhor achou, como o *curioso* do Rio das Mortes Pequeno, que Prégent estava atacado por uma febre maligna, e pensou que sua molestia começara antes mesmo de sahirmos das mattas vir-

(5) A palavra *curioso* corresponde, na nossa lingua (a franceza) ao de *amateur* (amador), mas tem um sentido mais lato.

gens. Como esse infortunado havia de ter soffrido, quando, exposto ao ar penetrante e ao sol ardente dos *campos*, obstinava-se em não se servir do guarda-sol!

Dois ou tres dias mais tarde (2 de Março), fiz transportar Prégent para um albergue de S. João, afim de ficar mais perto do cirurgião, e installei-me tambem na villa. Tinha commigo o indio Firmiano; Larnotte ficou no Rancho com José Mariano, encarregado de cuidar dos burros. O caboclo me era pouco util, dada a sua inexperiencia, e era eu que, noite e dia, prodigalizava todos os cuidados ao meu pobre doente. É' impossivel se ser peor servido do que eu o fui no albergue onde me alojei; eram necessarias horas para se obter uma gotta d'agua. Installaram-me no rez do chão, em um cubiculo bastante escuro; ali passei o dia com tedio, tristeza, e inquietação, e, á noite, era devorado por myriades de mosquitos.

No dia seguinte ao da minha chegada, ás nove horas da noite, estava estendido no meu detestavel catre quando um mascate italiano, que estava como eu nesse albergue, entrou no meu quarto horrorizado, berrando que lhe tinham roubado a mala e o seu dinheiro. Aconselhei-o logo a levar a queixa ao *ouvidor*, e foi o partido que tomou. Estive sem sair ás seis horas, depois de fechar a porta e os pestigos do seu quarto, que era no primeiro andar. Voltando, encontrara a porta ainda fechada; mas a janella estava aberta, e a mala já não estava mais lá. O dono da casa e os viajantes concluíram que a mala fôra retirada pela janella, e que um assovio, ouvido, fôra o signal combinado entre os ladrões. Todos os viajantes se ajuntaram diante da porta do italiano, e cada qual fazia suas conjecturas, quando, enfim, decidi o grupo a revistar a hospedaria. Descemos para o pateo, e apenas demos alguns passos, ouvimos grande ruido do lado da porta do infeliz roubado. Confirmamo-nos na ideia de que o roubo foi feito pela janella, e que o ladrão ficara escondido no

quarto e que acabava de fugir precipitando-se na rua. Entrementes chega o *ouvidor*; faz acender lampadas em todos os lados, colloca gente nas saídas e começa a inspecção. Não acha nada no rez do chão; sobe, percorre diversas peças e chega, finalmente, a um quarto que estava vago. Pede a chave; estava nas mãos do empregado do hoteleiro; abre-se a porta e a mala é encontrada sobre uma mesa sem que nada falte. O *ouvidor* continuou, entretanto, nas suas pesquisas, mas não descobriu ninguém; experimentou todas as chaves da casa na fechadura do quarto onde se encontrou a mala, nenhuma a podia abrir, e mandou prender o empregado que tudo fizera para nos despistar, mas que, evidentemente, era o ladrão. Soube depois que esse homem foi solto muito benignamente, assim como o dono do albergue que se considerava seu cúmplice.

No dia seguinte ao do roubo fui dar uma volta pela cidade; a conversação versava, naturalmente, sobre esse pequeno acontecimento. O dono da casa fallava muito mal dos mineiros; dizia que entre elles não se encontrava nem honestidade nem boa fé; que os artifices faziam chaves falsas para os negros que roubavam seus senhores; fôra roubado varias vezes em mais de sessenta salvas de prata, e que quasi todos os mercadores de S. João d'El Rei compravam aos escravos os objectos roubados: o que fallava assim era um paulista; e é sabido que os seus comprouvianos não gostam dos mineiros (6); não é para admirar que exaggerasse os defeitos destes ultimos. Um mineiro, que tinha um *ranch*o na provincia de S. Paulo, e com o qual tive posteriormente occasião de conversar,

(6) Os paulistas foram outr'ora vencidos e expulsos pelos *forasteiros*, quer dizer, os estrangeiros que vieram, depois d'elles, para a provincia das Minas, e cujos descendentes formam, em grande parte, a população actual dessa provincia. A aversão reciproca que os mineiros e paulistas tiveram por muito tempo, e porventura nutrem ainda, data dessa época.

fallava-me dos paulistas mais ou menos nos mesmos termos. Seja como fôr, durante a minha primeira viagem, já reconhecera que uma escrupulosa honestidade não era a virtude favorita dos habitantes de Minas, e não nos devemos surprehender de que em S. João d'El Rei, a cidade que está mais proxima do Rio de Janeiro, porto de mar e capital, houvesse ainda menos do que em outras partes da provincia (7), onde, aliás, a educação é geralmente mais cuidada. Conhecem-se quaes foram os primeiros habitantes da provincia de Minas; e que uma nuvem de aventureiros cahiu sobre a capitania logo depois de descoberta pelos paulistas (8); seria muito difficil que os descendentes não conservassem nada, absolutamente, dos hábitos e costumes dos antepassados. O cuidado que tomaram os mineiros ricos de enviar seus filhos á Europa, e a fundação do seminario de Marianna, onde se educava a mocidade, contrabalançaram poderosamente, sem duvida, a influencia de uma desgraçada origem; mas ha outra influencia que actua sem cessar sobre os brasileiros, de modo prejudicial: a da escravidão. A extrema inferioridade do escravo leva-o naturalmente aos vicios mais baixos. Não castigo os meus negros quando mentem ou roubam, dizia um padre da Bahia, outr'ora captivo entre os africanos, porque eu mentia e roubava quando era escravo. Para evitar o castigo, o escravo habitua-se a mentir e rouba porque não possui nada, está rodeado de objectos que o tentam e, frequentemente, suas necessidades são mal satisfei-

(7) Vide o que escrevi sobre a *comarca* do Rio das Mortes e sua capital na minha *Viagem ao Districto dos Diamantes*, etc., I, 233 e seg.

(8) "De diversas provincias, disse um autor brasileiro muito estimavel, espalhou-se pelas florestas de Minas um povo numeroso que não conhecia outro direito que não o da força, que se entregava a uma devassidão sem limites, a quem tudo era indifferente, excepto o ouro, e cujo temperamento era um composto de orgulho, ambição e audacia levados ao ultimo grau. (PEZZARO, *Mem. hist.*, VIII, segunda parte, 9).

tas; talvez mesmo encare elle o roubo como um meio de vingança. E que razões impediriam os escravos de se entregarem ás suas más inclinações? Sentimentos religiosos? mal lh'os incutem; o medo de perder a reputação? Não ha mais reputação para elle do que para o boi ou o cavallo; como elles, está fóra da sociedade humana. Resta apenas o temor dos castigos; mas si são, ás vezes, punidos pelos motivos mais leves, porque não arriscar-se a sel-o para satisfazer os seus gostos e paixões? O senhor de escravos está, pois, obrigatoriamente rodeado de seros abjectos e corrompidos; é no seu meio que os seus filhos se criam; os primeiros exemplos que têm sob as vistas são os do roubo e da dissimulação; como não se familiarizarem com esses vicios e tantos outros que a escravidão acarreta? (9). Lamentemos o escravo, sem duvida, mas não deixemos de lamentar tambem o senhor que o utiliza (10).

(9) Um jovem brasileiro muito digno nar contou que, quando criança lhe era severamente prohibida por seu pae ter relações com os moleques, mas que elle violava essa prohibição sempre que podia. Presumo que muitos paes fazem a mesma prohibição e não são obedecidos.

(10) A escravidão traz consigo, indubitavelmente, muitos males; mas talvez fossem esses, maiores ainda si se emancipassem bruscamente os escravos, como o pedem em altos brados os philanthropos, animados, sem duvida, de boas intenções, mas que ignoram completamente o que são os negros e a America. Os laços que prendem os escravos devem ser relaxados pouco a pouco; correr-se-iam grandes riscos rompendo-os bruscamente; o que se passou no Brasil em relação ao trafico tende a confirmar o que digo aqui. Sob o governo de D. João VI fixaram-se para o commercio de negros limites rigorosos, e pesados tributos sobre os que se importassem; a esse tempo não se fazia o contrabando, porque elle não offerencia lucros que pudessem contrabalançar os riscos; os escravos eram caros; as pessoas pobres não os podiam mais adquirir sinão a credito longos e onerosos; o homem livre pouco a pouco resignar-se-ia ao trabalho, e, á medida que se fossem acostumando, poder-se-iam augmentar gradualmente os direitos e difficultar o trafico na mesma proporção. Este foi totalmente supprimido, enquanto todos os brasileiros o julgavam ainda indis-

Como bem o observou o sr. Ferdinand Denis (11), o regimen ao qual estão submettidos os negros, está longe

pensavel ao paiz; em toda a parte onde ha grandes vantagens em fazer-se o contrabando, surgem fribusteiros audaciosos que correm todos os riscos, e foi o que aconteceu no Brasil. Enquanto os navios do Reino Unido cruzam entre a Africa e a America para impedir o trafico, e fazem mesmo, muitas presas, o dinheiro dos capitalistas inglezes o sustentam (vide KIDDER, *Sketches*, II, 390), e trahira a verdade se asseverasse que nunca um francez nelle teve parte. Os lucros são taes, diz o veridico Gardner, que um unico carregamento de negros que se consegue salvar, paga, ao que asseguram, as despesas de tres carregamentos; e deixa ainda um lucro consideravel. "Tenho boas razões para crer, accrescenta o mesmo autor, que durante os cinco annos que passei no Brasil as importações corresponderam sempre aos pedidos." "Todo o mundo sabe no Rio de Janeiro que carregamentos de "escravos são regularmente desembarcados a pequena distancia "dessa cidade..... e, nas diversas viagens que fiz ao litoral, "vi frequentemente desembarcar uma leva de 200 a 300 ne- "gros; frequentemente, tambem, encontrei, no meio das tropas, "de 20 a 100 africanos conduzidos á venda..... Os próprios "magistrados compram frequentemente escravos, e não se igno- "ra que os homens collocados na chefia dos districtos em que "se desembarcam os negros recebem propinas para silenciarem (*Travels*, 16)". Vejamos, pois, qual foi, para o Brasil, o resultado da suspensão brusca do trafico. Não parece que as importações tenham diminuído; *correspondem aos pedidos* (vide, além de Gardner, H. SAY, *Hist.*, vol., I, 249). Os negros não são tratados nem melhor nem peor, e os filhos dos homens livres continuam necessariamente a ser criados entre os escravos; mudanças operaram-se, entretanto. As leis e os tratados ratificados á face do universo, são violados por todos, europeus e americanos; os que deveriam fazel-os executar, recebem dinheiro para fazer vista grossa: o espirito dos antigos fribusteiros renasceu entre homens que se collocam, como elles, fóra da sociedade christã; as torturas que os negros soffreram em todos os tempos, durante a travessia (MARTIUS, *Reise*, II, 665), tornaram-se mais crueis ainda devido aos meios empregados para subtrahil-os aos cruzeiros (WALSH, *Not.*, II, 490), e augmentam ainda quando estes capturam qualquer negreiro (vide *Mineria Brasiliense*, III. 34); o dinheiro que se pagava legalmente ao fisco pelas importações permittidas enriquece aventureiros sem fé nem lei e capitalistas inglezes.

(11) *Brasil*, 142.

de ser o mesmo nas differentes partes do Brasil. Apresso-me a dizer que, na provincia de Minas, me pareceram ser tratados com muita brandura, e é certo que, mesmo no Rio de Janeiro, os tratam melhor do que nos Estados do Sul da Confederação Americana. O escriptor consciencioso que acabo de citar, os srs. Spix e Martius, Gardner e mesmo o conde de Suzannet, que se mostrou tão pouco favoravel aos brasileiros, concordam em reconhecer que estes são, em geral, muito indulgentes nas suas relações com os escravos. Eis como se exprime, dentre os citados viajantes, esse que se demorou mais tempo na America portugueza, e teve mais relações com os seus habitantes: “Antes da
“ minha chegada ao Brasil, tinham-me dito que a condição
“ dos escravos nesse paiz era a mais desgraçada que se
“ possa imaginar; mas poucos annos bastaram para me
“ asastar desse conceito erroneo..... Jamais a escravi-
“ dão encontrará em mim um defensor; mas não posso
“ mais admittir que se considerem os brasileiros proprie-
“ tarios de escravos como monstros de crueldade: no ma-
“ ximo fui testemunha de alguns poucos actos de cruel-
“ dade durante a minha longa estada entre elles... Estes
“ homens, naturalmente inclinados á lentidão e indolen-
“ cia, dão pouca attenção a faltas que, entre povos mais
“ activos e ardentes, seriam punidos com severidade...;”
“ e frequentemente se contentam em applicar algumas chi-
“ batadas por crimes que, na Inglaterra, levariam á de-
“ portação ou mesmo á morte... Na maioria das habita-
“ ções os escravos são bem tratados e parecem muito fe-
“ lizes..... Jamais poderia crer que os negros de algu-
“ mas das mais importantes fossem escravos, si não m’o
“ tivessem dito antes; via um grupo de trabalhadores sahir
“ alegremente, pela manhã, das suas casinhas, que mui-
“ tas vezes são rodeadas por um jardimzinho, dirigirem-
“ se para as occupações habituaes, e voltarem á tarde sem
“ se mostrarem absolutamente exgotados pela fadiga....

“ As senhoras brasileiras pareceram-me quasi todas cheias de bondade para com os escravos, e mesmo muitas vezes, ellas proprias tratam os que estão doentes.” (GARD., *Travels*, etc., 17-19). O mesmo autor confirma tambem o que eu disse ha muito tempo (*Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 9), da pouca saudades que os africanos, transportados para a America, sentem pela sua patria. “ Em todas as regiões do Brasil que percorri, conversei — accrescenta — com escravos, e muito poucos encontrei que se sentissem contrariados por terem sido arrebatados ao seu paiz ou que desejassem para lá voltar”.

Voltemos ao triste albergue de S. João d’El Rei e ao infeliz a quem prestava assistencia. Entregue a agitações cruéis, encontrou, nos soccorros da religião, a calma e as consolações de que necessitava. Então, paciente e resignado, não ficava mais um só instante sem ter os olhos fixados em mim; mas seus olhares, com os quaes me parecia implorar, me dilaceravam o coração. Desanimado, acabrunhado pelo causação, reenviei para o Rio das Mortes o indio Firmiano, que parecia aborrecer-se em tomar parte em tantos cuidados, e fiz com que ficasse conmigo José Mariano, que era mais capaz de me ajudar. Davam-me esperanças; não se realizaram, porém. A 7 de Março Yves Prégent expirou e foi enterrado, com toda a decencia possivel, na igreja parochial de S. João d’El Rei.

Muito tivera que aturar desse rapaz, desde que sua saude e genio se alteraram; mas era probo e honrado e me fôra extremamente util. Nenhum francez penetrou antes de nós nessa provincia, disse-me elle, quando entrámos em Minas; nada farei que possa envergonhar o nosso paiz, e mantivera a palavra. Sua perda foi cruel para mim; parecia-me que estava isolado nessa immensa região, e que então uma distancia infinita me separava da França.

Desejaria ardentemente completur a collecção zoológica que Prégent começára com muito cuidado e habili-

dade. Dois jovens se apresentaram successivamente para substituil-o; mas, as informações que me deram a seu respeito impediram-me de contratá-los. José Mariano disse-me que, tendo visto varias vezes o pobre Prégent preparar os passaros, se sentia capaz de fazer o mesmo trabalho, e que, si eu lhe desse um *tocador* (12), elle poderia olhar pelos animaes e continuar a minha collecção. Acabei por acccitar os seus offerecimentos, mas era necessario encontrar o *tocador*.

Entretanto deixára S. João e voltára ao Rancho do Rio das Mortes Pequeno. Foi forçoso tornar a ver esse

(12) O *tocador*, como já o disse alhures, é encarregado de conduzir os muares, sob a inspecção do almocreve principal ou *arriciro*; é elle que os faz avançar e que os dirige quando em marcha. Um viajante, fallando dos preparativos que fez para atravessar a provincia de Minas, diz que é necessario ter muito cuidado com a escolha dos guizes: "Não basta que elles conheçam os caminhos; têm ainda que cuidar dos cavallos, velar por elles durante a noite, afim de que não se afastem muito do acampamento; um bom guia deve saber ferrar, sangrar os animaes feridos, concertar as albardas" (Stz., *Song.*, 258). E' evidente que se quiz tallar aqui dos *arrireiros*, pois são elles que ferram os animaes, etc.; mas esses homens não são guias; elles conduzem seus amos aonde elles querem ir, e, quando não sabem o caminho, perguntam-no. Excepto quando se quer subir algum monte elevado, são elles tão pouco necessarios na provincia de Minas como na Europa; talvez mesmo lá se corra menor risco de se perder, porque os caminhos não são, quasi sempre, tão numerosos. Algum *arriciro*, para se fazer valer junto ao arto, pode lhe ter dito que vellava os seus animaes durante a noite; mas, quando não ha pasto fechado, soltam-se simplesmente os burros no campo, escolhendo-lhes um bom gramado e *encostando-os*, sempre que possível, a alguma collina. As *vendas* ou tabernas, os *ranchos*, esses alpendres abertos a todo e qualquer viandante, as *fazendas* e os *sítios* onde o viajante recebe hospitalidade, são, provavelmente, o que chamaram acampamento; pois que, mesmo nas regiões mais desertas da provincia de Minas (*sertão*), é raro que se seja forçado a dormir ao relento, como o sei por experiencia de dois annos de viagem nessa provincia. (Pode-se consultar sobre esses diversos pontos os autores mais recommendaveis: von Eschwege, Pohl, Spix e Martius).

quarto onde o pobre Prégent cahira de cama; foi ainda um momento muito penoso para mim.

Desde muito José Mariano queixava-se de violentas dôres de cabeça, e não comia mais; no mesmo dia em que deixei S. João chegou ao rancho com febre. O alferes José Pereira da Silva, esse curioso do qual já fallei, decidiu que era necessario dar-lhe um purgativo, e eu lh'o ministrei; estava, na verdade, desesperado por ter ainda uma vez de fazer de enfermeiro. José Mariano ficou promptamente em condições de ensaiar as suas habilidades na taxidermia; mas não tardei a ter outro doente. Firmiano acompanhou-me em uma das excursões que era sem cessar obrigado a fazer á cidade; molhara-se, e, apesar das minhas recommendações, não mudou de roupa ao chegar ao Rancho; resfriou-se, e a febre se declarou. Estava, na realidade, desesperado. Foi necessario ainda recorrer ao hom alferes, que receitou; ao cabo de poucos dias o caboclo se achou melhor.

Emquanto estava ainda doente, fui herborizar nessas montanhas pedregosas que se vêem á esquerda quando se vae do Rancho para S. João d'El Rei (Serra de S. João): encontrei poucas plantas em flôr, provavelmente por causa da secca que durou tanto tempo. O alto da Serra apresenta rochedos amontoados, e no meio delles não cresce mais do que uma especie de vegetal, uma canella d'ema (*Vellozia*). As hastes dessa planta que, como todas do mesmo genero, têm um aspecto singular, attingem a altura de 4 a 5 pés; são enfezadas, tortuosas, divididas em galhos com grossura igual em todo o comprimento, e são inteiramente núas, a não ser no apice, onde têm um tufo de folhas rijas, lineares, agudas e viscosas.

Na volta do meu passeio encontrei Firmiano muito melhor; mas estava muito triste.

Não posso mais ficar alegre, disse-me elle, depois que perdemos o nosso companheiro de viagem. A perda

foi realmente grande para o pobre indio; Prégent o distrahia, e não lhe dera jámais sinão bons exemplos e uteis lições. No meio dos brasileiros que fui forçado a tomar ao meu serviço, nada tinha a ganhar, e perdeu até os seus encantos selvagens.

No dia seguinte ao da herborização na Serra, Firmiano estava quasi restabelecido; mas, parecia que eu não poderia mais gozar de um só dia de tranquillidade. José Mariano estreava-se com exito na sua missão de empalhador; entretanto, deixou passar duas refeições sem tomar alimento; tornou-se triste, e me disse que desejava ir á casa para buscar suas coisas. Esta especie de ameaça entregou-me a novos tormentos, pois que Firmiano não estava completamente restabelecido e eu ainda não tinha tocador.

O bom *alferes* procurou inutilmente me arranjar um; acabou por me dizer que achava inutil procural-o por mais tempo nas cercanias do Rio das Mortes. Fui, apesar disso, a S. João, e, afim de assegurar-me de encontrar em qualquer parte um homem que me conviesse, roguei ao *ouvidor* que me desse uma carta de recommendação para os chefes das povoações por onde deveria passar deixando o Rancho. Este magistrado me recebeu perfeitamente, e me entregou uma carta para o *capitão-mór* de Tamanduá.

Estava mais fatigado do que o posso dizer, por todos os atrazos que experimentára. As pernas apenas podiam suster-me; achava-me muito emmagrecido e temia cahir doente por minha vez, si ficasse mais tempo em uma região onde passára por tantas inquietações e desgostos, e pela qual sentia a cada instante augmentar a aversão. Emfim, a 18 de Março tomei a resolução de partir no dia immediato, acontecesse o que acontecesse. A' noite ajustei contas com os meus hospedeiros do Rio das Mortes Pequeno, mas, á excepção de algumas pequenas provisões, que eu os encarregára de comprar, não quizeram aceitar

nada, e, entretanto, era gente pobre. Noite e dia desvelaram-se com os meus doentes e commigo proprio; lavaram a minha roupa branca, não cessaram de me dar pequenos presentes, e durante um mez se privaram por nós de uma parte da sua casa. Si não tive que me louvar dos habitantes de S. João d'El Rei (13), pelo menos encontrei entre essa boa gente a amavel hospitalidade que me fez votar aos mineiros eterno reconhecimento.

(13) Vide minha *Viagem pelo Districto dos Diamantes*, etc., vol. I.

CAPITULO VII

QUADRO GERAL DA REGIÃO ELEVADA E DESERTA COMPREHENDIDA ENTRE S. JOÃO D'EL REI E A SERRA DA CANASTRA

Elevação do paiz. — Sua vegetação. — Occupação dos habitantes. — Como se criam porcos; o commercio desses animais. — Habitação dos cultivadores; seus costumes. — São menos hospitaleiros que os das outras partes da provincia de Minas; como o autor é recebido por um delles. — Vantagens e inconvenientes de suas reuniões nas povoações. — Indolencia dos homens pobres.

Para ir a Paracatú e de lá a Goyaz, não segui o caminho mais directo (1); afastei-me delle no intento de ir visitar a *Serra da Canastra*, onde nasce o Rio S. Francisco, e que serve de limite ás comarcas de S. João d'El Rei (2) e de Paracatú.

Para chegar a essa montanha tomei a direcção oeste-quarta-noroeste, e caminhei cerca de 45 leguas portuguezas. A região que percorri nesse espaço, forma uma especie de crista e deve necessariamente ser muito elevada, pois que

(1) A grande estrada de Goyaz passa por Bantuy, após ter atravessado Formiga (Eschwege, *Brasilien die neue Welt*, I, 61).

(2) Não creio ter necessidade de dizer que, nem em francez, nem em portuguez, se deve escrever, como o fez um escriptor moderno, *Saint-Jean d'El Rei* (Suz. *Souv.*, 279). A geographia não admite mais do que as sciencias naturaes os termos hybridos.

se acha comprehendida entre os começos do Rio Grande e as fontes dos primeiros affluentes do S. Francisco (3); sabemos, aliás, pelas observações barometricas do sr. d'Eschwege, que a *fazenda de Vicente*, situada a 4 leguas da pequena villa de *Tamanduá*, que se acha nessa estrada, tem a elevação de 2.465 pés inglezes, (551 metros) acima do nivel do mar, e que a villa de S. João Baptista, situada a 5 leguas da de *Oliveira*, onde me detive, se encontra a uma altitude de 3.265 pés inglezes (994m,8) (4).

Esta região é geralmente montanhosa e apresenta uma alternancia de pastos e matias; existe mesmo uma verdadeira floresta perto de Tamanduá. A herva dos campos não tem aqui a excellente qualidade da do districto de Rio Grande, e é somente pelas immedições da Serra da Canastra que se acha o *capim frecha*, graminha que caracteriza as melhores pastagens. Em diversos lugares os campos têm, espalhadas, arvores tortas e rachiticas, como os têm os que percorri entre o norte da provincia das Minas e o Rio S. Francisco (5).

E' para além da povoação de *Formiga*, logarejo situado a cerca de 24 leguas de S. João d'El Rei, que se situam, desse lado, os limites do sertão ou deserto; mas a região começa muito antes a ser pouco habitada. Entre a *fazenda chamada Capão das Flores*, afastada de 6 leguas e meia do Rancho do Rio das Mortes, e a do *Capitão Pedro*,

(3) Ver-se-á daqui a pouco que dei o nome a esta crista de *Serra do Rio Grande e do S. Francisco*, porque divide as aguas desses dois rios.

(4) Eschw., *Bras. die neue Welt*, I, 23-28 — "Essas regiões, diz tambem d'Eschwege, devem formar o planalto mais elevado não só da provincia de Minas, mas ainda de todo o Brasil, pois que suas aguas correm, de um lado, até os ultimos confins meridionaes do imperio, e do outro, quasi até suas fronteiras septentrionaes."

(5) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. II.

não vi mais do que uma habitação, em um espaço de 2 leguas e meia; no dia seguinte encontrei uma unica pessoa; no outro dia, não vi, sequer, um unico viajante.

Existem ainda lavras em exploração nos terrenos que se avizinham mais do Rancho do Rio das Mortes Pequeno e de S. João d'El Rei; mas, as dos arredores de Tamanduá e de Piumby, estão hoje em dia completamente abandonadas. Cultiva-se a terra, cria-se gado e cevam-se porcos. Logo um pouco depois da habitação do Capitão Pedro, situada a 9 leguas do Rio das Mortes, vi, em todas as fazendas, grande numero desses ultimos animaes, e são elles que constituem a riqueza principal dos arredores de Formiga.

E' necessario, nas habitações, estar continuamente em guerra com elles, e, em certas circumstancias, sobretudo, são de uma impudencia muito constrangedora. Dizei em poucas palavras quaes os cuidados que com elles se têm. Não se separam as fêmeas, os varrascos e os leitões; deixam-nos andar em liberdade em torno das fazendas; duas vezes por dia dá-se-lhes milho em espiga, e de dois em dois mezes, uma pequena porção de sal diluido n'agua; examina-se, de tempos em tempos, para vêr se têm feridas, e se os trata com mercurio doce. Quanto aos porcos castrados que se desejam engordar, tratam-se com mais cuidado, fecham-se durante o dia, em um curral, e, durante a noite, faz-se com que entrem em um telheiro onde se espalhou palha de milho, isto é, os envoltorios das espigas; dá-se-lhes de comer trez vezes por dia: em geral, milho em grão duas vezes, e, na ultima, *subú* (6), *inhames*

(6) O *subú* é a farinha de milho simplesmente moída; a *farinha* é o milho separado dos seus involucros, feito em papas com o auxilio da machina denominada *monjolo*; depois, secco em uma caldeira pouco profunda, e por fim reduzido a um pó grosseiro. (Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 135).

(*caladium esculentum*) ou carús (*Dioscorea alata*) (7); de quinze em quinze dias faz-se com que bebam agua salgada e, nas habitações em que se fazem queijos, substitue-se o sal por rações diarias de leiteinho, diariamente.

A raça de porcos mais communs nessa região tem o nome de *porcos canastra*. Os porcos são geralmente pretos; pareceram-me ter as pernas mais compridas que os da França, o corpo mais curto e o dorso mais arredondado; suas orelhas são levantadas na primeira idade, um pouco cahidas nos adultos. Castram-se esses animaes, machos e fêmeas, com a idade de um anno, e lhes é necessario outro mais para engordar. Um porco medio dessa raça (8) pesa,

(7) Já se viu que, no districto de Rio Grande, dão-se tambem aos porcos *inhames* e *carús*, e que, em particular, meu hospedeiro do Rancho do Rio das Mortes Pequeno tinha duas plantações de *carús*. Neste ponto não posso estar de accordo com o sr. d'Eschwege, pois que elle garante que se criam porcos unicamente com milho e que a carestia desse grão condemna esses animaes á morte pela fome; conta mesmo que, tendo aconselhado agricultores a que cultivassem a batata para alimento dos seus porcos, elles lhe responderam que não se iam dar ao trabalho de atrancar batatas para os porcos; accrescenta, enfim, que, quando se discorre dessa maneira, se devem abandonar homens e porcos á sua desgraçada sorte (*Bras. die neue Welt*, I, 27-28). Aliás o sr. Eschwege escrevia isso em 1814, e não seria em absoluto impossivel que o costume de dar *inhames* e *carús* aos porcos se tenha introduzido nesta parte da provincia das Minas de 1814 a 1819.

(8) Criam-se — disseram-me — no districto do Rio Grande, uma especie de porcos que se chamam *porcos latú*; têm as pernas ainda mais compridas do que os *porcos canastra*; são muito mais curtos, e reduzidos; têm o dorso arredondado e não attingem jamais o peso dos outros (*); castram-nos aos seis ou sete mezes, e estão gordos com um anno. Si se lhes dá preferencia na zona do Rio Grande, é porque dão facil consumo ao milho, e não é necessario tanto para engordar os *porcos latú* como aos outros suínos.

(*) Pela descripção parece tratar-se de um typo suíno proveniente do cruzamento do porco commum com o *caietú* (*Bicotus torquatus*) ou *queixada* (*B. labiatus*). (N. do T.).

quando cevado, cerca de 6 arrobas (88 kil. 2 hectg.) (9). Os porcos são enviados em varas á capital do Brasil, fazendo-os caminhar 3 leguas por dia. Os moços que os conduzem pagam-se á razão de 6,600 réis (41 f. 20 c.) pela viagem, e ha cerca de 80 leguas do Rio de Janeiro á povoação de Formiga, que pôde ser considerada como o centro de negocios da região a que me refiro.

Os negociantes de Formiga compram os porcos nas fazendas dos arredores, onde se criam em grande quantidade, por pouco importantes que sejam e, si posso acreditar no que me disseram, um desses marchantes enviára elle só vinte mil no anno de 1818.

Disse já que os lavradores da *comarca* de S. João d'El Rei conservavam menos as suas habitações do que os *fazendeiros dos districtos auríferos*. E' claro que não poderá haver excepção para esta das partes dessa *comarca* que mais se afasta dos centros de civilização na provincia das Minas. A habitação de Cachoeirinha, situada um pouco para cá de Tamanduá, tem 3 leguas portuguezas de comprimento sobre 2 de largura; vi ahí uma quantidade consideravel de gado vaccum, de porcos e de carneiros; o proprietario, o *capitão môr* João Quintino de Oliveira, vendera, nesse anno, no Rio de Janeiro, porcos no valor de dois contos de réis (13.000 fr.), e era um homem educado, cuja mesa annunciava assás a riqueza; todavia, os commodos que occupava estavam quasi tão maltratados como os reservados aos donos em todas as outras fazendas. Estavam, como as senzalas, situadas ao fundo de um vasto terreiro rodeado por estacas que tinham a grossura da coxa e a altura de um homem, genero de clausura muito em uso nessa região. Duma *varanda* (10) assás larga, cuju

(9) Segundo o sr. d'Eschwege, os porcos gordos não pesam mais de 4 a 5 arrobas.

(10) Expliquei minuciosamente, na minha *primeira relação*, o que são as *varandas*.

extremidade fôra reservada para formar um pequeno oratorio, passa-se para uma grande peça sem tecto, sem nenhuma pintura, que não tinha outra mobilia além de bancos de madeira, alguns tamboretos cobertos de couro e uma enorme talha com uma caneca de ferro esmaltada destinada a retirar-lhe a agua; alguns quartos pequenos, abrindo-se para essa sala, não eram mais ricamente mobiliados do que ella. Principalmente para além de Tamanduá, quer dizer, proximo ao sertão e nos seus limites, as habitações se compõem de varias edificações isoladas, mal construídas e dispostas sem ordem, no meio das quaes se distingue com difficuldade o alojamento do senhor. Citarei a de *Dona Thomazia*, situada entre a povoação de Piumhy e a Serra da Canastra. Tinha uma extensão consideravel; vi abi varios escravos, gado vaccum, numerosos porcos; e, entretanto, no meio de varias casinhas servindo de celeiros e senzalas, a proprietaria habitava uma miseravel cabana construida sem a menor arte, e onde não se encontrava outro mobiliario além de uma mesa e mesquinhos bancos (11).

Mal necessito dizer que os habitantes dessas *fazendas* não se parecem em absoluto com os mineiros das *comarcas* de Sabará, do Serro do Frio e de Villa Rica. São homens grosseiros e ignorantes. Têm mais ou menos os mesmos modos que os nossos camponios da França, mas estão longe de ser tão alegres e activos. Farei notar, ainda, que os

(11) Cunha Mattos, que em 1823 foi directamente do Rio de Janeiro a Goyaz, passou ainda, como eu, por Oliveira, Cachoeirinha, Formiga, e pôde ter uma ideia da região que procuro dar a conhecer. "A" pequena distancia de Formiga, fui recebido, " disse elle, em uma casa construida de barro e pedaços de madeira tosca (taipa). Na parede estavam presos muitos chifres " de veados, nos quaes se dependuravam diversos objectos: neste " uma sella; naquelle, uma espingarda; mais adiante, um chapéu; em seguida, uma cesta, uma peneira e, logo após, uma " capa. A descripção que fiz dessa casa, accrescenta o autor, " applica-se a todos os *sítios* e á maioria das *fazendas*. Bem pou-

lavradores dessa zona têm o corpo bem aprumado, enquanto os nossos homens do campo são, em geral, mais ou menos curvados, diferença proveniente de que estes lavram sem cessar a terra, enquanto que os primeiros se fazem substituir por negros ou se limitam a tratar do gado.

Embora esses homens habitem uma região longinqua e deserta, não se encontra entre elles essa amavel hospitalidade que é tão geral em outras partes da provincia das Minas. Contarei, como exemplo, o que me succedeu em uma habitação muito importante. A' minha chegada mandaram collocar minha bagagens em um pequeno quarto humido e escuro, cheio de pulgas e bichos de pé (*pulex penetrans*). Para não penalizar ao filho da casa, com o qual viajára, não me queixei, e fui trabalhar na *varanda*. Tiveram a delicadeza de não permitir a Firmiano que puzesse o caldeirão no fogo e convidaram-me para jantar, mas não me deram com que satisfazer o mais moderado appetite. José Mariano e o Indio foram completamente esquecidos, e teriam morrido de fome si não lhes ficasse um pouco de feijão da refeição da manhã. A' tarde esperei inutilmente que me offerecessem um leito; não pensaram nisso. Entretanto o quarto onde me alojaram estava tão atulhado pelas bagagens, de tal modo cheio de insectos malignos, que preferi mandar armar o meu leito fóra a dormir ali.

Tendo sentido frio durante a noite, ergui-me de muito mau humor, bem decidido a dar uma bôa lição ao meu

“ as pessoas conhecem as commodidades da vida; habitam, durante grande numero de annos, casas que parecem destinadas a ser abandonadas em um quarto de hora. As casas das povoações são um pouco mais cuidadas; mas, nas fazendas, os chifres singelos e curtos dos cervos do puz são os cabides que sustêm as alfaias de que o apartamento está ornado, e essas alfaias são sellas, arreios, espingardas e outros objectos semelhantes.” (*Itin.* I, 66). Como não se matam veados a todo momento, não minto dizendo que o luxo dos chifres foi mais de uma vez substituido por simples pedaços de pau.

hospedeiro. Este apresentou-se e me deu o bom-dia; como unica resposta perguntei-lhe si sabia ler, e pedi-lhe que lançasse os olhos sobre a minha *portaria* (passaporte régio). A medida que lia, eu via a sua figura compor-se e a sua attitude tornar-se respeitosa. "Não lhe mostrei esse papel hontem á tarde, disse-lhe quando acabou a leitura; julgava que uma pessoa de bem não tivesse necessidade de uma ordem para dar agazalho passavel ao viajante que se comporta de maneira digna; quero fazer-vos saber que aquelle que fizestes dormir na vossa porta, quando tendes uma casa tão grande, é um *cavalheiro* honrado pela protecção particular do vosso rei." E como eu conhecia os negocios do meu hospedeiro, juntei a essas palavras uma anicaça que lhe devia ser extremamente sensivel. O pobre homem quedou petrificado; confundia-se em desculpas e offereceu-me toda a sua casa. Por unico favor pedi-lhe que recebesse, futuramente, melhor os estrangeiros, e fiz questão de pagar as ligeiras refeições que fizera em sua casa.

Os lavradores passam a vida nas *fazendas* e só vão á villa nos dias em que a missa é obrigatoria. Forçando-os a se reunirem e communicarem uns com os outros, o cumprimento das obrigações religiosas os impede, talvez mais do que qualquer outra causa, de cahir em um estado proximo da vida selvagem. A utilidade, entretanto, dessas viagens á parochia, seria hem maior, si o lavrador pudesse dellas retirar alguma instrucção moral e religiosa; mas os ecclesiasticos não se occupam em instruir os fieis (12), e, muito frequentemente, os escandalizam por sua conducta irregular.

Nos paizes muito civilizados a ausencia de ensinamentos religiosos e moraes conduz a um grosseiro mate-

(12) Vide o que escrevi sobre o clero da provincia de Minas, na *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, p. 167.

rialismo; nos que só o são imperfeitamente, leva á superstição. Assim, os habitantes da região que estou dando a conhecer dão credito aos feiticeiros e aos lobishomens, e muitos vão até a ponto de tratar de hereticos os quo se recusam a acreditar nisso.

Acabei de dizer quanto é util para os lavradores terem occasião de se reunir algumas vezes e communicar uns com os outros, mas devo acrescentar que as vantagens de suas reuniões nos logarejos e povoações são infelizmente annullados pelos perigos que alli os esperam. A população permanente das villas é, com effeito, composta, tanto aqui como no resto da provincia das Minas, em grande parte, de homens ociosos e de mulhieres de má vida, e debaixo dos *ranchos* dos mais humildes logarejos uma vergonhosa libertinagem se mostra, ás vezes, com um impudor do que não ha exemplo nas nossas cidades mais corrompidas.

Companheira dos maus habitos, a indolencia é uma das principaes chagas dessa região. Num espaço de 60 leguas, fiz esforços inauditos para encontrar um *tocador*, e existe, todavia, uma multidão de homens pobres e sem occupação! Os que são casados plantam em terras de outrem, e se resignam a trabalhar durante alguns dias para viver sem fazer nada todo o resto do anno. Os celibatarios, e é o menor numero, vão de uma casa para outra; vivem á custa dos compadres e das comadres, e mettem-se ás vezes em excursões de caça que duram mezes; é necessario vestirem-se, mas o menor trabalho lhes basta para formar o guarda-roupa, que se compõe de duas camisas e outras tantas calças de algodão grossoiro. Além do goso da ociosidade, encontram nessa vida nomade e independente outra vantagem: a de se subtrahirem a todas as obrigações civicas, em particular ao serviço militar. No deserto a administração não pode exercer nenhuma vigilancia, as leis

quedam sem força, e muita gente para ahí accorre de outras partes da provincia, quer para escapar á perseguição da justiça, quer unicamente para gozar de uma liberdade illimitada (13).

(13) " Em um *campo* onde se levantaram duas pequenas habitações, vi, diz da Cunha Mattos (*Itin.* I, 71), grande numero de arvores fructiferas, que me provaram o partido que se poderia tirar das regiões descobertas para a cultura dessas arvores, si houvesse menos indolencia no Brasil e, principalmente, na provincia de Minas Geraes... Todo *vadio* que possui uma guitarra (violão) tem o seu pão ganho sem necessidade de trabalhar, e encontra sempre quem o queira ter em casa" (*Itin.* I, 71). Esses, pelo menos, divertem os seus hospedadores. São os menestres do deserto; mas nem todo *vadio* tem uma guitarra; seria necessario trabalhar primeiro para poder adquiril-a.

CAPITULO VIII

COMEÇO DA VIAGEM DE S. JOÃO D'EL REI AS FONTES DO S. FRANCISCO — AS POVOAÇÕES DE CONCEIÇÃO E DE OLIVEIRA — A VILLA DE TAMANDUÁ

Partida do Rancho do Rio das Mortes Pequeno. — Superfície da região situada entre o Rio das Mortes Pequeno e a *fazenda de Tanque*; sua vegetação. — A *fazenda de Tanque*. — Clero. — A povoação de Conceição. — Região situada entre essa povoação e a *fazenda do Capão das Flores*. — Região entre esta habitação e a do *Capitão Pedro*. — Descrição desta última *fazenda*. — Recepção que ali se fez ao autor. Cultura. — A Quina do Campo (*Cinchona ferruginea*). Influência da constituição mineralógica sobre a natureza da vegetação. Reflexões sobre a exploração das minas de ferro. — *Fazenda das vertentes do Jacaré*. Bichos de pé. — Região situada para além dessa habitação. — A povoação de Oliveira. Um *rancho*. — A *fazenda de Bom Jardim*. Habitões dos sertanejos pobres. Um sonho. — *Morro de Camacho*. *Fazenda da Cachocirinha*. Seu proprietário, o sr. João Quintino de Oliveira. — A villa de Tamanduá; sua história; moradores; população; ruas; casas; igrejas; molestias endemicas. — Historia de um homem robusto mordido por um cão damnado. — A de um leproso mordido primeiro por um cão damnado, depois por uma cobra cascavel.

Disse atrás que não pudera encontrar um *tocador* nos arredores do Rio das Mortes Pequeno, e que o principal magistrado de S. João me dera para o *capitão-mór* da villa

de Tamanduá uma carta em que lhe solicitava me arranjasse um. O bom *alferes* José Pereira da Silva teve a gentileza, enquanto esperava o tocador, de requisitar um homem que recebeu ordem de me acompanhar até Tamanduá. Trouxe-me a 19 de Março pela manhã, e parti, após despedir-me do meu hospedador, o velho Anjo, da sua filha Dona Rita e de Dona Isabel, sua companheira. O velho Anjo chorava abraçando-me, e todos me exprimiam o seu pezar. Anjo tinha cerca de setenta annos; era de uma actividade continua; fallava; ria, ralhava sempre, mas não deixava um momento de dar provas do seu bom coração.

Foi, todavia, com prazer que deixei este Rio das Mortes, onde experimentei tantos desgostos e inquietações, e cujo nome não podia pronunciar sem uma especie de fremito. No começo da viagem estava ainda immerso em uma melancolia profunda; obcecavam-me as ideias mais tristes; a vida me parecia um peso insupportavel. Mas o exercicio a que era forçado a entregar-me, o trabalho, a vista de novos objectos arrancaram-me a mim proprio, retomei em breve as forças e o animo começou a renascer (1).

Subi durante algum tempo o valle onde corre o Rio das Mortes Pequeno. A pequena distancia do rancho que acabava de deixar passei perto de uma capella que é do

(1) Itinerario approximado do Rancho do Rio das Mortes, proximo de S. João d'El Rei, á villa de Tamanduá:

Do Rancho do Rio das Mortes Pequeno a Tanque, habitação	3	leguas
De Tanque a Capão das Flores, habitação	3 1/2	"
De Capão das Flores a Capitão Pedro, habitação	2 1/2	"
De Cap. Pedro á Fazenda das Vertentes do Jacaré	3 1/2	"
De Fazenda anterior a Oliveira, povoação	3 1/2	"
De Oliveira a Bom Jardim, habitação	3 1/2	"
De Bom Jardim a Cachoeirinha, habitação	3	"
De Cachoeirinha a Tamanduá, villa	2	"

24 1/2 leguas

numero das succursaes da parochia de S. João d'El Rei (2), e tem o nome de *S. Antonio das Mortes*; pouco além atravesssei uma grande lavra do genero das chamadas de *gupiára* (3), e, em seguida, subi a um morro elevado chamado *Morro da Lagoa Verde*.

A vegetação fôra, até lá, a dos valles nas regiões descobertas; vi arbustos e pequenas arvores de um verde bellissimo, mas um pouco carregado. No morro de Lagoa Verde encontrei as plantas communs aos *campos*, gramineas, algumas outras hervas e pequeno numero de sub-arbustos entre os quaes dominavam compostas.

Desde a minha entrada nos *campos* jamais vira morros tão arredondados, valles tão estreitos e profundos como na região que estava atravessando, entre Lagoa Verde e a *fazenda de Tanque*, da qual fallarei em breve; e, por uma consequencia natural do que disse allures sobre a coincidencia da vegetação com a disposição do sólo, encontrei nesse districto tanto matas como pastagens.

Do alto de alguns morros descobre-se uma immensa extensão de terra. Existem nos valles *fazendas* bastante consideraveis. As lavras são muito numerosas, e, na época da minha viagem, varias dentre ellas estavam ainda em exploração; pertenciam todas ao genero de exploração intitulado *gupiára*: reconhecem-se facilmente, ao longe, pela côr vermelha das terras desnudadas.

A *posição* da fazenda de Tanque, onde fiz alto, no dia em que deixei o bom velho Anjo, é extremamente aprazivel. Esta habitação foi construida em um grande valle que rega o Rio das Mortes Grande. Morros pouco elevados, cobertos de bosques e de pastagens, desenham o valle;

(2) Piz., *Mem. hist.*, VIII, segunda parte, 126.

(3) Na *mineração* de *gupiára*, limita-se a expor a superficie aurifera, dispondo-a de modo a operar *in-loco* uma parte da lavagem. São terrenos em declive os que se exploram assim. (Vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 247, 252).

um pouco acima da *fazenda* está uma pequena represa que fornece agua a um engenho de assucar, e do lado opposto tem-se uma derivação do Rio das Mortes.

O proprietario de Tanque era um padre. Nesta zona grande número de sacerdotes se limita a dizer a missa, e se dedica a outras coisas que não às funcções do sagrado ministerio. Nada é tão commum como os padres *fazendeiros*; o melhor boticario de S. João d'El Rei era um ecclesiastico que preparava e vendia, elle proprio, as suas drogas; nessa cidade, ao que me disse o vigario, outro padre vendia tecidos aos covados. Que se pode esperar de homens que professam ostensivamente o desprezo de todas as regras? e passo em silencio muitos outros escandalos.

Quando, após termos passado a noite em Tanque, quizesmos partir, procuramos inutilmente o *tocador* que me arranjava o *alferes* José Pereira da Silva; fugira. Na verdade este homem me acompanhava em virtude de ordens superiores; mas eu o prevenira de que o pagaria á razão de 100 réis por dia (62c.), e elle estava ha muito tempo sem occupação e salario. Mas para que esses homens trabalhem, si encontram por toda a parte quem os sustente sem fazer nada? Fomos forçados a proseguir sem *tocador*.

Chegado ao alto das collinas que dominavam o valle onde está situada a *fazenda* de Tanque, descobri uma immensa extensão de terras montanhosas que apresentava mais mattas do que pastagens. Caminhei meia legua, e cheguei á povoação (*arraial*) de Conceição (4).

Este arraial faz parte da parochia de S. João d'El Rei e é uma das suas succursaes. Deve sua fundação ao

(4) E' preciso não confundir esta povoação, cujo verdadeiro nome é *Nossa Senhora da Conceição da Barra*, com a de Conceição do Matto dentro, situada entre Mariana e Villa do Príncipe (vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 31). Casal indica tambem uma povoação da Conceição na provincia de Goyaz (*Cor. Braz.* I, 347).

ouro que antigamente havia na viziuhança, principalmente nas margens do Rio das Mortes. As minas se esgotaram e os moradores de alguns recursos foram estabelecer-se em outra parte; os que ainda se veem em Conceição são quasi todos homens de côr que a passagem de algumas caravanas impede apenas de succumbir á fome, e de mulatas que vendem os seus encantos. Esta história é a da maioria das povoações de Minas Geraes.

A de Conceição está edificada sobre o dorso de um morro pouco elevado. As casas que a compoem, em numero aproximado de cem, são muito pequenas, baixas, quasi quadradas, cobertas umas de telhas, outras de sapé, na maior parte afastadas umas das outras. Jamais devessem ter offerecido muitas commodidades, e hoje, que cáem em ruínas, não apresentam mais do que o aspecto da miseria e do abandono.

No meio dessas moradas tão pobres fica-se admirado de ver uma igreja bastante grande para o lugar e muito bem conservada. O interior corresponde ao aspecto externo; é bem illuminado e ornado não só com dourados, mas ainda com pinturas muito superiores ás que se viam, nessa época, nas nossas igrejas de campo melhor cuidadas. Parece que ha no paiz muita devoção á Virgem *da Conceição*, pois existe na sua igreja grande numero de pequenos quadros, que representam curas operadas milagrosamente por sua intercessão.

Esta igreja não é a unica que se vê na villa da Conceição. Por mesquinha que seja, possui ainda outra menor que a primeira. A mania de multiplicar as igrejas foi geral na provincia das Minas, e o era ainda mesmo por occasião da minha viagem. Teria sido mais christão que se formassem associações para melhorar a sorte dos negros libertados, quando não mais podem prover á propria subsistencia, ou para impedir que tantos jovens se tornem vadios, e tantas raparigas prostitutas.

Apezar do estado de miseria em que cahiu a villa de Conceição, dá variedade á paisagem e produz um effeito muito agradável.

A meia legua da villa, perto da *fazenda de Barra*, voltei a encontrar o Rio das Mortes Pequeno, que nesse lugar se lança, como já disse, no Rio das Mortes Grande.

De *Barra* até a *fazenda do Capão das Flores*, numa extensão de cerca de 2 leguas e meia, atravessei uma região geralmente cheia de mattas. Quasi por toda a parte, entretanto, as florestas primitivas foram cortadas, e se acham substituidas por *capoeiras*; são-n'o mesmo, algumas vezes, por este grande feto (*Pteris caulata* ex Mart., a *Samambaia dos mineiros*) que faz tanto mal e que não encontrara em lugar nenhum desde a minha sahida das grandes mattas (5). Com ella vi em abundancia um *Panicum* (n.º 665), que chamam *pega-pega* (6), porque suas sedas adherem fortemente aos corpos de que se aproxima, e algumas vezes mesmo retênu pequenos passaros. Onde cresce a grande Filicinea, a terra é de vermelho escuro, como na zona de *Matto dentro* (7) e albutres, coincidencia que é bom anotar.

Atravessei uma immensa *capoeira* que tinha sido queimada por accidente, e onde os troncos ennegrecidos dos arbustos se erguiam ainda no meio dos grandes fetos. O systema de agricultura adoptado na provincia das Minas e em outras partes do Brasil, torna, como já tive occasião

(5) Esta Filicinea apodera-se dos terrenos que já foram cultivados varias vezes e os torna imteis (vide minha *Viagem nas Provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 294).

(6) *Pega* é a terceira pessoa do verbo *pegar*, que significa agarrar

(7) Pelo districto de *Matto dentro*, comprehendendo a região situada na *região das florestas* para além da cidade de Mariana e onde diversas villas foram distinguidas por esse mesmo nome de *Matto dentro*, taes como S. Miguel de *Matto dentro*, Itabira de *Matto dentro*, etc.

de dizer, os incendios muito frequentes, e é esse ainda um dos inconvenientes que apresenta.

Depois que deixei o Rancho do Rio das Mortes vi muito pouco gado. Cria-se muito menos nessa zona do que na do Rio Grande, sem duvida por os pastos não terem ahí tão grande extensão. Pareceram-me constituídos pelas mesmas plantas dos campos, por onde passei, entre as matas virgens e S. João d'El Rei, mas são aqui maiores e mais compactos; disseram-me que quando se põe fogo nestes pastos, a grama leva muito mais tempo a brotar do que nos arredores do Rio Grande, onde é mais fina, e é esse um dos obstaculos que se oppõem ao augmento do gado. Devo dizer ainda que não se encontra aqui o *capim frecha*, a graminea que caracteriza os melhores pastos. E' principalmente ao cultivo da canna de assucar que se entregam os *fazendeiros* desta zona.

Após ter passado a noite na *Fazenda do Capão das Flores*, percorri, durante algum tempo, um valle humido em que se viam, aqui e allí, moitas de arvores no meio de matto espesso. O sol não tinha ainda muita força; o ceu era do azul mais bello; os vapores que se levantavam do valle espalhavam no ar um frescor agradável; uma calma deliciosa se expandia, por alguns instantes, em todos os meus sentidos, e mais uma vez gozei dos encantos da natureza.

Estavamos a 21 de Março e, desde 26 de Fevereiro, época em que a secca cessára, tinha havido quasi todos os dias trovada e chuva; os pastos não tinham mais essa coloração acinzentada que fatigava a vista; quasi por toda a parte os campos se engalanavam com uma vegetação que lembrava a dos nossos campos de trigo, pouco tempo depois da germinação do grão.

Entre o Capão das Flores e a fazenda do Capão Pedro, percorri, como nos dias precedentes, uma região montanhosa, onde os bosques são pelo menos tão com-

muns como os pastos. Essa região não tem a triste monotonia das immensas campinas do Rio Grande, e, entretanto, tem-se o prazer de ahí gozar, tambem, de um panorama muito extenso. E' sómente para lastimar que a paisagem não seja animada por habitações. Na vespera vira ainda menor numero do que no dia anterior, e, entre *Capão das Flores e Capitão Pedro*, não vi mais do que uma, a de *Laranjeiras*.

Desde que a região se tornou mais florestal, os arbuticulos ficaram mais frequentes nos pastos, principalmente na base dos morros. Lá, no meio de uma herva de um verde bellissimo, vê-se em grande quantidade, uma *Bauhinia* de hastes numerosas, de 2 ou 3 pés, e folhas inteiras (233), uma *Salicariacea* (263), uma *Corymbifera* (306), o *Hyptis* (223), e uma outra especie do mesmo genero, de flores azues e folhas muito perfumadas (305).

Dirigindo-me á fazenda do Capitão Pedro, vi em uma campina um desses quadrupedes a que dá o nome, na região, de *cachorros do campo* e que são tão temiveis para o gado lanigero. José Mariano atirou-lhe com a espingarda; mas, a sua arma estava carregada com escomilha e o animal ficou mal ferido apenas. Veio em minha direcção; infelizmente passou muito rapido para que eu o pudesse bem observar. Pareceu-me ter o tamanho de um cão de tamanho abaixo do médio; o focinho era um pouco alongado, as orelhas pequenas e levantadas, a cauda muito longa e horizontal, o pelo de um cinzento azulado; não corria, mas fugia aos saltos com ligeireza (8).

Do Capão das Flores não fui além da fazenda do *Capitão Pedro*, que está a uma distancia de 2 leguas e meia. Esta fazenda, como todas as outras, é situada em um valle; as construcções della dependentes são conside-

(8) O sr. Professor Gervais pensa que este animal é o *Canis campestris* do principe de Neuwied.

raveis, mas a casa do dono era tão desleixada como todas as habitações que vira desde a minha entrada na comarca de S. João.

Quando me apresentei, indicaram-me para alojamento uma estrebaria obscura e cheia de estrume. Não me queixei enquanto não descarregaram as malas; mas, assim que tive em mãos a *portaria*, disse ao dono da casa que ficaria aborrecido de incommodal-o, mas que rogava-o tivesse a bondade de dar-me alojamento mais razoavel. A leitura da *portaria* fez o feito de um talisman: tornaram-se de uma polidez extrema, fizeram collocar minhas bagagens na varanda, deram-me um leito e impediram Firmiano, que desde muito eu promovera ao grau de cozinheiro, de pôr a *panella no fogo* (9).

A *fazenda* do Capitão Pedro tem 2 leguas de extensão; cultivam-se lá milho, feijão, arroz, e cria-se gado vaccum e suino. A posição desta propriedade entre São João d'El Rei, a villa de São José, a povoação de Oliveira, a villa de Tamanduá e a povoação de Formiga, assegura o escoamento de todas as produções do solo. Nos annos communs o milho rende ahí, nas boas terras, 160 por 1. Cultiva-se tambem um pouco de algodão nos arredores de Capitão Pedro; mas as terras duras e vermelhas da zona convêm pouco a esse vegetal, e se é obrigado a revolver tres ou quatro vezes a terra em que é plantado. E' a canna de assucar que parece desenvolver-se melhor em todo o districto por mim percorrido desde o Rio das Mortes.

Pouco antes de chegar á *fazenda* de Capitão Pedro, tinha visto em abundancia, em uma rampa, no meio dessas campinas, essa pequena Quinquina de flores odoríferas e folhas côr de ferrugem (*Cinchona ferruginea*, A.S.H.), que cresce em tão grande quantidade perto de Villa-Rica,

(9) E' a expressão consagrada para dizer cozinhar.

Itabira do Matto dentro, etc. (10), e que ainda não tornára a encontrar desde a minha primeira viagem. Fora em terras ferruginosas que eu a observara então, e quando cheguei á fazenda do Capitão Pedro soube que havia, perto desta habitação, uma mina de ferro em um morro chamado *Morro do Palmital*. Uma coincidência tão repetida deve fazer considerar, parece-me, a planta de que se trata como indicação da presença de ferro; o que prova que a constituição mineral de um terreno não é desprovida de influencia sobre a natureza da vegetação.

Seja como fôr, o proprietario da fazenda de Capitão Pedro installára em sua casa uma pequena forja em que fundia para seu uso o minerio do *Morro do Palmital*; mas lamentava-se de só poder fazer aço. Parece que, em geral, o ferro bruto tem no Brasil muita tendencia a se transformar em aço. Nas forjas de Prata, por onde passei em 1818, procurava-se remediar esse inconveniente, não empregando nos fornos sinão os maiores pedaços de carvão, e talvez que se consiga evital-o em todo o paiz, quando

(10) Sob o nome de *Remija*, o illustre de Candolle separou esta planta do genero *Cinchona* (*Prodr.*, IV, 357), porque, disse elle, a dehiscencia não é somente septicida, mas a folha carpellar se ferde mais ou menos no seu meio. Si, como já mostrei alhures (*Morphologia vegetal*, 714), esta fraca peculiaridade bastasse para a criação de um genero, seria necessario, por pouco que se quizesse ser coherente, fazer um da *Veronica Anayallis*, na qual a encontramos igualmente. O Sr. de Humboldt acreditava antigamente que não cresciam quinas na parte oriental da America do Sul; depois reconheceu, quando descobertas as *Cinchonas ferruginea*, *Remigiana* e *Vellozii* (Commuicação verbal feita á Academia das Sciencias sobre uma obra do Sr. Augusto de Saint-Hilaire, intitulado *Plantas usuaes dos brasileiros, nos annaes das Sciencias de Orleans*, VI, 168), que existem tres especies no Brasil (talvez simples variedades duma unica especie); e, presentemente, deixariam de existir na America Oriental, porque, com as propriedades da *Cinchona*, seus caracteres, e, em particular, sua dehiscencia, as plantas que acabo de nomear apresentam, dizem, uma fenda no meio das valvas? Si se devessem admittir taes prin-

os seus habitantes conhecerem melhor a arte de fundir o ferro. Ha alguns annos o governo do Brasil enviou a França grande numero de jovens afim de se instruirem; por que é que não se encarregou a alguns dentre elles de estudar a exploração das minas e a metallurgia? A administração de Minas Geraes, região em que se encontram quasi todos os metaes, manteve dois moços em Paris; julgar-se-á, sem duvida, que tal despesa foi feita para que esses jovens aprendessem a tirar das riquezas de sua patria o melhor partido possível; não foi, todavia, esse o fim da sua longa viagem; foram — disseram-me — de Minas a Paris para aprender agrimensura.

Entre Capitão Pedro e a *Fazenda das Vertentes do Jacaré*, percorri uma região mais ou menos semelhante áquella em que viajei na vespera, mas talvez menos cheia de-mattas. Em toda a etapa não vi mais do que tres habitações, das quaes duas pouco importantes e não encontrei sinão uma unica pessoa; á medida que me afastava de S. João d'El Rei a região se tornava mais deserta.

cipios, é preciso convir que os pormenores da geographia botanica repousariam sobre bases bem pouco solidas. Porém ha mais: simplesmente um erro de impressão ou de copia mudaria nossas idéias sobre a distribuição geographica das quinás. Com effeito, após a passagem em que digo, do fruto da *Cinchona ferruginea*, nas minhas *Plantas usuaes dos brasileiros*, n.º II, que a *capsula se abre em duas volvulas pelo meio do septo*, passagem que indica o mais claramente possível uma dehiscencia septicida, o que é inteiramente, confirmado um pouco adiante, (pag. 5), lêem-se entre parentese estas palavras (*dehiscencia loculicida*), que, evidentemente, são o resultado de uma distração ou lapso de pena. Forçado a trabalhar muito rapidamente, o Sr. de Candolle não viu, sem duvida, na minha descripção senão estas palavras erroneas, pois que as repete na sua, citando-me, e foi isso o que o induziu a crear o genero *Remija*. O Sr. Jorge Bentham já reconheceu, com sagacidade, o erro em que cahiu o autor do *Prodromus* (*Journ. bot.*, III, 215), e das suas observações, assim como das minhas, resulta que o genero *Remija*, fundado num engano, não poderia ser admittido pelos botanicos.

A *Fazenda das Vertentes do Jacaré* (11) onde me detive, está situada, segundo o costume, em um valle, junto a um correjo; por todos os lados está rodeada por collinas cobertas de campinas e bosques, e apresenta o aspecto de uma profunda solidão.

A principio deram-me, nessa *fazenda*, um quarto baixo e escuro, com o qual me contentei; mas, apenas nos tinhamos installado, sentimos as pernas e pés cobertos de *bichos de pé* (*putex penetrans*). Pedi outro local, e alojaram-me na *varanda*; mas não fiquei melhor lá. Enquanto escrevia, sentia a cada momento novas picadas, e era obrigado a olhar os pés para arrancar os bichos que teimavam em entrar. E' difficil crer que, com cuidado e limpeza, não se conseguisse impedir estes insectos de se multiplicarem de forma tão medonha.

Entre a *Fazenda das Vertentes do Jacaré* e a villa de Oliveira, que está distante 3 leguas e meia, a região montanhosa, cortada de matas e campinas, apresenta vastas solidões; não encontrei ahí um unico viajante, não avistei animaes domesticos; vi apenas duas habitações, uma á margem do caminho e outra ao longe. Na vespera subi muito; nesse dia desci repentinamente de modo muito sensivel. Pouco depois atravessei, por uma ponte de madeira pessima, como o são todas as dessa região, o rio de Jacaré, que tem a sua nascente na *fazenda* em que passei a noite e á qual dá o seu nome (*Fazenda das Vertentes do Jacaré*). Subira para chegar á fonte desse rio; depois desci para me achar em suas margens. Immediatamente antes de chegar á villa de Oliveira, segui um vallão muito pittoresco, onde se vê um arrabalde da villa com algumas pequenas casas.

(11) A fallar com propriedade o termo *vertente* significa direcção de escoamento das aguas fluviaes; mas é evidente que no Brasil, ou, pelo menos, em algumas partes do Brasil, dá-se-lhes a significação que damos á nossa palavra *sources* (fontes).

Em Oliveira achei-me ainda uma vez confundido, sob um sujo *ranch*o, com *tropeiros* de todas as côres. Em todos os cantos havia fardos de algodão amontoados, e albardas collocadas em série, umas sobre as outras. Dois ou tres fogos accessos no *ranch*o serviam a cozinhar o jantar dos *tropeiros*. Uma duzia de pessoas me rodeou e se extasiava com a paciencia de José Mariano occupado em preparar os animaes. Os mineiros têm grande antipathia pelas viagens maritimas, mas, em compensação, adoram viajar por terra. A liberdade que se goza nos *ranch*os agrada principalmente aos moços; depois de uma jornada fatigante, saboreiam o repouso despreoccupadamente estendidos sobre um couro, e occupados em tocar guitarra ou contar as suas aventuras.

Oliveira, ou *Nossa Senhora da Oliveira*, onde passei a noite, é uma das succursaes de S. José, pequena cidade situada, como já o disse noutro lugar, a 2 leguas de São João d'El Rei (12). Pertence ao pequeno numero das que não devem sua fundação á presença do ouro; deve-a unicamente ás vantagens da posição. Com effeito, diversas estradas importantes passam por este ponto: a que vai de Barbacena á villa de Formiga, a do districto de Rio Grande á cidade de Pitangui, de Rio de Janeiro e S. Jeão d'El Rei a Goyaz, de Villa da Campanha a Formiga, etc.

A villa d'Oliveira está situada, no meio de morros, sobre o dorso de uma collina cujo cume é muito achatado. Compõe-se de duas ruas da qual a principal é muito larga. A maior parte das casas que a marginam não têm mais do que o rez do chão, mas são bastante grandes para o paiz, e cobertas de telhas. Em geral são caiadas e têm portas e janellas pintadas de amarello com uma moldura rosea, o que, no meio de paredes brancas, produz um

(12) *Piz. Mem. hist.*, VIII, segunda parte, 129 — *Viagem ao Districto dos Diamantes*, I, 263.

effeito muito agradável (13). Grande parte dessas casas, e mesmo das mais bonitas, só são habitadas no domingo; pertencem a proprietarios que passam a vida nas suas *fazendas* e não vão á villa sinão nos dias de missa obrigatoria.

Oliveira possui duas igrejas, das quaes a principal foi construida no cume da collina, no meio da rua larga. e a igual distancia das duas ordens de casas; é bastante bella no interior. Empregaram, para ornal-a, uma pedra de um bello verde-maçã, que o mineralogista Pohl affirma ser, talvez, talco endurecido (14).

Vêm-se em Oliveira diversas lojas de fazendas e mercaria que são bem sortidas, tavernas, uma pharmacia e dois albergues, cada qual com seu *ranchão*. Ha ahí tambem alfaiates, cordoeiros, serralheiros, etc.

Deixei em breve a villa e, até a *fazenda* de *Bom Jardim*, atravessei ainda uma região montanhosa, cortada de bosques e pastagens. Num espaço de 3 leguas e meia até *Bom Jardim*, não encontrei absolutamente ninguem, não vi animaes nos campos; não lobriguei mais do que duas choupanas e uma *fazenda* bastante importantes, da qual dependia um engenho de assucar.

Fiz alto em *Bom Jardim*, sob um *ranchão* aberto de todos os lados e onde o vento nos incommodava muito. O dono da casa e varios outros cultivadores se reuniram ao redor de mim enquanto trabalhava. Eram todos brancos; mas não se pareciam absolutamente com os colonos das *comarcas* de *Sabará*, de *Villa-Rica*, do *Serro do Frio*;

lhes dá o doutor Pohl. Não estou tampouco de accôrdo com este viajante, nem com Eschwege, sobre o numero das ruas de Oliveira, pois que elles dizem que só ha uma nessa povoação.

(13) As casas de Oliveira não são palácios; mas vê-se, pela que aqui deixo dito, que ellas não merecem o nome de *choças* que

(14) Portal, Kanzel, Altarstücke fand ich aus apfel grünen verhartetem Talk (*Reise*, I).

por suas maneiras differiam pouco dos nossos camponios francezes. Como todos os sertanejos da região, de poucos recursos, esses não vestiam senão umas calças de algodão e uma camisa, cujas fraldas fluctuavam por cima das calças; suas pernas e pés estavam nus; um largo chapéu redondo cobria-lhes a cabeça, e, segundo o uso dos mineiros, tinham no pescoço um rosario que apenas serve de ornato.

Perto do *rancho* de Bom Jardim, onde foi collocada a minha bagagem, havia uma choupana abandonada, que por todos os lados cahia em ruínas; foi lá que fiz collocar a cama para evitar o frio que, á tarde, era muito penetrante. Apesar dessa precaução, a temperatura baixou tanto que me foi quasi impossivel dormir. Sonhei que estava, pelo Natal, no castello de la Touche, proximo de Orléans, onde passei os dias mais felizes da minha infancia (15). Meus paes se admiravam de me ver tão envelhecido; não são tautes os annos a causa, como isto aqui, disse-lhes, pondo a mão na cabeça; depois, meio descrente, arrependi-me de não ter levado tambem a mão ao coração; enfim, voltei completamente á realidade, e me achei bem tristemente no meu miseravel abrigo.

Deixei-o dentro de pouco para dirigir-me a Cachoeirinha, a habitação do *capitão-mór* de Tamanduá, para a qual tinha uma carta de recommendação.

A região que atravessei antes de chegar a essa propriedade, é uma zona mais montanhosa do que a que percor-

(15) O castello de la Touche pertencia ao Sr. e á Sra. d'Alcane, meus tios, que erant ambos adorados pelos seus camponezes. Embora antigo senhor, M. d'Alcane era ainda juiz municipal (*maire*) na época do terror: encarceraram-no por não haver denunciado um desgraçado guarda de represa, que pagou com a cabeça uma opinião imprudente, e quasi toda a communa foi chamada a depor: não se elevou contra elle uma unica voz; soltaram-no, e o povo, que, no meio de seus cruéis terrores, se sentia feliz em encontrar innocentes, carregou-o em triumpho.

ra nos dias anteriores; os valles são ahí mais profundos, ao mesmo tempo os bosques se condensam mais, e, em geral, não se vêem campos a não ser no cabeço dos morros. D'entre estes, o que domina o pequeno rio de Comacho é o mais alto de todos; lá, um vasto horizonte se abriu á minha vista, e encontrei algumas plantas que ainda não vira desde o começo desta viagem.

A pequena distancia do Morro de Comacho (16) ha, numa depressão, uma especie de pequeno logarejo chamado *Curral*, que se compõe de meia duzia de casinhas construidas junto a uma *fazenda* de certa importancia. Desse lugar a Cachoeirinha não ha mais de meia legua.

Já mencionei particularidades sobre essa ultima habitação, cujo proprietario, o sr. João Quintino de Oliveira, *capitão-mór* de Tamanduá, me acolheu de modo perfeito. Sua mesa não era como a moradia. Era servida com abundancia e, em qualquer paiz, poder-se-ia considerar optima. Punha-se diante de cada conviva uma garrafa de excellente vinho do Porto e, o que se pode considerar uma maravilha, addicionava-se-lhe um pãozinho muito saboroso. O dono da casa fazia as honras com muita bondade, sem nenhuma effectação, no que era bem secundado pelo seu capellão.

No momento mesmo da chegada a Cachoeirinha tinha participado ao sr. João Quintino o desejo de encontrar um *tocador*. Para arranjar-me um, tinha elle immediatamente escripto a Tamanduá, que está situada a 2 leguas da sua habitação; mas o *tocador* não se apresentou sinão no dia seguinte. Era um escravo pelo qual se pedia, por mez, 6000 (37f.50c.). Não pagando sinão 7,209 réis (45f.) a José Mariano, não quiz consentir em pagar salario tão elevado. Parti, pois, sem *tocador*; mas, o meu hospedador

(16) Originar-se-á este nome das palavras guarany's *camá*, seios, e *chuá*, coisa aguda?

me deu, para o commandante (17) da villa de Formiga, uma carta, na qual ordenava que me fizesse acompanhar até Piumhy por um pedestre (18).

Fôra tão bem tratado na casa do *capitão-mór*, tivera commigo tanta consideração, que não o pude deixar sem enternecimento. Este homem trazia impresso no rosto a bondade, e conciliára a estima de toda a vizinhança.

Antes de despedir-me do *capitão-mór*, José Mariano tinha partido com o resto da caravana, e devia esperar-me a 2 leguas de Cachocirinha, na fazenda de um homem chamado Marcos. Quanto a mim, dirigira-me a Tamanduá, acompanhado do advogado desta villa, do cirurgião e do ajudante do *capitão-mór*, que tinham vindo passar dois dias em Cachocirinha. Durante todo o tempo que passei com essa boa gente, a conversação versou sempre sobre a França; os mineiros não se fartavam de ouvir fallar em Napoleão Bonaparte e da historia tragica da nossa revolução.

Tamanduá, onde cheguei dentro em pouco, deve os seus fundamentos a criminosos que vieram, a uma centena de annos (escripto em 1819), procurar um asylo no seio das florestas de que a região é coberta. Esses homens, tendo morto um formigueiro no lugar em que se fixaram, deram ao local o nome de Tamanduá (19), que tanto em portuguez como em guarany, designa o comedor de for-

(17) Os *commandantes* são nomeados pelos *capitães-móres*; suas funções (1816-1822), têm alguma analogia com a dos nossos juizes municipaes; mas não têm autoridade sinão sobre os homens que não fazem parte das milicias (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 374).

(18) Os *pedestres*, como já tive occasião de explicar, constituem (1816-1822) uma milicia de ordem inferior.

(19) Eschw., *Bros. Neue Welt*, I, 29.

mingas (20). Achou-se ouro no lugar; a população de Tamanduá tornou-se mais consideravel e foi erigida em villa, no anno de 1791, sob o governo de Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, capitão-general da provincia de Minas (21).

Vêm-se ainda em volta de Tamanduá lavras consideraveis, que hoje em dia estão completamente abandonadas; ellas forneceram muito ouro, mas foi dissipado pelos que o recolheram, e seus filhos, hoje, pedem esmola: triste exemplo das consequencias da mineração e da imprevidencia tão natural nos mineiros.

Os actuaes habitantes de Tamanduá são cultivadores que só lá vão aos domingos e dias de festa, alguns mercadores, artifices, e homens pobres, que, aproveitando-se da abundancia de que se goza na região, vão comer ora na casa de um, ora na cada de outro, e passam a vida na ociosidade.

Cabeça de um termo e de uma parochia, Tamanduá é administrada por seus juizes ordinarios. Sua população se eleva (1819) a cerca de 1.000 almas; a dependente da igreja parochial, que se estende em um raio de mais de 2 leguas, sobe a 3.000; enfim, a de todo o termo se eleva a 24 ou 25.000 (22), e ha, segundo Pizarro, 30 leguas

(20) ANT. RUIZ DE MONTOYA, *Tes. guar.*, 353 bis — Os brasileiros distinguem duas especies de tamanduá; o tamanduá bandeira (*Myrmecophaga jubata*, L.) e o tamanduá mirim, que é o tamanduá dos francezes (*Myrmecophaga tetradactyla*, L., *M. tamanduá*, Cuv.).

(21) PRZ, *Mem. Hist. VIII, segunda parte*, 56.

(22) Pizarro (*op. cit.*) não dá para a população do termo de Tamanduá mais do que 18.765 indivíduos. Segundo Eschwege, a de toda a parochia elevava-se a 20.000 habitantes; mas este escriptor, certamente tomou a parochia pelo termo. Quando dou 3.000 almas á orbita da parochia, é claro que me refiro exclusivamente a esta última, independentemente das succursaes.

do norte ao sul, sobre 16 de léste a oeste (23). O numero dos habitantes deste districto augmentou sensivelmente depois que a agricultura e a criação de gado tomaram incremento.

O tabaco é uma das plantas que mais se cultiva nos arredores de Tamanduá. Exporta-se em quantidade consideravel.

Contam-se 36 leguas de Tamanduá a Villa Rica, 24 até S. João d'El Rei, 32 até Sabará (24). Esta villa, situada numa depressão, está rodeada de morros bastante elevados, cobertos de bosques (25). Suas ruas não offerecem regularidade; sobem e descem e são embaraçadas por pedras; suas casas, das quaes algumas têm bonito aspecto, são, em geral, afastadas umas das outras e separadas por muros de jardim; mas, quando se lança os olhos sobre a villa de um ponto bastante elevado, resulta das irregularidades que apresenta um effeito agradável para a pai-

(23) *Mem. hist.* VIII, segunda parte, 195.

(24) Segundo Casal (*Corog.* I, 379), ha 25 leguas de Villa Rica a Tamanduá, 15 de S. João d'El Rei á mesma villa, e 20 de Sabará. Pizarro admitta as mesmas distancias para Sabará e São João d'El Rei; mas colloca Villa-Rica a 36 leguas de Tamanduá, e Mariana a 56. Quaesquer que sejam todas as outras avaliações, ha certamente erro em uma das ultimas, pois Mariana não está, como se sabe, a mais de 2 leguas de Villa-Rica.

(25) Dissectam a Luccock que Tamanduá estava situada sobre uma elevação (*Notes on Braz.*, 482), em cuja base corria o rio *Lambary*, um dos afluentes do S. Francisco; e este escriptor acrescentou que o nome deste rio tende a provar que o *Lama* existiu outr'ora no Brasil. Vejamos o que se deve pensar dessas asserções: Tamanduá não é uma povoação; está numa depressão e não numa altura; está collocada, segundo a carta geral de Martius, e mais ou menos como o diz Casal (*Corog.*, I, 379), entre dois pequenos correjos que seriam os primeiros elementos do *Lambary*; enfim este nome, que não é *Llanibary*, tem tão pouca relação com a *llama*, que é simplesmente o nome de um peixinho pequeno.

sagem. Não sómente pela brancura das paredes dessas casas e a côr das telhas que cobrem os tectos, a cidade contrasta, no seu conjunto, com o verde sombrio das mattas, que se vêem de todos os lados; mas um contraste do mesmo genero resulta, particularmente, da posição de cada casa, que parece jogada no meio duma massa de verdura formada pelas bananeiras e laranjeiras de que estão cheios os jardins.

Tamanduá possui tres igrejas; S. Francisco de Paula; a igreja parochial, dedicada a São Bento; a do Rosario; e além destas, duas pequenas capellas; mas nenhum desses edificios merece referencias.

Pelo que me disse o cirurgião da villa, a hydropisia, é ainda a molestia de que se morre mais frequentemente no d'strito, e a elephantiasis (*morfea*) (*) não é rara.

Não posso deixar de relatar aqui dois casos que ouvi do mesmo cirurgião. O primeiro se passou em Tamanduá, e me foi contado perante varias pessoas que o não desmentiram.

(*) N. do T. A *morphéa*, synonymo de *lepra*, molestia de Hansen, nada tem que ver com *elephantiasis*, molestia tropical endémica no Norte da Africa e de lá importada, provavelmente, com o trafico de escravos. A primeira é uma bacteriose produzida pelo *Mycobacterium leprae*, ou bacillo de Hansen, bacteria granulada acido-resistente, cuja pesquisa no mucus nasal identifica precocemente a molestia. Quanto aos seus symptomas: intumescimento da pelle, facies leonino, queda dos cabellos, placas anesthesicas, gretagem e ulceração da pelle, necrose indolor das extremidades e resto do corpo, são sobejamente conhecidos.

A última é uma *filariose*, isto é, uma verminose provocada pela presença nos vasos lymphaticos do homem, da *Filaria Bancrofti*, Nematelminto da ordem dos Nematodios. (Synonymia: *Filaria nocturna*, F. *Wücherci*. F. *1 Sanguinis hominis*). Ha duas formas de evolução, as *microfilarias*, filarias microscopicas, encapsuladas, pesquisaveis no sangue peripherico depois das 9 horas da noite; e as *macrofilarias*, formas que attingem dezenas de centímetros, loca-

Um cão tido como raivoso mordeu varios individuos, mas todos nada mais soffreram além das dores causadas pela ferida. Um dentre elles tinha feito recitar preces por um sacerdote e julgava dever-lhes a cura. Algum tempo depois foi procurar o parochó e lhe contou o que lhe succedera. No teu lugar, lhe disse este sacerdote, eu não me consideraria curado, e sem demora, trataria de tomar remedios. O homem se retirou atemorizado; no mesmo dia ou no seguinte teve um ataque de hydrophobia e morreu dessa terrivel molestia.

O segundo se passou em Cacté, onde o cirurgião de Tamanduá então se achava. Um homem doente de *morfea* foi mordido por um cão damnado; os mais tristes symptomas se declararam, e fecheram o doente em um pequeno quarto. Sua mulher, indo levar-lhe alimento, ficou horrorizada com o seu estado, e fugiu deixando a porta aberta. O doente escapou-se, e se poz a correr pelo campo; poucas horas depois, entretanto, viram-no voltar perfeitamente calmo, dizendo que tinha sido mordido por uma cascavel e pedindo um padre. Confessou-se em pleno gozo da razão. Deram-lhe como re-

lizadas no canal dorsal. Localizam-se as *microfilarias* em grande quantidade nos lymphaticos do derma dando em resultado o espessamento prodigioso e disforme dos tegumentos de certas regiões, pernas, scrotum, penis, no homem; na mulher grandes labios, seios, etc, a epiderme, sendo ultrapassado o seu limite de elasticidade, fende-se e ulcera-se, dando lugar a focos de infecção secundaria, que não deixam de se assemelhar em certos casos aos lepromas. A *filariose* é acompanhada de disturbios do systema lymphatico, acarretando a passagem do conteúdo dos chyliíferos intestinaes para a circulação geral, e, finalmente, pelo parenchyma renal, o que se reconhece pela cor leitosa das urinas (*chyluria*).

Como se vê a etiologia e symptomatologia das duas especies nosologicas são extremamente differentes, e admira que um sabio como Saint-Hilaire as pudesse confundir, não obstante certas deficiencias da technica diagnostica do seu tempo.

medio alcali volatil (ammonca); curou-se da picada da cobra, todos os symptomas de hydrophobia cessaram, e pouco tempo depois, a elephantiasis tinha inteiramente desaparecido (26).

(26) E' uma opinião muito espalhada em varias partes da America, diz o Sr. Dr. Sigaud (vide a importante obra intitulada *Du climat et des maladies du Brésil*, p. 387 e seguintes), que a picada da cascavel cura a lepra e não mata o doente. Factos contados por diversas pessoas decidiram, nesses ultimos tempos, um leproso chamado Mariano José Machado a se deixar morder, no Rio de Janeiro, por uma cobra cascavel; mas, acrescenta o mesmo sabio, succumbiu elle ao cabo de vinte e quatro horas, após terribes soffrimentos. Todavia, o Sr. Sigaud crê poder concluir, dos symptomas que se manifestaram no infortunado Machado, que a acção do veneno modifica a pelle de modo especial, e que se podem esperar os mais felizes resultados duma inoculação feita com prudencia.

CAPITULO IX

PROSEGUIMENTO DA VIAGEM DE S. JOÃO D'EL REI AS NASCENTES DO S. FRANCISCO — AS VILLAS DE FORMIGA E DE PIUMHY

O autor separado da sua caravana. — Os arredores de Tamanduá. — Chegada a *Formiga*. — Mulheres privadas de liberdade. — Descrição da villa de *Formiga*; ruas, casas, igreja, lojas, commercio; população; má reputação dos habitantes; um assassinato; mulheres publicas. — Impossibilidade de arrastar um *tocador*. — A região comprehendida entre *Formiga* e *Ponte Alta*; paralelo da sua vegetação com a da parte oriental do Sertão de S. Francisco. Época de floração das plantas nos sertões de Minas. — *Fazenda* de *Ponte Alta*. Plantas usuaes; *calunga*. — Região situada para além de *Ponte Alta*. — *Fazenda* de S. *Miguel* e *Almas*. Anil fornecido pelo *Solanum indigoferum*. — *Serra de Piumhy*. Vista admiravel. — Villa de *Piumhy*; etymologia do seu nome; sua historia, ruas, igrejas; vista que se descortina da rua principal; occupações dos habitantes. — O parecido de *Piumhy*. — Sempre a falta do *tocador*. — Preguiça da gente pobre. — Região situada para além de *Piumhy*. Hábito que tem o gado de se esconder nas matas para evitar as *mulucas*. — Familias dirigindo-se duas vezes por anno á villa, em carros de boi. — *Fazenda* de *Dona Thomazia*. Productos das terras; gado. — Região situada para além de *Dona Thomazia*. — *Fazenda* de *João Dias*. Ferro.

Depois de jantar em Tamanduá, em casa do *capitão-mór*, parti acompanhado por esse Marcos de que fallei antes (pag. 140), e em cuja morada esperava encontrar a minha caravana (1).

Atravessamos primeiro as mattas que rodeam a cidade pelo lado oriental. Estas mattas se prolongam, disseram-me, num espaço de mais de 20 leguas, até *Congonhas do Campo* (2). Haveria, pois, aqui, uma excepção a essa especie de lei que quer que não se vejam sinão *campos* a oeste da Serra do Espinhaço; mas é preciso lembrarmo-nos que a zona é extremamente elevada e montanhosa; por outro lado, *Congonhas do Campo*, situada entre Sabará e S. João, não se acha nas mattas; e eu não atravessára nenhuma de extensão um pouco consideravel costeando a vertente occidental da Serra do Espinhaço, desde a primeira das duas cidades que acabo de citar até a segunda; si, pois, uma floresta se estende de Tamanduá a *Congonhas do Campo*, pelo menos não se une ás florestas continuas do lado oriental da grande cadeia.

Seja como fôr, os bosques de Tamanduá estão hem longe de se prolongar igualmente em todas as direcções; pois que, antes mesmo de chegar a Marcos, cuja casa não dista mais de 2 leguas de Cachoeirinha, entramos nos *campos* que, mais ou menos semelhantes aos da parte do Sertão que percorreram em 1817, apresentam pequenas arvores retorcidas

(1) Itinerario approximado da villa de Tamanduá á Serra da Canastra:

Da villa de Tamanduá á de Formiga	4	leguas
De Formiga a Ponte Alta, habitação	4	"
De Ponte Alta á Fazenda de S. Miguel e Almas ..	4 1/2	"
De S. Miguel e Almas a Piumhy, villa	2 1/2	"
De Piumhy á Fazenda de Dona Thomazia	3 1/2	"
Da Fazenda de Dona Thomazia á de João Dias ..	3 1/2	"
Da " de João Dias á Serra da Canastra	6	"
	28	leguas

(2) Dei a conhecer esta villa na minha *Viagem no districto das Diamantes*, vol. I, 200.

esparças no meio das gramineas. Entre estas arvores reconheci, como sobre os *taboleiros cobertos* (3) do Sertão, leguminosas, Guttíferas, e *Qualeas*. Depois destes *campos* atravessei outros cobertos unicamente de hervas e sub-arbustos, e enfim cheguei á *fazenda de Marcos*, situada, como de costume, numa depressão do terreno.

Fiquei muito admirado de não encontrar minha gente ahí; embora só tivesse que caminhar 2 leguas; não sabia que partido tomar, mas, por fim, decidi-me a ir ver se não tinham feito alto em alguma *fazenda vizinha*. Cavalguei de novo o meu jumento, e, guiado por um dos negros de Marcos, apresentei-me inutilmente em quatro *fazendas* diversas. Após essas pesquisas infructíferas, dirigi-me segunda vez para a *fazenda do Marcos*, que me offerecera hospedagem com muita gentileza. Uma noite escurissima surprehendeu-me quando estava a caminho; pouco a pouco uma profunda melancolia se apoderou de mim; funestos presentimentos vicram mesclar-se aos pezares que me consumiam, e a franca alegria do bom Marcos não poude dissipar-me a tristeza.

Depois de uma noite pessima, parti de novo, seguindo o caminho da villa de Formiga, para onde tencionava ir, e a meia legua da casa de Marcos encontrei os meus companheiros installados numa granja que dependia d'uma humilde casinha. A *fazenda de Marcos* está situada a alguma distancia da grande estrada; a minha gente não viu a trilha pouco aberta que para lá se dirige, e, após caminhar cerca de 2 leguas, pararam, como lhes ordenára.

Para chegar a Formiga atravessei uma região montanhosa, cortada de bosques e *campos*. Os arbusticulos, como no districto em que viajei nos dias precedentes, são muito mais communs do que nas proximidades de S. João d'El Rei, e vêm-se em diversos lugares arvores enfezadas e tortas, que se elevam aqui e allí, no meio das gramineas. Em um desses pequenos *taboleiros cobertos*, não havia outra es-

(3) E não *taboleiras cobertas* como escreveu Gardner.

pecie d'arvore além de uma *Vochisia* enfezada, completamente coberta de longos cachos alçados de grandes flores amarello-ouro, em volta das quaes esvoaçava una multidão de heija-flores. Do cimo de varios morros elevados gozei duma vista immensu; descorlinei a *Serra de Piumhy* e a da Canastra, para onde me devia dirigir dentro em pouco.

Chegado a Formiga fui apresentar ao commandante da povoação a carta que o *capitão-mór* de Tamanduá me entregára para elle, e na qual lhe dava ordem de me arranjar um *pedestre* para me escoltar até Piumhy. O commandante recebeu-me muito bem e me recriminou por me ter apeado no albergue.

Eneontrei reunidos na sua casa os principaes habitantes de Formiga, que eram mereadores e pertenciam todos á nossa raça. Segundo o costume em vigor nos logarejos e pequenas cidade, usavam uma vestea de chita, e, por cima desta, uma capa de tecido grosso de lã; seus modos eram mais ou menos os dos nossos burguezes do campo. Fallou-se muito da França, e me inquiriram se era verdade que as mulheres lá gozavam de tanta liberdade como um outro francez assegurára, passando por esta zona algum tempo antes. Confirmei o que disséra meu compatriota, e as explicações que fiz a respeito pareceram tão extranhas, que um dos assistentes exclamou, pondo as mãos na cabeça: *Deus nos livre de semelhante desgraça!* Essa pobre gente não pensava em que o prisioneiro julga não ter obrigação nenhuma para com o carcereiro que o guarda, e que mais frequentemente se é enganado pelo seu escravo do que pelo homem livre em que se depositou confiança.

Formiga (*arraial de Formiga*) está situada perto do rio que tem o seu nome (4), em uma grande valle limitado por collinas cobertas de pastagens e bosques. As ruas desta povoação são mal alinhadas, as casas afastadas umas das

(4) Segundo a carta geral de Spix e Martius, e segundo d'Eschwege, o pequeno rio de Formiga se lança no Rio Grande.

outras, e quasi todas pequenas e mal conservadas. A igreja está construída na extremidade de uma grande praça, sobre uma plataforma um pouco mais elevada que o resto da villa; não tem tecto, é quasi nua no interior, e corresponde perfeitamente ao estado miseravel das casas (5).

Vêm-se em Formiga varias lojas e vendas mal sortidas. Uma taboleta muito visivel, encimada pelas armas de Portugal, indicava então onde se vendiam as bullas da Santa Cruzada. A loja melhor provida me pareceu ser a do boticario; o que exercia essa profissão era ainda um padre, que elle mesmo preparava os remedios, vendia-os e não deixava de dizer missas todos os dias.

Apezar da indigencia que annuncia o aspecto de Formiga, parece que ha gente bastante rica nos seus arredores e na propria villa. Localizada ás portas do Sertão, Formiga faz um commercio consideravel com essa zona. Os marchantes entretêm relações directas com o Rio de Janeiro; enviam para o interior do Sertão o sal, o ferro e outras mercadorias que recebem da capital, e recebem, em troca, couros, pelles de veado, algodão e gado. Os proprios arredores de Formiga produzem muito algodão; mas são os porcos que, como já disse, constituem a principal riqueza do districto. Cria-se em quantidade até mesmo nas menores fazendas; os mercadores os compram e enviam em varas á capital do Brasil.

Como a região é muito commercial e ahí passam continuamente caravanas provenientes de Goyaz ou do Sertão, todas as mercadorias se vendem facilmente e são muito caras. Emquanto que, para o lado de Villa Rica, Sabará e muitos outros lugares, se encontra facilmente um servidor livre (*camarada*) por uma oitava e meia por mez (11 Fr. 25c.); aquí é necessario pagar de 3 a 6000 réis (18 fr. 75c.

(5) Segundo Pizarro Formiga era ainda, em 1822, uma succursal de Tamanduá.

a 37fr. 50c.); mas julgo que os salarios elevados que se exigem dependem menos ainda do custo de vida do que da extrema repugnancia dos homens livres para o trabalho.

Os artezaõs mais numerosos em Formiga são os ferradores, que ao mesmo tempo são serralheiros; a passagem frequente de caravanas torna a sua profissão muito lucrativa.

O que prova que a população de Formiga augmenta sensivelmente é que, quando da minha passagem por lá, se estavam construindo muitas casas (6); a villa continha então um pouco mais de mil moradores, dos quaes uma quarta parte de homens da nossa raça; e entretanto, por meados do seculo passado, não existia ainda. Conheci um ancião centenário que foi o primeiro a se estabelecer neste lugar, ha cerca de 70 annos (1819), e que ahí lançou os alicerces de uma capella. Não ha minas nos arredores de Formiga, e é principalmente a sua posição favoravel, uma estrada frequentada e ás portas de um immenso deserto, que para lá attrae habitantes. Parece tambem que, muitas vezes, criminosos perseguidos pela justiça se vieram refugiar neste lugar remoto e contribuíram para augmentar-lhe a população; os habitantes não gozam de boa fama, e, enquanto estava entre elles, o ciúme fez commetter um assassinato; o criminoso fugiu com sua amante, que não passava duma mulher publica, e não me constou que se tomasse nenhuma providencia para apanhar o culpado.

Não posso gabar-me da delicadeza dos habitantes de Formiga. Occupava um cubiculo extremamente pequeno, e estava continuamente rodeado por curiosos que me privavam da luz, e enchiam de perguntas indiscretas. Taes ajuntamentos provam que essa gente não estava muito occupada, e a ociosidade é effectivamente um vicio que d'Eschwege re-

(6) Isto poderá explicar o que diz da Cunha Mattos, que, em 1823, viu em Formiga casas elegantes (*Itin.*, I, 62).

prova (7) nos homens que, nessa região, pertencem á classe superior.

Esse vicio acarreta consigo outros. Em todas as povoações da provincia de Minas, naquellas, principalmente, por onde passam estradas frequentadas, encontra-se grande numero de mulheres publicas; mas em parte alguma vi tanta quantidade como em Formiga. Uma meia duzia morava no albergue em que me apeei, e quasi todas eram brancas. Essas mulheres não faziam propostas a ninguem; mas iam e vinham na *varanda* da hospedaria, exhibindo aos olhos dos tropeiros encantos fenecidos pela libertinagem (8).

No dia seguinte ao da minha chegada a Formiga, o commandante da villa arranjou-me para *tocador* um negro livre, com o qual fechei negocio á razão de 3.600 réis (22 fr. 50). Esperava esse homem dois dias depois pela manhã; mas como, ás nove horas ainda não tinha apparecido, Jirigi-me á casa em que morava, e soube que tinha ido embora durante a noite. Os commandantes de villa exercem um poder despotico sobre os seus subordinados, e estes estão sempre desconfiados, mesmo quando o superior os trata sem empregar autoridade. Dei parte ao de Formiga do que me acontecera; prometeu arranjar-me outro individuo, e, apezar dos meus rogos, jurou que o fugitivo seria preso. No dia da partida o commandante enviou-me ainda um preto livre; quando acabei de fechar o negocio com elle pediu-me permissão para ir buscar sua roupa, e mais que lhe adeantasse alguns vintens; concedi-lhe tudo o que desejava. Entretanto uma, duas horas se escoaram, e como o negro

(7) *Bras. die Neue Welt*, I, 32.

(8) D'Eschewege disse que existem, em Formiga, maior quantidade de meretrizes do que nos quarteirões dos portos de mar em que reina a maxima corrupção de costumes. Com razão attribuiu esta etiologia á falta de instrução moral e aos maus exemplos que as crianças recebem das escravos desde a mais tenra idade (*op. cit.*).

não voltasse, decidi-me a fazer carregar os burros e a partir sem ninguém. Fui antes disso dar parte ao commandante do que se passára, e elle garantiu-me ser impossivel que o tivessem enganado por duas vezes; disse-me que certamente o negro me esperava no caminho: parti e não encontrei ninguém.

Entre Formiga e *Ponte Alta*, onde passei a noite, quer dizer, num espaço de 4 leguas portuguezas, não vi mais do que uma mesquinha cabana, que mal merece menção, e a *fazenda de Corrego Fundo*, que se eleva a meio caninho á margem de um riacho. As campinas que atravessei são excellentes e poder-se-ia criar ali grande numero de cabeças de gado; mas apenas avistei uma meia duzia em toda a jornada (9). De diferentes pontos descortinei uma immensa extensão de terra; entre outras, a *Serra de Piumhy* que está a algumas leguas de Ponte Alta; mas por toda a parte havia apenas desertos.

Por espaço de 2 leguas, até Corrego Fundo, o terreno, que é montanhoso, apresenta, de vez em quando, bosques, simples campinas, e *campos* sementeados de arvores enfezadas; variedade que produz na paisagem um effeito muito agradável.

Estes espaços, onde crescem aqui e alli arvores rachiticas e os da mesma natureza em que passei nos dias precedentes, annunciavam a vizinhança do sertão ou deserto. Para lá de Corrego Fundo não vi mais, durante o resto da viagem, sinão uma vegetação analoga á das partes do sertão oriental que percorri em 1817 (10), a saber, gramineas e pequeno numero de hervas entre as quaes se erguem arvores retorcidas, enfezadas, com a altura de 8 a 10 pés, cuja

(9) Vide o que digo, um pouco mais longe, do costume que têm as rezes de se esconderem no amago das maltas durante essa estação, afim de evitar as *mitucas*.

(10) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 302.

cortex é frequentemente suberosa, e as folhas duras e quebradiças. A forma dessas arvores lembra tão bem a das nossas macieiras, que o bom Larnotte, que estava longe de ser um profundo observador, ficou impressionado com a semelhança. Notei, todavia, que as arvores aqui são mais aproximadas do que na parte do sertão ou deserto situado a oeste de Minas Novas, e que, por conseguinte, o conjunto da vegetação não representava tão bem os nossos vergeis plantados. Alias, apesar da enorme distancia que ha das cercanias de Formiga a Bom Fim e a Contendas (4 a 5 graus), apesar da differença de altitude que deve existir entre os começos do S. Francisco a uma região á qual chega depois de tão longo curso, encontrei, nas particularidades da vegetação, uma semelhança notavel entre paizes tão afastados, e recolhi perto de Ponte Nova poucas plantas que ainda não tivesse colhido na minha primeira viagem. Perto de Chaves, *fazenda da zona de Rio Grande*, e perto do Rio das Mortes Pequeno, vi algumas encostas em que arvores enfezadas se espalhavam no meio das hervas; mas pertenciam, no maximo a tres ou quatro especies, e eram principalmente guttíferas: aqui, pelo contrario, encontrei a mesma variedade que nos *taboleiros cobertos* da parte do Sertão comprehendida entre Minas Novas e o S. Francisco. (11). As arvores mais communs fazem parte da familia das leguminosas e das guttíferas; encontrei tambem muitas *Qualea*, uma *malpighiacea* de grandes folhas e longas espigas floracs, que trouxéra da minha primeira viagem, *bigoneaceas* em arvore, cujas folhas são compostas de cinco foliolos (*Ipê dos Sertanejos*, ou habitantes do deserto).

Por occasião da minha passagem, (1.º de Abril), a verdura dos campos era de um frescôr admiravel; todas as arvores tinham folhas, mas talvez houvesse menor numero eu

(11) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, vol. II.

flôr do que vira desde fins de Julho até fins de Setembro de 1817, na parte oriental do sertão. Então, varias especies que florescem antes de ter folhas, taes como o *Ipê*, o *Carai-ba*, o *Glaraiba*, estavam cobertas de flôres; na vizinhança de Ponte Alta, ao contrario, não vi, em absoluto, sobre as arvores, mais do que fructos que não attingiam ainda á maturidade. Parece que a verdadeira época de floração das plantas do sertão é o começo da estação das chuvas.

Não somente encontrei, entre Corrego Fundo e Ponte Alta, a vegetação do sertão, como ainda tornei a ver um passaro que pertence aos *taboleiros cobertos* das cercanias de Bom Fim, Contendas, etc. (12), o pardal ou tangará de plumagem vermelha, chamado na região *cardéal*.

Chegando a Ponte Alta, José Mariano foi pedir hospitalidade á dona da casa, e rogou-a que nos permittisse depositar nossas bagagens no engenho de assucar dependente da sua habitação. O pedido foi rejeitado, e nos atiraram para um cubículo acabado de construir, onde mal nos podiamos mover, e onde os bichos de pé (*pulex penetrans*, hoje *Sarcopsyla penetrans*), nos devoravam. Fui forçado, não obstante, pela chuva, a ficar dois dias inteiros em Ponte Alta, e só parti no quarto. Durante o intervallo appareceu a dona da casa; queixei-me duramente do meu alojamento; mas ella me respondeu com tanta calma, e me fez offercimentos tão gentis que meu máu humor se dissipou.

Já disse noutro lugar que os habitantes do interior do Brasil, privados de médicos, empregavam para a cura de suas enfermidades diversas plantas que crescem em torno de suas moradas, e dei a conhecer grande numero dellas no meu livro intitulado *Plantas usuaes dos brasileiros* (13). Por toda a parte em que parava tinha o cuidado de colher

(12) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. II.

(13) Em Paris, por Grimbert e Dorez.

informações sobre as espécies medicinaes mais geralmente em uso. Nos arredores de Ponte Alta, não ha nenhuma tão gabada como a chamada *calunga* pelos colonos. Consideram-na como um poderoso especifico contra as febres intermitentes, as indigestões, as cólicas, e fazem della tambem grande uso na medicina veterinaria. É a raiz que se emprega: é grossa e muito longa, seu decocto é amargo e de gosto muito desagradavel. Diversas pessoas do districto venderam a planta a pharmaceuticos de Villa Rica e do Rio de Janeiro, e julga-se aqui, mas sem fundamento, que ella é identica á *calomba* da India (14). Seja como for, a *calunga* da região de Ponte Alta é, certamente, identica á planta que se conhece no Tijuco sob o mesmo nome. É com a especie descripta por mim sob o nome de *Simaba ferruginea* (15) que o Sr. Marius (16) identifica a *calunga* dos brasileiros.

A região que percorri, após deixar Ponte Alta, offerece uma alternancia de bosques, de *campos* onde se vêm apenas gramíneas, e outros, por fim, que, collocados de permeio aos primeiros, não apresentam sinão arbusticulos e sub-arbustos no meio das hervas. Não atravessêi nenhuma das mattas que lobriguei, mas reconteei que nem todas eram simples moitas isoladas (*capões*); algumas existem mesmo, que se continuam com a floresta de Tamanduá.

(14) A *calomba*, chamada tambem *columbo*, é o *Cocculus palmatus*, D. C. (*Menispermum palmatum*, Lam.). Parece que esta planta é originaria de Moçambique, donde foi transplantada para a Ilha de França e para a India. É o *radix columbo* das pharmacias, que, contendo um principio amargo e mucilaginoso, age com poder e sem inconvenientes sobre os orgãos digestivos, e é empregado contra a fraqueza do estomago, a dysenteria, as molestias biliosas e o cholera. A *calomba* foi para os portuguezes objecto de um commercio muito lucrativo (Kunze, *Pharm-Waarenkunde*, II, 28).

(15) *Flora Brasiliæ meridionalis*, I, p. 72, tab. XIV.

(16) *Reise*, II, 790.

Quasi todo o dia tive deante de mim a *Serra de Piunhy*, que é perpendicular ao caminho que eu seguia. Não se ergue a grande altura; apresenta poucas irregularidades, e seu cume, perfeitamente plano, apresenta o aspecto de uma longa plataforma.

A 2 leguas e meia de Ponte Alta passei diante da *fazenda de Capitinga* (17). afamada no districto pela sua extensão e a qualidade das rapaduras (18), que ahí se fabricam. A' excepção duma pequena choupana mais proxima do lugar em que me detive, foi a unica habitação que vi num espaço de 4 leguas e meia portuguezas.

O bom *capitão-mór* de Tamanduá dêra-me uma carta de recommendação para o commandante de Piunhy. Sabendo que este ultimo se devia encontrar em *Capitinga*, mandei chamal-o. Era um sertanejo com certo ar de bondade; fui, todavia, muito mal acolhido; mas elle me deu um bilhete para quem o substituíra em Piunhy.

Essc dia era o Domingo de Ramos, e se disse missa em *Capitinga*. Encontrei muita gente que de lá voltava e levava grandes frondes de palmeira bentas. Estas verdadeiras palmas, em uso em todo o paiz, lembram muito melhor a origem da festa do que os mesquinhos ramos de bucho ou loureiro que se distribuem nas nossas igrejas (19).

Fiz alto em *S. Miguel e Almas*, *fazenda* muito importante, que possui um engenho, muitas dependencias, e que, sem se approximar da habitações das *comarcas* de Sabará,

(17) Das palavras guaranis *capyi*, herva e *piunha*, que cheira mal, herva de mau cheiro.

(18) As *rapaduras* são tijolos de assucar cozido com o seu xarope, que podem ter 5 a 6 pollegadas e são muito espessos (vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, 126).

(19) As palmeiras são substituidas pelo bucho no norte da França e pelo loureiro no sul.

de Villa-Rica, do Serro Frio (20), tem, entretanto, melhor apparencia do que as que estacionára até então.

Tinham-me fallado, em varios lugares, de um anil magnifico que se fazia na fazenda de S. Miguel. Vi pannos de lã tiutos com essa côr e achei-os do mais bello azul escuro. Tendo pedido que me mostrassem o vegetal donde fôra extrahido esse anil, reconheci um *Solanum* (*Sol. indigoferum*, Aug. S. Hil) de haste frutescente, folhas lisas, flôres brancas, extremamente abundante nas matas virgens, e que se encontra principalmente nas do Rio de Janeiro (21). Disseram-me que se retirava desta planta o principio corante pelo mesmo processo usado para extrahil-o dos Indigoferos, e que se o fixava com o auxilio da urina. E' extraordinario que a propriedade de uma especie tão espalhada tenha ficado ignorada em toda a parte a não ser em um canto remoto da provincia de Minas. Seria para desejar que os habitantes das partes muito afastadas do imperio do Brasil se dedicassem ao cultivo dos indigoferos de que poderiam exportar os productos com vantagem, e ao mesmo tempo pesquisar, por experiencias comparativas, si o *Solanum Indigoferum*, que, dizem, dá uma secula mais bella que os proprios anilseiros, não teria ainda a vantagem de fatigar menos o sólo, dar maior resultado, e ser, em fim, de cultivo mais facil.

(20) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc. vol. I e II.

(21) O Sr. Dunal teve a bondade de me permittir juntar aqui a descripção que elle fez desta especie para o *Prodromus* do Sr. de Candolle: "*Solanum Indigoferum* (Aug. de S. Hil. in Mer., e de Lens, *Dictionario de Mat. Méd.*, VI, p. 416). Ramis glabris, teretibus, hinc inde angulatis, sub dichotomis; foliis breviter petiolatis, geminis altero minore, lanceolatis, utrinque acuminatis, supra glabris, nitidiusculis, subtus pallidioribus; racemis gracilibus, cymosis, suboppositifoliis, in summitatibus ramorum saepe approximatis, confertis. — S. coeruleum VELLOZO. *Fl. Fl.*, t. CX, e SENDEN in *Mert., Herb. Bras.* — ENDL. e MART., *Fl. Bras. Sol.*, p. 21, n.º 17, t. I, f. 35-40."

Depois de deixar a *fazenda* de S. Miguel e Almas, atravesssei durante cerca de uma legua *campos* cobertos de arvores enfezadas, e cheguei á base da *Serra de Piunhy*, que já avistára ao longe, antes mesmo de chegar a Ponte Alta. É, em grande parte, coberta de pastagens no meio das quaes rochedos nús e ennegrecidos se mostram por espaços; em todas as depressões vêm-se moitas de arvores. Seguindo um caminho frequentes vezes pedregoso e difficil, galguei a Serra muito obliquamente, e cheguei, enfim, ao seu cume onde gozei de um dos panoramas mais altos que já admirei. A região que acabava de atravessar não apresentava, na verdade, sinão uma immensa successão de morros cobertos quasi todos de pastagens e onde nada detinha o meu olhar; mas esta em que ia entrar, offerecia-me varios pontos onde os meus olhos podiam descansar com prazer. Ao pé da montanha via uma *fazenda* entre mattas; mais longe, á direita, descobria á entrada de uma planicie, a villa de Piunhy; enfim, mais á direita ainda, e muito mais ao longe, via no horizonte a Serra da Canastra, que merece bem este nome, uma vez que é alongada, que parece uniforme e um pouco arredondada no cume, e é cortada verticalmente nas suas duas extremidades. Depositára grandes esperanças quanto á botanica, na Serra de Piunhy; foram completamente frustadas; não vi ahí uma unica planta que já não possuísse; encontrei muito poucas flôres e apenas uma unica especie peculiar a regiões montanhosas.

Do sopé da Serra até Piunhy ha cerca de trez quartos de legua. Antes de chegar a essa linda povoação, atravesssei á nau o pequeno rio das *Arúras*, e proximo á villa o regato de *Tabuões*.

Chegando a Piunhy (22), apresentei-me ao alferes, que substitua o commandante, e roguei-lhe que me arranjasse

(22) Foi erradamente que d'Eschewege escreve *Pinhoi*, e Phil *Piunhy*. Pizarro diz a principio que a villa de Formiga está

alojamento, pois que passa muito pouca gente por esta villa para que se tenha pensado em construir uma hospedaria. O alferes levou-me para uma casa onde fiquei muito bem, e prometeu fazer tudo o que pudesse para arranjar-me um *tocador*.

O nome de Piunhy é commum á villa, a um rio afastado de lá 1 ou 2 leguas e á Serra de que fallei acima. Disseram-me, na região, que é o de uma mosca pequena muito importuna, communissima na margem do rio (23).

A pequena povoação de Piunhy deve a sua origem a um ajuntamento que se formou para destruir uma reunião de negros fugitivos (*quilombo*), que se refugiaram na Serra da Canastra, e que inquietavam o pequeno numero de lavradores estabelecidos na vizinhança. Após a destruição do *quilombo*, o ajuntamento continuou a subsistir; construiu-se uma capella em Piunhy; os colonos dispersos se aproximaram della, e, pouco a pouco se formou a villa. Achou-se ouro nas immediações e procuraram extrahil-o; mas em pouco se reconheceu que o rendimento não compensava as despesas; renunciou-se completamente ao trabalho das minas. e os habitantes de Piunhy só se occupant actualmente com a agricultura. Passam a vida nas suas *fazendas e sitios* e só vêm á villa aos domingos; por isso encontrei a maioria das suas casas fechadas.

E' do *termo* de Tamanduá que depende Piunhy. Esta villa é a séde de uma parochia que comprehende quatro mil almas (24), numa extensão de 22 leguas portuguezas de

um pouco afastada da de Piahy (*Mem hist.*, vol. VIII, part. segunda, 196); mas, quando entre em alguns pormenores escreve, como eu, *Piunhy* (*op. cit.*, 198).

(23) *Piunhy* não se originará, antes, da palavra guarani *Mbyyú*, andorinha?

(24) Obtive esses algarismos do cura de Piunhy, quer dizer, da pessoa que, pela natureza dos seus deveres, estava em melhores condições de saber a verdade. Pizarro fazia subir, em 1822, a população da parochia a 3.620 pessoas sómente.

extensão por 14 de largura, quer dizer, pouco mais ou menos 13 individuos por legua quadrada. A igreja parochial, dedicada a Nossa Senhora do Livramento (25), não tem succursal (1819); contam-se unicamente na sua dependencia quatro capellas particulares (ermidas), cujos proprietarios têm por costume fazer vir um padre para dizer-lhes missa nos dias de grande festa (26).

Piumhy está localizada quasi á entrada de uma planicie ondulada, coberta de pastagens, no meio das quaes se elevam algumas moitas de arvoredos. Si bem que a meia legua da Serra que tem o seu nome, esta villa, vista dos oitavos vizinhos, parece estar adossada ao monte, e julga-se que os bosques que separam aquella deste pertencem a este ultimo. Collinas pouco elevadas e arredondadas rodeam ao longe a Serra da Canastra.

Si bem que Piumhy seja, como já o disse, a cabeça de uma parochia, não se contam ahi mais de umas sessenta casas, das quaes cerca de trinta cobertas de telha. Dispoem-se ellas á maneira de um Y muito imperfeito. As ruas que se estendem do lado da Serra vão em rampa e não têm nenhuma regularidade; mas a que termina a villa do lado da planicie occupa uma plataforma perfeitamente uniforme; é extremamente larga, regular, e bordada de casas bastante bonitas. A igreja se ergue no começo desta rua; é nova e bem construida.

Desta mesma rua descobrem-se a um tempo a planicie e as montanhas, e o conjunto da via publica tem qual-

(25) *Piz., Mem., VIII, para segunda, 198.*

(26) E' ainda por intermedio do parocho de Piumhy que soube dessa particularidade. Pizarro diz (*op. cit., 199*) que a parochia de Piumhy tem uma succursal (*capella curada*), a de *S. Francisco*, situada nas fontes do rio do mesmo nome; mas, como o livro deste autor tem a data de 1822, não é absolutamente impossivel que a succursal que elle indica tenha sido creada depois da minha passagem pelo paiz.

quer coisa de risonho e majestoso, que se beneficia a mais com o contraste que produz a villa com a profunda solidão de todas as cercanias. No dia seguinte ao da minha chegada a Piumhy, sahi, logo que me levantei, para contemplar a paisagem; o ceu era do azul mais bello; uma calma deliciosa como não se conhece na Europa reinava em toda a natureza; experimentei momentos de enthusiasmo.

Não ha, em Piumhy, sinão duas lojas muito mal sortidas e algumas *ventas* que não o são melhor. Os habitantes, como já tive occasião de dizer, são quasi todos agricultores. Aproveitam as terras das mattas vizinhas (27), que se prestam a qualquer genero de cultivo, e entregam-se, principalmente, ao do algodoeiro, que é muito rendoso nesse districto. A julgar pelas apparencias, dir-se-ia que os pastos são tambem optimos; asseguram, porém, que, pelos mezes de Junho e Julho, época da secca mais forte, succumbem muitas cabeças, o que uns attribuem á dureza da herva, outros ás más qualidades de certas plantas.

Durante a minha estada em Piumhy, reccebi a visita do cura da villa. Era um homera ainda jovem, gentil, bem educado, condecorado com a ordem de Christo, como o eram então todos os parochos da provincia das Minas. Devo-lhe as informações que dei acima sobre a historia de Piumhy, a extensão e a população da parochia (28).

O commandante interino da villa, que como já vimos, me promettera, logo que cheguei, fazer o possivel para arranjar-me um *tocador*, trouxe-me um *pedestre* (29) na manhã seguinte, e me disse que, não tendo podido encontrar ninguem que me quizesse seguir voluntariamente,

(27) Como já o repeti muitas vezes, os brasileiros não cultivam sinão os terrenos originarios de mattas, cujas arvores cortaram e queimaram.

(28) Vide as notas precedentes.

(29) Os *pedestres* formam uma milicia inferior composta de homens de côr (vide minhas *relações* precedentes).

fôra obrigado a ordenal-o ao individuo que me apresentou; accrescentou que esse me acompanharia até ao districto vizinho, e que lá seria substituído por outro *pedestre*. "Ninguém aqui, disse-me o commandante, quer ganhar dinheiro para trabalhar, por pouco que seja, de um modo constante. Os *fazendeiros*, que possuem todos grandes extensões de terra, deixam os pobres cultival-as na quantidade que quizerem; com muito pouco trabalho estes ultimos estão certos de ganhar o bastante para viver durante um anno, e preferem repousar a gozar de bem estar devido a alguns suores".

Na tarde do dia em que contractára o *pedestre*, mandei procural-o; mandou-me dizer que estava muito occupado. Esta resposta era de mui mau agouro; no dia seguinte pela manhã o homem tinha desaparecido. Fui dar parte do succedido ao commandante, que não pode mesmo, siquer, arranjar-me outro *pedestre* para me acompanhar durante dois dias. Todos os homens moços tinham fugido, assim que souberam que se queria requisitar um d'elles, e entretanto, eu garantira que pagaria bem ao que me seguisse, por um unico dia que fosse. Prosegui, mais uma vez, sem *tocador*.

Já disse que *Piumby* está situada á entrada de uma planície. A região que atravessei, num espaço de 3 leguas e meia, para me dirigir á *fazenda* de dona *Thomazia*, onde fiz alto, é quasi plana e apresenta pastagens naturaes no meio das quaes pequenos bosques esparsos formam especies de compartimentos de effeito muito agradavel. Segundo a época em que os pastos foram queimados, apresentavam uma coloração differente, e como não se queima sinão pequeno numero de cada vez, viam-se nos prados todas as gradações de verdura. Nenhuma arvore se desenvolve nesses *campos*, constituídos, o que é raro nessa região, de uma herva quasi tão alta como a dos nossos prados. A graminea n.º 335, procurada pelo gado, principalmente logo

que começa a brotar, é aqui muito commum; ella o é tambem nos *campos* do districto de Rio Grande; mas apenas a tinha lobrigado desde S. João d'El Rei.

Não vi uma unica cabeça de gado durante todo o dia; mas disseram-me, na *fazenda* onde me detive, que nesta estação (Abril), o gado vaccum se retira sempre para os bosques, e não se os vê nos *campos* a não ser na estação das chuvas, porque então as florestas ficavam cheias de *mutucas*. Talvez tivesse succedido mais de uma vez que, enquanto me lastimava de não ver animaes, elles estivessem escondidos nos mattos; mas não é menos verosimil que toda a parte occidental da provincia de Minas poderia nutrir rebanhos infinitamente mais numerosos que os que ali existem (30).

Desde Prumhy até a *fazenda* de Dona Thomazia, tive sempre na minha frente a Serra da Canastra, que se mostrava ao longe na sua imponente regularidade.

Não avistei, no caminho, nem casas nem plantações; mas, em compensação, encontrei varias carroças atreladas de tres ou quatro parellas de bois que, por occasião das festas da Paschoa, transportavam as familias á villa. No Sertão, onde as *fazendas* são frequentemente bastante afastadas da parochia, só os homens ali vão no decorrer do anno; mas nas duas grandes festas, Natal e Paschoa, a familia inteira emprehende a viagem; empilham-se as mulheres e crianças nos carros de bois; passam-se alguns dias na casa que se possui na villa, e, em seguida, volta-se á habitação.

(30) Fallando da região que se estende, em linha quasi recta de Barbacena ao Rio S. Francisco, aquella em que acham situadas as villas de S. João Baptista, de Oliveira e de Formiga, o Sr. da Cunha Mattos disse (*Itin.*, I, 71): "que não se cria ali a millionesima parte das rezes que poderiam viver". Estes algarismos são uma hyperbole, sem duvida; mas indicam bastante quanto, na opinião do honrado viajante, se poderia tirar partido da região de que se trata, e quanto os seus habitantes são culpaveis de preguiça e incuria.

Os carros nos quaes se fazem estas viagens são os que se servem, para o transporte das suas produções, os cultivadores das partes da *comarca* de S. João d'El Rei não muito montanhosas. Como já o disse noutro lugar (31), esses carros são semi-ellipticos e arrastado sobre duas rodas quasi plenas. Compridas estacas retêm uma grande esteira que fecha a viatura por diante á maneira de um carro de triumpho e deixa-a aberta pela parte de traz. Cobrem-se esses carros com couros de boi.

A *fazenda* de dona Thomazia, onde fiz alto, era assim chamada, do nome de quem a possuia. Como já tive occasião de dizel-o (32), esta *fazenda* tem uma extensão assás consideravel; vi ali muitos negros, gado vaccum e grande numero de porcos: todavia a casa da proprietaria era uma miseravel cabana da qual todo o mobiliario se resumia em uma mesa e alguns tamboretos. No sertão, uma multidão de *fazendeiros* não possui alojamento melhor.

Visitei todas as casinholas que dependiam da *fazenda* de dona Thomazia, o paiol, as senzalas, e, tendo reconhecido que era impossivel ali collocar as minhas bagagens, alojei-me sob um alpendre aberto de todos os lados e muito occupado pelas peças de um carro que se estava construindo. Enquanto analysava as plantas recolhidas durante a jornada, era devorado pelos insectos, e obrigado, a cada momento, a mudar de lugar para evitar o sol.

Dona Thomazia e sua filha vieram visitar-me no meu triste abrigo, e me disseram que as terras desse districto, de muito boa qualidade, eram proprias para qualquer cultura, e que o milho ali rendia, por *alqueire*, dez a onze carros de vinte *alqueires*, quer dizer 200 a 220 por 1 (33);

(31) Vide minha *Viagem ao Districto dos Diamantes*, I, 254.

(32) Vide, mais acima, cap. VI.

(33) Como já disse noutro lugar (*Viagem ao districto dos Diamantes*, I, 254), os proprietarios da *comarca* de S. João onde se podem usar vehiculos para o transporte dos generos, contam por carros o producto das suas terras.

disseram mais que não era nos *campos*, mas sim nas mat-tas, que o gado encontrava aservas que fazem succumbir grande numero de cabeças, o que é muito verosimil, pois que as rubiaceas conhecidas pelo nome de *Hervas de rato*, que se considerava como tão perigosas para o gado, são plantas de mat-tas virgens ou de *capoeiras* (34).

Entre a habitação de dona Thomazia e a de João Dias, onde fiz alto, o terreno, mais approximado da Serra da Canastra, torna-se menos equal, mas offerece a mesma alternancia de moitas de arvores e excellentes pastos onde o *capim frecha* cresce sempre com abundancia. Diante de mim, no horizonte, a Serra da Canastra que se apresentava com a mesma forma; um pouco á esquerda outras montanhas muito menos elevadas; dois ou tres miseraveis choupanas de taipa onde o ar penetrava por toda a parte, uma unica habitação supportavel; nada de animaes, nenhum viajante nos caminhos, nenhum vestigio de cultivado; por toda a parte uma vista muito extensa, mas que mostra como a região é deserta, eis, em duas palavras, o quadro que se me offereceu aos olhos durante toda a viagem. Não posso dizer, todavia, que houvesse algo na paisagem que inspirasse tristeza; essa mistura de mat-tas e campinas de que resultam especies de compartimentos de diversas tonalidades, e ondulações variadas do terreno, as montanhas elevadas que margeam o horizonte pela parte do oeste, todo este conjunto produz um effeito muito agradavel.

Desde Piunhy o terreno, sobretudo nas depressões, tomára uma coloração vermelho escura. Ahí, assim como nas outras partes do sertão que percorrera na minha primeira viagem, as margens dos regatos são pantanosas e apresentam, com grande numero de palmeiras, arvores compri-

(34) Taes são as especies que denominam *Rubia noxia*, *Psychotria noxia*, *Palicourea Marcgravii* (vide minha *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*, 229 e seg).

midas uma com as outras, de caule delgado, esguio, esgalhado desde a base, mas de ramos em parte despojados de folhas. Essa nuança de vegetação é particular ao sertão.

A meia legua da *fazenda de João Dias* atravessei um *capão* (35) cuja verdura era de um frescor que rivalizava ao menos com a das mattas dos arredores de Rio de Janeiro. Depois desse *capão*, atravessei o pequeno regato que tem o nome de *Ribeirão dos Cabrestos*; e cheguei à *fazenda de João Dias*, que foi o termo dessa jornada.

Via-se, nessa *fazenda*, um terreiro immenso cercado por grandes estacas, muitas choupanas pequenas onde dormiam negros, se guardava a colheita, etc., mas podia-se procurar inutilmente a casa do senhor; morava elle proprio numa miseravel cabana que não differia das outras. Não fui mal recebido, mas tudo o que se pode fazer por mim foi ajolar-me em uma pequena officina de ferreiro onde o vento penetrava por todos os lados, e onde eu e os meus não tínhamos espaço para nos mexer.

Farei notar que, emquanto ha por toda a parte immensas minas de ferro na provincia de Minas Geraes, o que se forjava na *fazenda de João Dias* vinha do Rio de Janeiro, que está afastado desse lugar mais de 100 leguas: isto decorria, talvez, do facto de ser preferido o ferro estrangeiro conto mais maleavel, ou de que os fabricantes de ferro da provincia tivessem negligenciado de conquistar mercados; talvez, tambem, o bom proprietario da *fazenda de João Dias* julgasse manipular metal estrangeiro quando empregava simplesmente o do seu proprio paiz.

(35) Os capões são, como se sabe, moitas de arvores que crescem nas depressões, no meio dos campos.

CAPITULO X

A SERRA DA CANASTRA E A CASCATA CHAMADA CACHOEIRA DA CASCA D'ANTA, FONTE DO RIO S. FRANCISCO

De qual cadeia de montanhas faz parte a *Serra da Canastra*. — O autor parte com José Mariano para visitá-la. — Região situada para além de João Dias. — Choupanas. Resposta do proprietario de uma dellas. — A face oriental da montanha. — Desfiladeiro entre a face meridional e a *Serra do Rio Grande*. — Descrição do lado meridional. — A cascata chamada *Cachoeira da Casca d'Anta*, origem do rio S. Francisco. — A choupana de *Felisberto*; recepção que faz ao autor; retrato deste homem. — O autor dirige-se á beira da cascata. Descrição desta ultima. — O autor se põe em marcha para encontrar sua caravana. — Choupanas vizinhas da *Cachoeira da Casca d'Anta*. Debeis recursos dos habitantes dessas choupanas. Suas queixas Afastamento da igreja parochial; difficuldade dos enterros. — Região situada para além de João Dias. Carros carregados de mercadorias. — *Fazenda do Geraldo*. — O autor parte com Firmiano para subir a *Serra da Canastra*. — O flanco da montanha; encantadora *cachoeira*. Cume ou *chapadão*. Extensão. — O autor põe-se em marcha para *Araxá*; contorna a *Serra da Canastra*. *Cascata*. — *A Fazenda de Manoel Antonio Simões*. — A cascata chamada *Cachoeira do Rolim*. Uma outra cascata. — Região comprehendida entre *Manoel Antonio Simões* e a *Fazenda de Paiol Queimado*.

Afastando-me do Rio das Mortes Pequeno, dirigi-me, como já se viu, na direcção de oeste-quarta-noroeste, seguindo sempre uma crista elevada onde nascem, do lado do norte, os primeiros affluentes do S. Francisco, e do lado do sul, os do Rio Grande(1). É este dorso que limita, ao sul, a vasta bacia do S. Francisco e dos seus affluentes, bacia formada, a leste, pela Serra do Espinhaço, e a oeste, por uma outra cadeia da qual já tratei noutro lugar (2). Esta ultima divide, em parte, as aguas do norte do Brasil das do sul; forma uma porção do immenso systema de montanhas que d'Eschwege denominou *Serra das Vertentes*, e foi chamado por mim, como em breve explicarei, *Serra do S. Francisco e da Parahyba*.

Já, antes de chegar a Formiga, tinha avistado, no horizonte, a Serra da Canastra. Esta montanha, semelhante a um immenso cofre, ergue ao longe a sua massa imponente; parece então isolada, mas não o é realmente assim. Faz parte da Serra das Vertentes, quer dizer, como já o vimos ha pouco, deste planalto elevado ou antes cadeia, que, pelo lado do oeste, limita a bacia do S. Francisco.

Mais tarde, terei occasião de fallar desta mesma cadeia; aqui occupar-me-ei unicamente da Serra da Canastra.

Desde muito tempo sabia confusamente existir nesta montanha ou na sua vizinhança uma cachoeira muito notavel, mas ninguem me tinha podido dar a esse respeito nenhuma indicação precisa. Querendo visitar a cascata, deixei na *fazenda* de João Dias Firmiano e Larotte com toda a minha bagagem, e não levei (9 de Abril) commigo sinão José Mariano. Parti persuadido de que tinha apenas 3 leguas a fazer para chegar á cascata e que ella cahia dos montes vizinhos da Serra.

(1) Não vi a Serra Negra que, segundo Casal (*Corog. Bras.*, I, 374, 382), separa, em grande extensão, a *comarca* de Sabará da do Rio das Mortes; mas é evidente que faz parte do planalto de que se trata aqui, que talvez inicie do lado de leste.

(2) *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 69.

A' medida que nos afastavamos da fazenda de João Dias, a região tornava-se mais montanhosa, apresentando sempre mattas nos valles e campinas nas elevações.

Entretanto já tínhamos feito muito mais de 3 leguas, e ainda não avistáramos casas, si bem que já nos tivessem annunciado varias; nenhum viajante; nada de bois nos campos; uma bella solidão, mas uma solidão absoluta.

Com grande satisfação encontramos finalmente uma negra a quem perguntamos o caminho, e soube, com tanta admiração como prazer, que não nos tinhamos desviado um unico instante. José Mariano sabia perceber o menor indício, tirava as conclusões mais certas, e possuia o talento de se conduzir com segurança em terreno onde outro qualquer se perderia mil vezes. Soubemos pela negra que, embora já tivéssemos caminhado muito, estavamos ainda bem longe da cascata.

Já então tinhamos atravessado varios regatos de limpidez inigualavel, entre outros os chamados *Ribeirão da Prata*, *Ribeirão da Capivara*, e no resto do dia, atravessamos ainda outros, que todos se reúnem ao Rio S. Francisco.

A' medida que avançavamos, descobriamos melhor a Serra da Canastra. Visto de mais perto o seu cume deixa de apresentar a mesma irregularidade; entretanto está bem longe de mostrar qualquer uma dessas anfractuosidades que se observam commumente nas grandes cadeias de montanhas.

Tínhamos feito cerca de 4 leguas quando avistamos as primeiras choupanas, mas ellas estavam um pouco afastadas do caminho. Mais longe avistamos uma na beira do caminho; paramos um instante ali, e nos disseram, como a negra a quem nos dirigimos em primeiro lugar, que estávamos ainda a uma distancia enorme da cascata.

Perguntei ao proprietario da cabana como é que elle podia viver em uma tal solidão. Não gosto do barulho,

respondeu-me; mas não estou só, porque tenho commigo minha mulher e meus filhos, e, excepto o sal, minha terra produz com abundancia tudo de que necessito.

Até então tivêmos sempre diante de nós o lado oriental da montanha. Este lado offereceu uma inclinação mais ou menos rapida; vêm-se ahí pastagens, e em quasi nenhum lugar me pareceu inacessivel. A' medida que nos approximavamos da montanha, as casas tornavam-se mais raras; vimos tambem algumas plantações de milho e algumas cabeças de gado vaccum.

Entrementes, tinhamo-nos dirigido um pouco para o sul, e em breve chegamos á extremidade meridional do lado leste da montanha. Lá existe uma especie de desfiladeiro que separa o lado meridional da Serra da Canastra de uma outra Serra chamada *Serra do Rio Grande*. Esta, muito menos alto, muito menos regular que a outra, dirige-se mais ou menos de oeste para sudeste, e se liga a outras montanhas mais orientaes que fazem parte da *comarca* do Rio das Mortes. Parece tambem, segundo o que me relataram, que a Serra da Canastra e a do Rio Grande se unem na extremidade occidental da especie de desfiladeiro que deixam entre ellas. Seja como for, si, como proporei em breve, convem dar um nome geral ao divisor das aguas do Parahyba e do S. Francisco, o de *Serra do S. Francisco e da Parahyba*, será necessario dizer que a extremidade desta Serra é formada pela Serra da Canastra, pois o Rio S. Francisco nasce do lado austral dessa ultima.

No desfiladeiro de que fallei acima, achavamo-nos bastante approximados dessa montanha. De lá o seu cume é perfeitamente igual; seus flancos, em grande parte da altitude, apresentam rochedos sulcados, perfeitamente cortados a prumó e inacessiveis, em baixo dos quaes florestas e campinas naturaes se estendem, por uma rampa bastante branda, até a parte mais baixa dum valle profundo onde já corre o Rio S. Francisco.

Os rochedos, embora se apresentem como uma especie de muralha quasi vertical, estão longe, todavia, de ser inteiramente despidos; aqui e ali estão cobertos de uma relva muito fina que só deixa perceber sua coloração escura por intervallos. Em parte alguma vira uma vegetação tão bella e tão fresca como a dos pastos que, como já o disse, se estendem sob rochedos a pique, e os matizes mais escuros dos bosques vizinhos não lhe eram inferiores em belleza.

Tendo atravessado um bosque cuja vegetação era de uma frescura extrema, chegamos a uma choupana e perguntamos pela casa de *Felisberto*, lavrador que sabiamos morar muito perto da cascata. Elle proprio estava presente e nos respondeu que nos ia servir de guia.

Penetramos em um bosque, e, em pouco, começamos a ouvir o ruido da cascata. Segundo informações que me tinham dado momentos antes, sabia agora que ella cahia do lado meridional da Serra da Canastra. De repente avistei-lhe a parte superior, e em pouco via-a completamente, tanto pelo menos, como a podíamos descobrir do lugar em que estávamos. Este espectáculo nos arrancou, a José Mariano e a mim, um grito de admiração. No lugar em que a agua cae, os rochedos verticaes da montanha abaixam-se um pouco no seu eume e deixam ver uma fenda larga e profunda que, formando um zig zag, nos pareceu prolongar-se por dois terços da altura. Do ponto, ainda muito elevado, onde termina a garganta, derrama-se majestosamente uma bella cortina d'agua cujo volume é maior de um lado do que do outro. O terreno que se estende em declive abaixo da cascata, é muito desigual; um comoro, coberto de relva verdejante, esconde a parte inferior da cortina d'agua, e, do lado direito, desce em sua direcção um bosque de coloração sombria. Esta é a fonte do S. Francisco.

A vista de que procurei dar uma ideia é tambem a que se descostina da casa de *Felisberto*. A' noite, um luar

soberbo permittia-me distinguir todos os objectos e a cascata parecia illuminada pelo fogo que consumia um pasto visinho.

Felisberto acolheu-nos admiravelmente. Habitava uma humilde choupana desprovida de qualquer especie de conforto. Leite e feijão cozido n'agua constituiram o nosso jantar; por cama deram-me um colchão de palha de milho sem cobertas; mas tudo era dado de boa vontade.

A casa de Felisberto está situada á margem de um caminho que conduz ás partes mais afastadas do deserto e á povoação de *Desemboque*, celebre no paiz pela fecundidade das terras que a circumdam. Esta estrada solitaria segue, entre as duas serras (3), o desfiladeiro que as separa e que pode ter, disseram-me, 4 leguas de comprimento.

Meu hospedeiro tinha-se offerecido para acompanhar-me no dia seguinte pela manhã á base da cascata que tem o nome de *Cachoeira da Casca d'Anta* (4); mas algumas occupações impediram-no disso, e me deu por guia seu cunhado MANOEL LOPES, que morava meia legua distante d'elle. Antes de despedir-me de Felisberto, quiz fazel-o acceitar algum dinheiro, mas não foi possível. Enquanto me demorei em sua casa este homem mostrára-me uma bondade, uma tranquillidade de alma, uma resignação á vontade do ceu, uma paciencia em supportar a pobreza, que só se encontram longe das cidades. Felisberto, si ainda vive, já esqueceu, sem duvida o estrangeiro que ve'u de tão longe pedir-lhe um abrigo; eu vejo-o ainda assentado num banco de madeira, em um quarto escuro e desguarnecido; julgo ouvi-o contar-me com calma as vexações de que foi victima;

(3) A Serra da Canastra e a Serra do Rio Grande. (Vide atraz, pag. 171).

(4) *Cachoeira* significa cascata. *Casca d'Anta* é o nome que se dá ao *Drimys Granatensis*, porque se julga que é o tapyr (*anta*) que fez descobrir as propriedades excellentes da casca desta arvore (vide minhas *Plantas usuaes dos brasileiros*).

os exemplos de honestidade e de virtude não são bastante communs para que os possamos esquecer.

As onze horas da manhã partimos, José Mariano e eu, da casa de Lopes para nos dirigirmos á cascata. Após ter atravessado um bosque frondoso, seguindo uma pequena trilha pouco frequentada e embaraçada por bambús, chegamos á margem do Rio S. Francisco que, nesse lugar, está a cerca de meia legua da nascente, e pode ter de 20 a 30 passos de largura. Suas aguas, de uma limpidez e frescura extremas, têm pequena profundidade e deixam ver até o menor seixo do leito em que correm. Descalcei-me para atravessar o rio, e como este é embaraçado por pedras extremamente escorregadias, não foi sem alguma difficuldade que alcancei a outra margem. Lá encontramos uma floresta ainda mais difficil de transpor do que a primeira, e Manoel Lopes, que me precedia, era obrigado, a cada passo, a cortar bambús e galhos de arvores que prejudicavam nossa marcha. Em breve transpuzemos novamente o Rio São Francisco, e, após atravessar um pasto natural, encontramos as margens do rio de tal modo obstruidas por ramagens que nos foi necessario caminhar pelo seu leito. Até a base da cascata está cheio de grandes pedras escorregadiças, que ora ficam cobertas pela agua, ora elevam-se acima de sua superficie, e me teria sido impossivel progredir si não fosse constantemente auxiliado por Manoel Lopes e José Mariano. Emfim, após uma caminhada extremamente penosa, chegámos ao pé da Cachoeira da Casca d'Anta, que já descobriamos ha muito tempo.

Da casa de Felisberto estava ha mais de um quarto de legua distante della, e não a descobria sinão imperfeitamente. Vou descrevel-a tal como se me apresentou aos olhares, quando de lá me approximei tanto quanto possivel. Acima da cascata vê-se, como já o disse, uma larga fenda; no local onde cae, os rochedos formam uma concavidade pouco sensivel. Da casa de Felisberto a cascata pa-

reccu-me não ter mais do que o terço da altura dos rochedos; depois de examinal-a de varios pontos, creio poder dizer com maior certeza que ella toma-lhe os dois terços. Não a medi; mas, segundo a estimativa muito approximada do Sr. d'Eschwege, terá mais de 667 pés inglezes (203m,23) (5). Não se precipita com rapidez, mas apresenta uua bella cortina d'agua branca e espumante, que se derrama lentamente e parece formada por grandes flocos de neve. Suas aguas são recebidas em uma bacia semi-circular, bordada de pedras accumuladas sem ordem; e de lá, por um declive bastante rude, escorrem para formar este Rio S. Francisco que tem perto de 700 leguas de curso, e recebe uma multidão de outros rios.

As aguas da Cachoeira da Casca d'Anta, cahindo, fazem um ruido que se ouve de muito longe, e, ao mesmo tempo, produzem um orvalho extremamente fino, que o ar, agitado pela sua quêda, leva a grande distancia.

De ambos os lados da cascata os rochedos humidos, embora cortados a pique, são cobertos duma relva fina e asás verde, que apenas por trechos deixa ver sua côr ennegrecida. Por baixo dos rochedos, o terreno se estende em declive até o rio; na parte mais approximada da cascata não exhibe senão arbustos; mas, alguns passos além já está coberto de espessas florestas, onde se vê uma multidão de palmeiras de caule esbelto e delgado. O verdor de todas as plantas é duma frescura extrema, que mantem continuamente a proximidade das aguas. Defronte da cascata o horizonte é limitado por montanhas coroadas de rochedos que pertencem á Serra do Rio Grande.

Para sentir quanto este conjunto é encantador. procuremos a reunião de tudo o que encanta na natureza: o

(5) D'Eschwege pensa, como já o disse, que a rocha a pique tem mais de 1.000 pés (*Bras. die Neue Welt*, I, 102). Si deduzirmos a terça parte para o trecho da montanha superior á cascata, é claro que teremos 667 pés.

mais bello ceu, rochedos elevados, uma cascata majestosa, as aguas mais limpidas, a vegetação mais fresca, emfim, matas virgens que apresentam todas as formas da vegetação dos tropicos.

Depois de nos afastarmos da Cachoeira da Casca d'Anta voltamos á casa de Manoel Lopes, que fôra de uma bondade e complacencia extremas durante todo o tempo que me serviu de guia, e não se mostrou menos desinteressado do que seu cunhado Felisberto.

Tendo partilhado com Lopes do seu jantar de bananas e feijão preto, montei no meu burro, e para não ter que caminhar outro tanto no dia seguinte, approximei-me de duas leguas da habitação de João Dias, onde, como já disse, deixára meus companheiros e bagagens.

Dormi numa dessas casinholas que se encontram antes de chegar á Serra da Canastra, e das quaes já fallei. A mais infima choupana de Sologne tem mais commodidades do que estas miseraveis moradas. São construidas grosseiramente com paus cruzados e barro que se destaca por todos os lados; uma herva fina, arrancada com a terra adherente ás raizes, forma a sua cobertura. O interior é dividido por septos, em pequenos reductos obscuros que não offerecem outra mobilia a mais do que um par de banquinhos e alguns desses leitos rusticos que já descrevi em outro lugar (6); da parede pendem peças de roupa e uma sella.

O que ha de extraordinario é que homens brancos habitam essas pobres cabanas. E' muito verosimil que os pri-

6) Estes leitos se chamam *giróus*. Eis como são construidos: enterra-se no chão, junto á parede, quatro estacas, que se dispõem em quadrilatero alongado, como as columnas das nossas camas, e, sobre cada par de estacas mais approximadas fixa-se com uma casca tenaz e flexivel, um pedaço de madeira transversal; nas duas travessas de madeira, alinham-se varas, que se cobrem com uma esteira ou couro estendido, e é ali que se dorme, aconchegado á parede e envolvido em um cobertor ou capa (vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, I, 396).

meiros a se estabelecerem nesses lugares afastados fossem alguns culpados perseguidos pelo rigor das leis. Seus filhos, criados na solidão, teriam nascido melhores do que elles; a occasião e o convivio dos homens desenvolvem o germen das paixões; perece este, si ficar sem alimento.

Os raros habitantes das cercanias da Serra da Canastra, que parecem ter uns com outros laços de parentesco, cultivam a terra com suas mãos; mas seus productos não têm nenhum escoamento.

Apenas o gado que criam pode dar-lhes algum dinheiro, e ainda assim, são obrigados a tomar adiantamentos para o sal, que é aqui de uma carestia exorbitante. Mercadores de gado vêm até esses lugares afastados e fazem suas compras aos proprietarios. Queixam-se ainda, nesse districto, deervas venenosas que, affirmam, prejudicam o gado vacum; todavia, pode-se considerar esta asserção como uma conjectura formada para explicar a morte quasi subita dos animaes, pois ninguem poderia mostrar essas ervas de que tanto se falla.

Um motivo de queixa melhor fundado é o proveniente da maneira por que os *dizimeiros* querem que se pague o imposto, recusando os productos e exigindo numerario. E' necessario convir que é difficil dar dinheiro quando quasi nada se pode vender (7).

Todo o lado oriental da Serra da Canastra depende da parochia de Piunhy; mas, como ha cerca de 14 leguas portuguezas até a igreja, as mulheres quasi nunca fazem esta viagem, e os homens a empreendem apenas uma vez por anno. Na verdade um padre vem ás vezes dizer missa numa pequena capella que está a uma par de leguas da fazenda de

(7) Já disse, aliás, o que eram, nessa época, os *dizimeiros* e como tinham que se queixar delles. Tornarei ao assumpto nesta terceira relação, no capitulo intitulado *Quadro geral da provincia de Goyac*.

João Dias (8), e os habitantes aproveitam-se dessa oportunidade para confessar-se e fazer baptisar seus filhos; mas esta occasião é extremamente rara.

Como os brasileiros fazem muita questão de serem enterrados em igrejas; e o cura de Piumhy não permittia que se os enterrasse na capella de que fallei a pouco, transportavam-se os corpos nas costas de homens da serra até a villa, e, para me servir da expressão do lavrador em cuja casa dormira a duas leguas da cachoeira, os carregadores chegavam quasi no mesmo estado que aquelle que levavam a enterrar.

Voltei á *fazenda* de João Dias, pelo caminho que já tinha seguida. Julgarão, talvez, que, nesses lugares desertos, encontrei muitos quadrupedes; não vi um unico; mas isso não é para surprehender, porque os habitantes do scrtão passam a metade da sua vida a caçar e se afastam muito de suas casas.

Depois de deixar a *fazenda* de João Dias para dirigir-me a Araxá (9), atravessei pastos cuja relva, composta em grande parte da graminea n.º 335, era quasi tão alta e cerrada como o feno dos nossos prados.

(8) E' provavelmente esta capella que constituia a succursal que Pizarro chama *capella curada de S. Francisco*, e da qual já disse algumas palavras no capitulo precedente.

(9) Itinerario approximado da Fazenda de João Dias á villa de Araxá:

Da Fazenda de João Dias á Fazenda do Geraldo, habitação	3 1/2 leguas
Da Fazenda do Geraldo a de Manoel Antonio Simões, habitação	2 "
De Manoel Antonio Simões, habitação, a Paiol Queimado, habitação	5 "
De Paiol Queimado ao Retiro da Jaboticabeira	3 "
Do Retiro da Jaboticabeira ao Retiro de Traz os Montes	3 "
Do Retiro de Traz os Montes a Peripitinga, habitação	2 "
De Peripitinga a Araxá, povoação	2 "

20 1/2 leguas

Passando por estas pastagens encontrei uma serie de carros que, atrelados com tres ou quatro juntas de bois, estavam carregados de toucinho e eram conduzidos por brancos. Perguntei de onde vinham, e soube que tinham partido, havia doze dias, da villa de Araxá, e que os conduziam a S. João d'El Rei, aonde deviam chegar no fim de um mez. As despesas de uma tal viagem são pouco consideraveis, porque os conductores levam consigo o que é necessario para seu sustento e mesmo o milho destinado aos bois. Apesar disso, é necessario que os productos encontrem bem poucos compradores nesta zona, e sejam cotados muito baixo, para haver vantagem em fazel-os emprehen-der tão grande viagem.

A cerca de meia legua da *fazenda de João Dias* atravesei, pelo meio de um capão, o Rio S. Francisco que, neste lugar pode ter 20 pés de largura, e cujas aguas limpidas deslisam sobre um leito de pedras e seixos rolados. Como não houvera chuva ha algum tempo, o rio estava navegavel; mas depois de chuvas um pouco longas, deixa de o ser, e não ha ponte nenhuma para transpô-lo.

Entre João Dias e a *Fazenda do Geraldo*, onde me apeei, percebi ao longe duas ou tres *fazendas* bastante consideraveis para a região; mas devo dizer que quasi por toda a parte a minha vista, que nada retinha, podia abarear um horizonte immenso.

Não tornei a ver a Serra da Canastra sinão após caminhar mais de uma legua. Desse lado, o de leste, ella não apresenta, como se viu, nenhum desses accidentes tão communs nas regiões montanhosas; mas, por sua massa e elevação, concorre para a variedade do panorama. A verdura dos bosques e dos *campos* era então tão fresca, o ceu, na vizinhança da montanha, tinha uma côr tão doce, que eu não podia, sem deleite, olhar para esta vasta e tranquilla solidão.

A pouca distancia da Fazenda do Geraldo passei pela capella de S. Roque onde um sacerdote vem, ás vezes, dizer missa para os habitantes da zona. Está isolada, edificada sobre uma elevação, feita de taipa, sem reboco e no estado mais miseravel. Muito perto construíram uma casinhola e um rancho para alojar os que vêm ahi para ouvir missa.

A Fazenda do Geraldo é bastante importante. Vêm-se ahi um grande terreiro, curraes bastante grandes, uma graa-ja que não o é menos e senzala; mas, como nas outras, a casa do proprietario é pequena e mal conservada. Puzeram-me um rancho fechado, onde ficava perfeitamente livre e ao abrigo do vento e do frio.

Desejando galgar a Serra da Canastra deixei na Fazenda do Geraldo Laruotte o meu tropeiro, e parti acompanhado pelo caboclo Firmiano.

A cerca de meia legua da fazenda começamos a subir. Já disse que o lado oriental da Serra forma uma rampa suave e exhibe pastagens nas partes elevadas, e mattas nas depressões. Seguindo um caminho difficil e pedregoso atravessamos um bosque de frescor extremo regado por um correto limpo, e chegamos a vastos campos a que muito recentemente tinham ateadado fogo. Esta porção da Serra, ennegrecida e despojada de vegetação, tinha bastante semelhança com certos terrenos vulcanicos das nossas montanhas do Auvergne. O fogo não estava ainda extinto; viu uma chama vermelha e crepitante alustrar-se rapidamente pela relva, e turbilhões de fumaça elevarem-se para o ceu.

Chegados a cerca de meia altura da montanha, deixamos á direita uma linda cascata. Está longe de ter a majestade da Cachoeira da Casca d'Anta, mas produz na paisagem um effeito agradabilissimo. Pode ter de 30 a 40 pés, e cae do alto de um rochedo escuro e a pique, coroado por cuormes tufos de lichens de um branco esverdeado. Algumas pequenas arvores que brotaram nas fendas do rochedo, escondem em partes as aguas da cascata, que escorrem

por uma barrauca profunda, cujos lados são revestidos pela relva mais verde.

Continuando a subir deixamos, á direita e á esquerda, umas vezes, pastos, n'outras, bosques no meio dos quaes uma *Vochysia* chamava a attenção por sua immensa quantidade de flôres douradas, dispostas em longos cachos.

Ao cabo de duas horas chegamos ao cume da montanha.

Quando se descobre, de Piumhy, a Serra da Canastra, ella parece ter o seu maior comprimento do sul ao norte, mas não é realmente assim; não tem ella, nesta direcção, mais de cinco leguas, emquanto que se estende por muito mais de dez do oriente ao occidente. Seu lado oriental, o que se vê quando se vem de Piumhy, é mais ou menos de igual altitude, mas esta vai-se inclinando de leste a oeste. No apice offerece, em todo o comprimento, um vasto planalto desigual, que os habitantes do paiz chamam *Chapadão*, palavra que é um augmentativo de *chapada*, e não significa outra coisa sinão grande planalto (10). De lá descortinei a maior extensão de terra que porventura se offereceu a meus olhos desde que vim ao mundo: de um lado a Serra de Piumhy delimitava o horizonte; dos outros, minha vista só era limitada pela propria fraqueza, mas nenhum povoado, nenhuma casa, nenhum ponto digno de attenção fixavam as minhas vistas; por toda a parte um terreno simplesmente ondulado e uma mistura de pastos naturaes e moitas de arvoredo: não avistava sequer a villa de Piumhy, sem duvida escondida por algum morro.

O *Chapadão* está inteiramente inculto e deshabitado; não tem mesmo ainda, dono (1819), mas os proprietarios das *fazendas* situadas sob a montanha enviam os seus ani-

(10) Julga-se, segundo a carta dos srs. Spix e Martius, que a Serra da Canastra se estende da *Serra Negra* (de Sabará) até o divisor das aguas de S. Francisco e do Paranahyba; mas o que disse desta montanha prova sufficientemente que ella começa este grande divisor e que, na totalidade, faz parte deste ultimo.

maes a pastar nas partes mais proximas das suas habitações. Nos mezes de Junho e Julho gela habitualmente no alto da Serra; entretanto os ruminantes não a abandonam nessa época, emquanto que não querem ficar ali durante a estação das chuvas, porque lá chove muito mais do que nos outros lugares.

O chapadão é cortado por um caminho muito batido que é continuação daquelle que eu seguia, e que se bifurca; um dos ramos conduz á Villa de Desemboque, e o outro á de Franca de que fallarei em outro lugar. Vi, em varios lugares, vestigios dos fogos que accenderam as caravanas; os viajantes encontram agua na montanha; em vão procurarão um abrigo.

As partes mais elevadas da chapada, pelo menos as que eu vi, não apresentam sinão pedras amontoadas no meio das quaes crescem abundantemente varias especies de *Canela d'Ema* (*Vellozia*) e a Composta n.º 372. As zonas mais baixas são cobertas de campos, em que a terra é mais ou menos alta, mais ou menos espessa, conforme a proporção em que a terra vegetal se mistura com o saibro. Si algum filete d'agua corre por um declive, a vegetação é ali mais fresca e vigorosa, e mesmo, em certos lugares, existem moitas de arvoredo.

Desde a Serra Negra não vira em parte alguma tão grande variedade de plantas como na Serra da Canastra. A familia que ali domina é a das Compostas. Varias *Eriocaulon* crescem ali tambem em grande abundancia, e lá encontram, como nas montanhas elevadas da Serra do Espinhaço, o genero de terreno que preferem, uma mistura de saibro branco e terra vegetal preta. A genciana n.º 575, a convolvulacea n.º 379, as scrophulariaceas n.º 391 e 377 são tambem muito communs nas pastagens do planalto da Serra da Canastra.

Quanto ás melastomaceas, tão encontradiças em outras montanhas, não achei mais de seis especies. Aliás, em muito

pouco tempo recolhi cincoenta especies de plantas que ainda não tinha visto nesta viagem, e das quaes varias me eram totalmente desconhecidas.

Descendo a Serra gozei deliciosamente das bellezas do campo. O tempo era fresco, e nuvens esbranquiçadas percorriam ligeiramente um ceu azul claro, um pouco mais brilhante do que o do norte da França durante os bellos dias do outomno. Esta continua alternativa de bosques e pastagens, a diversidade de matizes que della resultava, e o contraste da planicie e da montanha produziam um effeito encantador.

Durante todo o dia não vi outro mammifero além de um macaco. Como já o disse, os habitantes do sertão são todos fervorosos caçadores e destroem os animaes cuja pelle pode ser objecto de commercio; não passava diante de uma habitação sem encontrar uma quantidade consideravel de cães de corso.

Quando estava na Fazenda do Geraldo, os do proprietario mataram um tapyr ainda novo. Darei aqui alguns pormenores sobre o seu pêlo para contribuir a completar o que diz o consciencioso Azzara (11) ácerca dos filhotes desta especie. O jovem individuo da Fazenda do Geraldo tinha o ventre completamente branco, o dorso e os lados de um cinzento escuro que se tornava mais pallido na vizinhança do ventre e era cortado por linhas brancas longitudinaes. De cada lado do meio do dorso, tres destas linhas se estendiam em todo o comprimento do corpo; cada uma dellas tinha cerca de 1 centimetro de largura, e as listas escuras que alternavam com as brancas apresentavam a largura de cerca de 5 centimetros e eram mosqueadas de branco. Além das seis faixas brancas que acabo de mencionar, viam-se, aos lados, varias outras incompletas.

Durante minha estada na Fazenda do Geraldo, José Mariano caçou e preparou passaros. Já era bastante perito

(11) *Ensaio sobre os quadrupedes do Paraguay*, I, 2.

nesta arte, e, embora eu não tivesse *tocador*, a taxidermia não parecia prejudicar em nada o cuidado dos burros.

O caminho que segui deixando a Fazenda do Geraldo e que leva á villa de Araxá, onde devia chegar dentro em pouco, é parallello á Serra da Canastra e pouco afastado della. O flanco dessa enorme montanha continúa a não apresentar nenhuma anfractuosidade notavel, e tem quasi toda a superficie revestida de herva muito fresca. Costeci a principio, todo o lado oriental, mas attingi sua extremidade um pouco antes de chegar á *fazenda de Manoel Antonio Simões*, onde me apeei, e então fiz a volta parallelamente ao lado septentrional.

Não fizera mais de meia legua, a partir da Fazenda do Geraldo, quando vi, a alguma distancia, uma bella cascata cahindo do alto da montanha, derramando-se sobre rochedos pardacentos e a pique. O cabeça desses rochedos é coroadado por moitas, e algumas arvores brotaram sem ordem entre as fendas das pedras. Uma cascata, porém, deve uma parte da sua belleza ao contraste que forma o movimento das aguas com a immobibilidade dos objectos que a rodeiam; quando vista de longe, parece tão immovel como elles, e não se distingue sinão pela differença de côr; não é mais do que um painel sem vida.

A região que percorri entre a Fazenda do Geraldo e a de Manoel Antonio Simões é montanhosa e offerece uma alternativa de bosques e pastos do mais lindo verdor. As fiôres eram pouco numerosas; entretanto, um dos pastos que atravessei mostrava algumas lindas, uma *mimosacca* elegante (n.º 411), uma bella *genciana* de fiôres azues (n.º 206), e uma *malpighiacea* de fiôres roseas (n.º 117).

A *fazenda* de Manoel Antonio Simões me pareceu ter sido importante, mas seguira a sorte do ancião decrepito a quem pertencia; todas as construcções della dependentes cahiam em ruina.

Indicaram-me, para guardar as bagagens e alojar-me, umas das casinholas de que se compoem, em geral, as fazendas deste paiz deserto; mas achei-a tão suja e incommoda, que pedi outra, tratando o pobre velho pouco cavalheirescamente. Não possuia, realmente, nada melhor para offerecer; a casinha foi varrida, e ahí me alojei, mas temia muito a visita dos porcos á noite, pois o commodo não tinha portas, e suas paredes eram simplesmente formadas de grandes estacas mal approximadas. Meu velho hospedeiro convidou-me a partilhar do seu jantar, e eu tratei de expiar minha impolidez inicial por toda a especie de atenções.

E' difficil de se imaginar posição mais agradável do que a da *Fazenda* de Manoel Antonio Sinões. Está situada numa depressão, á margem de um correjo limpido, e rodeada por collinas pouco elevadas cobertas de campinas. Pelo lado do sul o horizonte é limitado pela serra da Canastra, que não fica a mais de um quarto de legua da habitação, donde se vê a queda de duas cascatas pouco afastadas uma da outra.

A mais consideravel está mais proxima do lado oriental da Serra e tem o nome de *Cachoeira do Rollim*. No lugar onde cae a montanha apresenta, no seu flanco, uma depressão que lembra, de modo imperfeito, um semi-circulo. A agua não se precipita do proprio topo da montanha; esta, que é coroada por um bosque, inclina-se a principio, formando uma rampa suave coberta de relva; depois, bruscamente, não deixa ver mais do que rochas a pique, e é na parte mais profunda desses rochedos que se derrama uma bella toalha d'agua mais branca do que a neve. Não se vê, todavia, a agua cair até a base da montanha; parece parar no meio desta, sobre um segundo plano de rochedos mais avançado, e de lá escorre por uma fenda profunda occulta pelas arvores. Na estação das chuvas, a cortina torna-se, dizem, muito consideravel, e faz um ruido que se

ouve de muito longe. Abaixo do segundo plano de rochedos, a que me refiro nesse momento, a montanha apenas apresenta um declive muito suave onde escorre, sobre um leito de pedras e areia, o rio de *S. Antonio*, a que as aguas da cascata dão nascimento, e cujas margens são desenhadas por uma orla de mattas. A' direita e á esquerda da cascata, o flanco bastante escarpado da Serra está coberto de gramados, no meio dos quaes rochedos nus se mostram aqui e ali, tal é a ideia que tive da Cachoeira do Rollim, não somente observando-a da casa de Manoel Antonio Simões, mas ainda approximando-me tanto quanto possivel no curto espaço de tempo de que podia dispor.

Quanto á segunda cascata só a pude ver da casa de Manoel Antonio Simões. No local em que cae, o flanco da montanha apresenta, numa altura assás consideravel, uma rampa de pequeno declive e coberta de relva. No meio desta última vê-se uma fenda profunda donde escapam filetes dagua que, após correrem sobre rochedos a pique, constituem tambem um riacho. Este, assim com o Rio de *S. Antonio*, deve reunir-se ao *S. Francisco* ou a algum dos seus affluentes.

Depois de deixar a Fazenda de Manoel Antonio Simões, atravessei o Rio *S. Antonio*, e durante leguas caminhei parallelamente ao lado da Serra que está mais ou menos voltada para o norte, atravessando a cadeia no sentido da largura e dirigindo-me para Araxá.

O lado septentrional da Serra da Canastra não é cortado quasi a pique, como o do sul, donde se escapa a Cachoeira da Casca d'Anta; entretanto é mais escarpado que a face que olha approximadamente para leste; é mesmo o bastante para de longe parecer quasi vertical e contribuir a dar á montanha esta forma de cofre que lhe valeu o nome.

Emquanto pude perceber a Serra da Canastra gozei de um panorama bellissimo. A' direita descobria uma vasta

extensão de campos, e á esquerda tinha a Serra de cujo alto caem quatro cascatas.

Começára a subir quando não estava ainda sinão a pouca distancia da *fazenda de Manoel Antonio Simões*, e continui a percorrer uma zona extremamente montanhosa, onde ha minas de ferro, e que apresenta vastas pastagens semeadas de algumas moitas arborescentes. Nesse dia caminhei 5 leguas, e não avistei uma unica casinhola, embora muitas vezes uma immensa extensão de terra se me offercesse aos olhos; não vi tampouco o menor signal de cultura; não encontrei um unico caminliante; de longe em longe avistava apenas algumas cabeças de gado no meio de pastagens que me pareciam poder nutrir uma quantidade assombrosa dellas. Num espaço de 4 leguas a partir da *fazenda de Manoel Antonio Simões*, não encontrei uma unica gotta d'agua, o que é para admirar nesta região, onde ordinariamente se encontram abundantes regatos.

Desde o districto de Rio Grande não vira ainda pastos tão bons como estes das cercanias da Serra da Canastra: em todos é a graminea n.º 335 que sobresae, e como já o fiz notar, ella eugorda bastante os animaes, a quem muito appeteece. Entre Antonio Simões e *Paio Queimado*, nas partes menos elevadas, onde, de tempos em tempos, se queimam as pastagens, achei estas de um verdor maravilhoso; nas elevações, pelo contrario, onde parece que muito raramente poem fogo, a grama tinha a mesma altura e coloração que a dos nossos prados, quinze dias antes da séga. Outras plantas além das gramineas não são muito communs nestes campos; não vi quasi nenhuma em flôr, e apesar da extensão da viagem, minha colheita entre Manoel Antonio Simões e Paio Queimado foi quasi nulla.

A pequena distancia da primeira destas fazendas, atravessei immensos campos que tinham sido queimados havia poucos dias. Nas regiões da provincia das Minas que percorrera até então, põe-se fogo aos pastos pelo fim do tempo

da secca, e unicamente algumas pastagens reservadas, no districto de Rio Grande, para as vaccas leiteiras, se incendiavam em outras épocas. Aqui, pelo contrario, onde dizem que a herva não secca nunca completamente, põe-se fogo aos pastos indifferentemente em todas as épocas; mas os lavradores acham que só o devem fazer quando a lua está no seu curso.

Na Serra da Canastra e em casa de Geraldo fui bastante atormentado por essas pequenas moscas negras chamadas *borrachudos* (12), que, depois de picarem, deixam sobre a pelle uma marca vermelha; mas em ponto nenhum vi tamanha quantidade como nos pastos recentemente incendiados de que acabei de fallar. Os insectos me cobriam a cabeça e as mãos, e era obrigado, para afastal-os, a recorrer sem cessar ao lenço.

Havia oito horas que partira da *fazenda* de Manoel Antonio Simões quando cheguei á de *Paiol Queimado*, onde fiz alto. Já caminhára, como disse, 5 leguas, e nesta zona é uma forte jornada para viajantes que têm uma grande caminho a fazer e viajam com animaes supercarregados.

Não posso dizer positivamente que ponto forma o limite da *comarca* de S. João d'El Rei (13); mas é possível que eu o tenha trausposto nessa jornada, ou na da vespera, quando comecei a seguir o lado septentrional da Serra da Canastra, para atravessar a cordilheira de que esta montanha faz parte, e que eu chamo *Serra do S. Francisco e da Paranyba*. Da *comarca* de S. João passei para a de Paracatú e o territorio da justiça (*jugado*) de Araxá, que della depende hoje em dia (1819).

(12) Fallei dos *borrachudos* na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 37. O sr. Pool, que os representou bem, chama-os *Simulium pertinax* (*Reise*, I).

(13) Do que diz d'Eschwege (*Bras. Neue Welt*, I, 101), pode-se concluir que a divisa está na propria cordilheira, e Casal (*Corog. Bras.*, I, 282) se contenta em indicar esta ultima como o limite.

CAPITULO XI

VISTA D'OLHOS GERAL SOBRE A COMARCA DE PARACATÚ (1)

Limites e extensão da comarca de Paracatú. — Sua população. — Ideia geral das cadeias de montanhas que se atravessam indo do Rio de Janeiro á comarca de Paracatú. — Do divisor das aguas do S. Francisco e Paranahyba. — A *Serra das Vertentes* de von Eschwege. — Descripção exacta devida ao padre Cazal. — A *Serras das Vertentes de Balbi*. — Systema de nomenclatura para as montanhas do Brasil. — Idéa geral da *Serra do S. Francisco e da Paranahyba*. — Rios da comarca de Paracatú. — Villas e povoações desta comarca. Caracter dos seus habitantes. — Suas moradas. — Suas occupaões. — Fertilidade das terras. — Mandioca. — O *capim gordura*; seus limites; sua patria. — O gado vaccum. — Os carneiros. — Superficie do paiz. — Sua vegetação. — Secca; penúcia. — Difficuldades e tedio das viagens nesse paiz. — Elementos de prosperidade que encerra a comarca de Paracatú.

A comarca de Paracatú esteve por muito tempo comprehendida na de Sabará e constituia a sua parte mais occidental; mas separaram-na por um alvará de 17 de Junho de 1815 (2), e um outro de 4 de Abril de 1816 reuniu á

(1) Para bem comprehender as primeiras paginas deste capitulo, é bom ter sob os olhos uma carta geral do Brasil, por exemplo, a de Brué.

(2) Esta data foi fornecida por Cazal (*Corog.*, I, 392).

nova comarca os julgados de Araxá e de Desemboque, que até então tinham pertencido á provincia de Goyaz.

Esta comarca é formada de duas partes: uma ao norte, mais oriental, outra ao sul mais occidental, que, como dois quadrados da mesma côr num taboleiro de xadrez, se ligam por um dos angulos; e a cadeia que eu chamo *Serra do S. Francisco e da Paranahyba* é a linha que limita a parte mais oriental do lado do oeste, enquanto que limita a parte mais occidental do lado de léste. Si se quizer indicar de modo mais preciso os limites da comarca de Paracatú, dir-se-á que ao sul o Rio Grande deslisa entre ella e a provincia de S. Paulo; que ao norte é limitada pelo *Carunhanha* (3) que, por occasião da minha viagem, a separava da provincia de Pernambuco; a oeste o grande divisor das aguas do S. Francisco e do Tocantins (4), o *Rio S. Marcos* e o *Paranahyba* a separam de Goyaz (5); enfim que seus limites orientaes são o Rio S. Francisco, o *Abacté*, o *Abacté do Sul* e a parte mais meridional da Serra das Vertentes (*Eschwege*), parte que nomeio, como se verá, *Serra do São Francisco e da Paranahyba*.

Esta immensa subdivisão duma immensa provincia comprehende mais de 5 graus de latitude, e, segundo d'Eschwege (6), 3.888 leguas quadradas, sobre as quaes, segundo o mesmo autor, existia, em 1821, uma população de 21.772

(3) Disse alhures que se escreveu *Carynhanha* e *Carinhanha*. Encontra-se tambem em Casal *Carinhenha* e *Carynhenha*, e é esta última palavra que admittiu Gardner. Neste paiz ouvi pronunciar *Carunhanha*, como escreveu tambem Pizarro.

(4) Este divisor é o que chamo, como se verá mais abaixo, *Serra do S. Francisco e do Tocantins*.

(5) O que digo aqui sobre os limites occidentaes da comarca de Paracatú deve servir para rectificar os que indiquei alhures, na fé de Pizarro, para Minas Geraes e Goyaz (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 79).

(6) *Bull. Ferrussac soc. geog.*, XVII, 97.

habitantes, o que não importa sequer em seis individuos por legua quadrada (7).

Já disse noutro lugar (8) que uma cadeia de montanhas que se chama *Serra do Mar* se prolonga, ao longo do oceano, em uma grande parte do Brasil; que outra cadeia, quasi parallela á primeira, porém mais elevada, a *Serra do Espinhaço* (*Eschw.*), avança mais ou menos do nordeste da provincia de S. Paulo, não deixando distancia maior do que de 30 a 60 leguas entre ella e a cordilheira maritima; que aquella serra divide as aguas do Rio Doce e do São Francisco, e vai-se perder no norte do Brasil; que, a oeste, desta, o terreno se abaixa pouco a pouco até o Rio São Francisco, mas que, sempre na direcção do occidente, o sólo se eleva. pela segunda vez, até uma cadeia que separa as aguas do mesmo rio das do Paranyba (9). E' esta ultima cadeia que, do lado de leste, separa a comarca de Paracatú da do Rio das Mortes ou de S. João d'El Rei, como é ella que, do lado occidental, separa aquella comarca da

(7) Segundo um quadro enviado ao governo pelo ouvidor de Sabará, e citado por Pizarro e pelo *descubrigador* A. R. Velozo de Oliveira (*Annaes Fluminenses*), a população da comarca de Paracatú montaria, em 1816, a 59.053 habitantes. E' difficil saber qual de dois numeros, tão differentes um do outro, é o mais exacto: o que se pode dizer, com certeza, é que vi muito pouca gente nessa região.

(8) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 60.

(9) Fazendo conhecer pela primeira vez esta disposição duma parte do solo brasileiro, escrevi, como o fez recentemente o célebre geographo Balbi, que o divisor de aguas de que aqui trato se estendia entre os affluentes do S. Francisco e os do Paraná; teria sido mais exacto indicar o Paranyba como o faço presentemente, pois o Paraná é formado pela reunião do Paranyba e do Rio Grande, e nenhum affluente vindo da cadeia de que se trata se lança directamente no Paraná (*vide* *Caz., Corog.*, I, 205, e a carta geral dos srs. Spix e Martius). Deu tambem o nome de planalto ao divisor das aguas do S. Francisco e do Paranyba; o de cadeia ou cordilheira teria sido mais conveniente.

provincia de Goyaz (10); e, por conseguinte, é, como já vimos, entre as duas partes da *comarca*, uma ao nordeste e outra ao sudoeste, o que seria a linha formada por dois quadriláteros de xadrez unindo-se unicamente pelos ângulos. Esta cadeia se continua para o sul, pois que não ha, entre a Serra da Canastra, que della parte, e as montanhas da Serra do Rio Grande, sião um desfiladeiro de muito pouca extensão (ver o capitulo precedente); dá passagem ao Rio Grande, fornece alguns pequenos affluentes a este ultimo, e, tomando o nome de *Serra de Mogyguassú*, se adianta pela provincia de S. Paulo, onde parece formar uma especie de nó com a parte da Serra do Espinhaço, chamada Serra da Mantiqueira (11). Do lado opposto, ella se prolonga, na direcção do norte, até os limites da provincia de Piahy, limitando sempre a bacia do S. Francisco; mas si, a leste, não deixa de dar affluentes a esse rio, a oeste não os envia ao Paranyba a não ser na parte meridional, e, mais ao norte, é ao Rio Tocantins que fornece aguas.

Considerada unicamente como divisor das aguas do S. Francisco e do Paranyba, é bem claro que não se estende além das fontes desses dois rios, dos quaes o primeiro corre para o norte e o segundo para o sul, ou, si se quizer, será limitada por dois outros divisores d'agua que lhe são mais ou menos perpendiculares: um que, partindo ao sul, da vertente oriental, vai, como já o disse, unir-se á Serra do Espinhaço, e fornece, de uma vez, affluentes ao Rio Grande e os primeiros affluentes do São Francisco, cuja bacia limita; e outro que, pela extremidade septentrional se funde á vertente occidental donde nasce, do lado do septentrião, as fontes do Rio Tocantins, e, ao sul, as do *Corumbú*. Em uma palavra, a cordilheira,

(10) *Caz., Corog.*, I, 319.

(11) *Bras. Neue Welt*, I, 50. — Vide tambem a carta de Brué.

ou antes, a porção de cadeia que divide as aguas do São Francisco do Rio Paranahyba pode ser representada pela figura de um Z entre as duas linhas transversaes que o limitam, e que representariam, si assim me posso exprimir, uma, a cabeça da bacia do São Francisco, a outra, a da bacia do Tocantins.

Em um trecho do mais alto interesse, onde dá perfeitamente a conhecer a superficie do Brasil, d'Eschwege indica uma *Serra das Vertentes* (12), que descreveria uma vasta curva e dividiria as aguas do norte das do sul, comprehendendo a Serra da Canastra, os Pyrineus e as montanhas do Xingú e do Cuyabá. A isso, apenas, se limita a descripção do sabio escriptor, que não diz, aliás, nem onde acaba nem onde começa esta Serra das Vertentes; e talvez mesmo só por inducção podemos crer que elle considerava os Montes Pyrineus como fazendo parte della. Si a Serra das Vertentes se compõe ao mesmo tempo dos Montes Pyrineus e da Serra da Canastra, ella mudaria de direcção na sua extensão; formaria, como diz o autor allemão, uma vasta curvatura e comprehenderia ao mesmo tempo cabeças de bacia e limites lateraes; ora, pode-se perguntar o que seria, nesse caso, o prolongamento do divisor das aguas do S. Francisco e do Paranahyba, prolongamento que, em uma immensa extensão, segue a mesma direcção que este divisor, e que continua a limitar a bacia do São Francisco e a enviar affluentes para este rio, ao mesmo tempo fornecendo aguas, pelo declive opposto, ao Rio Tocantins; seria necessario, sem duvida, consideral-o como um simples élo da Serra das Vertentes, mas uma série de montes e alturas limitando a mesma bacia e estendendo-se parallelamente a uma de suas margens, sem desvio algum, deve certamente ser considerado como uma cadeia unica; o élo, pelo contrario, seria a corôa de serras que,

(12) *Brasilien die Neue Welt*, I, 161.

partindo dos Pyrineus, continuos elles proprios com outros montes mais occidentaes, forma um angulo com a cadeia verdadeira, não a prolonga em uma só direcção, termina nella, e não forma o limite lateral da bacia de nenhum rio (13).

Cazal, muito menos erudito que o coronel allemão, mas cuja exactidão e longas pesquisas merecem a maior estima, não distingue, na verdade, as duas partes da cadeia: a que, mais meridional, envia agua ao Rio Parahyba, da outra que, ao norte, as fornece ao Tocantins; mas reconhece, aliás perfeitamente, que essa cadeia, embora mudando frequentemente de nome, é realmente uma, que se dirige do sul para o norte, separando Goyaz de Minas e de Pernambuco, e que é unicamente interrompida por desfiladeiros (*boqueiros*) (14).

A incerteza que reina na descripção da Serra das Vertentes é tal que Martius parecia crer (15), como eu proprio a principio, que Eschwege limita esta serra ao divisor das aguas do S. Francisco e do Rio Parahyba, emquanto que o excellentes geographo Balbi, dando uma ideia do

(13) Si o sr. Luiz Antonio da Silva e Souza (*Memoria estatistica da provincia de Goyaz*, 1832) parece professar opinião analogá á do sr. d'Eschwege, da Cunha Mattos compartilha inteiramente da minha. Elle considera como uma unica cordilheira, que chama *Serra Geral*, as montanhas que começam ao sul da Serra da Canastra, attingem ao Registro dos Arrepellidos e se continuam até a provincia de Piauly; além disso, reconhece que a cadeia á qual pertencem os Montes Pyreneus entroncando-se na Serra Geral, forma todavia outro systema (*Itinerario*, etc., II).

(14) *Corographia*, I, 319. — O sr. F. Denis, a quem se devem as investigações mais conscienciosas sobre a historia do Brasil e seu estado actual, consagrou o nome de *fai da geographia brasileiro*, que eu julguei poder dar ao padre Manoel Ayres de Cazal. Vi tambem com grande prazer que, no Rio de Janeiro, se faz toda a justiça ao autor da *Corographia Brasileira*, que uma longa residencia na America e a natureza de seus trabalhos podem fazer contar entre os autores brasileiros. *Mis. Bras.*, 52).

(15) *Reise*, II.

conjunto dos cabeços que separam todas as aguas do norte das do sul, leva a Serra das Vertentes desde a fronteira da provincia de Ceará até a extremidade meridional da de Matto-Grosso, e não fala das Serras Negras, da Canastra, da Marcella e dos Crystaes sinão como de élos duma vasta cadeia (16).

Em um quadro rapido, didactico, sem duvida, fazer ver de una vez, e mesmo indicar por um só nome, o conjunto de montanhas que, prolongando-se em semi-circulo, de léste a oeste, abarca a metade da America do Sul; mas, por pouco que se queira descer a alguns pormenores, são necessarios nomes particulares, sobretudo quando se tratar dos élos dos contrafortes, e é claro que não se apresentará realmente nada ao espirito, si, fallando do divisor das aguas do S. Francisco e do Parnahyba, do Xingú e do Paraguay, se dissesse igualmente que se atravessou a Serra das Vertentes.

Os habitantes do paiz nomearam isoladamente as montanhas que tinham a percorrer, cada um na sua zona, e o geographo como o viajante, para evitar qualquer confusão, deve conservar religiosamente essas denominações, sem restringir-lhes nem applicar-lhes o significado. Si, porém, um unico nome não basta para todos os divisores d'agua reunidos, os nomes restrictos a cada elevação particular destroem todas as ideias de conjunto. Julgo, pois, que, além do nome, de qualquer forma generico, de Serra das Vertentes que se pode admittir, si se quizer, no sentido que lhe empresta o sr. Balbi, é bom dar um particular a cada divisor de dois grandes rios.

Sente-se que taes denominações, para serem adoptadas pelos habitantes do paiz, não lhes devem lembrar nada que seja extranho ao proprio paiz, e creio que não se po-

(16) *Resumo de Geographia*. — Não pude, infelizmente, consultar senão a primeira edição desta bella obra.

deria propol-as mais methodicas do que as que apresentassem para cada divisor a reunião dos nomes dos rios cujas aguas separa, da mesma maneira como o nome de varios dos nossos departamentos se compõe dos de dois dos rios que ali correm. Mas, para formar os nomes dos nossos departamentos, poder-se-ia muitas vezes ter escolhido outros rios que não os preferidos, emquanto que não ha nada de arbitrario nas denominações que propoñto, e o conhecimento exacto da geographia brasileira fal-os-ia necessariamente compor por todo o mundo da mesma maneira. Assim, essa cadeia que, comprehendendo a Serra Negra (de Sabará), se estende mais ou menos, de léste a oeste, da Serra do Espinhaço á Serra da Canastra e forma a cabeça da bacia do S. Francisco, seria a *Serra do S. Francisco e do Rio Grande*; chamaria *Serra do São Francisco e da Parahyba* (17) ao divisor que se estende desta primeira cadeia ou, si quizerem, das fontes do São Francisco á linha das nascentes do Corumbá; daria o nome de *Serra do S. Francisco e do Tocantins* ao prolongamento mais septentrional deste mesmo divisor, donde se escapam de uma só vez os primeiros affluentes do Tocantins e novos affluentes para o S. Francisco; a cadeia que, vindo de Matto-Grosso, se dirige do occidente para o oriente, comprehendendo os Montes Pyreneus e fornecendo as primeiras aguas do Tocantins (18) e do Corumbá, forma

(17) *Casal e Pizarro* escreveram *O Parahyba*; mas transpuz por duas vezes este rio, e encontrei nas minhas notas, os lugares onde o atravessei indicados, um pelo nome de *Porto de Parahyba*, e o outro pelo *Porto Real da Parahyba*. Aliás, os mesmos autores escreveram *O Parahyba*, e, no paiz, se diz correntemente, *Provincia da Parahyba, Districto da Parahyba Nova, S. João da Parahyba, Porto da Parahyba*. — Devo dizer tambem que, na propria zona, ouvi pronunciar *Parahyba*, mais ou menos como escreveu o sr. Gardner.

(18) Sabe-se que o Rio Tocantins tem, no começo, o nome de *Rio das Almas*.

a cabeça da bacia de cada um desses dois rios, será a *Serra do Corumbá e do Tocantins*; enfim, a *Serra do Espinhaço* (Eschw.) comprehenderá, só na provincia de Minas, ao sul, a *Serra de S. Francisco e do Rio Doce*, e, mais ao norte, a *Serra do S. Francisco e do Jequitinhonha*, etc.

Estes nomes, confesso, têm o inconveniente de serem longos, porque aquelles de que se compõem não são monosyllabicos, como os nomes dum grande numero dos nossos rios; mas, nomes compostos e de grande comprimento estão bem longe de ser extranhos á geographia brasileira, assim como pudemos ver exemplos nessa relação e nas duas precedentes (19).

Volto á *Serra do S. Francisco e da Paranahyba*, da qual a digressão á qual acabo de me entregar, me afastou, talvez, por muito tempo.

Ao norte da *Serra da Canastra*, que forma o começo desta grande cadeia, atravessei esta em sua largura, para me dirigir á villa de *Araxá*, que está situada abaixo da sua vertente occidental; durante uma quinzena de dias segui esta vertente; não remontei ao cume da cadeia sinão para nhí fazer cerca de 5 leguas, e, em seguida, descí a vertente oriental, que costeei até *Paracatú*; não posso, pois, indicar a série bem exacta das montanhas que formam o conjunto da cadeia. Direi, todavia, que ella se prolonga mais ou menos por um espaço de 3 graus e meio, mudando sem cessar de nome, e que seus cumes mais elevados se encontram na parte mais meridional. Depois da *Serra da Canastra*, na direcção do sul ao norte, vêm successivamente, segundo d'Eschwege, as *Serras do*

(19) Ex: *Rio Grande de S. Pedro do Sul, S. Miguel e Almas, Catas Altas de Mato dentro, S. Antonio dos Montes Claros*, etc.

Urubü, da Marcella, de Indaiá e d'Abacé (20). Além desse ponto, nenhum autor dá indicações certas, e, como não subi ao cume da cadeia sinão a 3 leguas e meia da passagem do Parahyba, quer dizer, a uma distancia que não pode absolutamente ser de menos de 1 grau da Serra d'Abacé (21), nada sei dizer desse intervallo (22). Chegado ao cume da cadeia, achei-me sobre um vasto pla-

(20) D'Eschwege diz que a porção de cadeia formada dessas cinco montanhas se dirige para a margem esquerda do S. Francisco, atravessa-o formando a cachoeira de *Pirapóra*, e vai se fundir, nas Minas Novas, à Serra do Espinhaço (*Bras. Neue Welt*, I, 50). Poder-se-ia pensar, por ahí, que a Serra do S. Francisco e do Parahyba não se estende, ao norte, além do Abacé; mas não é assim, e, o que o proprio d'Eschwege diz alhures, prova que esse não foi o seu pensamento: a direcção que elle attribue á cadeia para lá da Serra de Abacé é sem duvida a de algum contraforte oriental. Segundo o mesmo escriptor se applicaria o nome de *Monte da Corda* á cadeia parcial formada pelas cinco Serras; mas Casal diz expressamente (*Corog.*, I, 382) que este nome é o de um bosque que se ergue entre ambos os Abacé, e o nome de *Monte* torna esta opinião mais que plausivel.

(21) Vide o mappa geral dos srs. Spix e Martius.

(22) A carta geral dos srs. Spix e Martius indica, sob o nome de *Serra dos Cristaes*, uma porção da Serra do S. Francisco e da Parahyba mais meridional que Paracatú, e uma passagem de Casal (*Corog.*, I, 382) tende realmente a fazer crer que tal é a posição da *Serra dos Cristaes*; mas, si não ha duas montanhas deste nome, ha certamente aqui um erro. Fallaram-me, no paiz, duma Serra dos Cristaes, que não visitei, porque a sabia já percorrida pelo doutor Pohl: ora, pela relação interessantissima da viagem que ahí fez este sabio (*Reise*, 263), pode-se ver que a *Serra dos Cristaes*, onde elle esteve, se encontra situada a oeste, fóra da Serra do S. Francisco e da Parahyba; que, para lá chegar, Pohl foi obrigado a passar o Rio de S. Marcos e entrar na provincia de Goyaz; que chegado á Serra dos Cristaes, não estava sinão a pequena distancia de *Sta. Lucia de Goyaz*, e que emfim, esta montanha não pode ser sinão um contraforte ou porção de um contraforte do divisor das aguas do Parahyba e do Tocantins. O que digo aqui é, aliás, confirmado, por Mattos (*It.*, II, 185).

nalto denominado ainda *Chapadão* (23), e que, si posso crer o que me disseram, tem quasi 6 leguas de comprimento e 5 de largura, sem nenhuma descontinuidade. Após o *Chapadão*, vem a *Serra dos Pilões*; mas foi lá que me apeei para costear a vertente oriental e me dirigir a Paracatú. A cerca de 9 leguas dessa cidade, subi a um outro grande planalto, que é ainda a continuação da Serra do S. Francisco e da Paranahyba; e, após ter, pela terceira vez atravessado esta cadeia na parte que tem o nome de *Chapada de S. Marcos*, cheguei, do lado occidental, ao *Registro dos Arrependidos*, limite da comarca de Paracatú, e da provincia de Goyaz. O que caracteriza de modo particular a Serra do S. Francisco e da Paranahyba, é esta série de planaltos que a encimam e lhe dão qualquer semelhança com os Alpes da Escandinavia (24).

As duas vertentes desta Serra o seus contrafortes são berço de grande numero de rios, entre os quaes se encontram diamantiferos, taes como o Indaiá e o Abaeté, e dos quaes a maior parte rega a comarca de Paracatú. Mas não são estes os unicos rios fornecidos pela Serra do S. Francisco e da Paranahyba e por seus contrafortes que correm pela *comarca de Paracatú*; ao norte da séde, esta

(23) Viu-se que o planalto que termina a Serra da Canastra tem tambem o nome de *chapadão*. Este nome é de certo muito generico e designa todo grande planalto.

(24) O planalto de S. Marcos se prolonga até a povoação de Couros, na Serra do S. Francisco e do Tocantins, e lá se conjunde provavelmente com o que o sr. Martius (*Reise*, II) chama *Chapada das Couros*, ou, pelo menos, este ultimo deve se apresentar após elle na direcção do norte. Foi tambem um planalto que encontrou o sr. Gardner no alto da mesma Serra, quando a atravessou entre as povoações de S. Pedro e de N. S. da Abbadia, dirigindo-se de Goyaz para Minas; por consequente, é muito verosimil que a Serra do S. Francisco e do Tocantins, que, na realidade, não é sinão a continuação da Serra do S. Francisco e da Paranahyba; seja, no seu cumte, tão plana como ella.

comarca é atravessada por outros afluentes do S. Francisco, que nascem da continuação da mesma cadeia.

Exceptuando-se Paracatú, não existia, por occasião da minha viagem, nenhuma cidade em toda a *comarca*. Quatro villas eram *juizados*, a saber: Salgado, de que já fallei noutro lugar (25), S. Romão, situada nas margens do S. Francisco (26), Araxá e Desemboque, a oeste da cordilheira; mas é forçoso que os outros lugares ou logarejos, que não tinham o mesmo título que aquelles, fossem bem pouco importantes, pois que, pela informação d'Eschwege, Desemboque não comprehendia em 1816 sino umas sessenta casas. Em um espaço de cerca de 70 leguas (pelo menos 85 leguas *communis* de França), desde a extremidade norte da Serra da Canastra até Paracatú, não atravessei outras villas além de Araxá, onde se contavam, em 1816, setenta e cinco casas (27), e Patrocinio, onde, na época de minha viagem não havia mais de quarenta; encontrei apenas um desprezível povoado em uma extensão de 23 leguas, entre Paracatú e a fronteira da provincia de Goyaz; enfim, quando, na minha volta desta provincia, caminhei ainda mais de 20 leguas na *comarca* de Paracatú para me dirigir a S. Paulo, não vi sino algumas pobres *aldeias* de Indios civilizados. A *comarca* de Paracatú não é mais do que um immenso deserto.

(25) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 407.

(26) *Op. cit.*, 428. — Depois da minha viagem, S. Romão, como Araxá, foi erigida em villa (GARDNER, *Travels*, 413); mas não parece que o seu novo título tenha influido em nada sobre a respectiva prosperidade, pois Pizarro fazia subir sua população, em 1822, a 1.300 individuos, e, segundo Gardner, não havia lá mais de 1.000 em 1840. O que prova, além do mais, como as coisas mudam nos paizes desertos, assim como já tive occasião de dizello allures, é que os pormenores dados pelo naturalista inglez parecem ser simples commentarios ao que escrevia o padre Manoel Ayres de Casal em 1817.

(27) Eschw., *Brs. Neue Welt*, I, 66.

Não visitei toda essa parte da *comarca* comprehendida entre o S. Francisco e a cordilheira que, do lado de oeste, fornece os affluentes deste rio; mas é natural crer que esse deserto seja ainda menos civilizado do que o que percorri sobre a margem direita do S. Francisco, pois que está mais afastado da região que se pode considerar como centro da civilização na provincia das Minas. Paracatú, que já conta uma existencia assás antiga, que foi outr'ora rica e florescente, deve encerrar uma população mais intelligente e civilizada do que a dos desertos que a rodeiam. Mas creio poder dizer que a população da região que atravessei para chegar a esta cidade, é o rebotallo da provincia das Minas. Os primordios do districto de Araxá datam dos nossos dias, e sabe-se que este burgo foi povoado não só por cultivadores cujas terras começavam a exgotar-se e outros que ainda não as possuíam, como tambem por devedores insolvaveis e criminosos que procuravam subtrahir-se a justos castigos. Quando da reunião do *julgado* de Araxá á provincia das Minas, d'Eschwege, que fôra encarregado pela administração de fazer um relatório sobre a região, percebeu, estando em Patrocínio, que os habitantes o evitavam, e soube pouco depois que esse districto afastado tornara-se asylo de homens que, tendo commettido crimes, ou devendo dinheiro ao thesouro real, tinham fugido de Minas.

Para retemperar uma população assim, seria necessario instruil-a e radical-a ao trabalho; mas, de quem os habitantes desses desertos receberiam algumas lições de moral e religião. ou mesmo a mais rudimentar instrucção? E para que trabalhariam elles, quando as suas necessidades, tão pouco numerosas, estão satisfeitas? Nestas regiões, o isolamento destróe a emulação; o calor do clima convida á ociosidade, não se exercita a intelligencia, não se pensa mais, e cõe-se num especie de embrutecimento geral.

Grande numero de *vadios* percorrem o districto de Araxá e desolam os proprietarios roubando os seus animaes (28). Os homens estabelecidos nesses desertos vivem afastados uns dos outros; não conhecem a sociedade, limitam-se á familia; os *vadios* não conhecem nem uma nem outra. Pode-se comparal-os a essas plantas parasitas que, extranhas ao solo, exgotam os vegetaes uteis de que retiram a sua substancia e não produzem sinão maus fructos.

Si ha algum remedio para a especie de embrutecimento em que cahiu o povo dessa região, é naturalmente do clero que, parece, se poderia esperar. Quando se pensa, porém, que não existe mais do que meia duzia de parochias em toda a comarca de Paracatú, sente-se que os pastores, mesmo que estivessem animados de verdadeiro zelo, encontrariam os maiores obstaculos na extrema disseminação dos habitantes, tão pouco numerosos, desta vasta região. Mas sabe-se quão pouco, em geral, o clero brasileiro faz pela instrucção do povo que lhe está confiado, e menos ha ainda a esperar dos ecclesiasticos da *comarca* de Paracatú do que dos das zonas vizinhas. Esta *comarca*, com effeito, não depende do bispado de Mariana (1819-22), pertence ao de Pernambuco, cuja séde está afastada de 450 a 500 leguas, e, por conseguinte, nenhuma vigilancia poderia ser exercida sobre o clero desta parte do Brasil (29). Os padres podem impune-

(28) O sr. Gardner diz tambem que todas as caravanas que chegam a S. Romão se queixam dos roubos de cavallos, extremamente communs nesse districto. (*Trav.*, 418).

(29) Eis como se exprime a respeito, Monsenhor Pizarro, sacerdote sinceramente catholico, ao qual se deve um trabalho immenso sobre as igrejas do Brasil e a geographia dessa região: "O bispo de Pernambuco não pode dar com presteza (providencias na administração ecclesiastica) pela desproporcionada longitude, em que se encontram as Igrejas Parochiaes de Paracatú. "Dahi procede a inevitavel desgraça de se commetter a sujeitos

mente seguir os exemplos dos leigos que os rodeiam, e sua conducta não poderia deixar de reagir em seguida sobre estes últimos. A divisão dos bispados do Brasil seria, repito-o, indispensavel; mas onde encontrar individuos assás virtuosos, assás esclarecidos para occupar as cadeiras episcopaes, e, ao mesmo tempo, assás corajosos para se opporem aos abusos, e bastante prudentes para evitar os escolhos que encontrariam a cada passo?

Enquanto percorria a parte oriental da provincia das Minas, encantado pela hospitalidade dos seus habitantes (30), sua polidez e intelligencia, logo me identifiquei com os seus interesses e necessidades; eram para mim amigos, quasi compatriotas. Nos desertos de Paracatú tornei-me novamente um estrangeiro. Desde Araxá até pequena distancia da sêde da *comarca*, num espaço de 48 leguas, não

"ignorantes dos deveres do cargo de Juiz, idiotas, e nada escrupulosos, os Officios, e a jurisdicção de Vigario Foraneo, e Provisor, por quem corre o governo, e a administração referida, sendo elles muitas vezes a causa principal da ruina das mesmas Igrejas, e do Estado, não só pela impericia, mas por viverem apartado enormemente das vistas de seus vigilantes, e discretos Prelados. (*Mém. historicas*, VIII, parte II, 217)."

(30) O sr. Gardner, que esteve no Brasil de 1836 a 1841, faz grandes elogios á hospitalidade dos brasileiros em geral; todavia acrescenta que a dos habitantes de Minas não é mais o que era na época da minha viagem, e attribue a mudança ás relações frequentes que os mineiros tiveram com os europeus, principalmente com as companhias inglezas (*Travels*, 468). Por consequente, graças aos seus compatriotas, Mawe, Luecock e Walsh não seriam mais hoje em dia recebidos nas Minas como o foram ha poucos annos, e é assim que se verificam as palavras que eu escrevia em 1830: "Frequentemente o viajante honesto paga pelo mau procedimento dos que o antecederam." E' muito para temer tambem que os francezes não sejam acolhidos com uma benevolencia extrema por aquelles brasileiros que tiverem lido um artigo do sr. de Chavaigne, inserto na *Revista dos Dois Mundos*, e reproduzido na obra intitulada *Recordações*, pag. 260: "Mais de uma vez maldisse, diz o autor, a hospitalidade que este povo concede: não generosamente..... Tendes de vos submeter a forma-

encontrei, creio, *sinão* uma unica pessoa com a qual pudesse conversar alguns instantes.

De tudo o que precede, não tenho necessidade de dizer que os enbrutecidos habitantes do deserto que se estende da Serra da Canastra a Paracatú e, provavelmente, os da maior parte da *comarca*, não conhecem nenhuma dessas commodidades a que damos tanto apreço, e não fazem o menor esforço para embellezar as suas moradas. Occupam choupanas pequenas e escuras, e mesmo quando a *fazenda* tem alguma importancia, a casa do proprietario não se distingue das dos seus negros. A desordem caracteriza estas miseraveis moradas, todas construidas de barro. Não ha ahí moveis. e as poucas coisas que se encontram jazem jogadas para qualquer lado. Para não se deixar tudo o que se possui por terra ou sobre *giraus*, não se

“lidades cerimoniaes sempre desagradaveis; deveis conversar ou ouvir quando preferiries dormir.... Esmagado de perguntas sobre o fim da vossa viagem, sobre a opinião que tendes do Brasil, sois obrigado a fallar essa lingua portugueza tão dura e guttural.” Estas phrases suscitaram no Rio de Janeiro as mais vivas reclamações (*Minerva Brasileira*, 711). Os brasileiros podem responder que, em todos os paizes do mundo, o estrangeiro digno se considera na obrigação de constranger-se por aquelle que o acolhe bem, e ao mesmo tempo me podem citar como um exemplo das attentões e cuidados prodigalizados a quem, viajando em sua terra, cáe realmente doente. Podem dizer que, em toda a parte e todos os tempos, desde o de Homero até os nosso dias, se interrogou o homem que vem de longe, e que “nossos antepassados” os gaullezes se postavam nos grandes caminhos para perguntar aos viajantes o que se passava em suas patrias. (*Menochi, Hist.*, I, “cap. I”). Quanto aos defeitos encontrados em sua lingua, os brasileiros consolar-se-ão facilmente, pois parece que o autor, quando escreveu, já a tinha esquecido; e a maior parte das palavras que cita como portuguezas ou são hespanholas, ou não pertencem a idioma nenhum; assim, *sierra* (por *serra*) *ciudad* (por *cidade*) *de la* (por *da*), *gobertador* (por *governador*) são hespanhões, mas procurar-se-ia inutilmente em qualquer dictionario que fosse, *carcaçal* (por *caracado*), *arroial* (por *arraial*), *ulquiere* (por *alquiere*), *cachocira* (por *cachoeira*), *cabres* (por *cabras*), etc.

appella para outro recurso sinão o de enfiar nas paredes pedaços de madeira aos quaes se suspendem a sellas, as esporas e as pessimas vestimentas.

No lugar chamado *Sapé*, situado a 10 leguas de Paracatú, encontrei duas ou tres casinholas afastadas umas das outras. Uma dellas, que não tinha porta, se compunha de duas peças pequenas, limpas e bem varridas; como estava sem habitantes, abi metti-me, e achei que ha muito tempo não estivera tão bem em parte alguma. Julgue-se por ahí dos outros abrigos que tinha occupado.

As vestimentas dos homens desta zona não são melhores do que suas habitações; mas, para ser justo, é preciso dizer que, si suas vestes estão frequentemente rasgadas, são, pelo menos, quasi sempre limpas.

Não se imagine que toda esta população seja composta de homens de côr. Na verdade, no caminho de S. Paulo a Goyaz atravessei aldeias de indios mestiços dependentes do territorio de Araxú; mas a maior parte dos habitantes deste *julgado* é de brancos. Chegado a Paracatú, encontrei finalmente um proprietario cuja casa estava melhor cuidada do que a de tantos outros e com o qual pude conversar; o que é bastante notavel, este homem era um mulato.

Mesmo em Paracatú se exploram ainda algumas lavras. Além de que, na parte da comarca que percorri entre a Serra da Canastra e a fronteira de Goyaz, toda a gente se entrega á cultura das terras e principalmente á criação de gado. Os habitantes do territorio que se estende da provincia de Goyaz á de S. Paulo, quer dizer, entre o Paranahyba e o Rio Grande, são tambem agricultores.

Desde Araxú até o Paranahyba, em um espaço de 32 leguas, as terras de qualidade média rendem em millo 200 por l, e têm por consequente, uma grande fertilidade. Os proprios arredores de Paracatú prestam-se a todos os generos de cultivo. Enfin, entre Goyaz e S. Paulo, sobre

o caminho que leva a esta ultima provincia, encontrão-se terrenos de muito rendosa constituição. Isto basta para mostrar quantos habitantes esta região, hoje em dia tão deserta, poderia alimentar, e como ella foi favorecida pela natureza.

Ao norte do Parahyba começa-se a cultivar mandioca, o que tende a provar que a região já é mais quente e menos elevada, pois que esta planta, commum na parte do sertão que percorri em 1817, não se encontra nas regiões altas e temperadas. O mesmo vegetal se cultivava com vantagem nos arredores de Paracatú, e dá-se provavelmente o mesmo em toda a parte da comarca que se estende para além desta cidade.

Não parece que a oeste da Serra do S. Francisco e da Parahyba, pelo menos até cerca da altura de Paracatú, ou, mais exactamente ainda, pelo 17º grau de latitude sul, o grande fêto (*Pteris caudata*, ex Mart.) e o *Capim gordura* (*Melinis minutiflora*, Palis; — *Tristegis glutinosa*, Nees; — *Capim melado*, no Rio de Janeiro) se apoderem, como na parte oriental de Minas, dos terrenos que já se cultivaram quatro ou cinco vezes (31). Mas apenas me achei sobre a vertente oriental da Serra, comeei a rever a ultima dessas plantas, o *Capim gordura*.

(31) "Quando, ao oriente da Serra do Espinhaço, já se fez, em um terreno, um pequeno numero de colheitas, vê-se ahí nascer um enorme fêto do genero *Pteris*. Uma graminea viçosa escura e fetida, chamada *capim gordura*, succede em breve a esse cryptogamo ou cresce conjunctamente com elle. Então quasi todas as outras plantas desaparecem com rapidez....., e o agricultor, não podendo mais esperar ver nascer novas arvores no seu terreno, diz que este está definitivamente perdido (*Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 194)." Disse fallando do *capim gordura* que o 17º, 40' de latitude sul formavam seu limite septentrional, mas isto não se entende a não ser com a região de que então fallava, e que se encontra situada, a leste da Serra do Espinhaço, mais ou menos nos mesmos meridianos que Villa Rica. Villa do Principe e zonas circumvizinhas, Ver-se-á adiante, que eu en-

Não é nativo nesse paiz (32); os habitantes dizem que vem das colonias hespanholas e que foi inicialmente cultivado como forragem. Nos arredores de Paracatú, mais ao norte, e provavelmente em muitos outros lugares, ella não invade as terras sinão quando não se as deixa repousar bastante, ou quando o fogo se alastra accidentalmente, o que infelizmente não é raro. No districto de *Tapéra*, perto de 10 leguas de Paracatú, o *Capim gordura* cresce ás vezes, asseguraram-me, até á altura de um homem; suas hastes finas, deitadas umas sobre as outras, constituem camadas espessas, e, quando se lhes põe fogo fornecem, como as capoeiras, cinzas sufficientes para adubar a terra. Não necessito dizer que, neste caso, a graminea de que se trata, ordinariamente tão prejudicial á agricultura, não apresenta mais nenhum inconveniente.

E' bastante notavel que, emquanto o *capim gordura*, infelizmente tão commum a leste da Serra do Espinhaço, não vae muito além da vertente occidental desta cordilheira; se tenha, pelo contrario, espalhado ao oriente da outra cadeia que limita a bacia do S. Francisco, e não se encontre mais ao occidente da parte meridional desta ultima. Aqui é bom nos lembrarmos de que, a leste da Serra do Espinhaço se estendem vastas florestas, e que, a

contrei novamente esta mesma graminea, entre o 16º e 15º graus (Eschw., Piz.), na provincia de Goyaz, indo de Santa Luzia para Villa Boa. O sr. Gardner diz que a observou em varios graus, ao norte do 17º, quando atravessou a cordilheira que separa Goyaz de Minas e de Pernambuco; acrescenta que, nessas regiões, ella não cresce e não ser perto das casas; parece-lhe evidente que foi para ali transportada por caravanas, e pensa que não tardará a se espalhar mais (*Travels*, 475).

(32) Vide o que disse na minha *Viagem ao districto dos Diamantes*, etc., I, 220, sobre as diversas opiniões que se têm, em outros lugares, relativamente á patria dessa planta. O sr. Gardner assegura, assim como eu (*Travels*, 477), que os lavradores brasileiros não a consideram como indigena, e tudo que elle adduz teede a confirmal-o.

oeste, muito além mesmo da Serra do S. Francisco e da Paranyhyba, não ha sinão *campos*. Assim o *capim gurgura* se encontra em *regiões vegetaes* muito differentes ás das florestas e ás dos campos; e, em seguida, não se o vê a não ser em certos trechos de uma mesma zona, o que tende a provar, de mais a mais, que só circumstancias fortuitas introduziram esta planta em Minas Geraes.

As pastagens naturaes, que cobrem tão immensa porção da *comarca* de Paracatú, fazem-na tão favoravel á criação de gado quanto o é á agricultura. A necessidade de dar sal ás rezes deve, é verdade, diminuir os lucros de um grande numero de criadores, mas esta necessidade não é geral. Como na parte oriental do sertão (33), existem, perto de Paracatú, terrenos salitrados que substituem o sal para o gado *vaccum*, e pode ser igualmente substituido, em diversos districtos, como Araxá, Patrocínio, arredores de Fariuha Podre, por aguas miuernas que os animaes saboreiam com delicia.

Além do gado bovino, existem, nas fazendas proximas a Araxá, e ainda noutros lugares, rebanhos de carneiros. Antes da chegada do rei D. João VI ao Brasil, não se pensava, neste districto, em criar animaes lanigeros; mas o gosto dos europeus pela carne destes animaes e o preço elevado por que os pagavam, animaram os criadores a constituirem rebanhos. Elles proprios não comem os seus carneiros, e em geral, manifestam repugnancia por essa carne (34); mas, para os lados de Araxá e talvez, em outras partes da *comarca*, os proprietarios fabricam em suas casas tecidos grosseiros de lã.

(33) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 318.

(34) Um autor inglez suppoz que os brasileiros não comiam a carne dos carneiros, porque o cordeiro é um symbolo para os christãos (*Lubbock, Notes on Brazil*). Nada cravi dizer que justificasse esta asserção: o que ha de certo é que a carne dos carneiros é, nas partes quentes do Brasil, infinitamente menos saborosa do que na Europa.

Entre a Serra da Canastra e Araxá, a oeste da grande cordilheira, o paiz é montanhoso; tive mesmo que atravessar uma pequena cadeia que chamam *Serra do Araxá*, e que só pode ser um contraforte da grande Serra de S. Francisco e da Paranahyba. Tendo deixado Araxá, atravessei ainda ou'ras pequenãs cadeias, as que chamam *Serras do Salitre, do Dourado e da Figueireda*; mas, em geral, o terreno é ondulado, ás vezes plano, e as collinas, arredondadas e muito largas no seu cume, se inclinam por uma rampa insensível. Depois de deixar o lado oriental da Serra do S. Francisco e da Paranahyba, caminhei varias leguas numa planicie. Para além de Paracatú, a pouca distancia dessa cidade, encontrei-me ainda em uma zona plana; mas não tardei a subir ao planalto que termina a Serra do S. Francisco e da Paranahyba. e foi em seguida que cheguei a Goyaz.

No seu cume e em uma das vertentes, a que está voltada para a villa de Araxá, a Serra do mesmo nome exhibe arvores de caule torcido e enfezado; aliás, em um espaço de cerca de 12 a 15 leguas, desde a Serra da Canastra até o rio *Quebra anzol*, não vi, no campo, sinão immensas pastagens entremeadas de moitas de arvores. Para além de *Cachoeirinha*, lugar situado um pouco mais longe que Araxá, comecei a encontrar mais variedade. São ainda, é verdade, campinas e pequenas bosques; mas, tão depressa os primeiros constam apenas de grama, hervas outras, e alguns sub-arbustos, como exhibem arvores rachiticas, esparsas aqui e alli no meio das hervas. Tal alternativa, assús singular, deriva evidentemente das differenças do solo, pois que, quando este toma uma côr vermelha, dá sempre nascimento a arvores esparsas, tortas e rachiticas, e quanto mais a côr da terra é escura, tanto mais essas arvores são numerosas. Depois de ter passado o Paranahyba e transposto o divisor das aguas deste rio e do S. Francisco, encontrei-me, como já o disse, em uma planicie, e não vi mais

sobre o meu caminho do que *campos semeados* de arvores enfezadas; mas, chegado ao cume de um morro elevado, vizinho da villa de Paracatú, e que lhe tomou o nome, *Serra de Paracatú*, reconheci que havia ainda nesta planície pastagens simplesmente herbaceas entremeadas nas outras; enfim, para além de Paracatú observei ainda a mesma alternancia.

A zona de que trato differê, pois, no conjunto da sua vegetação, da parte do sertão que percorri em 1817; pois que não tinha visto ainda, ao oriente do S. Francisco, mais que *campos* com alguns arbustos rachiticos (35). Aliás, sabe-se que as pastagens simplesmente herbaceas pertencem aos districtos mais elevados da região dos *campos*; é para crer que aqui, quando comecei a perceber arvores esparsas, no meio de uma parte dos campos, a zona já não era tão elevada, e, como é verosimil, si tivesse descido em direcção ao Rio S. Francisco e me tivesse dirigido mais para o norte, teria encontrado arvores em todos os pastos.

Ha tambem, nos phenomenos da vegetação, uma differença notavel entre este paiz e o sertão oriental do S. Francisco (36). Sabe-se que, durante a secca, as mattas desse deserto se despojam inteiramente das folhas (37). Seguindo os informes que me deram, não succede o mesmo na *comarca* de Paracatú, desde o local por onde ahi entrei até á povoação de Patrocínio; pois que, nesse espaço, algumas arvores apenas, taes como o Ipê (Bignoneacea) e as gamelleiras (especie de figueira), perdem, annualmente, toda a sua folhiagem. Sei tambem que, sobre o Chapadão, as

(35) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 202.

(36) Não tenho necessidade de dizer que quero sómente fallar aqui da parte que percorri em 1817.

(37) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 122, e meu *Quadro da vegetação da provincia de Minas Geraes*, publicado nos *Anuaes das Sciencias naturaes*, 1.^a serie.

moitas não se mostram completamente despojadas. Quanto ao resto da *comarca*, nada poderei adiantar sob este aspecto. Demonstrei que a secca era a unica causa da quêda das folhas nas *catíngas* de Minas Novas e do sertão oriental; si, pois, na parte da *comarca* de Paracatú de que acabo de fallar, as arvores conservam sua folhagem, isso procede de que tal região, mais elevada, é tambem menos secca.

Quanto ao mais, si ha, para a vegetação, algumas differenças entre o sertão oriental e a porção da *comarca* de Paracatú, que percorri a partir da Serra da Canastra até Goyaz, as semelhanças são muito mais sensiveis. Temos, nas duas zonas, *campos* que, tendo dispersas arvores pouco desenvolvida, apresentam o mesmo aspecto. Os correços são aqui, como no sertão oriental, orlados por uma liseira de arvores compactas, delgadas, esguias, muitas vezes ramificadas desde a base, e em parte despojadas de folhas. Antes de chegar a Patrocínio, vi, durante varios dias, nas partes mais baixas dos campos, espaços assás consideraveis de um terreno esponjoso e ennegrecido, onde crescem, no meio de espessas gramineas, a *gentiana* (484), *Iris* e exemplares de *Eriocaulon*: o deserto que tinha percorrido, por occasião da minha primeira viagem, me mostrára lodagões da mesma especie.

As minucias da vegetação me offereceram ainda maior quantidade de pontos de semelhança entre as duas regiões. Poderia, razoavelmente, esperar fazer uma rica colheita de plantas, afastando-me pouco duma cadeia que dá nascimento a dois dos maiores rios da America, e sobretudo, transpondo-a; mas fui desagradavelmente illudido na minha expectativa. A maior parte das plantas que via ao redor de mim eram aquellas que já observára, ha cerca de dois annos, perto do Rio S. Francisco, em uma região no entanto, muito mais septentrional, e, sem duvida, muito menos elevada.

Entre as arvores enfezadas dos *campos*, encontrei mais ou menos as mesmas leguminosas, as mesmas salicariaceas, bignoniaceas de flores amarellas, as mesmas apocynaceas, vochysiaceas, e, entre outras, a *salvestia convallariodora*, Aug. S. Hil., de flores simultaneamente tão perfumadas, bizarras e bellas, e por fim essa especie conhecida sob o nome de *Quina do campo* ou de *Mendanha*, cuja cortex substitue a Quina do Perú, e que, com surpresa reconheci como sendo um *Strychnos* (*Strychnos pseudoquina*, Aug. S. Hil.) (38).

A estação durante a qual atravessei a comarca de Paracatú era, aliás, pouco favoravel á colheita das plantas; tinham já perdido as flores, e os frutos não estavam ainda maduros.

A secca que houve naquelle anno contribuia ainda para fazer as flores mais raras. O capim estava, em começos de Maio, pelos lados de Patrocinio, quasi tão secco como o dos *campos* do sertão oriental o é communmente em Agosto e Setembro, e o campo tinha um matiz amarello ou acinzentado que affligia a vista.

A falta de chuvas occasionára uma carestia geral. O milho, que nessas regiões substitue a aveia, faltou muitas vezes aos meus animaes. Frequentes vezes, tambem, luctei com difficuldades para renovar minhas provisões de farinha e feijão; fiquei privado de arroz por tres semanas, e aquelles comestiveis constituíam meu unico alimento.

Esta viagem foi tão penosa como pouco proveitosa para a sciencia. No meio desses campos, onde não ha sombra, o calor era excessivo, e, ao fim duma jornada tediosa e fatigante, não encontrava sinão comida grosseira, agua por bebida, um abrigo detestavel e hospedeiros ignorantes e estupidos.

(38) Vide minha obra intitulada *Plantas usuaes dos brasileiros*, I.

Não obstante, apczar dos tristes informes que acabo de dar sobre a minha viagem na *comarca* de Paracatú, não é menos verdadeiro que essa *comarca* encerra todos os elementos de riqueza e prosperidade. Não só ahí se encontram ouro e diamantes (39), como também ferro e estanho (40). Diversas plantas offerecem ao homem remedios salutaes, taes como a *Quina do campo* (*Sstrychnos pseudoquina*, Aug. S. Hil.), que já citei. As terras são ferteis, e immensas pastagens podem nutrir numerosos rebanhos. Em varios lugares as aguas mineraes dispensam ao *fazendeiro* de dar ao gado o sal, genero tão caro no interior; e essas aguas poderiam ser utilmente empregadas para a cura de varias molestias que affligem a nossa especie. Emfim, os campos são regados por uma quantidade enorme de correjos e rios; são-no pelo Paranyba, um dos começos do Rio de la Plata, e o S. Francisco, um dos maiores da America, que futuramente terão a maior importancia na exportação dos productos do solo. Quando uma população mais numerosa se tiver espalhado nesse paiz, hoje em dia tão deserto, quando, como o auxilio de communicações mais frequentes, algumas luzes ahí tiverem penetrado, não deixará de florescer.

(39) Encontram-se diamantes, segundo Pizarro, nos Rios da Prata do Sono, Abacé, S. Antonio, Andaiá, Preto.

(40) PIZ., *Mem hist.*, VIII, segunda parte, 214.

CAPITULO XII

ARAXÁ E SUAS AGUAS MINERAES

Fazenda de Paiol Queimado; seu rancho. — Retiro da Jaboticabeira. — Serão ricos os proprietarios dos districtos vizinhos a Araxá? — Uma cascata. — Zona situada alem do Retiro da Jaboticabeira. — Retiro de Traz-os-Montes. Recepção que se faz ahi ao autor. — Serra do Araxá. — Fazenda Peripitanga. — Araxá. Historia desta povoação. Administração civil e ecclesiastica. Nome. Situação. Casas. Praça publica. Igrejas; reflexões sobre sua multiplicidade. Habitantes; seus costumes. Commercio de gado. Cultura dos arredores. Criação de gado vaccum. — Visita ás aguas mineraes. De que maneira tratam ahi o gado. Gosto dos animaes por essas aguas. Precauções que é preciso tomar. — O autor consegue um localior. — De que maneira os fieis se collocam na igreja; o trajo que levam.

Depois de me ter afastado, como já o disse, da Serra da Canastra, cheguei, ao fim dum longo dia de viagem (16 de Abril), á *fazenda de Paiol Queimado*. Logo que o proprietario me viu chegar, ao longe, com a caravana, mandou varrer um pequeno rancho, aberto de todos os lados, que estava fóra de sua habitação, e ainda não tinham acabado este trabalho quando chegamos. Fiquei bastante sensibilizado com a attenção que mostravam ter commigo e com a doce amabilidade com que me acolheram; mas, parece que o *rancho* que tive por abrigo não

era outra coisa sinão a morada habitual dos porcos. Toda a noite nos foi necessario fazer guerra a esses animaes, que vinham roer os saccoes de viagem e reclamar o domicilio; nenhum de nós pôde fechar os olhos, por causa da medonha quantidade de pulgas que tinham deixado no rancho.

No dia seguinte partimos muito tarde. O pouco sono que gozaramos e o extremo calor que fazia, tinham posto todos de mau humor, e atravessamos tristemente uma região bastante montanhosa, coberta ainda de pastagens entremeadas de moitas de arvoredo.

Estes pastos, como os que percorri precedentemente, se compoem em grande parte de gramineas, principalmente das de n.º 335, e o pequeno numero de especies que crescem no meio dessas plantas pertencem sobretudo á familia das Compostas e ao genero *Vernonia*. Uma vegetação analoga caracteriza em geral os campos simplesmente herbaceos.

A bella gentiana n.º 100 é bastante commum sobre um morro muito elevado que se encontra a um quarto de legua do *Retiro da Jaboticabeira* (1), onde fiz alto.

Este retiro dependia da immensa fazenda de *Quebra Anzol*. Compunha-se dum paiol e de uma miseravel choupana onde o vento penetrava por todos os lados e não tinha outros moveis além de alguns desses leitos rusticos a que já me referi. Era lá, entretanto, que um dos filhos do proprietario da fazenda de *Quebra Anzol* morava ordinariamente com sua mulher, e essa fazenda não tinha menos de 9 leguas de extensão.

Aqui se apresenta naturalmente um ponto a elucidar. Estão estes homens realmente na indigência, ou têm ri-

(1) *Jaboticabeira* (S. Hil. escreve *Jaboticabeira*) é o nome vulgar do *Myrtus cauliflora*, Mart., arvore que, como já disse noutra lugar, fornece um dos melhores fructos do Brasil meridional.

queza com todas as apparencias e habitos de pobreza? Exceptuado o sal e alguns negros que lhes dão um juro razoavel, não têm, por assim dizer, nada a comprar, e, por outro lado, vendem certamente muito gado, pois que, depois do districto de Rio Grande, é este que mais o fornece á capital do Brasil. Parece, pois, que os *fazendeiros* deste paiz devem ter muito dinheiro; e, no entanto, a mania de enthesourar não se coaduná absolutamente com o temperamento geralmente imprevidente dos brasileiros do interior. E' muito verosimil que esses homens, cujos estabelecimentos são muito recentes, tenham começado sem capitacs, que tenham adquirido a credito seus escravos o o que parece sua propriedade, talvez mesmo pagando juros muito elevados, e, por consequente, são pobres, pois que apenas possuem imperfeitamente o que parece pertencer-lhes (2).

Seja como fôr, não posso deixar de contar aqui um factó de que fui testemunha. Em uma das *fazendas* do *julgado* de Araxá, José Mariano apresentou ao dono da casa algumas bagatellas que tinha para vender. Este achou tudo muito bonito, mas queixou-se da sua miseria; a acreditar-o, não possuiria um *vintem*. Entretanto, vira ao redor de sua casa tantos carneiros, porcos e bois que não tive, confesso, a tentação de lhe dar esmola, e, no momento em que ia partir, um mercador de gado, que se achava lá, me disse que acabava de comprar nesta propriedade cincoenta rezes a 4.800 réis (30 frs.).

Volto ao Retiro da Jaboticabeira. Está situado em uma depressão, no meio de morros cobertos de herva rasteira; e, sob a choupana, corre um regato cujas margens são guarnecidas por uma orla de arvores e arbustos fron-

(2) O sr. d'Eschewege assegura, em 1816, que o preço de um negro jovem, comprado a 150.000 réis se elevava após quatro annos de credito, á somma de 280.000 (*Bras.*, I, 71).

dosos entremeados de palmeiras. A pequena distancia do *retiro* o regato se precipita de cima de um rochedo, formando uma cascata encantadora. Aqui a agua não cõe verticalmente, mas escorre aos saltos sobre uma massa de rochedos muito irregular que desce obliquamente. A' direita e á esquerda da cascata, que pode ter de 50 a 60 pés de altura, existem arvores, arbustos, fetos e outros vegetaes. Recolhi algumas plantas perto dessa linda queda d'agua, mas fui acollido por nuvens de mosquitos que me cobririam as mãos e o rosto se ficasse um instante sem agitar o lenço.

Para adiante de Jaboticabeira a região é alta e montanhosa. Nas alturas encontrei o terreno misturado de areia e pedras; a vegetação era menos vigorosa do que nos valles, as gramineas menos condensadas e viçosas.

Dentre as plantas encontradas de permeio a essas monocotyledoneas, as mais communs são a *Smúhia* n.º 436, a *Campanulacea* 437 e a *Amarantacea* 438, que caracterizam os *campos* pedregosos ou de seixos rolados.

Sempre uma vista muito extensa, mas que não offerece, em absoluto, sinão immensas pastagens, e, nos valles, pequenos bosques. Uma profunda solidão, quasi nenhuma cabeça de gado, nem uma unica choupana, tão longe quanto a vista pode alcançar; niuguem nos caminhos.

Desde Jaboticabeira tinha caminhado 3 leguas neste paiz deserto quando parei no *Retiro de Traz-os-Montes*, que depende de uma fazenda assés consideravel. Lá encontrei ainda algumas choupanas dispersas, e perto estava um *monjolo* (3) com um paiol, cujas paredes eram

(3) O *monjolo* (S. Hi. escreve *manjola*) é a machina, extremamente simples, com cujo auxilio se começa a preparação do pó de milho, com que se pulverizam os alimentos e que se chama *farinha*. Dá-se o nome de *subá* á farinha propriamente dita, resultado da acção do moinho sobre o milho (*Viagens pelos provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 106 e 235).

substituidas, como se verá muitas vezes no paiz, por estas longas muito proximas umas das outras, e presas em cima e em baixo por outras transversaes.

Assim que cheguei, perguntei a uma negra onde poderia passar a noite; respondeu-me que não havia lugar em parte alguma. O dono da casa estava ausente; fui, sem cerimonia, falar a sua mulher, apesar da indiscreção que ha em se tomar, neste paiz, uma tal iniciativa. Em uma choupana construida como o celeiro de que fallei ha pouco, porém menor, encontrei duas mulheres bonitas e bem vestidas, e roguei-lhes que me dessem abrigo. Com um ar ainda mais impolido e desdenhoso do que embaraçado, uma dellas me mandou para o monjolo; mas como isso valia tanto como mandar-me dormir fóra, dei a conhecer quem era, reclamei um abrigo no paiol, e fui occupal-o antes que m'o concedessem.

Parece que a doua da casa não estava neste retiro sinão de passagem, e para fazer as honras de uma caçada. Pouco tempo depois chegaram os caçadores para quem o paiol estava reservado. Eram proprietarios abastados da vizinhança e todos brancos, pois são, nesse districto, muito mais numerosos do que os mulatos. Achei-os mais ou menos com os mesmos modos que tinham, á minha partida da França, os pequenos burguezes do campo dos nossos departamentos.

Depois de ter deixado o retiro de que acabo de fallar, comecei a subir a Serra do Araxá. Descortinava por todos os lados uma vista extensissima, mas não apresentava ainda sinão pastagens semeadas de capões. A' medida que me elevava o terreno tornava-se mais arenoso, e via, aqui e ali, trechos assás extensos cobertos de pedras. A Serra do Araxá, que tem varias leguas de comprimento, não é de altura consideravel; entretanto, demorei muito para chegar ao cume, porque me foi necessario antes subir e descer varias vezes. Este cume offrece uma plataforma

onde o terreno é empedrado e arenoso; lá crescem, aqui e ali, arvores tortas e enfezadas, e voltei a encontrar algumas das plantas que já recolhera na Serra da Canastra, taes como a Radiada n.º 380, a Gerciana n.º 375, e, nos lugares pedregosos, a Composta frutescente n.º 372.

Do lado que olha para a villa de Araxá a montanha é muito escarpada. Seu flanco, coberto de rochedos, apresenta ainda, por intervallos, arvores retorcidas: são principalmente o *Kielmeyera speciosa*, Aug. S. Hil., Juss., Camb. (vulgarmente *Malva do Campo*), que então estava carregada de bellas flores rosceas e côr de carne; alguns individuos da *Vochysia* n.º 356, e a Composta n.º 372. Certos lugares são quasi que exclusivamente cobertos de uma especie do bello genero *Vellozia* (*Canella d'ema*), cujos caules, da grossura de um braço e quasi sempre simples, não têm mais de 1 pé a pé e meio de altura, e se terminam por um ramalhete de folhas.

Desce-se a montanha por um caminho pedregoso, extremamente difficil, e quando se chega em baixo, encontra-se uma planicie ondulada onde se revêm ainda as pastagens e moitas de bosque. A' esquerda está uma pequena floresta que ultrapassa todos os capões em extensão. E' lá que se encontram as aguas mineraes e lodacentas que os habitantes desse districto dão a beber ao gado para substituir o sal.

A pequena distancia da Serra do Araxá fiz alto na fazenda de Peripitanga (4) que, como as de toda a região, não constava sinão de casinholas esparsas, no meio das quaes era difficil distinguir a habitação do senhor.

Este ultimo pertencia ao numero dos caçadores que vira no Retiro de Traz-os Montes. Achára-o mais educado que os outros, e não fiquei admirado de saber que tinha nasci-

(4) *Peripitanga* deriva talvez das palavras guaranis *piri*, junco e *pitiunge*, que cheira mal. — D'Eschwege escreveu *Perepilinga*.

do e sido criado na comarca de Sabará. Alojou-me no seu paiol, mas pedindo-me muitas desculpas de não ter melhor abrigo para me offerecer; e, durante todo o tempo em que me demorei em sua casa, sua amabilidade não se desmentiu um só momento.

Embora estivessemos no outomno dos tropicos, experimentei, deixando Peripitinga, um calor fortissimo; ha muito tempo mesmo que não sentia um tão intenso, o que decorre, sem duvida, de que a região não é mais tão elevada. Entretanto, quando atravessavamos algum pequeno bosque regado por um arroio, como o são todos os desta zona, sentiamos uma frescura deliciosa.

Para além de Peripitinga, o terreno que se estende ao pé da Serra do Araxá apresenta ainda algumas desigualdades; mas, a um quarto de legua da povoação, não se vê mais do que uma bella planicie coberta de campinas e bordada de *capões*.

E' nesta ultima planicie, numa encosta pouco sensivel, que está situada a povoação de Araxá (*Arraial do Araxá*). Antes de chegar lá vêm-se aqui e alli algumas lindas cabanas rodeadas de laranjeiras e bananciras. O aspecto da povoação, cujas casas, por occasião da minha viagem, eram ainda todas novas, a verdura dos pastos, as moitas com que estão enfeitadas, a belleza deslumbrante do ceu, esse ar de alegria que têm tão frequentemente as regiões planas, tudo isso formava um conjunto encantador.

Trazia uma carta do *capitão-mór* de Tamanduá para o *juiz ordinario* de Araxá. Enviei na frente a José Mariano, para entregal-a no seu endereço. O juiz morava no campo; mas a pessoa que guardava a sua casa disse ao meu tropeiro que nos podiamos alojar lá. Enquanto se descarregavam as malas, o juiz chegou. Era um bom e alegre sertanejo, que me recebeu admiravelmente. Pedilhe com insistencia que me arranjasse um *tocador*, um *burro*, um par de malas, e elle me assegurou que não

teria difficuldades em ser servido. Desde S. João d'El Rei que, por toda a parte, promessas identicas me foram feitas, e sem duvida, de boa fé; mas viu-se já de que forma se realizaram.

A descoberta da zona em que actualmente está Araxú e a das aguas mineraes que existem na vizinhança, são devidas a negros fugitivos, vindos de Minas Geraes para se esconderem neste deserto. Um ancião que se estabelecera em Araxú, havia cerca de trinta annos quando fiz a minha viagem (1819), disse-me que ali só encontrára uma pobre choça. Em breve se espalhou, em toda a provincia das Minas, que essa região era de uma fertilidade extrema, que apresentava magnificas pastagens onde se poderiam criar numerosos animaes sem necessidade de dar-lhes sal. Criminosos perseguidos pela justiça, devedores insolvaveis, cultivadores enjas terras já não produziam com a mesma abundancia, outros que ainda não as possuíam, acorreram em massa. Familias reuniram-se para atravessar com maior segurança um paiz deserto e chegar até aqui. Entretanto, aquelles dentre taes homens que tinham habitos criminosos, entregaram-se a elles com maior ousadia ainda, quando se viram afastados de qualquer forma de vigilancia, e, na época em que a nova colonia começou a se formar, os assassinios foram muito frequentes. Por occasião da minha viagem os primeiros habitantes estavam na maioria mortos; communicções muito menos difficéis, um crescimento consideravel da população tinham diminuido as chances de impunidade; mas, si os costumes se abrandaram pouco a pouco, continuaram, não obstante, extremamente rudes.

Si bem que os primeiros que se estabeleceram nesta zona tivessem vindo de Minas Geraes, reconheceram a autoridade do governo de Goyaz. Desta maneira, os colonos que estavam sendo perseguidos pela justiça se achavam em outra provincia, e tornavam mais difficil a punição; e, por

outro lado, os lavradores podiam obter sesmarias (5) de 3 leguas, taes como se concedem na provincia de Goyaz; enquanto que, nessa época, não se concediam maiores do que de 1 legua na de Minas Geraes. O governo reconheceu Araxá como pertencendo a Goyaz; fizeram desta povoação a sêde de uma parochia, e, por volta de 1811, erigiram-na em *juizado*, ou sede de justiça, criando ali juizes ordinarios.

Os habitantes honestos não tardaram a sentir as inconveniencias de dependerem de uma provincia cujos magistrados estavam a cerca de 140 leguas delles; reclamaram a reunião da sua zona á provincia das Minas, e ella foi effectuada por um *alvará* de 4 de Abril de 1816 (6).

Araxá faz parte, actualmente, da comarea de Paracatú, e depende inteiramente da provincia das Minas no que concerne ao regimen militar e á administração civil. Mas, como a provincia de Goyaz é muito pobre e as despesas das provincias, em geral, são feitas unicamente com suas rendas, foram deixados com a de Goyaz os impostos arrecadados nos dois *juizados* contiguos de Araxá e Desemboque (1819).

A parochia de que Araxá é a capital comprehende duas succursaes, Patrocinio e S. Pedro de Alcantara (7).

(5) A *sesmaria* é a quantidade de terra que dá a administração aos particulares que a pedem.

(6) D'Eschwege conta que, por essa época, foi encarregado de uma missão, neste districto, e que certas pessoas, afim de satisfazerem pequenas ambições e rivalidades de logarejo, procuravam decidil-o, com presentes, a usar da sua influencia para fazer erigir Araxá em villa, sob o nome de Villa Viçosa; mas d'Eschwege rejeitou os presentes e ficou convencido, disse elle, de que militares servem mais para manter a ordem no paiz do que os agentes da justiça (*Bras. Neue Welt*, I, 51). — Araxá foi realmente erigida em villa por um decreto de 13 de Outubro de 1831.

(7) *PIZ.*, *Mem. hist.*, V, 243.

Em 36 leguas de extensão, não continha, em 1819, mais de 4.000 individuos. A maioria dos habitantes desta parochia é de brancos, o que não surprehende, pois que é vizinha da *comarca* de S. João d'El Rei, onde os brancos são mais numerosos do que nas outras.

E' bem possível que o nome de Araxá fosse dado ao paiz por esses paulistas aventureiros que outr'ora percorreram o interior do Brasil com tanta audacia, e que derive dos termos guaranys *ara* e *echá*, coisa que olha para o dia (8). Os habitantes, devo dizer, explicam este nome, todavia, de um modo muito differente, e por muito ridicula que pareça sua explicação, vou trasladal-a aqui. Como o disse, este districto foi deseoberto por negros que se vieram refugiar de varias partes da provincia das Minas. Estes homens, tornando-se atrevidos, sahiram do seu deserto e foram inquietar os *fazendeiros* menos afastados; mas enviaram-se contra elles soldados que capturaram a maioria. Imaginavam que havia, na região para onde se tinham retirado; um regato muito rico de ouro, e como elles respondiam a todas as perguntas que lhes faziam a respeito: *Ha de se achar*, ficaram impressionados com essas palavras repetidas sem cessar e mal pronunciadas; o nome de Araxá ficou, pois, sendo o do lugar.

Araxá está localizada na extremidade de uma vasta campina onde o horizonte é limitado em parte por bosques e em parte pela *Serra de Monte Alto*, que não é mais do que uma continuação da de Araxá e se termina por uma plataforma. A povoação se estende por um declive pouco sensivel, até as margens de um correjo muito estreito, em cuja margem opposta se erguem collinas cobertas de mattas e pastagens.

(8) Sou devedor desta etymologia, como de muitas outras, a um Hi-spano-americano muito versado na lingua guarani.

Em 1816 não havia em Araxá mais de 75 casas (9). Todas são pequenas, e, por occasião da minha viagem, apenas duas não se limitavam ao rez-do-chão. Estas casas são cobertas por telhas de côr muito pallida e construídas de barro e madeira, ou de adobes (10). Todas têm um pequeno recinto formado por muros baixos e de barro.

Vê-se em Araxá uma praça alongada, muito larga e regular; mas as casas que não dão para esta praça estão dispersas por aqui e ali; quasi sem ordem (1819) (11).

A igreja está construída na extremidade mais elevada da praça, e, conforme o uso geral, collocada a igual distancia das duas ordens de casas. Muito recentemente (1819) começaram tambem a construir duas capellas; mas teria sido melhor reconstruir a igreja parochial, que é muito pequena e estava cahindo em ruínas.

A multiplicidade das igrejas e oratorios nas villas e povoações de Minas é devida, apenas, como já tive occasião de dizer, á vaidade das irmandades. Cada uma quer possuir sua igreja particular e faz esforços para que sobrepuje as das irmandades rivaes (1819).

Durante os dias de trabalho a maior parte das casas de Araxá ficam fechadas; seus proprietarios não vêm ali sinão aos domingos, para ouvir missa, e passam o resto do tempo nas suas plantações. Os que habitam a povoação toda a semana são artifices, dos quaes alguns habilitados, homens sem occupação, alguns mercadores e mulheres publicas. O que digo aqui pode-se applicar a quasi todas as povoações da provincia de Minas.

(9) Estes algarismos são tomados de Eschwege (v. de *Bras. Neue Welt.*, I, 66).

(10) Os adobes são parallelepipedos de barro seccos ao sol e que podem ter approximadamente 1 pé e 1/2 de comprimento por 4 pollegadas de espessura (*Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 119).

(11) Neste ponto não estou de accordo com d'Eschwege, que diz que se vêm ruas rectas em Araxá.

Como no resto dessa provincia, o numero de mulheres publicas é aqui consideravel (12). Cada vadio tem uma amante com a qual divide os fructos das suas pequenas patifarias, e que, por seu turno, auxilia a viver o amigo com o producto de algumas galanterias passageiras. Garantem, todavia, que ha aqui muita gente casada; mas, respeita-se pouco a fidelidade conjugal.

Os habitantes de Araxá estão longe de possuir esta polidez que distingue os da parte oriental de Minas Geraes. Seus modos são, em geral, grosseiros e desdenhosos. Entravam na casa onde estava alojado sem cumprimentar, sem proferir uma palavra; olhavam-me a trabalhar, e iam embora como tinham vindo. Devo, todavia, dizer que encontrei em Araxá duas ou tres pessoas dignas e attentosas, e colloco em primeiro lugar o sacerdote que ensinava as crianças.

Os habitantes de Araxá ainda não tinham pensado (1819) em fazer elles proprios o commercio de gado, quasi unico genero de exportação que a sua zona fornece. São os marchantes da comarca de S. João d'El Rei que usufruem exclusivamente os beneficios deste commercio. Vão ás fazendas, compram o gado e, na época da minha viagem, pagavam os bois a 8.800 réis (30 frs.).

Como em todos os outros lugares, não se planta aqui sinão nos *capões*; os *campos* são inteiramente destinados aos rebanhos. Esta zona convém igualmente a todos os generos de cultura; mas, embora seja realmente muito productiva, exaggera-se muito a sua fertilidade no resto das Minas. As terras medias, plantadas em milho, rendem 200 por 1; mas, exceptuando o algodão, os productos

(12) Si bem que a lista, publicada por Mattos, das miserias bem reaes que essas creaturas espalham ao redor de si nas povoações do Sertão, não ultrapasse de tres linhas, não a poderia trazer para o francez sem provocar uma extrema repugnancia.

da cultura não poderiam encontrar nenhum escoadouro, por causa da distancia que ha dessa região ás villas e povoações um pouco consideraveis. Não se pode, tambem, fazer caminhar os porcos vivos daqui ao Rio de Janeiro, e o sal é extremamente caro para que haja vantagem em enviar para lá o toucinho.

O gado bovino constitue, pois, a riqueza deste paiz. Como já o disse, as pastagens são excellentes, e as aguas mineraes que se encontram na vizinhança de Araxá dispensam o criador de dar sal aos seus animaes. A multiplicação das rezes é tal que quem não quizesse augmentar o seu rebanho e que, por exemplo, fosse proprietario de cem cabeças, poderia, annualmente, vender cincoenta. Os colonos se queixam muito, porém, de varias causas que põem obstaculos ao crescimento dos seus rebanhos: a mordidella de cobras, os pantanos que marginam a maior parte dos corregos, e de onde os animaes não podem mais sair quando ali se atolam; sobretudo, enfim, essas mortes subitas que têm lugar principalmente na estação das seccas e que se attribuem a plantas venenosas. Os fazendeiros dizem tambem que muitos animaes lhes são roubados por esses homens ociosos e sem estado (*vadios*), tão numerosos na região, e cujo flagello constituem.

Como o districto conta apenas diminuto numero de habitantes, e os homens livres ali custam tanto como allures a se decidirem a trabalhar, a mão de obra é muito cara, apezar da abundancia e baixo preço ordinario dos viveres. Os criadores estão, pois, na impossibilidade de cercar suas pastagens e dividil-as, como se pratica na zona de Rio Grande. Dahi resulta que os animaes não podem receber o mesmo trato que nesta região, e perdem-se assim em grande numero. Enfim, quando o rebanho de um criador, voltando das aguas mineraes, passa pelas terras de outro fazendeiro, acontece frequentemente que se misturam algumas das rezes deste ultimo, e, apezar da

marca que os distingue, não voltam sempre ao seu verdadeiro proprietario (13).

As fazendas têm uma extensão immensa; não é raro vê-las com 8 a 10 leguas de comprimento. Entretanto, os cultivadores que, na maioria, estão apenas começando o seu estabelecimento, têm, em geral, poucos recursos; contam-se apenas um ou dois que possuem mil cabeças, e quem tem de oito a dez escravos já passa por rico.

Não poderia estacionar em Araxá sem ir ver as aguas mineraes, ás quaes este paiz é, em grande parte, devedor da sua população. Parti muito cedo; o frio se fazia sentir assás vivamente. Passei a principio por uma pastagem composta unicamente de Gramineas e outras hervas e, em seguida, atravessei uma segunda, onde arvores enfezadas crescem aqui e ali. Algumas começavam a perder as folhas (25 de Abril); a especie de *Pachira* que se encontra ordinariamente sobre os *taboleiros cobertos* e que chamam *Pauceira do campo* (*Pachira marginata*, Aug. S. Hil., Juss., Camb.), já tinha quasi inteiramente perdido as suas.

Na extremidade do pasto de que acabo de fallar penetrei em um bosque bastante cerrado. Emfim, após ter feito, desde Araxá, cerca de legua e meia, por um caminho muito batido, cheguei ao lugar onde estão as aguas mineraes e ao qual se dá, na região, o nome de *barreiro*.

Em uma parte do bosque onde arvores approximadas e de vasta ramagem fazem uma sombra escura, vê-se um espaço de cerca de 500 ou 600 passos de circumferencia, rodeado por um muro de apoio, e que não mostra sinão uma lama negra e compacta. E' no meio deste lodo, em

(13) As informações que dou aqui sobre os rebanhos do districto de Araxá, acrescentarei alguns pormenores que se encontram no *Brasilien die Neue Welt* do sr. d'Eschwenge. Este escriptor diz que as vacas de Araxá parem de Agosto a Janeiro; que só dão leite magro e pouco abundante; que se castram os jovens touros aos dois annos e se vendem os bois aos quatro.

cinco ou seis pontos differentes, que brotam as fontes de agua mineral.

São claras, de côr avermelhadas, e têm um gosto amargo que, ao mesmo tempo, lembra o dos ovos estragados. A indicação deste pequeno numero de caracteres mostra assús que ellas são sulfurosas e, por consequente, poderiam ser empregadas para a cura de todas as molestias em que se aconselham aguas desta natureza e, em particular, das molestias cutaneas, tão communs no Brasil (14).

O barreiro é uma propriedade publica. De 10 leguas em torno, os *fazendeiros* lá levam mensalmente os seus rebanhos, e cada um tem o seu dia marcado pelo juiz.

Faz-se entrar o gado á tarde no recinto, deixa-se-o passar ahí a noite; os bois bebem á vontade, e fazem-nos sahir no dia seguinte. Os animaes muito magros recusam, ás vezes, beber a agua do *barreiro*, mas fazem-nos beber á força. Frequentes vezes diversos *fazendeiros* confundem os seus rebanhos e os fazem entrar juntos no recinto. Uma das principaes occupaões dos agricultores, nas zonas de campos, é a de reunirem todos os mezes o gado; montam a cavallo, galopam nos pastos frequentes vezes, durante varios dias, e levam o rebanho á *fazenda*, seja para dar-lhe sal, seja, como nos arredores de Araxá e de *Salitre* ou *Patrocínio*, para leval-os ás aguas mineaes.

Todos os animaes têm um gosto extraordinario por essas aguas desagradaveis. Jamais vi tão grande quantidade de aves como neste lugar. Nuvens de papagaios e de pombos voavam sobre as arvores vizinhas, fazendo ouvir um gorgear confuso e entontecedor, e vinham em multidão pousar no lodo do *barreiro*. Os caçadores se

(14) Vide o que digo, no capitulo seguinte, das aguas mineaes de *Salitre*, que parecem ter as maiores analogias com as de Araxá.

postam em emboscada por traz das arvores, e com um unico tiro de espingarda matam ás vezes grande numero de passaros. Outr'ora acorriam, tambem, a esse lugar, muitos veados, caetélús, e outros qundrupedes; mas, lhes fazem guerra com tanto encarniçamento que hoje em dia não apparecem quzi.

Ha uma precaução que se despreza e que, no entanto, seria necessaria para conservar sempre, no *barreiro*, a mesma abundancia de agua; é a de fazel-o limpar. Os numerosos animaes que ali patinham sem cessar, agitando a terra nagua, formam uma lama espessa, e os antigos da zona pretendem que elles já taparam algumas fontes (15).

Passei alguns dias em Araxá e não fui ali illudido nas minhas esperanças como em Piumby e Formiga. Não só pude comprar um burro e malas, como tambem levei um *tocador* quando parti. Era um rapaz branco ao qual pagava 3.000 por mez (18 frs. 75 c.). Chamava-se Marcellino. Sua expressão era agradável, tinha uma physionomia alegre e jamais o vi um só momento de mau humor. Se lhe tivessem dado alguns principios, talvez mesmo se tivesse ficado só commigo, Prégent ou Laruotte, tivesse dado um excellente servidor. Marcellino tinha uma voz muito bella e mais de uma vez os seus cantos abrandaram o meu tédio no meio dos desertos.

Passei um domingo em Araxá e vi os fieis reunidos na igreja. Lá, como alhures, as mulheres estavam ajoelhadas na nave e os homens mais approximados do altar. Tão grande é a influencia do habito que, apesar do calor que fazia, os homens e mulheres estavam todos igualmente envoltos em grandes capotes de lã.

(15) D'Eschwege diz que existe na vizinhança das aguas uma mina de ferro que poderia ser explorada (*Bras. Neue Welt*, I, 67, 68).

CAPITULO XIII

VIAGEM DE ARAXÁ A PARACATÚ

Cachoeirinha. — O rio de *Quebra-anzol.* — Vista d'olhos geral sobre a região situada além do *Quebra-anzol.* — A *fazenda de Francisco José de Mattos.* — *Serra do Salitre.* — *Águas mineraes de Salitre.* — *Pastagens.* — *Fazenda de Damasa.* — *Productos do paiz.* — *Portação de Patrocínio.* *Bichos de pé.* — *Fazenda do Arruda.* — *Serra do Dourado.* — *Fazenda do Leandro.* — As habitações deste paiz situadas favoravelmente. — *Fontes mineraes da Serra Negra.* — *Região situada além de Leandro.* — *Povoado de Campo Alegre.* — *O barity.* — *Região situada além de Campo Alegre.* — *O Rio Paranahyba.* *Uma bella tarde.* — *Moquem.* — O autor sobe ao cume da *Serra do S. Francisco* e da *Paranahyba.* *O Chapodão.* — *A Serra e o Sítio dos Pilões.* *Mandioca.* — O autor desce a *Serra* pela *costa do oriente.* — *Fazenda do Guarda-mór.* — *Sapê.* *Pintura da vegetação.* — *Fazenda de João Gomes.* *Seu proprietário.* — O *posto de Santa Isabel.* — *Historia de um contrabandista.* — *Serra de Paracatú.* — O autor chega á *villa* do mesmo nome.

Deixei Araxá com destino a Paracatú (1). No primeiro dia não fiz mais de 2 leguas e meia e pousei em

(1) Itinerário approximado de Araxá a Paracatú:

De Araxá a Cachoeirinha, casinhola	2 1/2 leguas
„ Cachoeirinha ás margens do Quebra-anzol....	4 „
„ Quebra-anzol a Francisco José de Mattos, habitação	3 1/2 „

uma casinhola denominada *Cachoerinha*. Alojaram-me ahí sob um alpendre muito estreito, aberto pela frente, e animaes de toda a especie vieram durante a noite perturbar-me o somno. O frio contribuiu bastante tambem para me impedir de dormir; eramos tanto mais sensiveis, minha gente eu, porquanto passamos os dias em *campos* onde não havia a menor sombra e o calor era excessivo.

No dia seguinte caminhei 4 leguas, e não avistei si não uma *fazenda* e algumas miseraveis cabanas proximas umas das outras. Fiquei admirado de ver, nestas ultimas, uma duzia de moças cobertas de andrajos, embora brancas, e extremamente bellas.

O termo desta jornada foi o rio de *Quebra-anzol* (2), que tem sua nascente na *fazenda* do mesmo nome, donde depende o Retiro da Jaboticabeira, e se lança no Rio das

De Francisco José Mattos a Damaso, habitação ..	3	leguas
" Damaso e Patrocínio, povoação	2 1/2	"
" Patrocínio a Arruda, habitação	3	"
" Arruda a Leandro, habitação	4	"
" Leandro a Campo Alegre, povoado	3 1/2	"
" Campo Alegre á margem do Parahyba	6	"
" Parahyba a Moquem, ao ar livre	3	"
" Moquem ao Sitio dos Pilões, choupana	5	"
" Sitio dos Pilões a Guarda-mór, habitação	2	"
" Guarda-mór a Sapé, casinhola	3	"
" Sapé a João Gomes, habitação	3	"
" João Gomes a Guarda de Sta. Izabel, posto mi- litar	5	"
" Guarda de Sta. Izabel a Paracatú, villa	2	"
	55	leguas

No seu util *Itinerario*, o sr. da Cunha Mattos indica minuciosamente a distancia de Patrocínio ao Parahyba. Differimos em alguns pontos; mas creio que por muito tempo, não se saberá, com certeza, qual de nós tem razão, e é possível que ambos nos tenhamos enganado um pouco.

(2) Foi erradamente que Casal escreveu *Quebra-anzues* (*Corog.*, I, 350) e Eschwege *Quebre-anzol*.

Velhas (3). Aqui o Quebra-anzol pode ter a largura dos nossos rios de terceira ou quarta ordem, e suas margens apresentam, á direita e á esquerda, uma estreita orla de mattas.

Encontrámos á margem do rio uma canôa, da qual nos servimos para passar para o outro lado. Lá se achavam algumas choupanas e uma miseravel venda, que dependem do mesmo proprietario. Offereceram-me hospitalidade no melhor local; era um quarto tão pequeno que minhas malas ahí difficilmente podiam caber, e cuja entrada não era fechada. Desta vez, ainda, o frio me privou do somno.

A região que percorri para além do Quebra-anzol é ondulada, como a que atravessára nos dois dias anteriores, e offerece, igualmente, uma alternativa de vastas pastagens e moitas de bosque.

A partir de Araxá procurou-se evitar fazer passar o caminho pelos bosques, para não se ter o trabalho de abrir picadas, e disso resulta que o viajante fica continuamente exposto ao ardor do sol dos tropicos.

Em um espaço de 3 leguas e meia, do Quebra-anzol á *Jazenda de Francisco José de Mattos*, não vi coisa nenhuma, não encontrei ninguém no caminho; vislumbrei apenas meia duzia de cabeças de gado no meio das pastagens.

Quando, nos mezes de Agosto e Setembro de 1817, percorria a parte do Sertão que se estende a leste do S. Francisco, em direcção ao norte da provincia das Minas, os bosques e os *campos* estavam despojados de vegetação, e nada alegrava a vista. Não succedeu o mesmo aqui; as ondulações variadas do terreno, estes bosques de um verde carregado que fazem compartimentos de varias formas no

(3) Este *Rio das Velhas* vai engrossar o Paranahyba e não deve ser confundido com um outro *Rio das Velhas*, muito mais conhecido, que é um dos principaes afluentes do S. Francisco, da margem oriental.

meio dos pastos, os diversos matizes de verdura que apresentam os campos segundo a época em que se lhes poz fogo, a alternancia das pastagens simplesmente herbaceas com aquellas em que crescem aqui e alli arvores rachiticas, tudo isso constitue um conjunto soberbo. Nos lugares um pouco elevados têm-se a imagem da immensidão, e de uma immensidão sem monotonia.

Deixando o *Porto do Quebra-anzol*, é assim que chamam ao lugar em que se transpõe o rio, atravessei a principio um pasto unicamente composto de hervas, depois um immenso *taboleiro coberto*, e enfim, um segundo pasto, que me conduziu até a *fazenda de Francisco José de Mattos*, onde me apeei.

Disse alhures (4), que se dava o nome de *taboleiros cobertos* ás collinas onde uma ou outra arvore cresce, aqui e alli, no meio das hervas, e *taboleiros descobertos* aos que alimentam exclusivamente plantas herbaceas e sub-arbustos. Entre Cachoeirinha e a *fazenda de Francisco José de Mattos* encontrei *taboleiros cobertos* um pouco menos verdes do que os de Formiga, mas nenhuma arvore havia ainda perdido as folhas (26-27 de Abril). Aqui, como nos outros lugares, as arvores dos *taboleiros* são retorcidas e mirradas; têm de 8 a 15 pés de altura, uma casca que ordinariamente se aproxima da cortiça e, frequentemente, folhas duras e quebradiças. Entre ellas, encontrei sempre com abundancia uma Malpighiaceae de grandes folhas penugentas, *Qualeas*, Bignoniaceas e Leguminosas. Sobre os *taboleiros* que se estendem além das duas margens do *Quebra-anzol*, vi tambem muitos exemplares do n.º 457 bis, cuja folhagem lembra tanto a dos nossos olmos, e um grande numero da *Vochysia* n.º 356, cujos lindos cachos de flôres amarellas attraem uma prodigiosa quantidade de colibris.

(4) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 99.

Em alguns pontos estas arvores se agrupam mais; em outros, menos: ha mesmo pastos que apresentam um matiz intermediario entre o dos *taboleiros cobertos* e o dos *descobertos*, pois se vêm algumas arvores enfezadas, mas somente de longe em longe. Os arbustos e sub-arbustos que crescem no meio das hervas, entre as arvores dos *taboleiros cobertos*, são mais numerosos do que os que nascem sobre os *descobertos*. Como mais communs, podem-se citar *Cassias*, *Malpighiaceas*, e a *Euphorbiacea* n.º 479.

A *fazenda de Francisco José de Mattos*, onde me apeei, depois de me ter afastado do Quebra-anzol, está situada na margem de um grande regato, entre collinas bastante elevadas. Si bem que esta *fazenda* não seja das menos importantes, não contem, como tantas outras, sinão um agglomerado de casinholas dispostas sem ordem, e em cujo meio difficilmente se distingue a morada do senhor. Alojaram-me ainda em uma cabana sem janellas, cuja entrada não se fechava; era, pelo menos, bastante limpa.

A pequena distancia de Francisco José de Mattos se encontra uma pequena cadeia de montanhas que tem o nome de *Serra do Salitre*, e não pode ser senão um contraforte da Serra do S. Francisco e do Parahyba. Estas montanhas são pedregosas, muito seccas e cobertas de gramineas, no meio das quaes se vêm de longe em longe algumas arvores rachiticas, principalmente a *Kielmeyera speciosa* A. S. H., J., Camb; quanto ás gramineas, são o *Capim frecha*, o n.º 325 e pequeno numero de outras especies. Do alto da Serra descortina-se uma vista muito extensa, que mostra ainda immensas pastagens e moitas de arvores dispersas sem ordem: Si essa pequena cadeia tem o nome de *Serra do Salitre*, não é porque lá se encontre salitre; mas resolveram denominal-a assim, porque existem na vizinhança aguas mineraes que se julgavam, sem duvida, carregadas desta substancia, e que, como as de Araxá, podem substituir o sal para o gado.

Após atravessar a Serra do Salitre, percebi grandes bosques, no meio dos quaes vi uma multidão de bellas arvores que estavam cobertas de flôres roseas e produziam um effeito encantador entre as massas de verdura que as rodeavam (provavelmente exemplares da *Chorisia speciosa*).

E' nas mattas que acabo de mencionar, e que, dizem, podem ter 6 leguas de comprimento, que estão as aguas mineraes chamadas do *Salitre*. Como as de Araxá, são do dominio publico; mas assegura-se que são mais abundantes. Accrescenta-se que as fontes estão rodeadas por muros, que a agua é conduzida para as gamelas onde os animaes a bebem e que não podem, de modo algum, entupir as fontes como em Araxá (5).

(5) Avancei alhures (*Viagem pelo districto dos Diamantes*, etc., II, 277) que frei Leandro do Sacramento fizera analyse das aguas de Araxá: foram as de Salitre que analysou esse sabio religioso. Eschwege diz que estas ultimas lhe pareceram mais fortes do que as de Araxá; que um cheiro de enxofre se expande na vizinhança; que têm posto de cousa podre: a principio um pouco sulphuroso, em seguida, acre, e, por fim, amargo, e que, quando se as emprega para lavar as mãos, tornam-nas escorregadias como quando se usa o sabão. Uma quantidade de 50 libras d'agua de Salitre que Eschwege fez evaporar lhe deu pouco mais de meia libra de um sal amargo e um pouco acre, e foi este sal, cuja analyse, feita por frei Leandro, se publicou no *Brazilien die Neue Welt*, (I, 74). Eschwege pensa, por essa analyse, e pelo que observou no lugar, que as aguas mineraes de Salitre podem ser aconselhadas contra as molestias do figado; o sal dahi retirado seria util para diversas industrias, e que seria optimo negocio extrahir-o por evaporação solar, para enviar-o ás partes do *Sertão* que não possuem *bebedouros* (fontes de aguas mineraes) e onde o sal commum se paga a 6\$000 réis (37 fr. 50 c.), o sacco de 66 libras. Tendo tomado conhecimento da analyse de frei Leandro, o sr. Balard, celebre chimico, membro do Instituto, disse que a composição das aguas de Salitre lhe parecia evidentemente analogá á das aguas sulphureladas da Europa; que o sal, que dahi se poderia extrahir, seria utilmente empregado em varios processos industriaes, notadamente o descoramento; que podia ser dado ao gado, mas que, para o homem, não poderia substituir o sal marinho. Quasi não preciso accrescentar que essas aguas deveriam ser aconselhadas para o tratamento de molestias cutaneas.

Em todas as campinas que vi no dia em que atravessei a Serra do Salitre (29 de Abril), a relva, tão madura como a dos nossos prados na época da sêga, tinha uma coloração acinzentada que fatigava a vista. Não se lhe punha fogo, disseram-me, porque a secca durava este anno ha muito tempo, e a herva não tinha ainda brotado de novo. Aliás, não se tem, neste districto, época fixa para a queima dos pastos; são as necessidades do gado que, a esse respeito, serve de regra para o agricultor.

A fazenda de Damaso, onde me apeei, para além das montanhas de Salitre, tem talvez, menor apparencia do que aquella em que passei a noite precedente; mas suas construcções estão dispostas com um pouco mais de ordem. O proprietario me pareceu ser um homem excellente, superior a todos os fazendeiros que vira desde certo tempo.

Disse-me que as terras da sua zona convêm a todas as culturas. Ao cabo de cinco annos, as capoeiras estão já em estado de ser cortadas (6); o capim gordura (*Melinis minutiflora*) não se apodera dos terrenos que foram cultivados, e a malta brota novamente após cada colheita. Dahi já se começam a enviar as producções do sólo a Paracatú, afastada de cerca de 40 leguas; só o algodão é exportado para o Rio de Janeiro. Até Barbacena (7), faz-

(6) Um viajante escreveu que se deixava descansar a terra vinte annos antes de lançar-lhe novas sementes (*SUZ., Souv.*, 252). E' incontestavel que, com o máu systema de cultura adoptado no Brasil tropical, não seria nunca demasiado o repouso que se desse à terra (*ESCHW., Bras.*, I); mas, para poder deixal-a vinte annos sem render nada, seria necessario que os brasileiros ainda as possuissem em maior quantidade do que as têm actualmente. Nas partes da provincia das Minas mais vizinhas da sua capital cortam-se, de ordinario, ao cabo de cinco, seis ou sete annos, os bosques (capoeiras), que substituíram as florestas virgens. Quando se desenvolveram durante vinte annos, estes bosques, então chamados capoeirões, quasi que já adquiriram o vigor das mattas primitivas.

(7) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 117. — O sr. Balbi, na sua excellente *Geographia Universal*, escreveu Barbacenas: já corriji esse erro, que pertence a Mawe.

se communmente viajar este ultimo producto em carros de boi, que levam 80 arrobas, e em Barbacena passa-se a carga para burros. A locação de um carro, da povoação de Patrocínio a Barbacena era de 14 oitavas (105 fr.), na época da minha viagem. O algodão, nos ultimos tempos, valia 600 réis (3 fr. 75 c.), ainda com as sementes. Ainda aqui é o gado a principal riqueza do lavrador. Marchantes vêm adquirir-o aos proprietarios, e levam até mesmo os carneiros, que pagam á razão de 2 ou 3 patacas (4 a 6 fr.).

Para além de Damaso encontrei ainda *taboleiros cobertos e descobertos*, outros mixtos, e enfim muitas de bosques nas profundezas. Atravessei, tambem, um pequeno trecho de terreno, cuja vegetação me recordou, pelo aspecto, os *carrascos ou florestas anãs de Minas Novas* (8); exemplares agglomerados e numerosos da *Bauhinia* (510 bis), de hastes extensas, e ramos ordinariamente dispostos em duas ordens, formavam um forrado de 3 a 5 pés, no incio do qual se elevavam aqui e alli *arvores de mediana grandeza*.

Entre Damaso e Patrocínio encontrei uma caravana bastante consideravel, que vinha de Goyaz e ia para o Rio de Janeiro. Pertencia a um homem que fazia esta viagem uma vez por anno, e empregava na viagem cinco mezes para ir e outros tantos para voltar. Recebia no Rio de Janeiro as mercadorias destinadas aos negociantes de Goyaz, e se fazia pagar a 32.000 (200 fr.) a carga de um burro. Mas quando voltava de Goyaz para a capital, levava por sua conta tecido de algodão e algodão em rama, porque com despezas tão grandes os negociantes de Goyaz julgam não achar vantagens em exportar os productos do seu paiz (9).

(8) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 22.

(9)—Vide o que digo, sobre os transportes de Goyaz a Rio de Janeiro, no capitulo desta obra intitulado *Começo da viagem da cidade de Goyaz o S. Paulo. — O Malto Grosso*, etc.

A duas leguas e meia de Damaso fiz alto em Patrocínio (*arraial do Patrocínio ou Nossa Senhora do Patrocínio*). Esta pequena povoação (10), ordinariamente chamada *Salitre*, deve sua origem ás aguas mineraes que, como o disse, se encontram nos arredores; não tinha, por occasião da minha viagem, mais de uma duzia de annos de existencia, e, a ser exacto o numero de casas indicado em 1816, por d'Eschwege, dobrou no espaço de tres annos. Está situada sobre a crista arredondada de uma collina cujos flancos estão cobertos de pastagens, e que é dominada por outras collinas um pouco mais elevadas. Em 1819 contava-se ali uma quarentena de casas muito pequenas, construidas de barro e madeira, cobertas de telhas e sem rebôco. Estas casas, dispostas em duas filas, formam uma praça alongada no meio da qual está construida uma pequena capella, edificada, como as proprias casas, de madeira e barro. Patrocínio é uma succursal de Araxá e tem um vigario encomendado. Como em todos os outros lugares, as casas que compoem a povoação pertencem a *fazendeiros* que só vêm ali aos domingos (11). Os habitantes de Patrocínio que ali moram habitualmente são alguns artifices, dois ou tres pequenos mercadores, ociosos, e mulheres publicas.

José Mariano chegára á povoação antes de mim, e, em obediencia a minhas ordens, foi pedir hospedagem ao vigario; mas a casa deste ecclesiastico era tão pequena que não nos poude receber. Uma outra casa, que se acabava de construir, e não estava ainda habitada, foi indicada a José Mariano pelo commandante, e foi lá que encontrei

(10) O sr. Pchl dá a Patrocínio o título de villa. Na época em que elle viajava (1818), Paracatú, apenas, tinha este título em toda a comarca. E' tambem erradamente, que o mesmo autor escreveu *Padrocínio*, illudido, sem duvida, pela pronuncia do seu paiz.

(11) O sr. Gardner encontrou o mesmo costume no norte do Brasil.

minhas bagagens . Quando cheguei á povoação, José Mariano se apressou em me prevenir que esta casa estava cheia de *bichos de pé*; não fiquei ali mais que um instante, e logo tive os pés cobertos por esses insectos. Eu e os meus tomamos o partido de nos alojarmos fóra; enquanto trabalhavamos, todos os habitantes nos rodearam, e eu os achei muito mais grosseiros ainda do que os de Araxá (12). Pela primeira vez, desde o Rio de Janeiro, passei a noite ao relento, e é notavel que fosse justamente numa povoação.

Viu-se já que eu me afastára do grande caminho do Rio de Janeiro a Goyaz para visitar as nascentes do S. Francisco. Retomei a estrada antes mesmo de chegar a Patrocínio, e no entanto, num espaço de 3 leguas, entre essa povoação e a *Fazenda do Arruda*, não encontrei sinão uma unica pessoa e não vi nenhuma habitação.

Por toda a parte a herva estava quasi tão secca como a do Sertão de Bom Fim e Contendas, nos mezes de Agosto e Setembro (13); vi, entretanto, muitos exemplares da *Pochysia* n.º 502, cujos cachos verticaes e extremamente numerosos tinham frequentemente mais de 2 pés de comprimento.

Durante esta jornada Laruelle me parecerá triste, mas interroguei-o inutilmente sem descobrir a causa. Quando chegamos á *Fazenda do Arruda* (14), onde pousei, José Mariano lhe examinou os pés e retirou-lhe cerca de cinquenta bichos. Estes animaes, como já o disse alhures, encontram-se principalmente em casas deshabitadas e que não se limpam.

(12) Vide o que digo anteriormente, pag. 225, sobre os habitantes de Araxá.

(13) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II.

(14) E' sem duvida esta fazenda a que foi designada por Pohl sob o nome incorrecto de *Fazenda d'Arrudo Velho*.

A sazão dos outros insectos já passára ha muito tempo; só encontrei pequeno numero de especies de azas núas.

A Fazenda do Arruda de que acabei de fallar está situada ao pé duma pequena cadeia de montanhas muito pouco elevada, que começa, disseram-me, na altura da povoação de Patrocínio e que chamam *Serra do Dourado* (15). No espaço do cerca de 1 legua, contornei-a a certa distancia; approximei-me em seguida, e depois de atravessar um correço bastante profundo que tem o nome

(15) Pohl e Eschwege concordam em dizer que ella se estende de leste a oeste. O primeiro chama-a *Serra d'Ourada*, e o ultimo *Serra dos Dourados*. O nome indicado por Pohl é evidentemente incorrecto, pois a palavra *d'Ourada* não pertence á lingua portugueza. — Pohl não viu tudo, sem duvida, e quem poderia ver tudo? mas conta com franqueza e ingenuidade o que chamou a sua attenção, e merece muita confiança. Si lhe escaparam alguns ligeiros erros, isto provem, em grande parte, de que conhecia imperfeitamente a lingua portugueza. Para bem conhecer o paiz em que se viaja é indispensavel comprehender os seus habitantes, e foi certamente por não possuirem esta vantagem que Maive e Luccock se enganaram tantas vezes. Ficaram offendidos, no Rio de Janeiro, pela maneira com que o sr. Jacques Arago fallou do Brasil; mas este escriptor pertence a uma categoria totalmente differente da do dois inglezes cujos nomes acabo de mencionar. Não teve, certamente, a pretensão de fazer progredir qualquer ramo que seja da Geographia ou da Historia Natural; homem de muito espirito, quiz simplesmente divertir os seus leitores; antecipou a época das *impressões de viagem*. Quanto ao fallecido Jaquemont, de quem também se queixam no Brasil, pode-se até certo ponto justificar-o: não foi elle que publicou a sua viagem. Se tivesse tido a felicidade de rever sua patria, teria comprehendido, amadurecido pelos annos e pela reflexão, que, em um livro publicado á custa dos contribuintes e sob os auspícios do ministro da instrução publica, não podia, sem a maior inconveniencia, publicar trechos impregnados de grosseiro atheismo; teria scutido que, si é permittido descrever um paiz oito vezes maior do que a França, fallar da sua capital, da sua marinha, da cabotagem, do commercio, das finanças, do chefe do governo, das relações das provincias com a metropole, da sorte dos escravos, das diversas classes sociaes, do genero de debates parlamentares.... não é com uma estada de doze dias.

de *Douradinho* (16), comecei a subir. No fim de alguns instantes, tínhamos atravessado a Serra em toda a largura. E' muito pouco elevada para apresentar vegetação bastante differente da planície; não encontrei, tambem, nenhuma especie que já não possuísse.

Desde a Serra do Dourado até o povoado de Campo Alegre, o paiz é montanhoso. Dos lugares mais elevados, que são pedregosos, descobre-se uma vista immensa e sempre uma alternativa de bosques, *taboleiros cobertos* e *taboleiros descobertos*, porém, quanto ao mais, nenhuma habitação; em toda a jornada não vi mais do que uma choupana situada proximo a *Douradinho*. O aspecto do terreno era de uma tristeza extrema; por toda a parte a herva estava estorricada, e tinha uma tonalidade escura que affligia a vista. Pequeno numero de plantas estava em floração; contentar-me-ei em citar a *Bignonocacca* n.º 506, que cresce abundantemente em varios *taboleiros descobertos*.

A 4 leguas de Arruda fiz alto em uma pobre choupana á qual se costuma dar o nome de *fazenda*, *Fazenda do Leandro*. Um negro, que estava á porta dessa choupana, permittiu-me descarregar as bagagens em um pequeno quarto. Apenas a dona estava em casa e não appareceu (17).

As *fazendas* deste districto são assás favoravelmente situadas; encontram uma facil sahida para os seus productos em Paracatú, aonde se pode chegar em dez dias em carros de boi, e têm para o seu gado aguas irineracs. A 6 leguas de Leandro existem fontes da mesma natureza que

(16) O sr. da Cunha Mattos escreve, talvez com razão, *Ribeirão dos Douradinhos*; falla tambem do *Rio dos Dourados*.

(17) Eis um exemplo que d'Eschwege dá das precauções que tomam as mulheres deste paiz para não serem vistas. Este illustrado official foi recebido em uma habitação do districto de Patrocínio por uma mulher cujo marido estava ausente, e que lhe deu o engenho por abrigo. Deram-lhe de jantar; mas, como a dona da casa não se queria mostrar, desliçava com a filha por traz do engenho e introduziam os pratos por um buraco. (*Bras.*, I, 80),

as de Araxá e Salitre, em uma pequena cadeia de montanhas chamada Serra Negra (18). Estas ultimas fontes tambem são publicas, e a agua é recebida em bbedouros onde o gado vai sorvel-a.

Além de Leandro o terreno, no espaço de 1 legua, é quasi plano. Mais longe passei perto de uma choupana que se concedôra com o nome de *Fazenda das Minas*, e entrei de novo numa região montanhosa. O caminho é ahí bellissimo e segue quasi sempre as partes mais elevadas. Goza-se de uma vista extensissima, mas não se descobrem ainda senão vastas solidões. A verdura não tinha frescor sinão em pastos incendiados ha pouco tempo, e esses eram extremamente raros.

Como o fogo consome com grande rapidez a herva das pastagens, não queima o tronco das arvores dispersas sobre os *taboleiros cobertos* e não faz mais do que ennegrecel-os. Descocca as folhas, mas em breve são substituidas por outras.

A 3 leguas e meia de Leandro parei numa especie de pequeno povoado composto de algumas choupanas esparsas sem ordem. Perto destas cabanas se construia na época da minha primeira viagem uma pequena capella, e pretendia-se fazel-a uma succursal da parochia de Araxá (19).

Quando passei por Campo Alegre, é o nome do povoado, havia lá um sacerdote que os habitantes tinham man-

(18) Viu-se que, na provincia de Minas, existem varios montes com este nome.

(19) Em 1829 o logarejo de Campo Alegre já fôra concedado com o nome de *arraial*, e sua capellinha, dedicada a Sant'Anna, tornára-se, como se desejava, uma succursal da igreja parochial de Araxá. O novo *arraial* compunha-se então de umas quarenta casas e tinha o nome *Sant'Anna do Pouso Alegre*, o qual se substituiu, no uso corrente, pela alcunha de *Corabardella*, devido ao costume que tinha um proprietario de vizinhança de fallar em um espirito maligno chamado por esse nome (MATROS, *Itin.*, I, 89).

dado vir de Paracatú, e essa circumstancia attrahia grande numero de agricultores.

No dia seguinte a missa foi celebrada na capella ainda por concluir. Um tecto coberto de telhas erguia-se já sobre alguns esteios. Folhas de palmeira substituíam as paredes; outras folhas, jogadas por terra, faziam as vezes de assoalho. Pareceu-me estar nos tempos em que o christianismo lançou os seus fundamentos na America.

Estava alojado em Campo Alegre sob uma coberta que se estendia entre duas choupanas. O espaço que cobria era aberto pela frente e por traz; do lado do terreiro estava fechado por longas estacas. Durante todo o dia mulheres enfiavam o nariz entre essas estacas para observar o que faziamos; os homens vinham conversar, ninguém trabalhava, e a conversação dessa boa gente tinha tão pouco interesse que seria melhor terem guardado o silencio.

Aproveitei-me da estada em Campo Alegre para ir herborizar. Costeei um regato marginado, como o são todos os desse paiz, de uma orla estreita de arvores finas e muito approximadas, mas voltei a encontrar as plantas que me offereceram, em 1817, localidades semelhantes no meio do deserto oriental do S. Francisco: o n.º 566 nas partes com florestas; as gentianaceas 521, 524, 577 nos terrenos pantanosos e cobertos de relva, que se estendem, como succede ordinariamente, por traz da orla de bosques.

Foi aqui que, pela primeira vez desde o começo desta viagem, tive o prazer de rever o *bority* (*Mauritia vinifera*, Mart.), palmeira a um tempo tão elegante quanto util (20), o que indicava, sinão me engano, que a região, em que me achava então, era menos elevada e mais quente do que aquella em que acabava de viajar.

(20) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 343. — Como já o disse (op. cit.), escrevi em minhas notas *burity*, orthographia que adoptaram os srs. Martius, Gardner e Kidder; é unicamente para conformar-me com a de um escriptor

Accrescentarei que os meus homens mataram em Campo Alegre dois passaros, que ainda não conhecia; até então Prégent, e em seguida, José Mariano, não tinham preparado nenhuma especie que não fizesse parte da minha collecção da viagem de 1817.

Além de Campo Alegre percorri, durante um par de leguas, uma zona quasi plana. Atravessei em seguida uma pequena cadeia de montes aridos e pedregosos, que tem o nome de *Serra da Figueireda*, e que, como as Serras do Araxá, do Salitre, do Dourado, deve ser tambem um contraforte da grande Serra do S. Francisco e da Paranahyba. Emfim, até esse ultimo rio, não percorri sinão terreno montanhoso.

O campo apresentava sempre uma côr escura que affligia a vista; o calor era excessivo, e, á medida que caminhávamos, elevava-se uma poeira avermelhada que nos seccava a garganta e sujava as roupas. Nenhuma casa, nenhum vestigio de cultura, nenhuma cabeça de gado nos pastos, nenhum viajante nos camiños, quasi nenhuma flôr, nenhuma mudança notavel na vegetação; sempre as plantas que já colheira no deserto oriental do S. Francisco. Estava desolado de fazer, para tão pouca coisa, uma viagem tão fatigante, e quasi tentado a não ir até Villa Boa.

Depois de caminhar 6 leguas a partir de Campo Alegre, cheguei finalmente á margem esquerda do Paranahyba (5 de Maio). Nesse ponto poderá ter a largura dos nossos rios de terceira ou quarta ordem; seu curso é muito lento; uma orla de bosques densos o margeia dos dois lados, e algumas choupanas estão esparsas sobre a margem direita. Atravessamol-o em uma estreita piroga, e me estabeleci sob um rancho aberto de todos os lados, situado á propria mar-

do paiz, monsenhor Pizarro, que eu, talvez erradamente, inprimi *bority*. Pronuncia-se como se estivesse escripto, em francez *bou-riti*; mas sabe-se que, na lingua portugueza, o som do *o* se confunde frequentemente com o do *u*.

gem do rio. O Paranahyba é, dizem, muito abundante em peixes. As especies que ahi se encontram são chamadas no paiz *dourado*, *piranha* (21), *curmatúm*, *pacú*, *paracanjuba* (melhor, talvez *pyracanjuba*), *suruby* (22), *jahú*, *tubarão* (23), *piampára*, *piáu*, *mandy*, *traira* e *tamburê*.

Havia ainda uma hora de claridade quando cheguei ao Paranahyba; atirei-me ao trabalho. Um sol causticante me atormentava, nuvens de mosquitos cobriam-me a cabeça e as mãos; cada burro que transpunha a agua fazia voar ao redor de si turbilhões de pó; era um supplicio terrível. Com a noite tudo mudou; a lua illuminava os objectos que me rodeavam; uma frescura deliciosa substituiu o ardor do sol; profunda calma reinava em toda a natureza; apenas ouvia-se o chiado de algumas pequenas cigarras, e a voz agradável de Marcellino accrescentava mais um encanto aos da tarde.

Além do Paranahyba (24), atravessci uma zona plana, limitada por todos os lados por pequenas montanhas. Sem-

(21) Minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 393, contem pormenores sobre o perigoso peixe chamado *piranha*. De accordo com o sr. Spix eu o identifiquei com o *Myletes macroponus*, Cuv.; mas é evidente que tal determinação não é exacta e que a *piranha* é o *Serrasalme Piraya* de Cuvier, pois que este sabio fez a descripção do *Serrasalme Piraya* por um exemplar que eu proprio remetti do Brasil (vide *Mem. Mus.*, V., 368, 69).

(22) O sr. Gardner prefere escrever *surubim*. Disse alhures (op. cit.) quanto se fica embaraçado na orthographia dos nomes brasileiros de lugar, animaes e plantas, e quaes as razões que me fazem adoptar a maneira de escrever de monsenhor Pizarro.

(23) O nome de *tubarão* é o de um peixe do mar; foi applicado pelos mineiros a um de agua doce.

(24) Muito pouco tempo a minha viagem, o governador de Goyaz, Manoel Ignacio de Sampaio, que succedeu a Fernando Delgado, do qual fallarei no decorrer desta obra, mandou abrir um caminho mais curto do que o que percorri, porém muito menos interessante para o observador; este caminho, que tem o nome de *Picada do Correio de Goyaz*, já era transitavel em 1923, pois foi o que então seguiu o general Raymundo José da Cunha Mattos (*Itinerario*, I, 93).

pre *campos* e bosques, sempre a mesma secca, sempre, tambem, poucas plantas em floração.

Passei deante de tres fazendas compostas cada qual de algumas miseraveis choupanas; mas, querendo ganhar tempo, tomei a resolução de não me deter em nenhuma dessas casinholas, e de dormir ao ar livre.

Fiz alto em um bosque, á margem de um corrego limpo, no lugar chamado *Moquem* (26). Como as caravanas costumam estacionar nesse ponto, o lugar em que minhas malas foram descarregadas estava bastante limpo. Meus companheiros suspenderam em grandes cipós uma parte da bagagem miúda; arranjaram para mim uma pequena cobertura com couros esticados, e depois deitaram-se perto do fogo que tinham accendido. Enquanto escrevia o diario, os raios da lua penetravam através dos galhos das arvores que se estendiam em abobada sobre nossas cabeças; um silencio profundo reinava em volta de mim e não era perturbado sião pelo chiado das cigarras.

Eucontrava-me na base da longa Serra do S. Francisco e do Paranahyba. Quasi que logo depois de deixar *Moquem* comeccei a subir, e, tendo seguido uma encosta pouco ingreme de cerca de meia legua, cheguei ao alto da Serra. Reveste a forma de um *Chapadão*, que, como já vimos antes, (pag. 199), tem quasi 6 leguas de comprimento, e, disseram-me, 5 de largura.

E' coberto de pastagens naturaes, das quaes umas se compoem deervas e as outras deervas e arvores enfezadas. Nos lugares um tanto baixos vêem-se algumas moitas arborescentes, e foi lá, pela segunda vez desde o começo desta viagem, que reví a palmeira do deserto, o util

(25) Este nome se encontra em outras partes do Brasil; ha em Goyaz um *Rio Moquem* e um pequeno povoado com a mesma denominação (CAZAL., *Corog.*, I, 336, 346). A palavra *moquem* significa *juncoiro*, e *moquiar*, *defumar*.

Bority (*Mauritia vinifera*, Mart.), de largas folhas em leque.

A' entrada do Chapadão, o solo não offercece senão uma areia branca e fina, misturada com fraca porção de terra vegetal, e ali encontrei enorme quantidade de plantas interessantes, como sempre me aconteceu em terrenos semelhantes. Vi uma especie de *Vellozia* (*canela d'Éma*), de folhas radiculares; a Composta n.º 547, que já recolhera, assim como varias outras do mesmo genero, e vizinhas, em localidades semelhantes; enfim, as pequenas *Melastomaceas* n.º 549 e 550. Em breve o terreno mudou de aspecto; tornou-se avermelhado, como o é de ordinario nos *tableiros cobertos* e, no seu conjunto, a vegetação não differia mais das dos *campos* que percorri nos dias precedentes.

Em varios lugares do Chapadão descortina-se uma vista bastante extensa. Aliás, desde o ponto em que comecei a viajar sobre esse planalto até o lugar chamado *Sítio dos Pilões*, afastado de Moquem de 5 leguas, não se encontra uma só casa. A agua é rara; entretanto existem algumas pequenas fontes nos grotões.

Acessado pela sêde approximei-me de uma dellas e ali encontrei dois jovens mulatos que comiam farinha diluida na agua da fonte, prato frugal que chamam *jacuba*. Convidaram-me a comer com elles, acompanhando o seu offercimento com esta amavel polidez tão commum nos habitantes da parte oriental de Minas, mas tão rara entre os dos desertos que na occasião percorria.

Fiz alto no *Sítio dos Pilões*, miseravel choça cuja entrada nem mesmo era fechada, que não tinha janellas, e onde não se viam outros moveis sinão *giráus* ou leitos rusticos. Fiquei alojado na peça principal, e não tinha, entretanto, sequer, lugar para me mexer. Não obstante, era ao proprietario de tão desprezivel morada que pertencia o Chapadão. Poderia utilizal-o para a criação de gado;

mas a carestia do sal não lh'o permittia. E' aqui que se começa a cultivar a mandioca, amiga das regiões quentes. O milho, que, para os lados de Araxú rende 200 por 1 nas terras medianas, (vide acima, pag. 225), não produz mais do que 130 por 1 no Chapadão.

A continuação do planalto tem o nome de *Serra dos Pilões* (26). Além do sitio do mesmo nome (Sitio dos Pilões), caminhei ainda, durante cerca de tres quartos de hora, sempre sobre o mesmo planalto; em seguida comecei a descer, e após ter caminhado meia legua, cheguei á planicie. Atravessára a Serra do S. Francisco e da Paranyha; encontrava-me na base da vertente oriental desta cadeia, e continuei a seguir-lhe os contornos até além de Paracatú.

A encosta que conduz do Chapadão á planicie é bastante suave; o terreno é ali pedregoso e apresenta exemplares de *Vellozia*, assim como a Composta 547; aliás, não encontrei nesses lugares uma só especie que já não tivesse recolhido, e não vi quasi flôres. Descendo do Chapadão goza-se de um panorama bastante extenso e agradável. Grandes bosques, que eram ainda de um vetdor bellissimo, rodeam o planalto; para além estendem-se pastagens, e o horizonte apparece limitado por pequenas montanhas. O caminho que segui, tendo chegado á planicie, é parallello á grande cordilheira. Atravessa pastagens cobertas de arvores enfezadas, mais numerosas e condensadas á medida que a terra adquire coloração mais vermelha.

O calor naquella dia (9 de Maio), podia apenas supportar-se, o tempo estando pesado e coberto, e entretanto não cahiram mais que algumas gottas d'agua. Na verdade não estavamos na estação das chuvas; mas teria sido bem para desajar que sobreviesse um aguaceiro; pois que a secca

(26) Não é nem *Serra Spilocus*, nem *Serra de Spilocus*, como o escreve o sr. Pohl (*Reise*, I, 244-5).

excessiva levantava clamores em todos os agricultores. A colheita de arroz e milho fôra quasi nulla, e esses gencros estavam excessivamente caros.

Após caminhar 2 leguas além do Sitio dos Pilões, parei numa *fazenda* que tinha o nome de *Guarda-mór*. Se a chamavam assim, não é porque então pertencesse a um guarda-mór, mas o seu primeiro proprietario o fôra, e a maioria das *fazendas* conservam o nome de quem lhes lançou os fundamentos. Seja como fôr vi aqui varios negros, e o actual proprietario parecia possuir certos recursos. No entanto, sua casa não era ainda senão uma choça mal arranjada; pois que, é preciso dizel-o, a desordem caracteriza todas as habitações que se encontram dispersas nesses desertos.

Alojaram-me numa grande peça onde estava collocado o *monjolo*, e enquanto escrevia, fazia-se, perto de mim, farinha de milho. O ruido forte do *monjolo* me atordava; estava cego pela fumaça do forno, e era necessario, além disso fazer guerra aos cães que vinham roer o couro das minhas malas.

Goza-se, neste districto, duma grande vantagem. A 5 leguas de Guarda-mór ha, na Serra, aguas mineraes que, como as de Araxá, Salitre, Serra Negra, substituem o sal para o gado bovino.

Além de Guarda-mór o caminho atravessa uma região muito plana e se prolonga parallelamente á continuação do Chapadão, ou si se preferir, da Serra do S. Francisco e do Parahyba, que se conserva, naturalmente, á esquerda.

Em um trecho consideravel, onde a estrada é bastante larga, as arvores assús elevadas se tocavam quasi todas pelas extremidades dos galhos, e entre ellas crescia um numero consideravel de arbustos e sub-arbustos, conjunto que produzia um effeito bastante agradável. Aliás, as arvores rachiticas que predominam nos *campos* pareceram-me pertencer sempre ás mesmas especies.

Após uma marcha de 3 leguas, a partir de Guarda-mór, fiz alto em *Sapé*, lugar assím chamado por causa da graminea do mesmo nome que cresce na vizinhança (*Saccharum Sapé*, Aug. S. Hil.). No mesmo local tornei a encontrar em grande abundancia o *capim gordura*, cujo cheiro resinoso enchia o ar, e ainda não encontrára ao occidente da Serra do S. Francisco e da Paranahyba.

Além de *Sapé* a região é ainda plana. Tinha, á esquerda, a continuação das montanhas de Pilões, que, pouco a pouco, vão diminuindo de altitude, e á direita se estendiam outras pequenas elevações.

O caminho é sempre bellissimo e attavessa, serpenteando, campinas onde, conforme a natureza do terreno, as arvores e os arbustos são mais ou menos numerosos. Si bem que então não houvesse quasi nenhum em floração, a sua forma geral era a mesma, pois que mais ou menos, todos são torcidos e mirrados; entretanto, variam tanto nas particularidades, que seu conjunto produz um effeito encantador, sobretudo quando estão muito proximos uns dos outros. Ao lado da leguminosa n.º 575, cujas folhas, finamente recortadas, attingem até 2 pés de comprimento, acham-se malpighiaceas apocynaceas que têm as suas perfeitamente inteiras, largas, rijas e quebradiças. Pequenas palmeiras contrastam, pela simplicidade das formas, com os ramos tão divididos das arvores vizinhas, e vê-se uma apocynacea confundir a sua folhagem lisa e luzente com as folhas pennugentas e esbranquiçadas de uma malpighiacea. Os sub-arbustos que crescem sob estas differentes arvores não são menos variados do que ellas. Pequenas malpighiaceas de folhas simples misturam-se a *Cassias* que as têm finamente recortadas, e os foliolos extremamente unidos destas ultimas plantas contrastam tambem com a folhagem egualmente recortada, mas extremamente frouxa, da bigoneacea n.º 506. De longe em longe, vêm-se, á direita e esquerda da estrada, lugares baixos e pantanosos, onde a

relva, muito espessa, é de um verde bem alegre: ahí, nada de arvores retorcidas e de folhagem variada, absolutamente nenhum contraste; somente o *burity* se mostra na parte mais humida dessas especies de valles, umas vezes isolado, outras em pequenos grupos; os exemplares jovens apenas apresentam um feixe de folhas em leque, que saem da terra supportadas por longos peciolos; os outros elevam-se como columnas terminadas por um soberbo pennacho.

A 3 leguas de Sapé, achei hospitalidade em uma *fazenda* que tem o nome de *João Gomes*. Pertencia a um mulato, e, entretanto, tinha apparencia um pouco melhor do que as que encontrára desde Araxú; pelo menos podia-se distinguir a casa do senhor das cabanas dos escravos. Fiquei tambem muito mais satisfeito com a conversação e maneiras do mulato do que com as de tantos brancos em cujas casas me hospedára a partir de um mez antes. (V. p. 205). Approximava-me então de Paracatú; o proprietario da *fazenda* de João Gomes pertencia a uma população mais antiga; os sertanejos que vira anteriormente eram a escoria das diversas *comarcas da provincia* de Minas Geraes.

Os campos que atravessei, depois de ter deixado João Gomes, têm um aspecto risonho, e apresentavam ainda uma bellissima verdura; todavia, é necessario confessal-o, por muito bellos que sejam os *campos* de sub-arbusticulos, acaba-se por ficar fatigado de não ver outra coisa. Aliás, nas cinco leguas mortaes que palmeei entre João Gomes e o posto militar de Santa Izabel, não tive o prazer de recolher uma planta que ainda não possuísse; passei mesmo, espaços de meia hora sem ver uma flôr.

Desde tres dias, o trovão se fazia ouvir, cahia agua todos os dias, e entretanto o calor era ainda insupportavel. Estava, todavia, bem satisfeito de que o tempo se tivesse resolvido em chuva, pois que, antes, a temperatura cada dia se elevava mais.

Entre João Gomes e o posto militar de Santa Izabel atravessei diversos pequenos rios que têm as nascentes na Serra do S. Francisco e da Paranahyba e vão se lançar, por intermediarios, no S. Francisco, a saber: O *Ribeirão*, o *Escuro Grande*, o *Escuro Pequeno* e enfim, o *Santa Izabel*. As aguas deste ultimo e do *Escuro Grande* são sujeitas a dar febres intermitentes, o que sem duvida provem de que suas margens são pantanosas.

Perto de Santa Izabel foi construida a casinhola onde estabeleceram um posto de militares do regimento de cavallaria de Villa-Rica: foi lá que me apeei. Mostrei meus papeis ao cabo que commandava o posto, e fui por elle muito bem acolhido.

O posto compunha-se apenas de dois soldados tirados de um destacamento de nove homens acantonados em Paracatú. Estes militares eram encarregados de verificar todos os fardos e volumes provenientes de Goyaz, afim de se certificarem se não continham diamantes e ouro em pó. Deviam impedir tambem que se passassem as piastras da Hespanha, sem o eunho das armas de Portugal, que o governo por uma fraude indigna, mandava pôr nessas mecdas, elevando-as, após tal formalidade, de 780 réis (4 fr. 88c), seu valor real, ao valor ficticio de 960 réis (6 fr.).

O posto de Santa Izabel tinha ainda outro destino; ali obrigava-se a pagar um direito de 375 réis (2 fr. 24 c.) por arroba, sobre todas as mercadorias sabidas de Goyaz para serem vendidas em Minas Geraes. Não tenho necessidade de fazer sentir o quanto é absurdo exigir direitos sobre os productos de uma provincia quando passam para outra; quanto, sobretudo, é absurdo impôr direitos de sahida a uma região como Goyaz, que, só pela sua distancia, já encontra tantos obstaculos á exportação de seus productos.

Foi em Santa Izabel que soube do fim das aventuras de um contrabandista francez que me inspirára certo interesse pela sua força de vontade e perseverança. Para não correr o risco de comprometter esse homem, nada escrevera, no meu jornal, do que lhe concernia; vou relatar agora a sua historia tão fielmente quanto m'ò permite a memoria. Quando, de volta da viagem ao districto dos Diamantes, passei novamente por Villa do Principe, o cura desta villa, Sr. Francisco Rodrigues Ribeiro de Avellar, perguntou-me se queria receber a visita de um dos meus compatriotas, que então se achava no paiz. Havia cerca de um anno, então, que, á excepção do meu criado, não vira um unico francez; accitei com prazer a offerta do digno sacerdote. Dentro em pouco vi apparecer, no meu quarto, um homem vestido de uma sobrecasaca cinzenta, da idade de 30 annos presumiveis, magro e alto, cuja cabeça era redonda, e o rosto vermelho e vulgar. Puzemo-nos a conversar. Este homem, que vivia no meio de estrangeiros, dos quaes era necessario desconfiar a cada momento, ficou encantado, sem duvida, de encontrar um compatriota com o qual podia, enfim, fallar a sua lingua, conversar do seu paiz, dos seus interesses e do futuro; em breve, entregou-se-me em absoluta confiança e me contou sua historia. Nascera, creio, em Rodez e ahí exercia a profissão de açougueiro, quando a quèda do governo imperial o levou a fazer máus negocios. Nessa época a viagem do inglez Mawe ao interior do Brasil lhe cõe em mãos, e desde então não sonhou senão com diamantes e riquezas. Persuadido que poderia fazer fortuna no Brasil pelo contrabando de diamantes, parte para Marselha e de lá para Lisbõa; mas era ao Rio de Janeiro que queria chegar. Vai procurar o consul da França em Lisbõa, procura interessal-o, e supplica-lhe que lhe indicasse os meios de passar ao Brasil. O consul encaminhava-o a um official portuguez que se ia embarcar para o Rio de Janeiro em um navio de guerra. O official tinha

necessidade de um empregado; acceita o francez, não lhe promettendo dar maior salario do que a passagem; era a unica coisa que este desejava. Jamais, me dizia elle, homem algum foi melhor servido do que esse official; anticipava-me aos seus desejos, adivinhava-os pelo olhar. A embarcação chega, felizmente, ao Brasil. O official, sensivel ás attenções do seu criado, lhe diz então que, embora apenas lhe tivesse offerecido a passagem, ficaria satisfeito em fazer qualquer coisa por elle. Dizem, respondeu-lhe o francez, que se pôde ganhar algum dinheiro no paiz das Minas; ser-lhe-ia muito reconhecido se me arranjasse um *passaporte* para essa provincia. O official conhecia o intendente geral da policia; solicita o passaporte e obtem-no. O meu francez parte para Villa-Rica; liga-se ahi a um contrabandista inglez estabelecido no paiz, trabalha algum tempo com elle, depois larga-o e se dirige para o Serro de Frio. Lá consegue fazer-se iniciar em todos os misterios do contrabando dos diamantes, trava conhecimento com os negros que roubavam essas preciosas pedras, e penetra no districto cuja entrada era tão severamente prohibida. Os caminhos secretos praticados nos lugares mais difficeis pelos antigos *garimpeiros* (27) tornam-se-lhe familiares, e, quando eu o conheci, começava já a ganhar algum dinheiro. Quando este homem terminou o seu relato, procurei dissuadi-lo da profissão aventureira a que se entre-

(27) Os *garimpeiros* eram homens arrojados que, reunidos em grupos, faziam o contrabando dos diamantes e se refugiavam nas serras mais escarpadas (*Viagem ao districto dos Diamantes, etc.*, I, 21) (*).

(*) N. do T. — Saint Hilaire equivocou-se. *Garimpeiro* não significa contrabandista de diamantes, e sim o minerador que trabalha nos *garimpos*, ou *catas* de diamantes, revolvendo as areias dos rios á procura das preciosas gemmas. É possível que muitos *garimpeiros* fossem tambem contrabandistas, mas a verdade é que aquella denominação não traz obrigatoriamente este significado.

gava; representei-lhe todos os seus perigos, e lhe repeti que, si quizessem fazer um exemplo, seria certamente a elle que, estrangeiro, sem amigos, sem protectores, sacrificariam. Mas os diamantes podiam enriquecel-o; estava decidido a correr todos os riscos para attingir o fim que procurava até então, e minhas representações foram inuteis. Convenci-o entretanto, a que escrevesse á familia, á qual tinha resolvido, consigo mesmo, não dar noticias suas senão quando tivesse enriquecido, e convenci-o que me entregaria a carta no dia seguinte para que eu a despachasse para Rodez. Esse homem, porém, arrepende-se da confiança que me demonstrou, não voltou, e fiquei perto de um anno sem ouvir falar d'elle. Enfim, quando estava no posto de Santa Izabel, o cabo me disse que, algum tempo antes, detivera um compatriota meu no districto dos Diamantes; fiz-lhe perguntas sobre esse homem, e pelas informações que me deu, não pude duvidar de que se tratasse do contrabandista de Rodez. O cabo sahia tambem ás escondidas do districto Diamantifero, por veredas pouco trilhadas, quando avistou um homem que escorregava ao longo dos rochedos. Vestido á paizana e achando-se em companhia d'uma mulher, nada fez para prender esse homem; mais de volta ao posto, deu parte aos camaradas do que vira. Os soldados postáram-se de emboscada e prenderam o contrabandista, que reconheceram como um francez, mas este supplicou-lhes com tanta insistencia que o largassem, que elles o deixaram ir. A lição não o curou, todavia, da sua inconcebivel teimosia. Foi pouco depois denunciado como estando escondido em uma das casas de um *serviço* (28), do districto diamantifero. Ceream-lhe a casa durante a noite, mas consegue fugir; perseguem-no,

(28) Chamam *serviços* aos lugares onde, para a extracção dos diamantes, se estabelece uma tropa, nome dado a uma reunião de escravos dirigidos por empregados livres. (*Viagem no districto dos Diamantes*, etc., I, 89).

foge pela segunda vez, e fica quite pela perda da bolsa, que os soldados partilham entre si e que elle deixa cahir sem duvida para occupar os que o perseguiam, e ganhar tempo. O cabo accrescentou á sua narrativa que esse homem estava feragido nas cercanias de Sabará, e eu não sei o que foi feito d'elle. E' pena que tão rara perseverança não tivesse um fim mais nobre.

Pouco depois de ter deixado o posto de Santa Izabel comecei a galgar um morro elevado que se chama *Serra de Paracatú*. Das encostas e cume desse morro goza-se de um immenso panorama. Dahi descortinei toda a planicie que atravessára nos dias anteriores, e além, as montanhas que a limitam. Os pequenos bosques, os campos compostos unicamente de gramineas e aquelles em que se erguem pequenas arvores formam, quando se os vê de longe, compartimentos variados de um effeito muito agradável. Descendo a montanha percebe-se, a pequena distancia, a villa de Paracatú, situada á direita, ao pé de algumas collinas.

Era portador de uma carta de recommendação para o *sargento mór* Alexandre Pereira e Castro. Tinham-me dito que elle estava na sua casa de campo, da qual me indicaram mal o caminho; mas, depois de vaguear por muito tempo no meio das pastagens, cheguei á entrada de Paracatú. Lá alguem me informou que o *sargento mór* estava na villa ou uma lavagem de ouro que possuia na vizinhança. Enviei José Mariano para certificar-me. O *sargento mór* não estava na villa; meu mensageiro foi procural-o nas lavras, e eu fiquei duas horas exposto ao sol mais intenso, sem poder achar a menor sombra. Raramente fiquei tão fatigado como naquelle dia.

CAPITULO XIV

PARACATÚ

Historia de Paracatú. — Por quem é hoje em dia habitada. — Sua administração civil. O soberano mal obedecido pelos magistrados. — População de Paracatú e da paróchia de que esta villa é a séde. — Situação de Paracatú. — Os regatos que a rodeiam. Ruas; casas; jardins. — Praça publica. — Fontes. — Igrejas. — Camara municipal. — Tabernas; lojas; commercio. — Exploração das minas — Recursos da villa de Paracatú. — Cultivo das terras. — Gado. — Exportações. — Penuria. — Retrato do *sargento mór Alexandre Pereira e Castro*.

Os paulistas que iam á descoberta de novas terras, não atravessavam jamais um regato sem experimentar a areia do seu leito para verificar se continha ou não ouro. Os que descobriram Goyaz foram conduzidos pelo acaso ao lugar onde está hoje situada Paracatú; encontraram ouro em abundancia no correjo que tem o nome de *Correjo Rico* e consignaram este facto no seu itinerario (1).

Muito tempo depois este roteiro cahiu nas mãos de José Rodrigues Fróes, que pertencia a uma familia importante de S. Paulo. Este parte só com dois escravos pretos, atravessa regiões ainda deshabitadas, e, em 1744, chega enfim ao lugar que procurava com tanta coragem e ardor.

Tendo encontrado peixes de sabor agradável no Cor-

(1) Conta-se mesmo que, para melhor fazer conhecer o local designado, se reuniram ali duas palmeiras com uma corrente.

rego Rico, imaginou dar ao paiz que acabava de descobrir o nome de *Pyra-catú*, que tomou á *lingua geral* dos indios litoraneos, fiel ao antigo costume adoptado pelos velhos paulistas. Os trabalhos dos mineiros destruíram os peixes que viviam no Corrego Rico; o nome de Pyracatú se alterou e fizeram Paracatú. Entretanto algumas pessoas que não são extranhas á historia do paiz conservam ainda o nome primitivo (2).

Os successos de José Rodrigues Fróes ultrapassarant suas esperanças. Retirou do Corrego Rico uma quantidade de ouro consideravel, e levou para Sabará o fructo dos seus trabalhos. Foi nomeado *guarda-mór* (3) e lhe concederam a *data de preferencia* (4), que é de uso conceder aos que descobrem minas. Fróes voltou a Paracatú com grande número de homens que queriam partilhar os thesouros das novas minas; muitas pessoas vieram tambem de Goyaz; enfim a reputação das riquezas da região foi em breve tal, que varios portuguezes europeus atravessaram o deserto para se fixarem em Paracatú.

Nos primordios retirava-se, sem grande trabalho, uma enorme quantidade de ouro do Corrego Rico e de alguns regatos vizinhos, os Corregos de *S. Domingos*, de *S. Antonio* e de *Santa Rita*. Os mineradores de Paracatú compraram grande numero de escravos (5), e em pouco tempo se ergueu uma nova villa.

(2) O caminho do correio traz mesmo o nome de *Piracatu* (1819).

(3) O guarda-mór é um magistrado encarregado da distribuição dos terrenos auríferos (*Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 239).

(4) Entende-se por *data* o lote de terreno aurífero que o guarda-mór pode dar a cada um.

(5) O famoso Felisberto Caldeira Brant, que, no governo de Gomes Freyre, foi o terceiro contratador dos diamantes do Brasil, e, accusado de malversações, foi encarcerado em Lisboa, onde morreu, era, segundo Southey (*Hist.*, III, 624), um rico minerador de Paracatú.

Fazia-se então vir com grande despezas vinhos e outras mercadorias da Europa, atravez do deserto; gastavam-se sommas consideraveis em festas de Igreja; havia musicos; um pequeno theatro, e os proprios negros, nas suas folganças, espalhavam, dizem, ouro em pó sobre a cabelleira de suas melhores dansarinas (6).

Entretanto, toda essa opulencia não podia ser de longa duração. Todos desperdiçavam as riquezas, ninguem fundou uma fortuna duravel. A maior parte dos primeiros colonos, que eram celibatarios, não pensava no futuro, e os casados, arrastados pelo exemplo dos outros, mostraram-se tambem imprevidentes.

As minas dos arredores de Paracatú estão longe de se acharem exgetadas, mas pouco a pouco se foram tornando de mais difficil exploração. O amor e o reconhecimento fizeram libertar grande numero de escravos (7); os outros morreram e não puderam ser substituidos. Apenas hoje em dia (1819) contam-se em Paracatú duas ou tres pessoas que se occupam em grande escala da exploração de ouro; a população desta villa diminuiu sensivelmente, e não se vê mais do que pequenissimo numero de brancos, geralmente pobres, e aos quaes o clima e a ociosidade fizeram perder o espirito emprehendedor de que seus páis foram animados.

Existem em Paracatú muitos mulatos; mas são os negros livres e creolos que formam hoje em dia a maior parte da população dessa villa. Suas mulheres fiam algodão para fazer tecidos grosseiros; alguns homens têm officios, a maioria vai, de tempos em tempos, procurar um pouco de pó de ouro nos correços vizinhos. Quasi todos vivem

(6) Vide a introdução à minha *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*.

(7) Isto bastaria para provar que induziram em erro o sr. Jacques Arago quando lhe disseram que os brasileiros não libertavam os seus negros.

em extrema pobreza; mas acham isso preferivel a evital-a á custa de alguma trabalho. Pode-se crer facilmente que homens sem occupações e sem princípios são inclinados a mais de um vicio. O roubo, que nasce da ociosidade e a favorece, é um dos que mais se censuram nos negros de Paracatú; *muito frequentemente roubam os animaes dos fazendeiros da vizinhança.*

Durante muito tempo Paracatú fez parte da comarca de Sabará. Foi a principio um simples povoado, depois um *jugado* e, por fim, um decreto de 20 de Outubro de 1798 elevou-o a villa sob o nome de *Villa de Paracatú do Principe* (8). Durante o espaço de dezoito annos, Paracatú ficou sendo a séde de um *termo* administrado por um *juiz de fóra*; mas, a 17 de Março de 1815 (9), erigiram este *termo* em séde de comarca, e, como já tive occasião de dizer, reuniram-se á nova comarca as justiças de Araxá e Descimboque. Decidiu-se tambem que Paracatú, tendo um ouvidor, não possuiria mais *juiz de fóra*, porém, somente dois juizes ordinarios e um *juiz de orphãos*.

Na época da minha viagem havia já certo tempo que o novo *ouvidor* de Paracatú estava nomeado; mas não pensára ainda em deixar o lugar da sua residencia. Era esse um uso geral no Brasil, que os administradores só se dirigissem aos postos muito tempo após a nomeação. Viam-se capitães-generaes ficar varios annos no Rio de Janeiro, antes de partirem para os seus governos; apparecer na côrte e mercadejar com o rei o preço dos seus futuros serviços. Conheciam a fraqueza do principe e aproveitavam-se disso.

Embora desligada de Sabará, Paracatú continuava, por occasião de minha viagem, a depender della no que

(8) O nome de *Paracatú do Principe* só é empregado nos actos publicos; no uso corrente diz-se simplesmente Paracatú.

(9) Esta data e a precedente foram tomadas a Pizarro.

concerne á fundição do ouro (10). Na verdade, o *ouvidor* desta última villa é tambem intendente do ouro; mas o metal extrahido de todo o territorio de Paracatú devia ser fundido em Sabará. Havia, na sêde da nova *comarca*, duas *casas de permuta*, onde se trocava o ouro em pó por *bilhetes de permuta*, e, de tres em tres mezes, se fazia, na *Intendencia do ouro* de Sabará, a entrega do que se reunira nas casas de cambio (11).

Quanto ao espirital, Paracatú é a sêde duma parochia que, outr'ora, se estendia até Salgado (12), e que foi successivamente reduzida, á medida que o Sertão se foi povoando. Hoje em dia (1819), ella tem 30 leguas no maior comprimento e cerca de 16 de largura; mas, esse immenso territorio, não comprehende mais do que 7000 almas, das quaes 3000 em Paracatú e um raio de cerca de 1 legua. O que prova, além do mais, como esta villa diminuiu de importancia, depois que suas minas começaram a se exgottar é que, segundo Pizarro, se contavam ali 12.000 habitantes em 1766, e então a sua população já não era tão grande como o foi em sua origem (13).

Paracatú está situada nos limites de uma planicie, sobre a parte mais baixa de um vasto planalto que corôa um morro pouco elevado e que se estende por uma encosta quasi insensível. Este morro é rodeado por quatro regatos, e se prende, por uma especie de isthmo, á serra

(10) Si de 1822 a 1829 não se creou em Paracatú *casa de fundição*, o sr. Walsh se enganou quando disse que, na ultima dessas épocas existia uma, em Minas, em cada sêde de *comarca* (*Notes*, II, 138).

(11) Minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc. (I, 328, e seg.), contem informações sobre as *casas de permuta*, os *bilhetes de permuta*, e tudo o que se relaciona com a circulação e fundição de ouro.

(12) Acham-se informações minuciosas sobre Salgado na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 407.

(13) *Mem. hist.*, VIII, segunda parte, 213.

chamada *Morro da Cruz das Almas*, do qual não é realmente sinão a continuação, pois que lhe segue exactamente o declive.

Tres dos corregos, de que acabo de fallar, têm suas nascentes no morro da Cruz das Almas, a saber: o *Corrego Rico* (14), o *Corrego dos Macacos* e o de *S. Domingos*. O *Corrego Rico*, do qual já fallei, deve o seu nome a grande quantidade de ouro que os primeiros mineiros extrahiram do seu leito, e faz por si só a volta de cerca da metade do morro sobre o qual se construiu Paracatú; o *Corrego dos Macacos* banha um dos lados do morro e se reúne em pouco ao *Corrego Rico*; o de *S. Domingos* não toca, por assim dizer, o morro, sinão por um ponto (15); enfim, o *Corrego Pobre*, também chamado *Corrego Superbo* ou do *Menino-Diabo*, completa esta especie de cintura. Os tres primeiros desses corregos, e principalmente o *Corrego Rico*, foram o theatro dos trabalhos dos mineradores, e suas margens, revolvidas de todas as maneiras, deixam a descoberto uma terra vermelha escura. O *Corrego Pobre* fornecia muito menos ouro que os outros, donde lhe veio o nome. O de *Superbo*, que também teve, lhe veio de que, nos tempos de chuva, se torna bastante consideravel. Eis, por fim, a origem do nome de *Menino Diabo*, que recebeu ainda: Nos primordios de Paracatú, houve grande rivalidade entre os jovens que habitavam a parte baixa da villa, perto da igreja de Sant'Anna, e os que moravam no alto, perto da igreja. Uns e outros banhavam-se, á tarde, no *Corrego Pobre*, que se tornava o theatro das suas disputas, e foi isso o que fez darem o nome ao riacho de *Corrego do Menino Diabo*.

(14) Escrevendo a palavra *corrego* segui sempre a verdadeira orthographia portugueza; mas, em Paracatú, como no resto da provincia das Minas, pronunciavam *corgo*.

(15) A fonte do *Corrego de S. Domingos* chamada *Olhos d'Agua* fornece a agua que se bebe ordinariamente em Paracatú.

A villa de Paracatú apenas occupa uma pequenissima parte do planalto em que foi construida, e se eleva logo ácima do Corrego Pobre. Sua forma é alongada; as principaes ruas seguem a inclinação quasi insensivel do morro. Situada sob um bello ceu, em uma região descoberta, na extremidade de uma planicie rodeada de pequenas montanhas, Paracatú não podia deixar de apresentar um ar de alegria extranho a todas as localidades da parte oriental de Minas Geraes, e sua posição adquire maior encanto ainda, aos olhos do viajante, pelo tedio que experimentou por tanto tempo antes de chegar a esse especie de oasis.

As principaes ruas de Paracatú são largas, regulares e pavimentadas: as casas que as formam constam apenas, na maior parte, do rez-do-chão; são baixas, pequenas, construidas de *adobes*, mal caiadas e cobertas de telhas. Todas têm gelosias que avançam um pouco obliquamente para a rua, á maneira de alcofos, abrem-se de cima a baixo e são formadas de varas cruzadas e muito proximas. Grande numero de casas estão hoje em dia desertas e mal conservadas. As que são construidas ao lado da villa, sobre a margem do Corrego Rico, são habitadas por negros creoulos; são muito pequenas, sem reboco e annunciam extrema indigencia.

Disee já que em todas as villas e povoações mineiras, cada casa tem um pequeno recinto (quintal) onde se plantam principalmente bananeiras e laranjeiras. Esses recintos são mais numerosos, talvez, em Paracatú do que alhures, e os grupos d'arvores que os enchem produzem um effeito muito agradável quando se descobre a villa do alto dos morros vizinhos; aliás, com poucas excepções, não se vêem nos jardins de Paracatú, como na maioria das outras villas, sinão arvores fructiferas agrupadas sem nenhuma ordem; mas, quando a indolencia dos habitantes não se oppuzesse a que tivessem um pouco mais do cui-

dado com seus jardins, elles achariam, na raridade da agua e nas destruições das formigas, grandes obstaculos á cultura dos legumes e das flores.

Não existe em Paracatú mais do que uma praça publica, cuja forma é approximadamente a de um triangulo e que termina uma das ruas principaes chamada a *Rua Direita*.

E' na extremidade desta praça que se construiu a igreja de Sant'Anna, a mais antiga de Paracatú. Além desta igreja, que já cáe em ruínas, ha ainda quatro outras, todas construidas de barro. A igreja parochial, dedicada a S. Antonio, é ornada com gosto; resente-se apenas de pouca claridade. Depois desta ultima, a do Rosario, construida á custa dos escravos, é a maior e melhor ornada.

Dois chafarizes fornecem agua aos habitantes de Paracatú; mas não têm o melhor ornato.

A *casa da camara* é uma pequena casa quadrada, de um andar, e cujo rez-do-chão serve de prisão, de accôrdo com o costume da provincia.

Vêm-se em Paracatú grande numero de tabernas e varias lojas bem sortidas. Poucos commerciantes têm transacções directas com o Rio de Janeiro; a maioria manda vir de S. João d'El Rei os artigos de que carecem e enviam, em troca, couros crus e algodão.

Tempo houve em que, com o auxilio de uma *batea* se retirava, de uma vez até meia libra de ouro do Corrego Rico (16), e hoje em dia as minas de Paracatú são ainda bem ricas. Na verdade, quando da minha passagem, este corrego não rendia aos *faiscadores* (17) mais de 1 a 2 vîn-

(16) Piz., *Mém. Hist.*, VIII, parte segunda, 214.

(17) Os *faiscadores* são homens muito pobres para se entregarem a grandes trabalhos, e que vão procurar um pouco de ouro na areia dos rios ou no residuo das lavagens. Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 257.

tens (46 14/16 cent.) de ouro em pó durante um dia inteiro, porque a estação havia sido extremamente secca; mas quando chuvas muito abundantes acarretam com ellas muita areia, estes homens têm, ás vezes, dias de 1.200 réis (7 f. 50 c.) e mais ainda. Entretanto, a falta de capitães e de escravos não permite que se emprehendam explorações em maior escala, e outra causa, a raridade das aguas, tambem é um obstaculo. Quando os primeiros mineradores se vieram estabelecer nesta zona todos os correjos estavam marginados por florestas; foram cortadas, e a agua tornou-se muito menos abundante.

Entre as tres ou quatro pessoas que, por occasião da minha viagem, se occupavam em grande da procura de ouro nos arredores de Paracatú, devo citar meu digno hospedeiro, o *sargento mór* Alexandre Pereira e Castro. Acabava de encetar a exploração de uma mina acima da cidade, em um terreno cuja superficie já fôra explorada superficialmente pelos antigos mineradores. A uma profundidade de 50 *palmas* (11 metros), encontrára um *casca-lho* (18) muito rico, e d'elle retirára ouro de 23 quilates da mais linda côr, enquanto que o que se encontra em geral no leito dos rios é apenas de 19 quilates. Em geral observa-se nesta região, e talvez succeda o mesmo no resto da provincia, que o ouro é de titulo tanto mais elevado quanto recolhido a maior profundidade. O *sargento mór* abriu reservatorios para recolher as aguas pluvias, e pequenos canaes para conduzir estas á mina, e é de crer que tenha obtido algum resultado.

Entretanto, é preciso dizel-o, estes esforços isolados não poderiam trazer muito grandes resultados. Não se poderá tirar partido das minas de Paracatú sinão for-

(18) Os mineradores designam por este nome uma mistura de pedras e areia que contem parcelas de ouro (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.* 1, 245).

mando sociedades que reunam fundos bastante consideráveis para arcar com as despesas preliminares. Mas, como as fortunas aqui são actualmente muito mediocres, taes sociedades são, talvez, impossíveis: além do mais a apathia, a falta de ordem, uma desconfiança bastante justificada não permittiram, até este dia (1819), que o espirito de associação penetrasse nos costumes dos brasileiros; por outro lado, talvez fosse uma desgraça para o paiz, que estrangeiros disso se encarregassem, porque levariam para suas pátrias o fructo dos seus trabalhos.

O rendimento das minas irá, sem duvida, diminuindo continuamente; mas a villa de Paracatú encontrará recursos que lhe advêm do titulo de séde de *comarca*; encontra-o-á principalmente nos productos dos seus arredores, e na venda do gado que nutrem suas pastagens.

As terras dos arredores de Paracatú prestam-se a todas as culturas. A canna de assucar, o milho, o atroz, o feijão, a mandioca ahí se desenvolvem igualmente bem. Como nas outras partes da provincia das Minas, semeam-se duas vezes em seguida os terrenos virgens; é necessario, depois disso, deixar repousar o solo durante cinco annos, a fim de que os soutos adquiram força bastante para se poderem queimar, e, cinco annos mais tarde, cortam-nos de novo para queimar-os novamente. Quando se tem o cuidado de dar ás terras um repouso desta duração, o *capim gordura* (*Melinos minutiflora*) não se alastra; porém, se as enfraquece não interpondo tempo sufficiente entre dois annos de cultura, a ambiciosa graminea não tarda a se mostrar.

Em redor de Paracatú é-se obrigado a dar constantemente sal ao gado; como porém, as terras são um tanto salitradas, a distribuição não se faz sinão de tres em tres mezes. É o sal de Pilão Areado (19) que se emprega para

(19) Este sal é o que fornecem, a cerca de 130 leguas de Salgado, as duas margens do S. Francisco (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 412). Toma o nome de sal de Pilão

este effeito, aquelle que chamam *sal da terra*. O sal proveniente do oceano seria muito caro, e não havia, mesmo, d'elle, em Paracatú, na época da minha passagem. Mais perto do S. Francisco não é necessario fazer a mesma despesa; as terras salitradas são ali communs como a leste deste rio (20); o gado se sacia della com avidéz, e suprem o sal.

Nos arredores de Paracatú só se incendiam os pastos durante os mezes de Junho, Julho e Agosto, quer dizer, na estação da secca, e o fogo não se alastra quando o ateam antes dessa época. Todavía, os proprietarios que querem ter mais cedo herva fresca para suas suas vaccas leiteiras guardam uma certa extensão de pastos, sem atear-lhe fogo, durante um anno. e podem queimal-os no anno seguinte, já em Abril ou Maio.

E' pouco, para uma região, ser fertil, si, como o sul da provincia de Goyaz, não possui meios para exportar os seus productos. Não succede o mesmo em Paracatú. Esta villa está afastada, apenas, 8 leguas do *Porto de Bezerra*, onde o rio, tambem chamado *Paracatú*, é navegavel. Este rio que, segundo me disseram, tem suas fontes a 14 leguas da villa de Paracatú, na *Serra do Carrapato* (21), reunese ao S. Francisco, e, como disse allures, as margens deste grande rio são, para além de Salgado, de extrema esterilidade (22). Desde que os habitantes dos arredores de Paracatú passaram a se occupar mais com as suas terras. os das margens do S. Francisco vêm, neste paiz, procurar milho, feijão, assucar e aguardente, e trazem em

Arcado, porque é recolhido nos arredores da villa deste nome, na provincia de Pernambuco. Si não me engano, em Paracatú e outras partes de Minas dizem, por corrupção, *Pilões Arcados*.

(20) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 317.

(21) Cuzal diz (*Corog. Bras.*, I, 384) que as principais fontes do Paracatú são o Rio Escuro e o Rio da Prata.

(22) *Viagem pelos provincias de Rio de Janeiro*, etc., II, 412.

troca o sal de Pilão Arcado. Enquanto estava em Paracatú, achavam-se lá mercadores de *Cayeté* (23), que procuravam reunir viveres para levá-los para o seu paiz.

Mas aquelle anno era pouco favoravel a acquisições deste genero; pois que a secca, que reinou durante os mezes em que ordinariamente chove, tinha occasionado uma carestia geral. Era sobretudo na villa de Paracatú que a fome se fazia sentir. Durante algum tempo os generos foram taxados pelo juiz; mas, como ninguem levava mais nada a vender, como é facil de prever, a taxaçoão foi suspensa. Logo que chegava um carro carregado de viveres, cada um se precipitava para ter sua parte, e o magistrado era obrigado a determinar o que cada casa devia comprar. Se não fossem elle e o *sargento môr*, teria partido de Paracatú sem nenhuma provisào.

Durante a estada que tive nessa villa, fui cumulado de gentilezas pelo *sargento môr* Alexandre Pereira e Castro, que puzera sua casa à minha disposiçoão, e fôra alojar-se na vizinhança, e tambem me prestou mil pequenos serviços. Seria impossivel encontrar homem melhor; bastante activo, embora não fosse mais um jovem, sempre alegre, sempre prompto a obsequiar, sempre disposto a desculpar os outros e a tomar o partido da moderaçoão. Amava a sua terra acima de tudo e eria que no mundo inteiro não havia nada superior a Paracatú. O que elle amava mais ainda do que a patria eram as suas minas; porém menos por causa dos lucros que della retirava do que por ter sido elle a abri-las e a realizar trabalhos muito bem planejados.

(23) *Cayeté* ou *Villa Nova do Principe* é uma villa da comarca de Jacobina, na provincia da Bahia (CAZAL, *Corog. Bras.*, II, 137). Esta villa, diz von Martius, tem o mesmo clima e vegetação que Minas Novas; tambem ha trinta annos, que lá se cultiva em grande escala o algodoeiro. Ha em *Cayeté* mercadores que todos os annos enviam à Bahia uma quantidade de algodão que forma a carga de mil bestas, e este lugar tornou-se o mais rico do Sertão da Bahia (*Reise*, II, 597).

CAPITULO XV

VIAGEM DE PARACATÚ À FRONTEIRA DE GOYAZ

Vista que se descortina ao sahir de Paracatú. — *O Morro da Cruz das Almas.* — *A Serra dos Monjolos;* curso de varios rio.. — *Povoado de Monjolos.* — Um canal. Resultado lamentavel da *capitação* para os paizes auríferos. — *Fazenda do Moinho.* — *Fazenda de Tapera.* — O autor sobe ao alto da Serra do S. Francisco e da Paranahyba. — Descrição geral do planalto sobre o qual viaja durante varios dias. — *Fazenda de Sobradinho.* Sua proprietaria. — *Alagadiços.* Plantas que parecem prender-se ás pegadas do homem. — *Caveira;* uma noite ao relento. — O autor entra na provincia de Goyaz.

Para ir de Paracatú ao limite da provincia de Goyaz, podia escolher entre dois caminhos. O mais novo é ladeado de algumas habitações, mas, como atravessa alagadiços, por elle só se viaja commodamente no tempo da secca. Passei pelo mais antigo, ignorando talvez, no momento da minha partida, que houvesse outro (1).

(1) Itinerario approximado da villa de Paracatú a *Arrepellidos,* fronteira da provincia de Goyaz:

De Paracatú a Monjolos, povoado	2 1/2 leguas
„ Monjolos a Moinho, pequena habitação	3 1/2 „
„ Moinho a Tapera, habitação	3 „
„ Tapera á Fazenda do Sobradinho	4 1/2 „
Da Fazenda do Sobradinho a Caveira, margem de um regato, ao relento	6 „
De Caveira a Arrepellidos, aduana	5 „
	24 1/2 leguas

Deixando Paracatú (22 de Maio), atravessei a villa em toda a sua extensão, acompanhado por meu excellente hospedeiro e por um mulato escravo, que fez questão absoluta de me dar para os primeiros dias da viagem. Seguimos o planalto sobre o qual está edificada a villa, até esta especie de istmo que liga esta chapada ao Morro da Cruz das Almas (2). Lá nos detivemos alguns instantes em uma casinhola que dependia das minas do sargento-mór, e donde se descobre uma vista bellissima. Por um lado domina-se Paracatú, cujas casas e igrejas parecem dispersas no meio de grupos de laranjeiras e bananeiras. Em um valle profundo corre o regato de S. Domingos, bordado por duas orlas de vegetação que descrevem graciosas sinuosidades; e, sobre a margem direita do riacho vê-se a pequena capella de S. Domingos, perto da qual se acham casinholas rodeadas de laranjeiras. Pelo outro lado, enfim, avista-se o Morro da Cruz das Almas, cuja superficie está toda coberta de lascas de pedras destacadas pelos antigos mineradores, e no meio das quaes crescem algumas plantas esparvas, principalmente goyabeiras e melastomaceas.

O Morro da Cruz das Almas apresenta uma chapada que pode ter 1 legua de circumferencia. Foi de lá que os antigos mineradores retiraram mais ouro. Fiquei espantado da extensão dos seus trabalhos; não existe, neste local, uma pollegada de terreno que não tivesse sido revolvida; por todos os lados viam-se excavações, montes de pedra, reservatorios cavados para receber as aguas pluvias, canaes destinados a favorecer o seu escoamento; por toda a parte a imagem da desordem e da ganancia. No meio desta especie de cháos viam-se, todavia, numerosas casinhas construidas de pedra e habitadas por negros creoulos que passam a vida a ajuntar um pouco de pó de ouro, seja

(2) Vide o capitulo precedente.

nes correços vizinhos, durante a secca, seja no planalto, na estação das chuvas.

Depois de descer o Morro da Cruz das Almas, percorri, até *Monjolos*, uma região montanhosa, coberta de arvores enfezadas, dispersas no meio das gramíneas. Os terrenos outrora cultivados estão cobertos de *capim gordura*.

Antes de chegar a *Monjolos*, lugar onde fiz alto, atravesssei uma parte da Serra do mesmo nome, *Serra dos Monjolos* (3), no lugar onde o Corrego de Santa Rita tem a sua nascente, quer dizer, a cerca de legua e meia de Paracatú. Os correços de S. Domingos e de S. Antonio, de que fallei acima, lançam-se no Santa Rita, e este ultimo reúne suas aguas ás do *Ribeirão de S. Pedro*, que começa na Serra do S. Francisco e da Parahyba, perto do lugar chamado *Tapera*. O *S. Pedro* se lança no *Rio da Prata*; este no *Rio Preto*, navegavel por canoas; e por fim, este ultimo, no Paracatú.

Monjolos, lugar onde me apeei, é uma especie de pequeno povoado de algumas casinhas esparsas num vallão, ás margens de um correço, e habitado por negros creoulos e livres.

No dia seguinte, entre *Monjolos* e *Moinho*, segui uma planicie estreita e alongada, marginada de um lado pela Serra dos *Monjolos*, do outro pela de *Capitinga*, que ambas têm pouca elevação. A uma legua de *Moinho*, o terreno torna-se mais desigual.

De longe vi, na Serra de *Capitinga* (4), o lugar onde começa um canal que outrora, depois de percorrer um espaço approximado de 6 leguas, levava agua para uma das minas dos arredores de Paracatú. Este canal foi aber-

(3) Os *Monjolos* são uma tribu de negros africanos.

(4) No capitulo intitulado *Continuação da viagem ás fontes do S. Francisco*, etc., fallei de uma fazenda tambem chamada *Capitinga*, e dei a etymologia deste nome.

to, no decorrer do ultimo seculo, por uma sociedade de mineiros que delle não pôde retirar nenhuma vantagem. Contando com grandes lucros, tomou adiantamentos consideraveis, mas a lei da *capitação* foi promulgada antes que ella começasse a reconstituir os capitães. A lei exigia o pagamento annual de 5 oitavas de ouro (5), por escravo; a sociedade, já onerada, não pôde resistir a carga tão grande; seus escravos foram apprehendidos por conta da *fazenda real*, e ella se dissolveu sem ter obtido o menor resultado. Havia muito tempo, por occasião da minha viagem, que a *capitação* fôra supprimida; mas parece que, durante os poucos annos em que vigorou, trouxe as maiores desvantagens ás regiões auríferas.

No correr da mesma jornada traspuz tres corregos bordados, á direita e á esquerda, de uma liseira de bosques e, perto de cada um delles, vi uma cabana; foram as unicas que avistei nesse dia.

Moinho, onde passei a noite, é uma pequena *fazenda* que pertencia ao sargento-mór Alexandre Pereira e Castro, e onde me alojaram sob o telheiro que cobria o monjolo.

Antes de chegar a Paracatú, sentira um calor muito forte. Enquanto fiquei nessa villa, e no primeiro dia de viagem, fizera ainda muito calor durante o dia, mas as noites eram deliciosas. A noite que passei em Moinho foi fria, o que provinha, sem duvida, não só de que me approximava cada vez mais da grande cordilheira, como ainda de que estava em um valle, á margem de um regato.

(5) O valor intrinseco de uma oitava de ouro é 1\$500 réis. Deducção feita de 300 réis que se descontam, nas intendencias e casas de fernuta para o quinto, ou imposto de 20 %, devido ao fisco, ficam 1\$200 réis; assim dá-se á oitava (annos de 1816 a 1822), na provincia de Minas, o valor de 1\$200 réis. Como creio, por motivos que seria muito longo e inutil deduzir, que, no pagamento da *capitação*, a oitava se avaliava á razão de 1\$500 réis, o imposto percebido annualmente pelo trabalho de cada negro se elevava á quantia exorbitante de 7\$500 réis ou 46 fr. 87 c.

Depois de deixar Moinho, atravessci a planicie de que falei acima, e, tendo subido a Serra dos Monjolos, que não é sinão um dos contrafortes da grande cadeia, segui até *Tapera*, um planalto interrompido somente por algumas desigualdades.

A 2 leguas de Moinho passei por perto da *Fazenda do Carapina*, mais consideravel do que as vistas de certo tempo a essa parte. Está situada á margem do *Ribeirão de S. Pedro*, que já atravessara, á pequena distancia de Moinho.

Fiz alto na *fazenda* de *Tapera*, onde fui bem recebido e me indicaram os nomes e propriedades de varias especies de plantas usadas no paiz.

As terras deste districto são boas e rendem de dez a dezesseis carros de milho por *alqueire*; são, tambem, muito favoraveis á cultura da mandioca e da canna de assucar.

Em *Tapera* encontrei-me, pela segunda vez, sobre o planalto que corôa a Serra de S. Francisco e da Parahyba, e segui-o num espaço de cerca de 16 leguas, até o Registro dos Arrependidos. De accordo com o que já disse acima, é evidente que o planalto da Serra dos Monjolos vem confundir-se com o da grande cadeia, e não poderei mesmo precisar o ponto em que a separação se opera.

Vou lançar sobre este ultimo um golpe de vista geral, e depois continuarei o relato da minha viagem.

Póde ter cerca de 6 leguas de largura. Nos lugares menos elevados vêem-se pequenas moitas arborescentes, nos outros, pastagens constituídas unicamente de arvores enfezadas, mais approximadas e vigorosas á medida que o terreno toma uma coloração mais avermelhada (6). Algumas depressões são pantanosas e cobertas por uma herva espessa em cujo meio se erguem pequenas moitas

(6) Vide o que escrevi anteriormente.

de arvores agrupadas, de um verde escuro, caule delgado e ramificado desde a base; esses alagadiços transformam-se provavelmente em lagos na estação das chuvas e têm no paiz o nome de *lagôas*.

De accordo com as informações que me deram, as arvores do planalto, assim como as dos arredores de Paracatú, não se despojam completamente das folhas, tal como succede nas *catingas* de Minas Novas e nas das margens do S. Francisco.

O chapadão produz milho; feijão e arroz; mas a temperatura é ali muito baixa para o algodão e a canna de assucar. Para o lado de Tapera as terras são excellentes e são susceptíveis de cultivo mesmo aquellas de que o *capim gordura* se apoderou; mas não succede o mesmo com o resto do planalto; apenas se semcou um campo uma ou duas vezes, o *capim gordura* o cobre inteiramente, e não se desenvolve de modo sufficiente para que se o possa queimar e semear nas suas cinzas.

No planalto é-se obrigado a dar sal ao gado; mas, do lado de léste, a pequena distancia da cadeia, já existem sufficientes terras salitradas para dispensar essa substancia.

Entre Tapera e *Sobradinho* avistei algumas pequenas choupanas; mas, após esta ultima *fazenda*, num espaço de 11 leguas, não encontrei mais do que uma choça miseravel, e, entretanto, o caminho é um dos que vão de Minas a Goyaz. De varios pontos lobriga-se um panorama dilatado, mas não se percebe nenhuma habitação, nem vestigios de cultura.

Tinham-me dito que eu encontraria, nesse planalto deserto, grande numero de animacs selvagens, mas não vi nenhum; vi tambem poucos passaros. Ha muito passára já a estação dos insectos (7); não encontrei sinão algu-

(7) O tempo das chuvas é, na parte do Brasil situada entre os tropicos, aquelle em que mais abundam es insectos.

mas especies de asas nuas, percevejos, pequeno numero de borboletas e gafanhotos. Não fui muito mais feliz com as plantas; quasi que não as havia em flôr.

À estrada, no planalto, não tem, ás vezes, largura maior que a de uma picada; mas é perfeitamente uniforme.

Vejamos agora algumas particularidades.

Entre Tapera e Sobradinho, que está afastado de 4 leguas e meia, algumas irregularidades nos terrenos impedem, quasi sempre, de gozar, á direita, de um panorama extenso; mas, á esquerda, descobre-se uma planicie immensa.

Foi entre as mesmas *fazendas*, no lugar chamado *Lagoa Torta*, em uma dessas depressões pantanosas acinia descriptas, que eu vi as pequenas chioças já mencionadas. Quanto ao mais, uma solidão completa; por maior que seja a distancia alcançada com a vista não se descobre nem habitação nem cultura, e não vi ninguem no caminho; Firmiano e José Mariano julgaram avistar uma *ema* (aves-truz da America ou *tandú*, *rhea americana*), o outro, um gato selvagem; mas eu não vi um unico desses animaes.

A *fazenda* de Sobradinho, onde me apeei no dia em que deixei Tapera, está localizada á entrada de um bosque regado por um corrego de agua limpida. Quando ahí pedi hospitalidade, uma mulher branca, ainda jovem e bastante bonita, se apresentou e me permittiu, de muito boa vontade, que passasse a noite em sua casa. Em vez de fugir, como fazem as mulheres deste paiz á vista de um extranho, conversou commigo e me fez muitos agrados.

Parceu-me bastante satisfeita com a sua sorte e me contou, com indignação, que um viajante lhe fallara com horror do deserto que ella habitava. Esta mulher não ia nunca a Paracatú, mesmo por occasião das grandes festas; não conhecia no mundo sinão a sua casa e o seu lar; como poderia deixar de amal-os? Ella e o proprietario de Tapera tinham a mesma vaidade de julgar que esta zona

não pertencia ao sertão; o deserto, diziam, só começa além de certas montanhas que se encontram entre esta região e o S. Francisco.

A noite que passei em Sobradinho foi frigidíssima; no dia seguinte, pelas dez ou onze horas da manhã, o sol era tonificante; mas, durante todo o resto do dia tivemos fresco.

Para além de Sobradinho, em um lugar em que as arvores rachilicas se condensavam mais, tornei a ver estes bambú anões que tantas vezes observei no decurso da minha primeira viagem; já os encontrára entre o Parahyba e o lugar chamado Moquem.

Depois de passar uma pequena choupana, a de *Cypriano*, a unica que vi durante o dia todo, encontrei dois dos taes alagadiços de que já fallei; o primeiro chama-se *Lagoa dos Porcos*, e o ultimo, *Lagoa Formosa* (8).

Quando Paracatú era mais povoada e a estrada menos solitaria, via-se uma casa á margem de cada um desses pantanos. Foram abandonadas por causa da raridade dos terrenos cobertos de mattas e susceptiveis de cultura, e, por occasião da minha passagem, apenas existiam dellas alguns destroços. Foi a natureza que teve o cuidado de conservar aqui os vestigios mais perduraveis da presença do homem. Onde estiveram as habitações encontrei plantas que parecem acompanhar a nossa especie: laranjeiras e bananeiras offerceiam ainda seus fructos ao viajante, e a *Cucurbita lagenaria* (cabaça) serpenteava no meio das gramineas selvagens.

Depois de uma caminhada de 6 leguas a contar de Sobradinho, parci para passar a noite á margem de um regato, no lugar chamado *Caveira*. Houve antigamente

(8) Não tenho necessidade de dizer que não se deve confundir este pantano com a *Lagoa Formosa*, donde o Rio Maranhão tira a sua origem (vide *CAZAL, Corog.*, I, 323).

uma casa nesse lugar; mas, na época da minha viagem, estava ella completamente destruída. Meus homens construíram um abrigo com estacas enfiadas na terra e os couros destinados a cobrir a carga dos meus burros. Sob essa especie de tecto foram collocadas as minhas malas e o leito, e os meus empregados se deitaram por terra sobre couros, ao redor de um grande fogo.

Escrevia o diário á luz de uma vela; a natureza estava mergulhada numa obscuridade profunda; a maior calma reinava á minha volta; ouvia apenas o murmurio do regato e o coaxar de algumas pequenas especies de batráchios.

A 2 leguas de Caveira está uma depressão pantanosa onde cerradas moitas de arvoredos e *boritys* (*Mauritia vinifera*, Mart.) crescem no meio de uma relva espessa. Lá se encontra uma pequena fonte de agua limpida que fez dar a este lugar o nome de *Olho d'agua*. Chamam *Chapada de S. Marcos* (9) á parte do planalto em que nasce esta pequena fonte, porque é uma das nascentes do Rio de S. Marcos, que escorre pela vertente occidental da Serra do

(9) Um viajante, que fallou das *chapadas* de Minas Novas, indica-as claramente, tambem, como sendo planaltos (*SUZ., Souv., 343*); mas devo prevenir aos ornithologistas que poderão procurar inutilmente nessas chapadas um passaro chamado *coupy*. Estas duas syllabas, representam na phonetica franceza, a pronuncia da palavra *cupim*, que os brasileiros tomaram á lingua dos indigenas e que designa os termitas ou formigas brancas. As proeminencias de terra, adherentes ao tronco das arvores, não são ninhos de passaros, como julgou o citado viajante, e sim, realmente, habitação de *cupim*. Quando a arvore é de grossura notavel, a proeminencia, como o disse o mesmo escriptor, é simplesmente applicada contra um lado do tronco; rodeia este completamente, quando apenas tem mediocre circumferencia. As formigas chegam a sua habitação por um caminho subterraneo que começa na base do tronco; este caminho tem apenas uma pollegada de largura por algumas de altura, e a abobada que o cobre é construída na terra, como a propria habitação.

S. Francisco e da Paranahyba e vai reunir-se ao ultimo destes rios.

Após ter caminhado cerca de 5 leguas a partir de Caveira, desci o planalto (10) por uma encosta de onde já se avistava a casa do *Registro dos Arrependidos*. Chegado a um valle, atravessei por uma ponte de madeira o Rio dos Arrependidos, que separa a provincia das Minas da de Goyaz, e cheguei ao *Registro*.

No ponto em que desci do planalto, estava na extremidade septentrional da Serra de S. Francisco e da Paranahyba, que tinha percorrido em todo o comprimento. Na base da cordilheira encontrei-me pela segunda vez na bacia do Paranahyba á qual pertence o Rio dos Arrependidos que, provavelmente, se lança no S. Bartholomeu.

(10) Um agricultor da região, em cuja companhia viajei na Chapada de S. Marcos, assegurou-me que esse planalto não se termina na descida dos Arrependidos mas sim que se continua até a povoação de *Couros*, situada a 12 leguas desta descida, e talvez mesmo muito mais longe. Por outro lado o sr. Martius diz (*Reise*, II, 570) louvando-se em informações obtidas dos habitantes da provincia de Goyaz, que o planalto de Couros (*Chapada dos Couros*), se estende longe em direcção ao norte; pode-se, pois, considerar como um facto mais ou menos averiguado, que não ha absolutamente nenhuma interrupção entre a Serra do S. Francisco e da Paranahyba e a do S. Francisco e do Tocantins. Isso acaba de demonstrar como seria absurdo fazer, como propõe Eschwege, uma só cadeia da Serra do S. Francisco e da Paranahyba e da Serra do Corumbá e do Tocantins, emquanto que a Serra do S. Francisco e do Tocantins, perfeitamente continua com a primeira, não seria considerada senão como uma especie de contraforte della, ou passaria despercebida (vide o começo do capitulo XI).

CAPITULO XVI

QUADRO GERAL DA PROVINCIA DE GOYAZ (1)

§ I — HISTORIA

Ideia geral da historia de Goyaz. — Manoel Corrêa descobre esta região. — E' descoberta segunda vez por Bartholomeu Bueno da Silva. — Estratagemas empregadas por este explorador. — O segundo Bueno, seu filho, trata de descobrir o paiz dos indios Goyás; sua expedição fracassa; volta a S. Paulo. — Parte pela segunda vez e reconhece o lugar em que se dederivera seu pai. — Os indios Goyás completamente exterminados. — Uma multidão de aventureiros precipita-se sobre a região de Goyaz. — Carestia dos generos. — A nova colonia sujeita a todos os crimes. — A região de Goyaz erigida em capitania. — A ordem restabelecida pela execução dos regulamentos rigorosos do marquez de Pombal. — Decadencia. Comparação do rendimento das minas de ouro durante varios annos. — Estado actual.

Minas de ouro descobertas por alguns homens audazes e emprehededores; um enxame de aventureiros precipitando-se sobre riquezas annunciadas com o exaggero da esperanza e cupidez; uma sociedade formando-se em meio de todos os crimes, que se habitua a um pouco de moderação sob os rigores do despotismo militar, e cujos costu-

(1) Como este capitulo é bastante extenso, achei que devia dividil-o em varios paragraphos.

mes não tardam a se abrandarem por um clima torrido e uma morbida ociosidade; uma triste decadencia e ruinas; tal é, em duas palavras, a historia da provincia de Goyaz; como é, approximadamente, a de todos os paizes auríferos.

Os antigos paulistas se espalhavam pelo interior do Brasil afim de caçar os indigenas. Estes, reduzidos a escravidão, formavam uma das riquezas dos habitantes de S. Paulo, e mais de uma casa importante possuia, nessa cidade, até seiscentos indios (2). Um paulista, que penetrou por esse modo nos desertos, afim de agarrar escravos, MANOEL CORRÊA, chegou, antes de 1670, até um rio chamado *Rio dos Araês* (3), na região que constitue hoje em dia a provincia de Goyaz, e voltou á patria carregado de ouro e indios escravizados. Corrêa, morrendo, deixou o itinerario das regiões que percorrera; mas, a sua ignorancia era tal, que foi impossivel aproveitar os seus manuscritos.

Pelo anno de 1680 outro paulista, BARTHOLOMEU BUENO DA SILVA, chegou ao local onde está actualmente situada *Villa Boa* e que, nessa época, era occupada pelos indios pacificos da nação *Goyú*. As parcelas de ouro com que se ornavam as mulheres destes selvagens trahiram a riqueza da zona. Para submeter os habitantes, Bueno recorreu ao stratagemma, na apparencia, mais pueril: accendeu um vaso cheio de aguardente perante os indios espantados, e ameaçou-os de queimar da mesma maneira a elles e seus rios si ousassem resistir-lhe. Os indios se submeteram e Bueno, depois de deixar algumas plantações no local, voltou a S. Paulo carregado de ouro e tão grande numero de captivos que com elles seria possivel povoar

(2) A lei não permittia escravisar senão os indigenas feitos prisioneiros em guerra legitima; mas o dispositivo legal era sem cessar violado ou sophimado.

(3) Os *Araês* ou *Araéis* eram uma tribu indigena.

uma cidade. Os expedientes censuráveis de que, com exito, lançou mão esse aventureiro, valeram-lhe o cognome de ANHANGUERA, que significa velho diabo (4), designação que os seus descendentes conservaram até nossos dias.

O ardor com que os paulistas se precipitaram na provincia de Minas Geraes lhes fez esquecer durante muito tempo as partes mais occidentaes do deserto. Todavia a descoberta das minas de *Cuyabá* fez recordar as de Goyaz, e RODRIGO CEZAR DE MENEZES, governador de S. Paulo, incitou seus governadores a voltarem a essa região, exaltando-lhes a imaginação, e offerecendo-lhes o attractivo longinquo das mais bellas recompensas.

Quando penetrára no districto dos indios goyazes, Bueno tinha em sua companhia um filho com a idade de 12 annos, com o mesmo nome que o seu. A criança envelhecera, mas sem perder a lembrança da viagem de seu pai; foi offercer seus serviços a Menezes: este os accitou; forneceu auxilio a Bueno, e prometteu-lhe, si sua empreza fosse bem succedida, conceder-lhe como recompensa, a peagem de varios rios.

Pelo fim do anno de 1721 o segundo Bueno parte de S. Paulo com seu genro João Leite da Silva Ortiz, levando dois religiosos e numerosa comitiva. Depois de errar por muito tempo, estes homens audazes ultrapassaram a méta

(4) E' isso, pelo menos, o que dizem os historiadores do nome de *Anhanguera*; mas não é verosimil em absoluto, que os goyanos fallassem o guarani, e a palavra *Anhanguera* pertence seguramente a esta lingua. A alcunha que ficou para os descendentes de Bueno lhe foi dada, sem duvida, pelos indios do litoral ou pelos proprios paulistas, que, como se sabe, fallavam a lingua geral, dialecto do guarani. *Anhang*, em guarani, significa *clma*, *demonio* (RUIZ DE MONTOYA, *Tes. leng. guar.*); ouvi um indio do Paraguay servir-se do termo *anhangue*, fallando do pesadelo ou de uma suffocação; enfim *ra* é uma expressão que indica a semelhança (*op. cit.*). *Anhanguera*, em lugar de *velho diabo*, significaria, pois, o *homem semelhante ao mau espirito que produz o pesadelo*.

que desejavam attingir, e encontraram um rio bastante largo que recebeu delles o nome de *Rio dos Pilões*, que ainda tem hoje (5). Como este rio corre sobre uma areia aurifera, Leite manifestou desejos de se fixar em suas margens; mas Bueno se oppoz, assegurando que este não era o verdadeiro paiz da nação Goyá, e teriam brigado sem os esforços apaziguadores dos dois ecclesiasticos que acompanhavam a expedição.

Tendo-se posto novamente a caminho, passaram, sem o saber, pelo lugar procurado, e chegaram ás margens de outro rio que chamaram *Rio da Perdição* para lembrar, sem duvida, a infelicidade de se terem perdido no meio dos desertos. Todavia o ouro, que nossos aventureiros descobriram, em breve, num braço de rio que chamaram *Rio Rico*, fez nascer entre elles novas disputas. Não se pode voltar a encontrar, com absoluta certeza, este *Rio Rico*; mas é mencionado em velhos itinerarios como encerrando as maiores riquezas. Bueno quiz deter-se nesse lugar, mas Leite se oppoz por sua vez, resentido por ter sido forçado a ceder a seu sogro nas margens do *Rio dos Pilões*. Pegaram em armas, e o sangue teria corrido si os dois sacerdotes não interferissem pela segunda vez.

Obrigado a renunciar ao seu projecto de estabelecimento neste lugar, Bueno poz-se novamente em marcha, procurando sempre as plantações que seu pai fizera no paiz dos goyazes. Por fim, depois de vencer difficuldades sem numero, a tropa chegou á margem do *Rio Paranarí* (6) e foi mesmo até o lugar onde está hoje a povoação de S. Felix, mas as forças e a coragem desses aventurei-

(5) Devo dizer que Casal pensa que se trata de dois rios differentes.

(6) Por uma dessas confusões infelizmente tão communs na sua preciosa obra, Pizarro tomou (*Mem.*, IX, 148) este rio, um dos affluentes do Tocantins, pelo *Paraná*, rio formado pela reunião do Paranahyba e do Rio Grande, e cujas aguas, unidas ás do Paraguay, vão ter ao Rio de la Plata.

ros estavam exgottadas. No desespero, recusaram obedecer ás vozes dos seus chefes e se separaram. Uns, tendo construido jangadas, embarcaram-se sobre o Rio Tocantins, e, tendo chegado ao Pará, foram encarcerados; outros cahiram nas mãos dos indios, e Bueno, quasi só, voltou a São Paulo ao cabo de tres annos, envergonhado, e fugindo aos olhares do governador.

Mas este sabia o quanto se podia esperar da constancia e intrepidez de Bueno; decidiu-o a apprehender segunda viagem e lhe concedeu os elementos necessarios. Nosso paulista poz-se em marcha no anno de 1726 com a idade, então, de 55 annos, e atravessou ainda uma vez desertos onde não havia caminhos, e numerosos cursos d'agua se oppunham, sem cessar, a seu avango. Emfim, após varios mezes de caminhadas e fadigas incriveis, encontrou num desfiladouro os restos de um freio de cavallo e outros destroços que só europeus podiam ter deixado. Tomou a resolução de acampar nesse lugar, e enviou a explorar as redondezas alguns homens que, tendo encontrado dois velhos da nação Goyá, o levaram ao chefe. Este perguntou aos indios se conheciam o lugar em que os brancos tinham estado antigamente; os dois selvagens responderam a Bueno que elle se achava bastante perto; fizeram-no caminhar cerca de 2 leguas, e o feliz paulista reconheceu emfim o lugar onde, na infancia, estivera com seu pai. E' lá que se vê hoje em dia a povoação de *Ferreiro*, situada a 1 legua de Villa Boa.

Bueno voltou a sua patria com 8000 *oitavas* de ouro (75.000 fr.), e annunciou que tornára a encontrar o rico territorio habitado pela nação Goyá. O governador de S. Paulo encarregou-o de administrar esse paiz na qualidade de *capitão môr regente*; confiou-lhe o encargo de distribuir *sesmarias* (7) aos novos colonos, e renovou as anti-

(7) Concessões de terrenos auriferos.

gas promessas. Ao mesmo tempo enviou tropas a Goyaz para garantir os direitos devidos sobre o ouro ao thesouro regio, e estabelecer peagens sobre os rios.

O novo *capitão mór*, de volta á região, procurou, com bons tratos, attrahir as sympathias dos índios e impedil-os de levarem a desordem ao seio da colonia nascente. Mas estes, sentindo bem que cedo ou tarde seriam reduzidos á escravidão, ou expulsos do seu paiz, fizeram todos os esforços para afastar os recém-vindos. A guerra, tendo começado, foi fatal aos indígenas. Os desgraçados goyazes foram obrigados a abandonar completamente o territorio de que eram senhores legitimos; desappareceram pouco a pouco, e hoje delles apenas resta o nome.

Entretanto a fama das riquezas de Goyaz, attrahia, em breve, um numero prodigioso de aventureiros, e fundaram-se as povoações de Barra, Santa Cruz, Meiaponte, Crixá, Natividade, etc. Nessa época extrahiam-se sem difficuldade consideraveis quantidades de ouro dos rios e córregos, mas não se pensava em cultivar a terra. Era necessario que os viveres viessem de S. Paulo, atravez do deserto, e nunca eram bastantes para a população que já cobria o paiz. Os artigos mais communs se vendiam por preços exorbitantes. Por 1 *alqueire* de milho obtinham-se 6 ou 7 *oitavas* de ouro (54 fr. 22 c. ou 65 fr. 59 c.); por 1 *alqueire* de farinha de mandioca, 10 *oitavas*, 2 por 1 libra de assucar, e se chegou até a dar 80 *oitavas* por um porco, e por uma vacca 2 libras de ouro (8).

Ao mesmo tempo que uma numerosa população, como por magia, se espalhava pela região de Goyaz, os vicios mais horribes ali se precipitavam em sua companhia. Bandos de criminosos tinham encontrado nesses desertos ri-

(8) O *alqueire* do Rio de Janeiro equivale, segundo Freycinet, a 40 litros; a libra a 4 hectogrammas e 6 decigrammas. Hoje em dia o *alqueire* de Goyaz é mais forte que o de Minas, que por sua vez o é mais do que o da capital.

quezas com impunidade, e no meio de uma sociedade nascente, onde nenhum policiamento existia ainda, podiam sem temor entregar-se a todos os excessos. Em vão os magistrados erguiam a voz para reprimir taes desordens; tão corrompidos como aquelles que deviam punir, eram por elles desprezados. Rixas renovavam-se continuamente; nenhum homem ousava ir ao encontro de outro sem levar armas, e não as largavam nem mesmo para se apresentarem nas igrejas.

Nesse tempo Goyaz fazia parte da provincia de S. Paulo. O governo sentiu, por fim, que a autoridade dos capitães-generaes desta provincia tinha os effeitos paralizados pelo afastamento em que ficavam dos seus administrados, e Goyaz tornou-se uma capitania. Seu primeiro governador, D. MARCOS DE NORONHA, CONDE DOS ARCOS, tomou posse a 8 de Novembro de 1749, e fixou-lhe os limites. Governou bem, sem duvida, mas sómente a rigorosa execução das ordens do marquez de Pombal pôde arrancar a provincia de Goyaz do estado pavoroso de anarchia em que se submergira, e o temor da punição, é doloroso dizel-o, operou uma mudança, que nem as leis da moral, nem o bem comprehendido interesse de todos, puderam produzir em tantos annos (9).

O periodo de decadencia e miseria ia porém, em breve, seguir o da riqueza e da prodigalidade.

D. Marcos de Noronha fundára duas repartições destinadas á fundição do ouro (*casas de fundição*); uma para a parte meridional da provincia, com Villa Boa por capital; e outra, para a parte septentrional, na povoação de S. Felix.

(9) LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUSA, *Memoria sobre o descobrimento, etc., da Capitania de Goyaz.* — CAZ., *Carog. Bras.*, I. — SOUTH., *Hist.*, III, 305, etc. — PIZ., *Mem. hist.*, IX, 144. — MIRT., *Reise*, II, 586. — LUIZ D'ALINCOURT, *Mem.*, 94. — POHL, *Reise*, I, 325.

O producto do imposto do *quinto* percebido nestes dois estabelecimentos não poderá dar uma ideia exacta das quantidades de ouro successivamente fornecidas pela provincia de Goyaz; parte da extração das minas escapava facilmente aos direitos. Mas, comparando os resultados do imposto em differentes épocas, poderemos, pelo menos, saber com aproximação como, em um prazo bastante curto, a extração do ouro diminuiu de importancia. Em 1753 o quinto rendeu, em Villa Boa, 169.080 oitavas (1.268.100 fr.) (10), e, em 1755, produziu 59,569 oitavas (446,767 fr.) em S. Felix; em 1805 não produziu mais de 3.309 (2.720 fr.) em S. Felix, e, em 1807, 12.308 (92.310 fr.) em Villa Boa (11); enfim, em 1819, não se recolheu, em todo o territorio, mais de 36 marcos de ouro.

Por occasião da minha viagem, as lavras estavam exgotadas, ou não podiam ser exploradas senão com um numero grande de braços, e a distancia do litoral, que torna as exportações custosas e quasi impossiveis, não permitia tão facilmente como aos Mineiros encontrar outra fonte de riqueza no cultivo das terras. Não podendo pagar os impostos, os colonos abandonavam suas habitações, retiravam-se para os desertos, e ahí perdiam até os elementos de civilização, as ideias religiosas, o habito das uniões legitimas, o conhecimento da moeda e o uso do sal. Uma região maior do que a França exgotava-se em favor de alguns funcionarios indolentes, e os proprios arredores de Villa Boa, esta capital ainda ha pouco tão florescente, não apresentavam mais do que ruinas sem recordações (12).

(10) Calculo aqui o valor da oitava na base de 15200 réis, porque, na época de que se trata, fôra fixada nesta taxa por D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos (*Piz., Mem., IX, 161*).

(11) *SOUTH., Hist. Bras., III, 837*.

(12) Vide a *Introdução* que precede a *Historia das plantas mais notaveis do Brasil e do Paraguay*, p. XXXIV.

§ II — EXTENSÃO; LIMITES; SUPERFICIE

Extensão da provincia de Goyaz — Limites desta provincia. — A figura que representa. — Sua altitude. — A Serra do Corumbá e do Tocantins. — Superficie da região que se estende ao norte desta cadeia. A Serra do S. Francisco e do Tocantins.

A provincia de Goyaz é uma das maiores do imperio brasileiro; constitue o seu centro e está afastada 200 a 300 legoas dos portos de mar (13). Pohl diz (14) que ella se estende de 5° 22' lat. sul até 22° e de 40° 3' long. até 51°, e mede 1260 milhas allemãs de circumferencia; como, porém, a vizinhança dos índios inimigos não poude permittir fixar por toda a parte limites certos, não indico estes algarismos como perfeitamente exactos (15).

Ao norte a provincia de Goyaz é separada do Pará por uma linha imaginaria que se estenderia desde a confluencia do Tocantins e do Araguaya até a Serra do São Francisco e do Tocantins; tem por limites orientaes esta mesma Serra e a do S. Francisco e da Parahyba que a separam, esta de Minas Geraes, aquella, da mesma provincia e, além disso, de Pernambuco, de Piahy e de Maranhão; ao sul é limitada pelo Parahyba e o Rio Grande, além dos quaes se encontra uma pequena parte da provincia de Minas e a de S. Paulo; enfim, do lado do oeste,

(13) PIZ., *Mem.*, IX, 153.

(14) POHL., *Reise*, 316.

(15) O que prova como devemos guardar reservas a respeito, é que Casal, a qual está mais ou menos de accordo com Pohl acerca da extensão em latitude da Provincia de Goyaz, não lhe dá no entanto (*Corog.*, I, 319) mais do que cerca de 200 leguas de comprimento, enquanto que Pizarro diz que ella tem 331 leguas do norte ao sul, e 226 de leste a oeste. Schoeffler lhe attribue 12.932 milhas quadradas geographicas (*Bras.*, 225); da Cunha Mattos, provavelmente muito melhor informado, avalia a sua superficie em 22 a 25.000 leguas quadradas portuguezas.

está separada da provincia de Matto-Grosso pelo Araguaya, que, no lugar em que o atravessa o caminho de Villa Boa a Cuyabá, tem, tambem, o nome de Rio Grande.

Muito menos larga de leste a oeste do que comprida no sentido norte-sul, bastante irregular, estreitada nas duas extremidades, mudando bruscamente de direcção e avançando-se para o occidente um pouco abaixo de seus limites meridionaes, a provincia de Goyaz apresenta approximadamente a forma de uma bota de Amazona.

Esta região deve necessariamente ser muito elevada, pelo menos em parte da sua extensão, pois que dá nascimento, por um lado, ao Araguaya e ao Tocantins, e por outro aos affluentes mais septentrionaes do Paranahyba; ora, sabe-se que os dois primeiros destes rios percorrem um espaço immenso correndo para o norte, e que o Paranahyba, que, ao contrario, se dirige para o sul, contribue a formar o Rio de la Plata.

De accordo com a nomenclatura que estabeleci, (cap. XI, pg. 196), a cadeia que divide estas aguas chamar-se-á *Serra do Corumbá e do Tocantins*; ella se liga á extremidade da Serra do S. Francisco e da Paranahyba, nas alturas do lugar chamado Os Arrepellidos, onde a estrada de Minas penetra na provincia de Goyaz; forma um angulo com esta Serra, dirige-se para oeste, abaixa-se declinando para o sul, e forma o limite meridional da bacia do Araguaya e do Tocantins, como tambem o limite septentrional da do Corumbá. Não se deve suppor que esta cadeia apresenta uma serie de picos gigantescos como a Serra do Caraça, o Itacolumi, a Serra do Papagaio, na provincia de Minas; constitue antes, com suas dependencias e contrafortes, um como largo reticulo de pequenas montanhas e de vastos planaltos separados por valles onde correm regatos e rios. Os montes Pyreneus e a Serra Dourada que se citam como os dois cumes mais elevados, estão bem longe de ser altas montanhas. Pode-se dizer, entretanto, que a

parte meridional da provincia de Goyaz, que foi aquella na qual viajei e que se acha ao sul da Serra do Corumbá e do Tocantins, é geralmente montanhosa.

Não percorri o territorio que se estende ao norte da mesma cadeia, e que é mais ou menos o dobro da parte meridional; mas é sabido que, embora a Serra do Corumbá e do Tocantins ali lance contrafortes (16), ella é geralmente bastante igual, e que o divisor das aguas do Tocantins e do Araguaya, rios que acabam por se reunir, não é mais do que uma crista pouco sensivel. Sobre a grande cadeia que, após ter separado a provincia de Goyaz de Minas Geraes, se prolonga, ao norte, para separar esta provincia das de Maranhão, de Piahy, de Pernambuco, não avancei além da extremidade septentrional da Serra do São Francisco e da Parahyba (17); pelo que diz Cazal (18), a Serra do S. Francisco e do Tocantins que continua esta última, é mais elevada do que ella. pedregosa, e desprovida de verdura.

§ III — VEGETAÇÃO

A parte septentrional da provincia de Goyaz mais arida e descoberta que a meridional. — Esta última bem irrigada. — Apresenta uma alternativa de mattas e de campos. — Os campos semelhantes aos do deserto oriental do S. Francisco. — Uma *Peltosia* notavel nos mais elevados. — Descrição das florestas. — Alagadiços; o *bority*.

Segundo o que já disse atraz é facil de conceber que a porção da provincia de Goyaz, que se estende ao norte

(16) LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUSA, *Memoria estatistica da provincia de Goyaz*.

(17) *Corog.*, I, 319.

(18) Vide meu *Quadro geographico da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes (Novos annos das viagens, III)*.

da Serra do Corumbá e do Tocantins, deve ser menos irrigada, mais arida, mais descoberta que a parte meridional.

Esta ultima, que tem a vantagem de possuir aguas tão abundantes e boas como o centro da provincia de Minas, apresenta uma alternativa de massiços de arvoredo e de *campos*, uns unicamente cobertos de plantas herbaceas (*taboleiros descobertos*), os outros semeados de arvores retorcidas e enfezadas, de cortex suberosa, de folhas muitas vezes duras e quebradiças (*taboleiros cobertos*). O aspecto destes ultimos *campos* é o dos pastos da mesma natureza que atravessei, em 1817, no deserto oriental do São Francisco (18), e que tambem se encontram na *comarca* de Paracatú; as plantas lenhosas esparsas no meio daservas pertencem ás mesmas especies, em Goyaz e em Minas. Alguns dos *campos* mais elevados da primeira destas duas provincias differem bastante, todavia, dos de Minas pela presença duma monocotyledonea lenhosa, da altura de varios pés, extremamente pittoresca, que umas vezes se mostra isolada no meio das gramineas e das outraservas, em outras se mistura ás arvores tortas e rachiticas. É uma *Vellozia* que, completamente coberta de escamas, se bifurca varias vezes; cujo caule, excessivamente teso, é de grossura uniforme; cujos ramos, tão rijos como o caule, se terminam por um massiço frouxo de folhas lineares e pendentes; cujas flôres de um azul pallido, do tamanho dos nossos lyrios, emergem dos massiços de folbas que parecem protegê-las.

As mattas não são uniformemente distribuidas entre os diversos districtos que percorri. Na parte mais oriental, a que se avizinha de Santa Luzia, S. Antonio dos Montes Claros, etc., e é muito elevada, são bem menos communs do que na provincia de Minas; a parte occidental e muito mais baixa, que se atravessa antes de chegar ao Rio Claro, approximando-se da fronteira da provincia de Matto-Grosso, é, pelo contrario, bastante florestal. É sobretudo

nas partes profundas, á margem dos rios, na encosta dos morros, nos terrenos moveis, que se encontram mattas. Cada *capão* (19) cobre geralmente, pequena área; mas existe, entre Meiaponte e Villa Boa, uma floresta chamada *Matto Grosso*, que tem 9 leguas de leste a oeste e cujos limites, do lado do norte e do sul não são ainda bem conhecidos (20).

Os bosques que atravessei na provincia de Goyaz, sem perder completamente as suas folhas durante a secca, como as *catungas* de Minas Novas (21), não se parecem com as florestas virgens do Rio de Janeiro nem mesmo com as de Minas Geraes. e não têm, em absoluto, a sua majestade; todavia podem-se tambem admirar ali muito bellas arvores. Estas, é verdade, são afastadas uma das outras, mas os intervallos que deixam entre ellas são cheios por grandes arbustos que se comprimeru, confundem os ramos, e sob os quaes se encontram frescura e sombra deliciosas. Aqui pequenos bambús de hastes delgadas e leves; além, diversas especies de palmeiras conferem variedades ás massas de verdura que as rodeiam; frequentemente grandes cipós enlaçam todas essas plantas, e, sem cessar, o viajante é recreado por accidentes de vegetação, differenças de forma

(19) A palavra *capão*, como já tive occasião de dizê-lo, tem por etymologia um termo indígena que significa *ilha*.

(20) Segundo Casal, o *Matto Grosso* se estende, no maior comprimento, do Rio das Almas ao centro da região dos *coyapós* (*Corog.*, I, 319). Pizarro diz, duma maneira geral (*Men. hist.*, IX, 215), que esta floresta é muito extensa para o lado do norte, o que ella se lhe conhece o fim pelo do sul. Creio que ouvi dizer que ella se liga com as da America Hespanhola. Si estas diversas asserções têm algo de verdadeiro, não poderia eu ter dado, como fiz (*Resumo duma viagem no interior do Brasil, nas Memorias do Museu de Historia Natural*, vol. IX), 9 leguas ao *Matto Grosso*, no seu maior comprimento.

(21) *Viagens pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 98.

e de folhagem aos quaes o europeu não está acostumado (22).

Mesmo quando a herba dos *campos* está completamente secca pelo ardor do sol, encontra-se sempre, nas depressões pantanosas do terreno a mais bella vegetação, e frequentemente, algumas flôres. Lá, assim como nos alagadiços do Sertão de Minas, ee eleva majestosamente o elegante *bority* (*Mauritia vinifera*, Mart) cuja imponente immobilidade está em tão grande harmonia com a calma do deserto (23).

§ IV — CLIMA; SALUBRIDADE

O anno dividido em duas estações. — Estado da atmosphera de 27 de Maio a 5 de Setembro.

Como no interior da provincia das Minas, o anno se divide em Goyaz em duas estações perfeitamente distinctas; a das chuvas, que começa em Setembro, e a da secca, que começa em Abril.

Gastei um pouco mais de tres mezes em percorrer o sul desta provincia, de 27 de Maio até 5 de Setembro; durante todo este lapso de tempo não cahiu uma unica gotta d'agua; o thermometro marcava, geralmente, a 3 horas da tarde, de 20 a 26 graus Réaumur, e, ao nascer do sol, variava de 3 graus a 11 graus e meio. Pouco mais ou menos

(22) Vê-se, de tudo o que precede, que enganaram o padre Cazal quando lhe garantiram que quasi toda a superficie de Goyaz estava coberta de *catingas* (*Corog.*, I, 319). Devo revelar este erro, tanto mais que foi repetido pelos escriptores que vieram posteriormente ao estimavel autor da *Corografia Brasileira*. Estou bem longe de dizer que não haja verdadeiras *catingas*, e *carrasqueiros* na vasta provincia de Goyaz; mas não existem na parte que eu percorri.

(23) Descrevi esta bella palmeira na minha *primeira relação*, vol. II, 343.

até 22 do mez de Agosto o ceu ficou sem nuvens e do mais bello azul; a secca era extrema, a relya dos campos estava queimada; no correr do dia um calor excessivo se fazia sentir, mas, á tarde, uma deliciosa brisa vinha refrescar a atmosphera. Pelo dia 10 de Agosto, quando ainda me achava perto da povoação de Meiaponte (15° 30') a brisa começou a se fazer sentir durante todo o dia, e asseguraram-me no paiz, que o mesmo vento soprava, todos os annos, mais ou menos desde os fins de Julho até a estação das chuvas. A 22 do mez de Agosto, enquanto percorria os arredores da povoação de Santa Cruz, situada pelos 17° 54', o eu perdeu o brilho intenso que tantas vezes admirei; offerecia então approximadamente os matizes que tem na França no começo duma bella manhã de outomno; na verdade, não se viam nuvens, mas a atmosphera estava carregada de vapores que impediam a vista dos objectos afastados: si, pelo meio dia, o tempo clareava um pouco, em pouco se formava outro nevoeiro, e, desde quatro horas até o fim do dia, o disco solar, de um vermello carregado, podia ser olhado com fixidez. Segundo os habitantes do paiz, esta mudança atmospherica era considerada como o precursor das chuvas; todavia, ellas só começaram um mez mais tarde, quando eu não mais estava na provincia de Goyaz.

As doenças mais communs na parte meridional da provincia são a syphillis, a hydropisia e a especie de elephantiasis que os brasileiros chamam *morféa* (24). Não obstante, apesar das longas e excessivas seccas de que fallei e das interminaveis chuvas que lhes succodem para dar lugar a novas seccas, esta região não pode ser considerada como insalubre, e o será menos ainda quando por meio de trabalhos de aterro forem saucados os lugares pantanosos.

(24) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, 185, e II, 370.

§ V — POPULAÇÃO

Difficuldades em obter-se informações exactas sobre a população de Goyaz. — Algarismos apresentados por diversos escriptores; os que foram communicados ao autor. — Resultados destes numeros. — Causas que se oppuzeram, durante um certo tempo, ao crescimento da população. — As coisas retomam o curso natural. — Comparação dos algarismos da população de Goyaz com os da de Minas, Espirito Santo, e, em seguida, da França. — Menor augmento no numero dos brancos do que no dos negros e mulatos livres. — Numero de escravos. — Relação numerica dos dois sexos. — Numero de indios. — Renovação da caça aos indigenas.

Não se está de accordo sobre a população que se espalhou sobre o territorio desta vasta provincia, e se sente, com effeito, como um recenseamento exacto seria difficil de fazer em um paiz tão deserto e tão pouco civilizado. Alguns escriptores comprehenderam os indios nos numeros que publicaram; mas é unicamente, por palpite, que se pôde indicar o numero dos indigenas, pois uma parte delles não está submettida á autoridade brasileira.

Segundo Luiz Antonio da Silva e Souza, a população da provincia de Goyaz se elevava, em 1804, a 50.135 individuos, dos quaes 7,273 brancos, 11.417 negros escravos e 7,863 negras tambem privadas da liberdade. O jornal brasileiro "*O Patriota*" admite, para os annos de 1808 e 1809, 50,365 individuos, dos quaes 6,950 brancos e 20.027 escravos (25). Poucos annos mais tarde Pizarro, basean-

(25) *POHL, Reise*, I, 374. — O autor allemão, a poucas linhas do lugar em que cita o numero de 50.365, indica 54.560; mas é evidente que este ultimo numero é erroneo, pois não é o que resulta da addição das sommas parciaes de que se forma: aliás é sobre 50.365 e não sobre 54.560 que o mesmo escriptor estabelece a comparação que faz dos numeros do *Patriota* com os das estatísticas de L. A. da Silva e Souza para 1804. Ha ainda maior

do-se em documentos officiaes, fazia subir a população de Goyaz a 53.422 almas (26). Em 1819, quando me achava no paiz, elevavam-na a 80.000 individuos, nos quaes se contavam, diziam, cerca de 8.000 brancos e 27.000 escravos. Emfim, segundo o projecto de constituição proposto a 30 de Agosto de 1823, o major Schaeffer indica-a como se elevando a 150.000 almas (27).

Si todos esses Algarismos fossem igualmente exactos, a população de Goyaz, que apenas cresceu de 230 individuos de 1804 a 1809, ter-se-ia augmentado approximadamente de 4 septimos de 1809 a 1819, e em seguida, de perto de metade, de 1819 a 1823: taes accrescimos são evidentemente impossiveis; pode-se, pois, suppor, por um lado que, em 1804 e 1809, o temor do restabelecimento da capitação tenha contribuido a fazer com que os proprietarios recemscados apresentassem declarações inferiores á verdade; por outro lado, deve-se crer que o numero indicado por Schaeffer foi extraordinariamente augmentado, seja por motivos politicos, seja por uma variedade pueril; emfim é provavel que, na avaliação que me foi communicada, quando da minha viagem, elevassem excessivamente o numero dos escravos, talvez para não cahirem na falta das avaliações mais antigas que, sem duvida, eram muito baixas.

Uma estatística da população, da qual ainda não fallei, e que parece merecer mais confiança que todas as outras, porque é mais conforme á natureza das coisas, foi a que

negligencia na indicação do numero de fogos tomado aos dois autores; de facto não ha pessoa que não veja que, para 50.135 individuos, não podiam existir 21.870 casas. Os pormenores das estatísticas tomadas por Pohl a L. A. da Silva e Sousa e ao *Patriota* são tambem muito pouco precisos para que eu os pudesse ter utilizado.

(26) *Mem. hist.*, IX, 182. Vê-se, por esta citação exacta, que induziram em erro o sr. Martius, quando lhe disseram que Pizarro avaliava em 37.250 almas a população de Goyaz.

(27) *Bras.*, 235.

publicou, para o anno de 1824, o sr. da Cunha Mattos, antigo governador militar da provincia (*governador das armas*); translado-a aqui com o maior gosto, porquanto se refere a uma época bastante approximada da minha viagem, e, de 1819 a 1824 é impossível que tenha havido qualquer mudança notavel:

Individuos (28) brancos do sexo masculino, casados	1.745	}	5.391	}	10.535
Individuos brancos do sexo masculino, não casados	3.646				
Individuos brancos do sexo feminino, casados	1.519	}	5.144		
Individuos brancos do sexo feminino, não casados	3.625				
Homens de côr descendentes de libertos (<i>ingenuos</i>) casados	4.242	}	16.566	}	35.005
Homens de côr descendentes de libertos (<i>ingenuos</i>) não casados	12.324				
Mulheres de côr descendentes de libertos (<i>ingenuas</i>) casadas	4.486	}	18.439		
Mulheres de côr descendentes de libertos (<i>ingenuas</i>) não casadas	13.953				
Homens de côr libertos, casados	550	}	1.539	}	2.980
" " " " rão casados.	989				
Mulheres " " " casadas	544	}	1.441		
" " " " não casadas.	897				

(28) O texto original, que diz por toda a parte *homens e mulheres* fez-me crer, por um momento, que as crianças não estavam incluídas nesta estatística; mas desilludi-me pelo título assim concebido: *Em o anno de 1824 existião os Fogos e Almas que se seguem.* E' evidente, parece-me que a palavra *Almas* comprehende todos os individuos da nossa especie, de qualquer sexo e idade.

Indios catechizados	304	}	623
Indias catechizadas	319		
Escravos do sexo masculino	7.329	}	13.375
" " " feminino	6.046		
Individuos distribuidos por 12.119 fogos			62.518

O numero total aqui indicado não apresenta augmento de muito mais de 1 quinto sobre os algarismos do anno de 1804; mas Pohl estava tão longe de suppor possivel um accrescimento na população de Goyaz, que cita o ultimo numero como representando ainda a população em 1819 (29). E' incontestavel que houve um momento em que a população da provincia, que nos occupa, deve ter soffrido uma sensivel diminuição, aquelle em que as jazidas começaram a se exgotar. Uma multidão de brancos, europeus principalmente, tinha accorrido ao paiz para se enriquecer; retiraram-se logo que puderam alcançar esse objectivo, e não foram substituidos; outros foram surprehendidos pela morte antes de poderem voltar á patria, mas, conservando sempre a esperanza de revel-a, não tinham formado estabelecimento fixo, não se casaram e não deixaram ninguem após si. A diminuição foi mais sensivel, ainda, entre os negros. Pelos meados do seculo passado chegou a haver em Goyaz até 34,500 escravos empregados na extracção do ouro (30); mas não se faziam vir negras na mesma pro-

(29) *Reise*, I, 317, 372.

(30) Conhece-se este numero pelo montante do imposto chamado *capitação* de que já fallei noutro lugar, e que foi supprimido já ha bastante tempo (vide *Martius, Reise*, II, 587). Segundo o Sr. da Cunha Mattos, houve outr'ora mais de cem mil escravos empregados na exploração das jazidas de Goyaz (*Itin*, II, 312); mas tal numero é tão elevado que difficilmente o poderemos considerar como não sendo uma figura de rhetorica destinada a resaltar a importancia dos antigos trabalhos dos mineradores goyanos.

porção, porque o trabalho das minas não convem ás mulheres; os homens morriam, pois, na maioria, sem posteridade, e frequentemente tendo apressado o fim da existencia por uma libertinagem emervante. Quando, em seguida, veio a época da decadencia e da miseria, não se fizeram mais quasi aquisições, e as estatisticas de Luiz Antonio da Silva e Souza acima citadas mostram que, no espaço de meio seculo, o numero dos escravos do sexo masculino diminuiu de dois terços.

Formara-se, entretanto, uma população permanente, composta de brancos que diversas circumstancias prenderam ao paiz, e de muito maior numero, ainda, de mestiços que jamais puderam pensar em de lá sahir; as emigrações tiveram um terreno e as coisas retomaram pouco a pouco o seu curso natural. Si o habito da concubinagem, que os primeiros colonos introduziram nos costumes, prejudica os progressos da população, são elles, por outro lado, favorecidos por um clima geralmente salubre e pela fecundidade das mulheres, que não pode ser, em Goyaz, inferior á das de Minas. Na vasta parochia de Santa Luzia, não se contavam annualmente mais de quarenta obitos para cento e tantos nascimentos (31). Nem todas as partes da provincia de Goyaz participam, indubitavelmente, das vantagens de que gozava a parochia de Santa Luzia, a de uma incontestavel salubridade, e a maior ainda, de ser dirigida por um pastor virtuoso, cujos conselhos e exemplos incitavam os colonos ao trabalho, e que fazia todos os esforços para leval-os a não contrahirem senão uniões legitimas; é, entretanto, impossivel admittir que, na mesma época em

(31) Creio que os numeros aqui indicados merecem toda a confiança que se pôde conceder ás estatisticas de população feitas no Brasil, e talvez mesmo, mais de que a maioria dellas; devo, todavia, acrescentar que o sr. d'Eschwege apresenta boas razões para fazer suppôr que, nessas estatisticas, o numero de mortes hea geralmente abaixo da verdade.

que Santa Luzia experimentava tão notavel accrescimo na sua população, houvesse diminuição na de todas as outras.

Seja como fôr, apesar da extrema incerteza em que estamos relativamente ao numero exacto dos habitantes da provincia de Goyaz, é claro que, guardadas as proporções, esta provincia é infinitamente mais despovoadá do que as provincias de Minas Geraes e Espírito Santo, que, no entanto, são tão desertas em comparação com a Europa (32); é claro ainda, que, em uma superficie que certamente não é menor que a da França, não havia, em 1819, uns quatrocentos e vinte e cinco avos da população do nosso paiz, ou melhor, si assim o preferem, em uma extensão onde, em media, se encontram na França 425 individuos, havia apenas 1 em Goyaz. Baseio esta comparação nos algarismos certamente muito exaggerados de 80.000, que me foram communicados, como o disse, no decurso da minha viagem; que seria si eu a estabelecesse sobre o numero de 62,518, indicado por da Cunha Mattos!

As particularidades da estatística publicada por esse autor, si bem que não sejam perfeitamente completas, poderão, no entanto, fornecer-nos alguns resultados bastante importantes:

1.º — O numero dos brancos não constituía em 1824 sinão cerca da sexta parte da população total da provincia de Goyaz, enquanto que, na das Minas, havia, pela mesma época, quasi um quarto de brancos, differença que se explica pela facilidade de communicações de Minas com o litoral e o afastamento muito menor desta ultima região.

2.º — A comparação dos numeros admittidos por Mattos com os dos annos de 1804 e 1809 mostraria que os progressos da população se fizeram muito menos sentir entre os brancos do que entre os negros e mulatos livres, o.

(32) Vide, para a população de Minas Geraes e Espírito Santo, o que escrevi na *Viagem pelos provincias de Rio de Janeiro*, etc., vol. I, 80, e na *Viagem no districto dos Diamantes*, vol. I, 183.

que provaria, como tudo me leva a crer, que o clima da America Tropical convem mais aos homens de côr do que á raça caucasica.

3.º — O numero dos escravos em 1824, comparado com o de 1809, indicaria uma diminuição de cerca da metade; mas tal diminuição não é para surprehender. Já ha muito tempo, na época em que fiz a minha viagem, que não se traziam mais, como outróra, comboios de negros africanos para a provincia de Goyaz; não podiam mesmo vir mais, pois que seria necessario que, pagando á vista esses homens, na Bahia ou no Rio de Janeiro, os commerciantes os revendessem para zonas muito afastadas, expondo-se a não recuperarem mais os capitaes. Si, casualmente, chegavam a Goyaz alguns negros da Costa d'África, eram individuos isolados, adquiridos por pessoas attraídas pelos negocios ao Rio de Janeiro. Não havia mais quasi, no paiz, sinão creoulos, negros ou mulatos, nascidos, na maioria, de uniões passageiras e illegitimas. Até então os brasileiros, em geral, pouco pensavam em casar os seus escravos, e como pensariam nisso os goyanos, que, elles proprios, viviam na concubinagem!

Si os numeros publicados por da Cunha Mattos, para 1824, nos forneceram alguns dados uteis, deixaram outros a desejar; assim, nada nos dizem sobre a relação numerica dos dois sexos nas diferentes idades da vida. Sei, todavia, que, na época em que lá estive, o numero de jovens do sexo masculino era muito menor na parochia de Santa Luzia, em Villa Boa, e em todas as povoações do sul da provincia, do que o das raparigas, o que é confirmado, aliás, pelo quadro especial que Pohl publicou da população de Santa Luzia e 1812 (*Reise*, I, 280).

A provincia de Goyaz era uma das que, por occasião da minha viagem, mais indios ainda possuia; a população portugueza derramada nesta capitania não fôra nunca sufficientemente intensa para aniquilal-os todos. Com muito

custo conseguira-se reunir certo numero nas aldeias; os outros viviam inteiramente selvagens nas mattas e nos lugares mais desertos. Pelas leis portuguezas todos deviam ser livres como os proprios brancos; mas, desde ha poucos annos, um decreto barbaro, publicado no ministerio do conde de Linhares, fizera renovar a antiga caça aos indios. Este decreto permittia reduzir á escravidão, pelo prazo de dez annos, aquelles dentre esses infelizes que fossem apanhados com armas na mão. Passaram a dizer, então, que todos os que apanhavam estavam armados, e, realmente, estes homens o estão constantemente, porque só as armas lhes garantem a subsistencia. Do facto de poderem escravizar concluiu-se que era permittido vendel-os, e estabeleceu-se um commercio de indios entre a provincia de Goyaz e a do Pará. FERNANDO DELGADO FREIRE DE CASTILHO, que governava Goyaz por occasião da minha viagem, entendera-se com o governador do Pará afim de impedir, na medida do possivel, esse commercio tão odioso como illegal. Escrevera tambem ao ministerio empenhando-se para que revogasse o decreto do conde Linhares; mas o governo central pouco se preocupava com os indios de Goyaz, e não dera, siquer, uma resposta (33).

(33) Achei que não devia citar neste paragrapho os computos excessivamente vagos indicados por Antonio Rodrigues Veloso de Oliveira, nos *Annaes Fluminense*, para a população de Goyaz, e, por motivo semelhante, não fiz tambem nenhuma menção dos que foram admittidos pelo nosso illustrado marinheiro, o sr. de Freycinet (*Viagem da Urania*). Em um livro impresso em 1845 (*Sketches of residence in Brasil*, I, 350), o sr. Kidder eleva a 97,592 individuos a população de Goyaz. Si esse numero fôr exacto para 1845, e o que indiquei para 1819 o tiver sido tambem, resultará que terá havido, durante um quarto de seculo, um augmento de cerca da quarta parte na população da provincia; mas o sr. Kidder não diz a que anno se refere a sua indicação; acrescenta mesmo, e sem duvida, com bastante razão, que os relatorios ministeriaes e provinciaes não têm outro fundamento além de conjecturas e as vagas estatisticas de algumas parochias.

§ VI — ADMINISTRAÇÃO GERAL

A provincia de Goyaz dividida em duas *comarcas*. — Capitães generaes; sua autoridade. — O governo central extrahido ao que se passava nas provincias. Um exemplo da sua ignorancia.

Durante muito tempo a provincia de Goyaz não teve, toda ella, senão um *ouvidor*, e, por conseguinte, não constituia mais de uma *comarca* que comprehendia diversas justicas (*juílgados*) (34). Sentiu-se, por fim, que um só homem era incapaz de manter boa ordem em região tão vasta, distribuir a todos os habitantes justiça em segunda instancia, e manter vigilancia sobre os juizes ordinarios que, escolhidos dentre os proprios colonos, e participando dos seus vicios, eram muitas vezes os primeiros a violar as leis. O governo expediu, pois, em 1809, um decreto pelo qual a capitania ficou dividida em duas *comarcas*: a *comarca do sul*, que comprehende (1819) os seis *juílgados* de *Villa Boa*, *Crixá*, *Pilar*, *Meiaponte*, *Santa Luzia* e *Santa Cruz*; e a *comarca do norte*, formada dos oito *juílgados* de *Porto Real*, *Natividade*, *Conceição*, *Arraias*, *S. Felix*, *Cavalcante*, *Flôres* e *Trahiras* (35). A sede da primeira é *Villa Boa*,

(34) Antes da revolução que mudou o governo do Brasil, este imperio estava dividido em provincias de primeiras categoria ou *capitanias* e em provincias de segunda ordem (*provincias*). As primeiras se dividiam, na maior parte, em *comarcas*, onde assistia um *ouvidor*, magistrado que era simultaneamente juiz e administrador. Os *termos* eram as divisões das *comarcas*. Os *juílgados* representavam estas divisões nos departamentos menos povoados e não tinham mais, por magistrados, do que *juizes ordinarios*, eleitos pelo povo, enquanto que podia haver á testa de um *termo* ou um *juiz de fóra*, nomeado e pago pelo rei, ou dois *juizes ordinarios* (vide *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 359 e seg.; II, 408).

(35) Em 1832 as coisas não tinham ainda mudado; mais tarde, a provincia de Goyaz foi dividida em 4 *comarcas*.

capital de toda a provincia; a da segunda era originariamente *S. João das Duas Barras*, situada na confluencia do Araguaya com o Tocantins; mas, como as embarcações difficilmente chegavam até esse lugar, foi decretada em 1814, que uma nova villa se fundasse no lugar denominado *S. João da Palma*, e que ella fosse a residencia do *ouvidor da comarca*.

A autoridade principal da provincia, ou, para fallar de maneira mais exacta, da capitania de Goyaz era, como em Minas, S. Paulo e no resto, o governador ou *capitão-general*.

No regimen colonial os capitães generaes gozavam de autoridade absoluta; quando, porém, D. João VI fixou sua côrte no Rio de Janeiro, o seu despotismo conheceu, finalmente, limites. O opprimido podia lançar-se aos pés do soberano, e os governadores não ousavam mais emprender coisa de grande importancia sem consultar os ministros. Mas succedia frequentemente que não se lhes respondia, seja por ignorancia, seja por culpavel negligencia, ou que se lhes davam ordens que não estavam em harmonia com as necessidades do paiz e os seus recursos. Um dos maiores inconvenientes que experimentaram os brasileiros depois da chegada do rei ao seu meio, foi o de serem governados por homens que totalmente desconheciam a America. Entre os ministros que teve D. João VI no Rio de Janeiro encontravam-se homens esclarecidos, mas que só tinham visto do Brasil a capital, e queriam utilizar processos apenas applicaveis na Europa, a uma região que della differe radicalmente. Illudiram-se tanto ácerca das pessoas como das coisas: julgavam o paiz rico e elle é pobre; julgavam os habitantes estupidos e elles são intelligentes e susceptiveis de aprender tudo.

Durante minha demora em Villa Boa, o capitão-general citou-me um exemplo bastante recente da ignorancia dos ministros. Os officios publicos, taes como os

de escrivão dos *ouvidores*, de tabelliães, etc., se punham em hasta publica, em Goyaz, assim como em Minas (36), de tres em tres annos, e, em caso de molestia ou viagem, os titulares eram substituidos pelos ajudantes que, durante muito tempo, não tiveram sinão necessidade da confirmação do capitão-general para exercer o cargo. Muito recentemente o ministerio pretendeu mudar esse estado de coisas, e mandou publicar um decreto dispondo que, para o futuro, a escolha dos ajudantes seria directamente confirmada pelo rei. Este decreto tinha, sem duvida, por finalidade centralizar mais o poder, e diminuir a autoridade dos capitães-generaes; mas não se pensára na distancia que ha da capital a Goyaz ou Matto-Grosso. E' evidente que a confirmação real terá chegado muitas vezes, nessas provincias, muito tempo depois do officio, para o qual foi pedida, já ter voltado ao titular, e que, no intervallo, uma multidão de pessoas poderá morrer privada dos meios de fazer o seu testamento.

§ VII — FINANÇAS

Como é organizada a administração das finanças. — Das diversas especies de impostos. — Cifras que mostram com que rapidez a provincia de Goyaz decahiu do seu primitivo esplendor. — Receitas e despesas ambas atrazadas. — Goyaz obrigado a ceder a Matto-Grosso parte das suas rendas. — Diferença entre a comparação dos rendimentos do quinto durante varios annos e a dos rendimentos dos direitos de entrada. Os direitos sobre exportação indicam approximadamente o valor destas; o quinto não indica o verdadeiro resultado do producto das lavras. Casas para a fundição do ouro. Contrabando. Erro em que cahiu o governador Fernando Delgado.

As finanças da provincia de Goyaz são (1819), como as de Minas, S. Paulo, etc., administradas por uma junta

(36) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 363.

do thesouro (*Junta da fazenda real*), cuja composição foi frequentes vezes modificada (37) e da qual o governador é o presidente. Não se contam menos de onze ou doze empregados encarregados, sob sua inspecção, de pôr as escriptas em ordem, e todavia, por ocasião da minha passagem, a escripturação estava bastante atrasada.

Vou indicar os diversos impostos que os habitantes tinham que pagar em 1819 (38). Eram:

- 1.º Um direito sobre as mercadorias que entram na provincia (*entradas*);
- 2.º O *dizimo* (10 %) dos productos do solo, que, por um arranjo concluido outr'ora entre o clero e o governo, passára ás mãos deste ultimo (39);
- 3.º A passagem dos rios arrendada pela administração (*passagens dos rios*);
- 4.º A *arrematação dos officios*;
- 5.º Um imposto sobre a venda da carne fresca (*carnes verdes*);
- 6.º Direitos de venda sobre os immoveis (*decimas, sellos e sizas*);
- 7.º O *quinto*, quer dizer, a quinta parte descontada do ouro em pó antes de pôl-o em barras (40);
- 8.º Um imposto destinado ao pagamento dos mestres-escolas (*collectas*);

(37) Não nos devemos admirar, por conseguinte, de que Cazal eleva o numero de membros desta junta a cinco, e que Pohl conte seis. — O sr. da Cunha Mattos diz que a *junta da fazenda* tendo sido supprimida, criou-se, de 1826 a 1836, um *inspector do thesouraria* (*Itin.*, II, 339).

(38) POHL, *Reisc*, I.

(39) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 169; II, 256.

(40) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 338.

9.º Um direito cobrado ás lojas em proveito do banco do Rio de Janeiro.

Algumas cifras colhidas na obra do Dr. Pohl (41) mostram com que rapidez este paiz tão rico durante alguns annos, decahiu do seu primitivo esplendor, á medida que o ouro foi ficando mais raro, ou de extracção mais difficil. Antes de 1738, as entradas produziam, todos os annos, 8 arrobas de ouro; de 1762 a 1765 renderam 40:400\$000 réis (252,500 frs.); de 1765 a 1774, 96:760\$762 réis (604,754 frs. 70 c.); de 1774 a 1782, 26:529\$000 réis (165,806 frs. 25 c.); de 1782 a 1788, 22:624\$000 réis (141,400 frs.); enfim, nestes ultimos tempos não produziram mais do que 1b:000\$000 de réis (87,300 frs.).

Devo ao *escrivão da junta da fazenda real* o informe de que as despesas da provincia se elevavam annualmente a mais de 50 *contos* de réis (312,500 frs.). Este magistrado convinha que o thesouro estava muito endividado e accrescentava que grande numero de creditos jamais seriam pagos. Dizia tambem que a receita não estava menos atrazada do que a despesa, o que prova como havia pouco dinheiro no paiz; e, no entanto, esta provincia, tão pobre, era obrigada a ceder uma parte das suas rendas a Matto-Grosso, com a qual confronta, e era ainda mais pobre do que ella. (42).

(41) *Reise*, I, 354.

(42) Foi em 1758 que se começou a obrigar a provincia de Goyaz a pagar á de Matto-Grosso uma subvenção, que foi a principio de 512 marcos de ouro, tomados ao imposto do quinto. Em 1779 reduziu-se a subvenção a 300 marcos; depois, em 1781, accrescentou-se a ella 20 *contos* de réis. Em 1786 o augmento foi supprimido, e voltou-se aos 300 marcos; porém, como o quinto acabára por não produzir mais essa quantidade de ouro, tomou-se a resolução, após a chegada do rei ao Brasil, de applicar ás despesas de Matto Grosso o montante dos direitos recebidos, em Goyaz, sobre os inmueveis (*decimas, sellos e sisas*) (*PIZ., Mem. hist.*, IX, 136).

Como já se viu, (pag. 286), a comparação dos productos do quinto, de 1740 a 1820, nos fornece, do mesmo modo que a da renda dos direitos de entrada, durante igual periodo, uma prova flagrante da rapidez com que a provincia de Goyaz entrou em decadencia. Mas, ahí se nota uma differença sensível. As cifras do producto das entradas indica realmente a quantidade de mercadorias que a região importou em tal ou qual época, porque as mercadorias, tendo um volume mais ou menos consideravel, não podem chegar sinão em lombo de burro e em caravanas; e, desse modo, não supportariam os gastos que seria necessario fazer para introduzil-as por contrabando; como se verá, porém, não se dá o mesmo com o ouro em pó.

Quando, sob o governo de D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, foi abolida a *capitação* e substituida pelo *quinto*, fundaram-se, em 1750 (43), duas repartições para a fundição do ouro (*casas de fundição*), uma, dita *do sul*, em Villa Boa, a outra, *do norte*, em S. Felix. Esta ultima, a principio transportada para Cavalcanti foi suprimida em 1807, por causa das despesas que necessitava, e, desde essa época, não existe mais do que uma, a de Villa Boa (44). Como a provincia de Goyaz é immensa e só poderia ser guardada em pequeno numero de pontos, é evidentemente facilimo fazer ahí o contrabando do ouro em pó, e só um escrúpulo de consciencia leva ainda algumas pessoas a se submeterem ao imposto. Desde a eupressão do estabelecimento criado em S. Felix, o governo ficou quasi que completamente privado do quinto do ouro fornecido pelas lavras da comarca do norte. Os minereadores desta *comarca* são, com effeito, incitados a fazer o

(43) PIZ., *Mem. hist.*, IX, 226.

(44) Dei noutro lugar minuciosos pormenores sobre a maneira de fundir o ouro nas *casas de fundição* (vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I).

contrabando não só pelos lucros que lhes dá, como ainda pelo temor dos gastos e demoras que acarretaria uma longa viagem de suas terras a Villa Boa.

Em 1818 ou 1819, o fisco recebeu da comarca do norte dinheiro amoeado, e não ouro em pó, como pagamento dos dizimos e outros impostos; o governador Fernando Delgado concluiu dali que a provincia fazia um commercio consideravel com a do Pará, provincia limítrophe e marítima onde até então os goyanos difficilmente penetravam; mas pessoas bem informadas asseguravam que este dinheiro era simplesmente o resultado das trocas fraudulentas que os habitantes do norte faziam do seu ouro em pó com os commerciantes da Bahia (45).

§ VIII — RESULTADO DOS DIZIMOS

Os productos do quinto e os rendimentos do dizimo diminuíram na mesma proporção. — O dizimo, imposto muito pesado. — E' arrecadado em valores metallicos. — Os decimadores arruinam os colonos. — Estes, expropriados, fogem para os desertos e perdem até os elementos da civilização. — O que faz o fisco nos districtos onde ninguém quer arrecadar os dizimos. — A agricultura restringida por este imposto.

Si não se soubesse qual é a posição geographica de Goyaz e como os transportes são difficeis no interior da America, poder-se-ia imaginar que os goyanos, não retirando mais nada das suas lavras, dirigiram os esforços para a agricultura, e que os rendimentos dos dizimos foram au-

(45) Não sei em que estado estão hoje em dia as finanças de Goyaz; mas, durante os primeiros annos que seguiam aquelle em que viajei pela provincia, ellas peoraram ainda mais. Em 1823 as rendas não se elevaram a mais de 21:000\$500 réis, enquanto as despesas ascenderam a 53:080\$325. Para cobrir o deficit recorreu-se ao expediente de cunhar uma quantidade prodigiosa de moeda de cobre, á qual se attribuiu um valor ficticio muito elevado. "O individuo mais simplorio, diz da Cunha Mattos, não

gmentando á medida que os do quinto foram diminuindo. Mas não succedeu assim; os productos de um e outro imposto foram decahindo mais ou menos na mesma proporção. O dizimo, que tanto mal fez á provincia de Minas (46), foi ainda mais funesto á de Goyaz. Em um paiz em que os productos da terra encontram facil sahida, a decima parte da renda seria um imposto leve; mas esta provincia não tem, por assim dizer, nenhum commercio, suas exportações são insignificantes, e em muitos lugares é impossivel vender o que quer que seja.

Si o governo recebesse os dizimos em natureza, o imposto não teria o menor inconveniente; mas como não poderia fazer nada do milho ou da mandioca que lhe as entregassem, exige valores metalicos; e como pagal-os homens que não se podem desfazer dos seus productos?

O dizimo, cobrado em dinheiro, seria já, para a maior parte dos goyanos, um onus exorbitante; torna-se, em absoluto, pelo modo de percepção arruinador, que, como se verá, permite ao que recbe o imposto eleva-lo á sua vontade.

Como nas Minas, os dizimos se arrematam aqui de tres em tres annos. O *dizimeiro*, no começo desses tres annos, se apresenta (1819), com um perito, ao colono; orça o rendimento da terra muito acima da sua verdadeira capacidade, e exige do agricultor que assigne o compromisso de pagar, durante tres annos, a decima da somma orçada. Na ver-

deixará de ter comprehendido que era expediente de uma má administração pôr em circulação toda essa moeda; mas não havia outro meio de fazer face ás despesas (*Itin.*, II, 317).” E’ uma necessidade bem triste a de recorrer a um remedio que, em definitiva, augmenta ainda o mal. O governo de Goyaz sempre sacrificou o futuro pelo presente; mas, agindo desse domo, acaba-se por não ter nada mais a sacrificar.

(46) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 204; II, 449.

dade a lei dá ao proprietario o direito de escolher um homem que faça a avaliação do rendimento dos productos do solo juntamente com o que tem a confiança do dizimeiro; mas este é quasi sempre um homem rico, sustentado por numerosos amigos; apresenta-se ao lavrador, que vive no isolamento e na pobreza, longe da villa ou das povoações, que não tem nenhum conhecimento dos negocios, nenhum protector, nenhum apoio. Só a vista do dizimeiro lança o terror na familia, e no temor de maiores males, submettem-se a todas as exigencias; ganha-se assim um pouco de tempo. Entretanto, chega a triste época dos pagamentos; o proprietario, nada tendo vendido, não pode satisfazer o credor; tomam-lhe o pouco que possui, e elle abandona a casa, que em breve cáe em ruinas (47).

Os habitantes desta região nem ao menos têm o recurso que se offerece sempre aos mineiros descontentes com a sua sorte: o de mudar de lugar, com a esperança de um futuro melhor. Estes ultimos, menos pobres, estão em condições de supportar os dispendios de uma mudança, com a esperança dum melhor futuro. Os que se retiraram para Minas Novas se enriquecem pelo cultivo do algodão. Os colonos de Araxú e de Desemboque (v. pg. 225) vendem gado a mercadores que o vêm busiar até ás suas terras; emfim, os agricultores de Pomba transportam facilmente seus productos até o Rio de Janeiro. Não estão nas mesmas condições os colonos goyanos; voltando sobre os seus passos en-

(47) José de Almeida de Vasconcelos de Soveral e Carvalho, que assumiu o governo de Goyaz em 1772, já se vira forçado, diz Pizarro, a reprimir as violencias inauditas dos dizimeiros, que não tendiam a menos que a arruinar a provincia. Em uma memoria submettida á Secretaria do Estado, o *desembargador* Antonio Luiz de Souza Leal demonstrou, accrescenta o mesmo autor, que a decadencia de Goyaz era devida aos excessos e ganancia dos dizimeiros e outros arrematantes de impostos, que, nesta provincia como nas outras, se enriquecem rapidamente á custa do povo, e provocam as maiores queixas.

contrariam os melhores pontos já occupados; caminhando para mais longe, peorariam a sua sorte, porque teriam ainda maior difficuldade em collocar seus generos. Não communicando uns com os outros, afastados das sédes de parochia onde ainda poderiam manter algumas idéias de religião e moral, entregando-se cada vez mais a esta apathia a que os convida o calor do clima, vivendo da caça, de um pouco de leite, mal vestidos, entregando-se ao incesto, na impossibilidade de encontrar outras mulheres além das que os rodeiam, os desgraçados goyancs acabarão por aprender a dispensar até o estritamente necessario, cuja obtenção liga ainda os homens á vida civilizada; e, si o actual estado de coisas não melhorar (1819), esta população, descendente de portuguezes, cairá necessariamente nuna barbarie semelhante á dos indios.

Ha em muitos lugares tão pouco dinheiro a esperar dos colonos que ninguem se apresenta para arrematar os dizimos e os outros impostos. Neste caso a *junta da fazenda real* os faz arrecadar por administradores que fazem este serviço sem nenhuma retribuição. Assim não será em absoluto impossivel que, depois de sobrecarregar o agricultor de vexações, depois de ter destruido mais habitações do que o faria um exercito inimigo, o fisco se veja inteiramente obrigado a renunciar á cobrança do imposto.

Além dos males cujo painel acabei neste momento de esboçar, a necessidade de pagar os dizimos em valores metallicos acarreta ainda consigo um inconveniente gravissimo, o de restringir o cultivo, que se deveria encorajar como o unico meio de salvar este paiz. O colono está certo de que lhe exigirão o dizimo de todas as suas colheitas; mas não o está igualmente de vender tudo o que pode colher; limita-se, pois, a cultivar apenas o que é estritamente necessario para a sua familia e de venda garantida. Resulta dahi que, si, por acaso, um estrangeiro se apresenta na região, tem frequentemente difficuldade em

arranjar, mesmo por preços elevados, os generos mais necessarios á vida, e que, em um anno mau como aquelle em que eu viajava, o agricultor, que não pensou sinão nas suas necessidades ordinarias e não possui dinheiro, está reduzido a passar fome; e isto se passa em uma região onde ha por toda a parte terras excellentes e sem dono, que nutririam sem difficuldade 20 milhões de habitantes e não contêm sinão de 60 a 80.000!

§ IX — CLERO; INSTRUÇÃO PUBLICA

Os beneficios que poderia fazer o clero goyano. — Bom exemplo dado por João Teixeira Alvares, cura de Santa Luzia. — Os ecclesiasticos goyanos, unicos homens da provincia que possuem alguma instrucção; quanto ao mais, vivendo fóra de todas as regras. — Historia da Igreja de Goyaz. — Escolas.

Reunindo os colonos ao redor das povoações, instruindo-os nos seus deveres, reanimando em suas almas sentimentos religiosos que estão apenas entorpecidos, exhortando-os a contrahirem uniões legitimas e a fugir da ociosidade, ensinando-lhes processos de cultura meuos barbaros que os que elles empregam, mostrando-lhes que certos productos podem ser exportados do paiz com alguma vantagem, o clero goyano conseguiria enfraquecer a influencia prejudicial de uma administração ignorante e destruidora. Tal era a conducta que tinha, por occasião da minha passagem, o pastor respeitavel (48) de uma das parochias, excessivamente extensas, de que se compõe a provincia de Goyaz; desgraçadamente o seu exemplo não era, talvez, seguido por nenhum dos seus confrades.

(48) O sr. João Teixeira Alvares, parochia de Santa Luzia, do qual fallarei mais tarde.

“Vou assignalar, disse alhures, abusos que o christão
“terá de soffrer; mas existe uma ideia elevada que lhe
“deve servir de consolo. Por que razão não acreditar que
“seja sustentado por um poder superior o navio que, nave-
“gando num mar tempestuoso, sob a direcção de pilotos ne-
“gligentes ou inhabeis, resiste, não obstante, ás mais hor-
“rorosas procellas? As faltas dos ministros da religião
“não pertencem a ella, e é util fazer conhecer de onde
“vem o mal, porque a publicidade obriga o culpado a en-
“vergonhar-se, e incita os homens de bem a procurar um
“remedio para os abusos”.

Os ecclesiasticos são, é verdade, os unicos homens desta provincia que possuem conhecimentos; no mais, pode-se dizer que vivem fóra de todas as regras, relaxando a instrucção dos fieis, entregando-se á ociosidade ou exercendo o commercio, praticando a simonia, dando o exemplo da concubinage; enfim, não conhecendo outra obrigação além da de dizer uma missa rezada aos domingos e confessar os fieis no tempo da Paschoa mediante a retribuição de 300 réis (1 fr. 75 c.) que se lhes paga tanto aqui como em Minas (49).

Os prúneiros sacerdotes que vieram a Goyaz apenas tinham vícios sob os olhos; difficil seria que não cedessem á torrente de maus exemplos, afastados como estavam dos seus superiores, e não tendo na terra ninguem para guial-os e reprehendel-os. A disciplina, já tão relaxada no resto do Brasil, o foi completamente em Goyaz, e o clero acabou, de certo modo, por esquecer que pertencia á communhão christã.

Durante longos annos o territorio da provincia de Goyaz dependeu dos bispados do Rio de Janeiro e do Pará, o que quer dizer que os bispos só poderiam chegar a essa

(49) Vide o capitulo VIII, intitulado *Da religião e do clero*, na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, col. I.

região depois de varios mezes de viagem extremamente difficil, atravez de desertos; ou, para fallar de modo mais exacto, Goyaz estava sem bispo. Em 1746, a parte da capitania que dependia do bispado do Rio de Janeiro, e, mais tarde, toda ella, foi elevada a prelatura; mas o primeiro prelado só foi nomeado em 1782 (50). Desde essa época até 1822 Goyaz não viu nenhum dos seus prelados; todos, pela mais estranha fatalidade, tinham morrido, ou antes de partir para a sua residencia, ou durante a viagem, e o ultimo nomeado definhava, doente, no Rio de Janeiro (51).

Na época em que Goyaz era ainda um Estado prospero, não se descuidára da instrucção da mocidade: criou-se em Villa Boa uma cathedra de philosophia e de moral, uma de rhetorica, uma terceira, de grammatica latina, e, para completar, contractára-se um mestre de ensino prima-

(50) Os prelados de Goyaz apenas podiam usar a sotaina negra; era-lhes interdicto conferir o sacramento de orden; no mais, porém, podiam exercer todas as outras funcções episcopaes. Pode-se ver o texto da bulla de criação nas *Memorias historicas* de Pizarro, vol. IX, 243.

(51) Eis como se exprime, sobre o clero de Goyaz, monsenhor Pizarro, que estava revestido das dignidades ecclesiasticas mais importantes e que se mostra sempre catholico zeloso e sincero: "Como o territorio, que hoje faz o todo da prelazia de Goyaz, se conservava repartido entre os bispados do Rio de Janeiro (cuja capital dista 313 legoas) e o do Pará (longe 280, mais ou menos), por essa circumstancia he bem de crer, que o clero della nem observaria a melhor disciplina nem se applicaria ao estudo moral, nem finalmente seriam irreprehensiveis os seus costumes, por viverem num paiz assás remoto, e livre, em que nunca pizarant os seus pastores principaes. D'ahi nasce, que sendo ignorante a maior partes da clerezia, hé tambem o povo ignorantissimo; e porisso os abusos, os sacrilegios, as superstições, os prejuizos e a infracção das leis, quer ecclesiasticas, quer civis, se praticam sem escrupulo. (*Mem. hist.*, IX, 258)". — Accrescento aqui, para completar a historia da Igreja de Goyaz, que uma bulla de Leão XII, approvada pela Assembléa Legislativa do Brasil, elevou, a 3 de Novembro de 1827, a prelazia de Goyaz á categoria de bispado (*ABREU E LIMA, Synopsis*, 345).

rio. No começo deste seculo o Conde de Palma, governador da provincia, teve a ideia de fazer economias; incluiu na sua reforma varios dos professores, e, na época da minha viagem, não havia mais, em toda a provincia, do que um professor de grammatica em Meia-ponte, um outro em Villa Boa, e um mestre-escola em cada uma das principaes povoações (52).

§ X — FORÇAS MILITARES

Guarda nacional. Companhia de dragões. *Pedestres*. — Soldo dos dragões. Em que são empregados. Confiança merecida que se tem nelles. — Em que se empregam os *pedestres*. Seu soldo.

Tanto em Goyaz como nas outras provincias do Brasil, a guarda nacional ou *milicia* foi organizada regularmente (53); além desse corpo, uma unica companhia de dragões, de 70 homens, não comprehendidos os officiaes, e uma de *pedestres* de 80 homens, compoem toda a força militar desta vasta provincia (1819).

E' a administração que fornece aos dragões os seus cavallos e equipamentos; obriga-os a proverem ao proprio

(52) POHL, *Reise*, 357. — O sr. Kidder, que estava no Brasil em 1839, diz, baseando-se nos relatorios dos presidentes da provincia de Goyaz (*Sketches*, II, 329), que o numero das escolas primarias se eleva, nesta provincia a 60 para meninos, 2 para meninas, e existem mais 5 ou 6 escolas de orden mais elevada. — No momento de entregar este capitulo ao prelo leio, no relatorio do ministro do interior do imperio do Brasil á assembléa legislativa de 1846, que as escolas primarias da provincia de Goyaz são então frequentadas por 1.137 rapazes e 129 meninas, e que os tres professores de latim existentes na provincia leccionavam em conjunto, 67 alumnos (vide o capitulo deste livro intitulado, *A cidade de Goyaz*).

(53) Achar-se-ão, sobre a *milicia*, pormenores bastantes extensos na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 375; II, 122, 145. — De accordo com as informações obtidas pelo

sustento, mas concedo-lhes um soldo de 6 vintens de ouro (1 fr. 40 c.) por dia, dá-lhes farinha e nutre os cavallos. Para que possam conservar e renovar os uniformes, reservam-se, por dia, 2 vintens (46 centimos) do seu soldo, e de dois em dois annos se lhes entrega o montante das reservas accumuladas.

Uma parte desses homens fica em Villa Boa, a capital; os outros são destacados para os differentes postos disseminados pela fronteira da provincia. E' aos soldados do regimento de dragões que compete manter a boa ordem, impedir o contrabando, fazer pagar os direitos de entrada; são elles, enfim, que transportam á capital as sommas recebidas, como impostos, nas diversas partes da provincia.

Um dragão transportando valores bastante consideraveis atravessa, ás vezes só, grande extensão do paiz, e não ha exemplo de que nenhuma tenha sido jamais atacado por ladrões, ou tenha abusado da confiança nelle depositada. Estes soldados, quasi todos brancos, pertencem, em geral, a familias que possuem alguma coisa; si bem que tão inferiores aos do regimento de Minas (54) quanto Goyaz o

doutor Pohl, a milicia de Goyaz elevava-se, em 1818, a 10.360 homens, incluindo 2.160 ordenanças, milicia inferior composta de mulatos, e 900 henriques, outro corpo constituído por negros livres. E' evidente que este numero, como o notou o mesmo escriptor, não está em harmonia com o que elle adoptou para a população total;стал-o-ia mais o que eu admitti como approximativo (vide o capitulo precedente). — Acrescentarei que, por uma lei de 18 de Agosto de 1831, o novo governo dissolveu as milicias e as ordenanças para reorganizal-as sob o nome de guarda nacional; mas esta lei, diz o general José Ignacio de Abreu e Lima, foi de tal modo alterada por uma infinidade de decretos emanados tanto da autoridade central, como das administrações provinciaes, que se poderia fazer um grosso volume das modificações que soffreu (*Synopsis da historia do Brasil*, 356, impresso em 1845).

(54) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., L, 350.

é aquella provincia, são muito mais considerados do que os nossos soldados europeus, ou os do Rio de Janeiro, e merecem sê-lo, effectivamente. E, entretanto, o soldo desses homens tão recommendaveis e tão uteis estava, por occasião da minha viagem, atrazado de varios annos, enquanto que funcionarios ociosos se enriqueciam á custa do thesouro real e dos infortunados agricultores!

Quanto aos *pedestres* que completam a força militar de Goyaz, são homens de côr, marchando a pé e constituindo uma tropa de ordem inferior. São distribuidos como os dragões pelos diferentes postos; velam, como elles, pela manutenção da ordem publica, e são encarregados de transmittir as ordens da administração. Recebem de soldo 3 *vintens* de ouro (69 centimos) por dia, e lhes dão, a mais, farinha; são, porém, obrigados a prover á propria manutenção e sustento (55).

§ XI — EXTRACÇÃO DO OURO

Formas de extracção outróra usadas em Goyaz. — Modo actual. Jornada do minerador. — Não se deve renunciar a explorar jazidas. — Seria necessario concedel-as a companhias. — Obstaculos que se opporiam á formação destas. — Meio de renovel-os.

Depois de ter fallado dos principaes ramos da administração na provincia de Goyaz, direi algo dos recursos que ainda lhe restam, a extracção do ouro e a cultura das terras.

(55) Depois da revolução que assegurou a independência do Brasil, a organização das forças militares de Goyaz passou por varias modificações. Em 1825 a tropa de linha se compunha de uma companhia de cavallaria de 83 homens e de uma de infantaria de 80. Estas tropas e a milícia estavam sob as ordens de um *governador das armas* que tinha dois accessores; o empregado que era chamado o *secretario militar* ficava, ao que parece, encarregado da parte administrativa. De 1826 a 1836 estes diversos

Parece que, mesmo na época em que o sólo prodigalizava aos mineiros goyanos, pouco preocupados com o futuro, riquezas quasi fabulosas, não exploravam nenhuma mina a céu aberto (*talho aberto*), e ainda menos por galerias (*mineração de mina*). Apenas conheciam a exploração do leito dos rios ou de suas margens (*lavras de veyo de rio*), e a dos terrenos em declive que se estendem da base das montanhas para os cursos d'agua (*lavras de gupiará*) (56); mas, si suas modalidades de exploração eram pouco variadas, pelo menos podiam, empregando tropas consideraveis de negros, combinar os trabalhos desses homens de maneira regular. Actualmente (1819) não poderiam proceder do mesmo modo.

Os habitantes mais abastados da propria capital não possuem sião pequeno numero de negros; quando os empregam na extracção do ouro é sempre isoladamente, e provavelmente se dá o mesmo em toda a parte meridional da provincia (57). Um particular de Villa Boa envia o seu negro a procurar ouro no leito do Rio Vermelho, que atravessa a villa; o escravo é obrigado a trazer ao senhor 900 réis (5 frs. 62 c.) no fim da semana: tudo o que extráe a mais pertence-lhe, e é obrigado a se nutrir. Mas, sente-se que pôde haver ahí tempos em que a extracção se torne impossivel ou menos rendosa: Pizarro não avalia

cargos foram supprimidos; não se conservou nem mesmo o de cirurgia militar, e as forças da provincia foram reduzidas a quasi nada (*DA CUNHA MATTOS, Itin., II, 317, 339*). 163 homens não bastavam para defender a provincia nem sequer para garantir a ordem: licenciando-os, cortou-se uma despesa inutil.

(56) Vide o que disse sobre o trabalho nas minas de ouro do Brasil, na *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 242.

(57) Na época da minha viagem seria necessario exceptuar as minas da povoação de *Annicuns*, que eram exploradas, ha varios annos, por uma companhia, e que, após terem produzido inicialmente grandes quantidades de ouro, começavam a render muito menos. *Annicuns* está localizada a 12 leguas de Villa Boa.

a semana do negro minerador, termo médio, sinão em 600 réis (3 frs. 75 c.), quantia de onde ainda se deduzem a alimentação e outras despesas indispensáveis, e é do meu conhecimento que os homens que vão procurar ouro no correjo de Santa Luzia, na povoação do mesmo nome, não fazem jornadas de mais de 4 *vintens* (93 12/16 centimos) na estação das chuvas, e de 1 unico *vintem* (23 7/16 centimos) na da secca. E' esse o lamentavel estado a que se acha reduzido, na provincia de Goyaz, o trabalho, outrôra tão rendoso, da extracção do ouro.

Pode-se inquirir si não seria vantajoso para o paiz, renunciar completamente a este genero de trabalho. O ouro é uma riqueza; por conseguinte, será extravagancia querer deixal-o para sempre encafuado na terra; o que seria necessario é buscar remedio aos actuaes inconvenientes da exploração. Elles resultam da ignorancia dos mineradores que, na operação da lavagem, deixam escapar uma grande quantidade de ouro; de sua pobreza, que não lhes permite emprehenderem trabalhos consideraveis; de sua cupidez, que os faz frequentemente tudo sacrificar a esperanças chimericas; emfim, da facilidade com que dispendem valores que deveriam considerar como um capital e não como renda (58).

O governo não é bastante rico para explorar minas de ouro por sua conta; deve, pois, entregal-as a particulares. Para obviar aos inconvenientes que expuz nesse momento, não haverá outros meios, quer-me parecer, do que organizar companhias sob a inspecção de homens escolhidos pelo governo, e prohibir completamente a extracção do ouro aos particulares isolados. As companhias, reunindo vastos capitaes, poderiam emprehender trabalhos importantes. E' impossivel forçar uma multidão de homens iso-

(58) Para mais pormenorizadas informações sobre este erro nocivo, vide a *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, 1, 190.

lados a seguir as regras da arte; pode-se a isso obrigar as associações. Um particular confiará alguns capitães a uma sociedade, mas nunca arriscará toda a sua fortuna em operações que elle proprio não pode dirigir; assim, ninguém mais se arruinará na exploração das minas. Como, finalmente, as companhias não pagam os seus dividendos sinão em épocas afastadas, o minerador será menos tentado a devorar aos poucos os seus capitães. Na verdade o governo adoptou (1817), para a provincia de Minas, um plano de exploração por companhias, e parece que poucos accionistas se apresentaram; mas não poderia ser de outro modo, porque, quanto ao mais, se deixa, em Minas, cada qual livre de trabalhar como melhor lhe parece. Esta liberdade não poderia ser retirada aos habitantes de Minas sem violar o direito sagrado da propriedade, pois que muitos delles exploram terrenos auríferos comprados como taes, e onde iniciaram obras cuja interrupção acarretaria a sua ruina. Não succede o mesmo, porém, com a provincia de Goyaz: não se procura ali ouro sinão no leito dos rios; cada qual trabalha onde melhor lhe parece, e o governo pode considerar os terrenos auríferos como lhe pertencendo ainda.

Os maiores obstaculos que se encontrariam na incorporação e estabelecimento das companhias seriam a antipathia dos brasileiros pelas associações, o despotismo das autoridades locais, a difficuldade de entregar a direcção dos trabalhos a homens verdadeiramente competentes. É certo que não se poderá de uma só vez triumphar destes obstaculos; seria preciso uma preparação muito demorada, e para chegar até lá, indispensavel tambem criar uma escola de mineração. Em certa época o governo do Brasil fez vir, com grandes dispendios, artistas europeus para estabelecer no Rio do Janeiro uma escola de pintura, de gravura, etc.; não tiveram um unico discipulo. Mais recentemente enviou á França uma nuvem de moços, di-

zendo-lhes vagamente: instruí-vos; elles foram divertir-se. O Maranhão pagou, em Paris, a estada de um agricultor; Minas, de dois agrimensores, etc. Todas essas despesas redundaram em nada ou em muito pouca coisa, porque eram mal combinadas ou não tinham sinão um ridiculo objectivo. Formando, com o auxilio de professores europeus, uma escola de minas, quer numa das provincias auríferas, quer em Paris ou na Allemanha, pondo os lugares e concurso, e empregando os jovens mineradores como o são os alumnos da nossa escola polytechnica, estar-se-ia em pouco tempo completamente reembolsado dos gastos que se fosse forçado a fazer. Haveria, em pouco tempo, homens capazes de explorar racionalmente as jazidas mais difficeis; o seu saber e intelligencia os imporiam ás autoridades locais; inspirando confiança aos capitalistas, tornariam mais facil o estabelecimento de companhias das quaes seriam os dirigentes, e novas fontes de riqueza se abririam para a provincia de Goyaz, hoje tão pobre e infeliz.

Esta provincia não ficará sempre desconhecida como o é hoje, e, si o governo não tomar algumas medidas para assegurar aos nacionaes a posse das suas riquezas, extrangeiros virão exploral-as; trarão consigo machinas e escravos, e os goyanos, tristes espectadores dos triumphos de outrem, verão o seu ouro sahir da propria terra para ir, em Londres, augmentar a fortuna de alguns capitalistas (59).

§ XII — CULTIVO DAS TERRAS

O systema de agricultura adoptado em Goyaz e o que o foi em Minas, etc. — Fertilidade do solo. — As plantas ali cultivadas. Gado bovino, cavallos, carneiros, porcos. — Productos que não podem ser

(59) Sabe-se o que aconteceu em Minas Geraes a varias das principaes minas do paiz.

exgotados e apenas encontram algum consumo no proprio paiz. — Os que se podem exportar. — O as-sucar, o tabaco, o trigo, e o algodão. — Plantas cujos productos representam, sob pequeno volume, valores consideraveis, e que poderiam ser cultivados com vantagem. O chá, o anil, a amoreira, a vinha. — Augmento facil da quantidade de gado bovino, cavallar, suino e lanigero. — Meios a que o governo deveria recorrer para estimular a agricultura, favorecer a multiplicação dos rebanhos, e decidir os colonos a renunciarem a seus habitos destruidores. — Necessidade de conservar os bosques. — Estimulos que seria necessario conceder á exploração das minas de ferro.

Investiguemos agora qual o partido que os habitantes de Goyaz, ou, para melhor dizer, os da *comarca* do sul, a unica que percorri, podem tirar da cultura de suas terras.

O systema de agricultura empregado em Goyaz é o que, infelizmente, foi adoptado em quasi todo o Brasil. Queimam-se as florestas e semeia-se nas suas cinzas; depois de algumas colheitas, deixam-se brotar novos bosques, que se cortam por sua vez; continua-se assim até que a terra não produza mais do que capim, e então abandonam-na (60). Aqui, do mesmo modo que nos arredores de Villa do Príncipe (61), o *capim gordura* (*Melinis minutiflora*) acaba por se apoderar dos terrenos que por muito tempo foram cultivados, e expulsar completamente os outros vegetaes.

E' evidente que as terras duma provincia tão extensa como Goyaz não podem ser todas de igual fertilidade; mas, sem falar da *comarca* do norte, que não conheço, é incontestavel que, na do sul, existem terrenos de excellen-

(60) Vide sobre a agricultura dos brasileiros, a *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 191.

(61) *Op. cit.*, I, 194.

te qualidade: posso citar por exemplo os do Matto Grosso, onde o milho rende 200 por 1, e o feijão de 40 a 50. Conforme as localidades, esta mesma comarca produz, com maior ou menor abundancia, milho, mandioca, arroz, assucar, algodão, café (62), tabaco, feijão e outros legumes. O trigo desenvolve-se bem nos lugares elevados, taes como *Santa Luzia*. A vinha, como em Savará e alhurés (63), produz duas vezes por anno, quando se tem o cuidado de podal-a após a primeira vindima, que se faz em Fevereiro. Enfim, as pastagens naturaes, que cobrem uma parte immensa da provincia, podem nutrir innumerous rebanhos de gado bovino, lanigero e cavallar; certos districtos montanhosos prestam-se admiravelmente á criação de porcos.

Mas, para que um paiz seja verdadeiramente rico, não lhe basta ser fertil; é necessario ainda que elle possa offerrecer artigos de troca para obter o que não possui. A distancia enorme de Goyaz ás grandes cidades e aos portos de mar não permite aos colonos exportar artigos que, sob grande volume, têm pequeno valor; mais ainda: o milho ou a mandioca, o arroz, o feijão, o café não podem encontrar venda no proprio paiz, pois que dão bem, mais ou menos, em toda a parte; os goyanos, sendo geralmente agricultores, podem todos colher os igualmente, e não ha entre elles outra cidade além da capital, cuja população não vai a mais de 9 a 10.000 almas; é, pois, evidente que, pondo mesmo de lado as considerações suggeridas pelo modo actual de cobrar o dizimo, cada qual não deve cultivar as diversas plantas que acabo de enumerar sinão na quantidade indispensavel ás necessidades da sua familia.

(62) A cultura do cafeeiro, na provincia de Goyaz, é muito recente (1819); tem tido os melhores resultados e produzido grãos de sabor optimo.

(63) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc. — Viagem ao districto dos Diamantes, etc.*

O cultivo da canna de assucar promette maiores proveitos, porque apenas homens de certa abastança podem ainda empreehender-a; por conseguinte, encontram, no proprio paiz, consumo para o seu assucar e *cachaça*, e, aliás, estes productos são: tambem da provincia, pois que os habitantes de Santa Luzia trocam-nos em S. Romão, na provincia de Minas (64), pelo sal de Pilão Arcado, necessario ao gado. O tabaco, que apenas se desenvolve bem em certas localidades, Meiaponte, por exemplo, pode tambem ser cultivado com algum lucro. Em Santa Luzia e Meiaponte, localidades de grande altitude, cujo clima não é muito quente, colhe-se trigo com o qual se fabrica, em Villa Boa, excellente pão; até agora esta cultura não parece ter tido muita importancia, mas é provavel que, se os habitantes a empreehendessem em maior escala, encontrassem facilmente mercados em Paracatú e nas margens do Rio S. Francisco, onde o extremo calor não permite, em absoluto, semear o trigo.

Até 1811, approximadamente, cultivava-se apenas a quantidade de algodão sufficiente para as necessidades do paiz; mas dessa época em diante se começou a fazer alguma exportação; os conductores de tropa, encarregados pelos negociantes de Goyaz de ir tomar mercadorias no Rio de Janeiro, foram a principio os unicos que, para não viajar descarregados, levavam da provincia, por sua propria conta, tecido de algodão e algodão em rama. Entretanto, o algodão do interior do Brasil não tardou a

(64) Como já o disse noutro lugar (*Viagem pelas provincias de Rio*, etc., II, 428), a povoação de S. Romão está situada á margem esquerda do S. Francisco. Barcos e canoas carregados de sal sobem o rio, a partir das salinas de Baha e Pernambuco até S. Romão, e tropas de burros ahi recebem este artigo para distribuil-o pelas provincias de Minas e Goyaz. Santa Luzia é a povoação desta ultima provincia mais proxima da de S. Romão, e, por conseguinte, a melhor situada para fazer algum commercio com os seus habitantes.

ser procurado pelos europeus; reconheceu-se que o de Meiaponte, de Corumbá, e provavelmente de outros districtos, era de excellente qualidade. O commandante de Meiaponte, JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA, fez algumas remessas lucrativas á Bahia e ao Rio de Janeiro; seu exemplo foi seguido por outras pessoas, e si as exportações puderam progredir, certo bem estar não terá tardado em se espalhar por esta parte da *comarca* do sul.

O pouco que acabo de dizer demonstra que o habitante de Goyaz não deve desesperar da sua situação, mesmo limitando-se ás culturas habituaes. E por que não tentar sahir da rotina? Por que não pedir á terra productos que, novos para o paiz, representam, sob pequeno volume, valores mais importantes ainda do que o tabaco, o assucar e o algodão?

O chã acclimatou-se bem no Rio de Janeiro; dar-se-á sem duvida, igualmente bem, nos districtos elevados da provincia de Goyaz, e si a maneira de cultivar esta planta não fôr susceptivel de se modificar e ser posta de accordo com a fraca população da provincia, poder-se-ia encontrar no indigo recursos do mesmo genero e ainda mais seguros. O anil é nativo em Goyaz e poderia ser cultivado vantajosamente, como o foi outróra, em outras partes do Brasil (65). E' possível que, nos districtos montanhosos, taes como *Santa Luzia*, *Corumbá*, *S. Antonio dos Montes Claros* e toda a vizinhança dos montes chamados *Pyreneus*, se conseguisse cultivar a amoreira e criar bichos de seda.

(65) Por meados do seculo passado a fabricação do anil, favorecida pelo vice-rei marquez de Lavradio, teve grande incremento na provincia do Rio de Janeiro, principalmente nas vizinhanças de Cabo Frio; mas parece que as falsificações dos lavradores desgostaram do anil do Brasil os commerciantes estrangeiros (*Viagem ao districto dos Diamantes*, I, 355) e se viram obrigados a renunciar á cultura desta planta.

O Rio de Janeiro envia para Villa Boa vinhos da Europa, e talvez a provincia de Goyaz os pudesse extrahir do proprio solo e exportal-os para a capital (66); algumas pessoas ensaiaram a fabricaçãõ do vinho com a uva deliciosa do tempo da secca, e vinagre com a da época das chuvas; obtiveram o melhor exito, e é de crer que ainda consigam coisa melhor quando tiverem adquirido mais experiencia desta fabricaçãõ, e que plantando mais, vierem a exercel-a em larga escala. A vinha, é certo, tem um terrivel inimigo numa grande formiga que, muito abundante, despoja em poucos instantes as vides de suas folhas (67); mas toda a cultura tem seus inimigos; é necessario que o agricultor tenha bastante coraçaõ para lutar contra elles e procurar vencel-os.

A *comarca* do norte, que possui pastagens immensas, e é mais proxima do litoral que a do sul, envia todos os annos consideraveis manadas de bois á Bahia. A do sul, si bem que menos vantajosamente situada, manda tambem gado para fóra da provincia, e poderia, provavelmente, enviar mais ainda si aproveitasse melhor suas ricas campinas. Na verdade, quando estive no norte da *comarca* do sul, na parochia de Santa Luzia, onde existem vastas pastagens naturaes, os habitantes se queixavam de não se poderem desfazer das boiadas sinão enviando-as a Bambuhy ou a Formiga, afastadas de cerca de 130 a 146 le-

(66) Um calor intenso não prejudica a cultura da vinha; mas, nos lugares onde, como o Rio de Janeiro, uma temperatura bastante elevada é acompanhada de grande humidade, a uva não attinge perfeita maturação. Esta é a causa da notavel superioridade da uva *secca*, nas provincias do interior, sobre a que se colhe na época das chuvas.

(67) *Atta cephalotes*, Fab., ou talvez algumas especies vizinhas. Vide a minha *Viagem ao districto dos Diamantes*, etc., II, 160.

guas (68) e, por conseguinte, de só retirarem lucros insignificantes. Mas, como já o disse noutro lugar, os mercadores de S. João d'El Rei vão, todos os annos, a Araxá comprar o gado dos colonos; por outro lado, enquanto viajava entre *Bom Fim* e *Santa Cruz*, as povoações mais meridionaes da provincia de Goyaz, encontrei homens de Araxá que percorriam a região, permutando diversas mercadorias por cabeças de gado que carregavam para engordar nos seus pastos, até que os vizinhos as viessem buscar. Por que as duas povoações que acabo de citar, *Bom Fim* e *Santa Luzia*, que não podem estar a muito mais de 41 e 56 leguas de *Santa Luzia*, e 18 e 26 de *Meiaponte*, não se tornam os lugares de entreposto para o gado do norte da comarca? Por que o governo não tenta estabelecer ali especies de feiras? Por que, enfim, não formar entre S. João d'El Rei, de um lado, *Santa Luzia*, *Meiaponte*, etc., do outro, uma especie de escala da qual *Araxá*, *Bom Fim* ou *Santa Cruz* seriam as etapas, e por cujo meio os agricultores evitariam viagens excessivamente longas, ao mesmo tempo que o gado teria pontos de repouso que o impediriam de emmagrecer e diminuir de valor?

Os porcos, cujo toucinho é, para os brasileiros, o que são para nós a manteiga ou o azeite, podem ser criados com vantagem nas partes altas das *comarcas do sul*. Toda esta *comarca* seria provavelmente favoravel á criação de cavallos; enfim, nos districtos mais montanhosos, as ovelhas multiplicam-se facilmente e não exigem, por assim dizer, nenhum cuidado; sua lã é, na verdade, de qualidade inferior, mas pode servir á fabricação de chapéus e cobertores cuja venda seria facil, não só no inte-

(68) Não tendo ido directamente de *Forniga* a *Santa Luzia*, não posso indicar sinão de modo muito approximativo a distancia que separa estas povoações. *Cunha Mattos*, que passou por *Forniga* e por *Bambuly*, diz que ha entre as duas localidades 16 leguas e meia.

rior da provincia, como em Paracatú e nas margens do S. Francisco (69).

Simplees conselhos, exhortações, talvez mesmo 'alguns bons exemplos, não serão nunca sufficientes para arrancar os lavradores goyanos á profunda apathia em que estão immersos. Seria necessario que a administração, que tanto contribuiu para leval-os a esse triste estado, es auxiliasse a sahir delle, estimulando-os com um poderoso interesse; seria necessario que ella quizesse sujeitar-se a alguns sacrificios momentaneos, para auferir grandes vantagens no futuro. Todo agricultor que exportasse una certa quantidade de algodão, que criasse um certo numero de bois, de porcos, de cavallos; que cultivasse uma extensão determinada de terra em chá, anil, trigo; que fabricasse vinho ou vinagre, que criasse bichos de seda, etc., deveria ser isentado de uma parte ou da totalidade do dizimo, e para que os pobres se aproveitassem dessas concessões do mesmo modo que os ricos, para que as melhorias fossem geraes, seria necessario que a porção de terra semeada em trigo, por exemplo, fosse proporcionada ao numero de braços de que dispuzesse cada pae de familia.

Não bastará estimular as culturas lucrativas, será também igualmente importante atacar o systema destruido: que adoptaram, para a cultura de suas terras, os colonos goyanos, como os de S. Paulo, de Minas, etc., triste systema que não permite plantar em lugares outros que não os bosques, o que acarreta a destruição das mais bellas florestas. Na parochia de Santa Luzia, onde jamais as mattas foram muito communs, uma população fraquissima bastava, por occasião da minha viagem, para tornal-as cada dia mais raras. O cura desta parochia já mostrara

(69) Ver-se-á mais tarde que o parcho de Santa Luzia não tinha a menor difficuldade em vender os chapéus de lã que se fabricavam na sua casa.

aos lavradores a vantagem que se pode tirar da charrua: que o governo recompensava os que, em toda a provincia, seguissem este exemplo; então se utilizariam melhor os *cunpos* e os terrenos de que o *capim gordura* se apoderou, e se poderiam conservar as mattas para a construcção, carpintaria e necessidades caseiras.

Ha ainda um motivo bem poderoso para não destruil-as: a provincia de Goyaz possui minas de ferro; é preciso poupar cuidadosamente o unico combustivel cujo auxilio será possível exploral-as. Actualmente se procuraria em vão uma unica forja em toda a *comarca* do sul (1819); não se consome abi um prego, uma ferradura que não tenha vindo, em lombo de burro, do Rio de Janeiro, após varios mezes de viagem atravez de desertos. Mas é impossivel que semelliante estado de coisas não mude; o homem dissipa frequentemente, sem providencia, os thesouros que lhe foram prodigalizados; não está na sua natureza desdenhal-os sempre. A experiencia mostrou que os altos fornos não convêm ao interior do Brasil; mas, com menores capitães, poder-se-iam installar, em Goyaz, fornos catalães. E' aqui que a intervenção do governo seria ajuda de grande utilidade; prometta elle vantagens pecuniarias ou simplesmente condecorações aos que primeiro mandarem construir usinas para a fundição do ferro, por pequenas que sejam (70), e em breve a provincia se verá liberta de um tributo que, pobre como é, paga, entretanto, todos os annos, aos fabricantes europeus (71).

(70) Varios agricultores de Minas mandaram construir em suas casas pequenos fornos onde fundem apenas o ferro necessario para seu uso (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 290).

(71) Segundo o que escreveu o sr. da Cunha Mattos referindo-se aos annos de 1823 a 1826, e o que presenciou mais recentemente o sr. Gardner (1840) em parte da *comarca* do norte, vê-se claramente que a agricultura está bem longe de ter progredido.

§ XIII. — VALORES REPRESENTATIVOS

Como a provincia de Goyaz apenas exporta pequena quantidade de mercadorias, não recebe numerario, e o unico valor representativo que ahi circula é o ouro em pó (72). Ha tão pouca moeda neste paiz que, entre a gente baixa ninguem sabe contar por réis, como se faz em Portugal e no resto do Brasil; todos contam por *vintem d'ouro, oitavas, meias-oitavas, quartos de oitavas, cruzados de ouro, patacas de ouro, meias patacas* (73), que são os pesos empregados na pesagem do ouro.

O emprego do ouro em pó, como moeda, tem um immenso inconveniente, o de que todo o mundo pode falsificá-la num instante, mesmo os negros, até mesmo as crianças de pequena idade; por isso se diz que, para fazer dinheiro, em Goyaz, *basta raspar a parede*.

Tentada a principio pela má fé dos compradores, a falsificação foi pouco a pouco favorecida pela rivalidade que existe entre os mercadores e a necessidade em que estão de vender. O ouro que circula hoje em dia (1819) na capital da provincia, é de tal maneira misturado de

dido na provincia de Goyaz desde que eu a deixei. As coisas não mudaram, a indolencia dos lavradores é sempre a mesma, e não parece que o governo provincial, occupado a principio em se constituir, e provavelmente, depois, em desmanchar intrigas sempre renascentes, tenha podido dedicar-se seriamente aos interesses do paiz. Os elementos de uma immensa prosperidade existem, e é bem raro que um thesouro fique sempre enterrado; não desesperemos do futuro.

(72) A circulaçãõ do ouro em pó foi tambem admittida antigamente na provincia de Minas; mas, por occasiãõ da chegada do rei D. João VI ao Brasil prohibiram-na inteiramente (vide minha *Viagem nas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I. 341).

(73) O *vintem* de ouro equivale, como já tive occasiãõ de dizer, a 37 1/2 réis (23 7/16 centimos); a *oitava* a 1\$200 réis (7 fr. 50 c.); a *meia-pataca* de ouro a 300 réis, o *cruzado* de ouro a 750 réis.

areia, poeira e desta limalha de ferro em cujo meio se o encontra nos correços (*esmeril*), que sua côr parece negra, e perde, na fundição de 15 a 25 por 100. *A fazenda real* não contribuiu pouco para encorajar a alteração com o seu exemplo; porque, enquanto não admite nos seus cofres (1819) sinão ouro absolutamente puro, delles não súa sinão ouro alterado; parece averiguado que esta infame ladroeira se devia unicamente a um dos funcionarios; mas, quem quer que tenha sido o seu autor, deve ter exercido, necessariamente, a influencia mais nociva sobre a prosperidade do commercio e a moral publica. Seja como fôr, á medida que a alteração progride, os commerciantes proporcionam os preços á perda, e, por occasião da minha viagem, todos concediam um abatimento de 12 % para o menor objecto, desde que fosse pago em numerario. Quando os valores que circulam chegarem ao mesmo grau de alteração, é claro que não trarão mais lucro a ninguem; por isso esta irá, sempre aumentando, até que, por fim, a grandeza do mal obrigue a applicar o unico remedio talvez conveniente, que seria a prohibição absoluta de se receber ouro em pó como moeda corrente. E' evidente que a introducção de bilhetes, que se poderia, como em Minas (74), obter em troca de pequenas quantidades de ouro em pó, teria muito menores inconvenientes de que a circulaçãõ deste ultimo; porque seria impossivel falsificar esses bilhetes com a mesma facilidade que o ouro em pó. A alteração não foi, todavia, tão sensível no campo, ou nas povoações, como em Villa Boa, porque poucas pessoas têm ahí alguma coisa a receber do fisco, os mercadores são menos numerosos, ha entre elles menor concorrência, e podem ser mais exigentes quanto aos valores que lhes trazem.

(74) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I. 341.

Mas, para fazer regeitar o emprego do ouro em pó como moeda corrente, se encontram, independentemente da alteração, motivos bem sufficientes na facilidade com que se perde, na necessidade de ter sempre balanças consigo, na fraude que pode ser feita nos pesos, o tempo que se consome na operação da pesagem e o prejuizo notavel, emfim, que resulta para o pagador, da divisão duma quantidade qualquẽr de ouro em quantidades mais pequenas (75).

§ XIV. — VIAS DE COMMUNICAÇÃO

A provincia de Goyaz atravessada por estradas. — As quatro principaes. — Navegação interior. — A do sul. — A do norte.

A distancia enorme da provincia de Goyaz aos portos de mar é, sem duvida, a principal fonte das suas misérias; mas, pelo menos, se abriram estradas que permittem aos habitantes não ficarem sem communicações com a costa e penetrarem nas partes mais remotas do interior. Sem fallar numa infinidade de caminhos de menor importancia, partem (1819) de Villa Boa quatro estradas principaes: uma, que já dei a conhecer, e que, dirigindo-se para leste, e depois para o sul, conduz a Paracatú, e de lá para todas as partes de Minas e do Rio de Janeiro; a segunda, que se dirige para oeste e vae á provincia de Matto-Grosso; a terceira, pela qual se vae a S. Paulo, na direcção de sul-sudoeste; a quarta, emfim, que conduz a todas as povoações da comarca do norte. Estas estradas, como a maior parte das do Brasil, foram traçadas sem nenhuma

(75) Na época da minha viagem a alteração dos valores representativos competia a todo o mundo: mandando contar, como já o disse (pag. 308), uma enorme quantidade de moeda de cobre de valor exaggerado, o governo provincial tomou a sua conta o monopólio dessa falsificação.

arte e, em seguida, quasi que completamente abandonadas aos caprichos das estações e ás patas dos burros; todavia, taes como são, parecem bastar ás necessidades actuaes da provincia.

A propria natureza se encarregou, porém, de dotar Goyaz de meios de comunicação que apenas esperam uma população mais numerosa para fazer florir o commercio e permittir-lhe enviar seus productos ás duas extremidades do Brasil.

A Serra da Paranahyba e do Tocantins, dividindo as aguas do norte das do sul, é o ponto intermediario entre duas das navegações interiores mais gigantescas que existem no mundo. Embarcando-se no *Rio dos Bois*, na povoação de *Annicuns*, situada a cerca de 12 leguas a oeste-sudoeste da capital, dirigindo-se para o sul e passando successivamente pelo *Rio Turvo*, o *Paranahyba* (76), e o *Paraná*, acaba-se por chegar ao Rio de la Plata, ou ainda, subindo o Tietê, chega-se até a capital da provincia de S. Paulo. Esta navegação é, sem duvida, extremamente difficil, hoje em dia, por causa das catadupas que se encontram, da rapidez de certas correntes, das hostilidades que os indios exercem contra os brancos; mas, por cerca de 1816, homens de grande coragem, JOÃO CAETANO DA SILVA e JOSE' PINTO DA FONSECA, já souberam triumphar desses obstaculos, e o primeiro chegou, pelo Tietê, até a parochia de Piracicaba (S. H. escreve *Persicaba*), na pro-

(76) O sr. Raymundo José da Cunha Mattos, a quem se devem, sobre esta navegação, pormenores do mais alto interesse (*Itin.*, II, 191), pensa que o Corumbá, levando, na sua reunião com o Paranahyba, um volume d'agua mais consideravel que este ultimo, deve conservar o seu nome até que se venha a confundir com o Rio Grand. Questões desse genero foram já, si não me engano, agitadas por geographos; parece-me que compete ao uso corrente decidil-as.

vincia de S. Paulo (77). Os indigenas desaparecerão destas regiões, actualmente tão selvagens, como desapareceram de outras (78), e a industria humana acabará por aplainar as difficuldades que a natureza oppõe. Aliás,

(77) O que relata Cunha Mattos desta expedição servirá para esclarecer o que escreveram sobre José Pinto os srs. Spix e Martius (*Reise*, I, 313). Não devemos suppor, aliás, que este homem e seu chefe João Gactano da Silva tenham sido os primeiros a tentar ir a S. Paulo por via fluvial. Já no anno de 1808, accrescenta Mattos, Estanislau da Silva Gutierrez embarcára-se no Rio dos Boís, com a tenção de subir o Tietê. Em pouco viu-se abandonado por quatro dos seus homens, que não puderam supportar as fadigas da viagem. Levado pela violencia da correnteza precipitou-se, durante a noite, no meio da celebre catadupa de Guayrá, e sua canoa despedaçou-se. Construiu então uma jangada; mas esta, levada pelas aguas rapidas do Paraná, foi chocar-se contra um rochedo, e quatro homens da expedição se afogaram. Estanislau e os dois companheiros que lhe restavam refugiaram-se nas florestas desertas que cobrem a margem esquerda do Paraná, e não dispoendo de meio nenhum para caçar ou pescar, alimentaram-se durante muito tempo deervas, raizes e alguns fructos selvagens. A saúde de Estanislau não pôde resistir a tantas privações; entregando-se ao desespero, sentou-se ao pé de uma arvore e foi abandonado quasi agonizante por seus companheiros. Após passarem por soffrimentos incriveis, e terem atravessado desertos onde homem nenhum penetrára antes d'elles, esses homens chegaram por fim a Curitiba, na extremidade meridional da provincia de S. Paulo. Um d'elles casára-se na villa de Jundialy e ainda vivia em 1817.

(78) Na sua perigosa navegação diz Mattos (*Op. cit.*), "João Gactano da Silva atravessou, sem encontrar a menor cabana, uma extensão de 108 leguas e meia, numia região que pertenciam outrora a numerosa nação Cayapó; tudo fôra destruido, no meio do seculo ultimo, pelos aventureiros João de Godoy e Antonio Pires de Campos Bueno. Que teria dito Las Casas si tivesse, por esta época, atravessado a parte meridional da provincia de Goyaz? Levando em conta a differença do numero de homens entre os dois povos, os massacres pelos quaes se assignalaram hespanhões nas illas de Haitj e de Cuba, no Mexico e no Perú, não foram nada, si os compararmos com a carnificina geral que os Godoy e Bueno, estes cruéis devastadores paulistas, fizeram dos indões cayapós nos desertos de Goyaz".

si esta navegação não pode ainda ser utilizada, a do norte já é praticada ha alguns annos, e, quando se tem perseverança, e se sabe arrastar com as fadigas e perigos, pode-se, embarcando no *Porto do Rio Grande*, situado a 37 leguas de Villa Boa, chegar, em qualquer época do anno, á cidade do Pará, após uma viagem de cerca de 420 leguas sobre o Araguaya e o Tocantins (79). Pode-se mesmo no tempo das chuvas, iniciar a navegação sobre o Rio Vermelho, a meia legua da capital da provincia.

§ XV. — COSTUMES

Os homens do interior nascidos com felizes disposições, mas desigualmente favorecidos pelas circumstancias. — Os goyanos são menos educados e hospitaleiros do que os mineiros. — Sua intelligencia. — Ignorancia em materia de religião. — O que são, entre elles, as crianças, os adolescentes e os homens feitos. — A concubinage extremamente commum; quaes as causas. — As boas qualidades dos goyanos. — Causas de homicídios. — O roubo muito raro. — Meios de reformar os costumes dos habitantes de Goyaz. — Votos do autor.

Procurei dar uma ideia da provincia de Goyaz, das suas miserias e dos seus recursos; indiquei mesmo, alguns traços de caracter dos seus habitantes; accrescentarei aqui outros mais, afim de tornar o quadro menos incompleto.

(79) Estes Algarismos, tomados a Cunha Mattos, são bem inferiores aos que se encontram em Pizarro, e que não vão a menos do que 720 leguas. Creio que neste ponto devemos confiar mais no primeiro destes autores, que esteve na propria região, e parece ter-se empenhado em bem conhecer a verdade. E' bastante para lamentar que o meu amigo o sr. Burchell, que se dirigiu, por via fluvial, da cidade de Goyaz ao Pará, não tenha publicado a narrativa da sua viagem; o que escreveu sobre o Cabo da Boa Esperança é uma garantia da erudição e do interesse com que saberia ornal-a. Temos bastante a esperar do sr. de Castelneau, que tambem navegou pelos rios de Goyaz, e cujas immensas collecções Paris inteiro já conhece.

Os homens do interior nascem geralmente com felizes disposições; mas as circumstancias não os favorecem igualmente.

A provincia de Minas Geraes está collocada mais ou menos sob as mesmas influencias que a de Goyaz, e começou como ella; porém, si os primeiros mineiros foram homens grosseiros como os primeiros goyanos, as riquezas que adquiriram, e conservaram por muito tempo, deram-lhes meio de prover á educação de seus filhos; pouco a pouco a polidez se communicou aos homens menos abastados, e tornou-se quasi geral. A provincia de Goyaz não passou pelos mesmos periodos; uma decadencia completa succedeu ali bruscamente á época da riqueza e do esplendor; o calor excessivo do clima fez perder aos habitantes a sua rudeza primitiva; não se pode mesmo dizer que sejam grosseiros, mas, com excepção dos *fazendeiros* abastados, que são pouco numerosos, não adquiriram nenhum apuro no trato. O ultimo dos mineiros sabe conversar, e o faz muitas vezes, com espirito e amabilidade; os colonos goyanos conservam uma nudez bronea; têm um ar de indolencia, uma especie de patetice que os faz distinguir sem difficuldade. Em Minas era eu acolhido por toda a parte com hospitalidade; os homens mais pobres pareciam me ver com prazer, e convidavam-me a a compartilhar da sua mesa; em Goyaz indicavam-me displicentemente o triste reducto que me devia abrigar, e, exceptuados aquelles a quem ia recommendado, ninguém me offercia a menor coisa.

Apezar de tudo o que precede, não se supponha que esses homens sejam desprovidos de intelligencia. Encontram-se em Villa Boa artezãos extremamente habéis, que imitam com grande perfeição o que se lhes mostra, e que, no entanto, não tiveram mestres. Mas, como já tive occasião de dizel-o, os goyanos não têm, em geral, nenhuma opportunidade de cultivar suas faculdades intel-

lectuaes, e aptidão para a industria; vivem isolados, na indigencia, e si alguma coisa se deve admirar, é que varios delles não tenham cahido em um estado mais proximo ainda da completa barbarie.

Creio que os goyanos, como os mineiros, tornar-se-iam facilmente religiosos si os instruissem nas verdades do christianismo, e os fizessem partilhar das suas ineffaveis consolações; mas continuam sem guias espirituaes, deixam-nos vegetar numa ignorancia vergonhosa, e elles tratam de substituir a crença em Deus por superstições absurdas. Como a maior parte dos outros brasileiros do interior, acreditam nos feiticeiros, nas almas do outro mundo, nos lobishomens, nos demônios familiares, de que contam mil extravagancias; trazem presos ao pescoço amuletos e preservativos, e, quando cácm doentes, recorreem a remedios sympathicos e a palavras magicas.

Criados nesta ausencia quasi completa de sentimentos religiosos, entregues, por assim dizer, aos proprios instinctos, ou não tendo sob os olhos mais do que maus exemplos, as crianças se entregam desde a mais tenra idade a prazeres enervantes; não se os vê brincar uns com os outros, são sem alegria e innocencia (80). A juventude é mais triste ainda, e não conhece sinão gozos impuros; emfim, a maioria dos homens feitos entrega-se ao embrutecimento, ao tédio e á aguardente de canna.

Ver-se-á, pelo seguimento, como as uniões legitimas são raras na capital da provincia: casam-se um pouco mais nos campos; todavia, a concubinage é ali tambem muito frequente. Não devemos attribuil-a tão somente ás tendencias de libertinagem e á influencia dos maus exemplos; muita gente se encontra, effectivamente, na absoluta impossibilidade de casar. De facto, não se pode con-

(80) Esta descripção convem, infelizmente, a muitas outras crianças brasileiras, além das de Goyaz.

trahir alliança legitima sem approvação do *vigario da vara* (81), que a não concede por menos de 10, 15 e, mesmo, 18 *oitavas* (75 frs.; 112 frs. 50 c.; 135 frs.). A maior parte dos lavradores, cuja indigencia é extrema, não pode pagar uma somma tão elevada e passa a vida na desordem. Desse modo os membros do clero, que, si fossem verdadeiramente christãos, deveriam estimular as uniões legitimas criando-lhes obstaculos pela sua ganancia.

No meio dos defeitos que deve a circumstancias prejudiciaes e a uma administração censuravel, o povo de Goyaz me pareceu bom e mostra habitualmente costumes brandos. Na verdade, as paixões exaltadas, o ciuime, o prazer da vingança, levam-no muito facilmente aos homicidios; mas, talvez, jamais tenha succedido que assassinassem alguem com o fito de despojal-o.

Nesta região, como em Minas, não se pagam as dividas; nem sempre uma escrupulosa honestidade preside ás transacções, e o habito de fazer o contrabando do ouro ou dos diamantes, e o de falsificar o ouro em pó contribuem tambem, necessariamente, para entreter a má fé. Mas, não ha exemplo de que jamais tenham entrado em uma casa para pilhal-a, e, no entanto, ha muitas que ficam, for assim dizer, sempre abertas; não se assaltam os viajantes nas estradas, e nil vezes minhas bagagens ficaram rodeadas de gente de todas as classes sem que jamais desapparecesse o menor objecto.

Succede com os goyanos o mesmo que com o seu solo: quasi que só dá, hoje em dia, por toda a parte, plantas inuteis; a cultura e alguns cuidados intelligentes seriam sufficientes para fazel-a produzir abundantes colheitas. A administração conduziu a verdadeira degrada-

(81) Já dei a conhecer allures as funcções bastante singulares do magistrado ecclesiastico intitulado *vigario da vara* (vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 176).

ção os desgraçados colonos da provincia de Goyaz; é tempo que faça esforços para restituil-os á dignidade de homens e de christãos; bons germens existem ainda entre elles; ha, apenas, necessidade de fecundal-os. Demonstrei como seria facil fazer florescer a agricultura neste paiz e della auferir productos que possam ser exportados com vantagem; façam-se alguns esforços para attingir esse fim, modifique-se completamente o modo de arrecadar os impostos; faça-se, por fim, que o colono tenha interesse em produzir, e elle sahirá da apathia em que o lançou a extrema difficuldade, quasi direi, a impossibilidade de melhorar a sua sorte. A' medida que a agricultura começar a florescer e se recolherem os productos susceptiveis de exportação, a necessidade de admitir o ouro em pó como moeda será menor, poder-se-á restringir-lhe e depois prohibir-lhe, em absoluto, a circulação; então, a falsificação dos valores representativos não será mais um habito universal e, pouco a pouco, a boa fé poderá renascer. Honrem-se as uniões legitimas, admittam-se apenas homens casados nos cargos publicos, supprima-se o imposto tão immoral e exorbitante cobrado sobre os casamentos pelo *vigario da vara*, e o concubinato tornar-se-á menos commum, a população crescerá (82), e não será mais difficul-tada por esta multidão de crianças que, desde o instante do nascimento, não têm sinão maus exemplos sob os olhos, que um capricho do pae pode atirar á miseria; que não conhecem nem os laços da familia nem os da sociedade, e que, num paiz de tantos recursos, passam a vida a mendigar. Seria necessario ainda dividir as parochias,

(82) A continencia publica está naturalmente associada á propagação de especie..... Quem deixará de verberar o celibato que se originou da libertinagem, aquelle em que os dois sexos..... evitam uma união que os deve tornar melhores, para viver na que os faz cada vez peores (MONTESQUIEU, *Espirito das Leis*, liv. XXIII, cap. II e XXI).

pôr um termo á simonia, exigir dos pastores que fizessem doutrinação todos os domingos e que catechizassem as crianças; mas, é triste dizel-o, ha muito pouco a esperar do clero goyano para a regeneração do povo que elle deveria estar ansioso por arrancar ao embrutecimento. Fui testemunha da influencia feliz que exerceu sobre os habitantes de Goyaz um sacerdote estrangeiro (83) que, dando-lhes uteis conselhos sobre a maneira de cultivar as terras os edificou, durante algum tempo, por suas sabias exhortações e pelo exemplo de suas virtudes. Regeitem-se absurdos preconceitos de nacionalidade e preconceitos philosophicos que, hoje desprezados na Europa, porém novos para os brasileiros, passam ainda entre elles por força de espirito (84); mandem-se vir para Goyaz alguns ecclesiasticos estrangeiros, afim de chamar esse povo a si mesmo e restituil-o á dignidade de homens; renovem-se de tempos em tempos esses missionarios para que não se

(83) O padre Joseph do qual em breve terei occasião de fallar.

(84) Numa obra impressa em 1845, o sr. Kidder, depois de dizer que se fazem frequentemente, no Rio de Janeiro, vendas de livros, lamenta-se de que os escriptos deleterios, é assim que elle exprime, dos pretensos philosophos francezes, se encontrem sempre em abundancia nas bibliothecas, e achem facilmente compradores. Envia-se para as colonias as modas do anno passado, e ellas são tomadas ali como as ultimas; é por isso que os escriptores francezes do seculo passado excitam hoje em dia, nas cidades do Brasil, o enthusiasmo que inspiravam, durante a vida, a uma geração licenciosa cuja immoralidade lisonjeavam. Os habitantes da America do Sul ignoram ainda que, entre nós, crentes e livres pensadores já reduziram ao justo valor os livros dos sophistas contemporaneos de Luiz XV; não sabem que a sciencia moderna fez justiça a toda essa erudição de mau cunho, que constituiu outróra um meio facil de grangear exito, e da qual se serviram como arma para atacar não o que ha de mais respeitavel. Aliás, algumas nobres paginas, que li com agrado na excellente revista intitulada *Mimera Brasiliense*, (Rio de Janeiro, 1843-45), provam sufficientemente que, entre os brasileiros, espiritos elevados conheceram toda a verdade e sabem prestar-lhes dignas homenagens.

deixem amolecer pelo calor do clima e arrastar pelos maus exemplos; estabeleça-se um seminario para educar os jovens sacerdotes na sciencia e bons costumes (85); confiêm-se, enfim, as crianças a esses homens devotados que, depois que um genio poderoso os chamou novamente ao solo da França, prestaram tantos serviços á prole do pobre, e ver-se-á o povo de Goyaz reerguer-se, adquirir virtudes e tomar lugar na sociedade civilizada... E quanto a mim, si souber que a minha debil voz pôde ser ouvida, que alguns dos conselhos que aqui suggiro timidamente lograram fructificar, não mais me lamentarei de ter passado em desertos, no meio de privações constantes, longe da familia e da patria, os mais bellos dias da minha existencia; não chorei mais a perda da saude; poderei dizer de mim para mim: Resgatei a divida da hospitalidade, e minha passagem na terra não foi inutil.

(85) Tratarei noutro lugar deste ponto importante, sobre o qual já insistiu bastante *Monsenhor Pizarro* na sua preciosa obra. — No momento de entregar ao prelo o que precede, leio, no relatório feito á Assembléa Legislativa Geral do Brasil, a 7 de Maio de 1846, pelo Ministro da Justiça, o sr. José Joaquim Torres, as palavras seguintes, que me sinto feliz de ainda poder juntar aqui: ".....A falta de ecclesiasticos dotados das qualidades necessarias para preencher o ministerio sagrado é, aos meus olhos, a principal fonte do mal; para remedial-o parece-me conveniente estabelecer seminarios dotados de recursos sufficientes, onde possam ser educados, desde a mais tenra idade, os que se quizerem consagrar ao sacerdotio. Não posso deixar de insistir neste ponto e recommendal-o á vossa attenção (*Anuario*, 1846, 123)". Vejo com grande prazer, no mesmo relatório, que o governo brasileiro requisitou de Roma, 33 missionarios para distribuil-os por varias provincias. A de Goyaz, infelizmente, não está comprehendida nesse numero.

